

O SOCIALISMO

PILO

GENERAL ABREU E LIMA.

L'ÉCONOMISTE. Ni saint-simonien, ni fourieriste,
ni cabotiste, ni prudhonien. Eh !
qu'êtes-vous donc ?

LE SOCIALISTE. Je suis socialiste.

*(Entretiens sur les lois économiques etc.,
par M. G. de Molinari.)*

JUNHO DE 1852

RECIFE.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL,

RUA DO COLLEGIO N. 48.

1855.

150

O SOCIALISMO

Esta obra foi escripta na sua maior parte de Junho a Novembro de 1852, e concluida o anno proximo passado ; mas antes de entrar no prelo julgamos conveniente addicionar-lhe algumas notas, e mesmo acrescentar alguns capitulos sobre a phisionomia actual do mundo politico ; com o que pensamos se tornará muito mais interessante a sua leitura.

O SOCIALISMO

PELO

GENERAL ABBEU E LIMA.

L'ÉCONOMISTE. Ni saint-simonien, ni fourieriste,
ni cabetiste, ni prudhonien. Eh!
qu'êtes-vous donc?
LE SOCIALISTE. Je suis socialiste.

*(Entretiens sur les lois économiques etc.,
par M. G. de Molinari.)*

JUNHO DE 1852

RECIFE.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL,

RUA DO COLLEGIO N. 48.

1855.

KD 49277



Coolidge Fund

PROLOGO.

Amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos : eis-ahi os dogmas christãos da justiça e da caridade ; *justiça* no sentido elevado e geral que lhe dera a lingua de Platão, como exprimindo todo o bem moral ; *caridade* como o laço que prende o genero humano, e faz delle uma só familia.

Nenhuma outra sciencia tem, como a philosophia moral, uma formula geral e absoluta ; e por que ? a razão he bem clara : os dogmas christãos, que deixamos definidos, abrangem todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo, e para com seus semelhantes, e quem diz *lei moral*, diz principio universal e invariavel.

Os philosophos modernos, desde Descartes até Kant, teem procurado em Deus a propria substancia da justiça ; o ponto essencial he que se comprehenda cabalmente, que a idéa da justiça e a idéa de Deus se achão estreitamente ligadas, e que a primeira conduz necessariamente á segunda.

Um grande philosopho até chegou a pensar que, entre todas as idéas da razão, era esta a unica que tinha a virtude de demonstrar a existencia de Deus, e revelar-nos os seus attributos ; pelo menos he certo, que nenhuma outra lança tanta claridade sobre esta questão. A mais irrefutavel demonstração da existencia de Deus, diz Julio Simon, he a vida e a morte do *Justo*.

Além do amor que o prende a si proprio, e do amor que o prende a seus semelhantes, ha no coração do homem, diz um philosopho moderno, um pendor que tende a eleva-lo acima do mundo, e que o attrahe para a fonte suprema de todas as cousas : he o sentimento religioso.

Não existe sentimento mais elevado do que este : na ordem das paixões he elle o ultimo termo da sensibilidade, assim como na ordem das idéas a noção de Deus he o ultimo termo da intelligencia. Para reconhecermos a força destes dous termos basta que lancemos os olhos sobre a historia da humanidade.

Do amor de Deus, como alvo de todos os nossos amores, do amor de si proprio, e do amor dos seus semelhantes nasce o dogma da unidade do genero humano ou da fraternidade universal, dogma que os Stoicos já havião pregado no meio da sociedade antiga, e que hoje marcha para o seu complemento pela lei providencial, que rege os destinos humanos.

O genero humano formará, pois, uma só e immensa familia, quando se houverem realisado estes dous factos : uma só raça, a Caucasea ; um só symbolo de fé, a Cruz. Será isto possivel? Vejamos.



O SOCIALISMO.

Magnus ab integro sæculorum nascitur ordo.

O QUE HE O SOCIALISMO ?

O socialismo não he uma sciencia, nem uma doutrina, nem uma religião, nem uma seita, nem um systema, nem um principio, nem uma idéa : he mais do que tudo isto, porque he um desígnio da Providencia.

Em que consiste o socialismo ? na tendencia do genero humano para tornar-se ou formar uma só e immensa familia.

Por que, ~~o~~ de que modo se revela essa tendencia ? pelos *phenomenos sociais*, e eis-ahi porque chamamos *socialismo* a essa tendencia visivel, palpavel, conhecida por sua marcha sempre crescente, sempre progressiva desde os quinze primeiros seculos da historia.

O seculo proximo passado foi o seculo das idéas, da philosophia transcendental — e por que ? porque era necessario destruir uma ordem de cousas, isto he, a sociedade que existia, substituindo-a por outra para consecução do desígnio providencial.

O seculo actual he o do progresso moral e material, o da philosophia que chamarei *social* [1], e por que ? porque o problema está resolvido : todos procurão agora

o bem-estar, e o bem-estar individual acha-se no concurso de todos, ou no bem-estar universal.

O que são as seitas, ou doutrinas, ou systemas de Fourier, de Saint-Simon, de Owen, e de seus sectarios? aberrações do espirito humano, excrescencias que vão desaparecendo pelo attrito na rotação do genero humano sobre si mesmo. Entretanto concorrem todos para a regeneração universal, pela regra de que Deus escreve certo por linhas tortas.

[1] Chamamos *philosophia social* ao que Lamennais em principio chamou *philosophia do senso commum*, e mais tarde *democracia*, ou soberania popular. A um homem, que nasceu e vive na America, não he dado sentir nem pensar outra cousa; nem era preciso que Lamennais o dissesse, depois de realizado o principio do *self-government*.



II

AS ESCOLAS PHILOSOPHICAS.

O que he, ou o que entendemos nós por *philosophia social*? Deixemos de parte os autores, e fallemos só ajudados pela nossa razão. Existe acaso uma lei providencial, que rege o complexo dos destinos humanos desde o principio até o fim? diremos com Mr. Ballanche que sim.

Como se prova essa existencia? por meio da logica irresistivel dos factos. O philosopho apodera-se dos factos, desses grandes phenomenos sociaes, compara-os, analisa-os, busca suas causas, e por uma deducção rigorosa chega a conhecer a lei geral, que governa a humanidade.

Fallei de Mr. Ballanche, cumpre definil-o: Ballanche não he um philosopho orthodoxo, mas um *theosopho*; expliquemos a sua doutrina *philosophico-religiosa*.

Mr. V. Cousin, aproximando a historia á philosophia e á humanidade, reduzio a sua marcha parallella á uma formula, tomada em parte de Hegel. Elle distingue na historia e na philosophia tres idades, a saber: a idade do infinito, do finito ou limitado, e da relação entre uma e outra — a primeira no Oriente, a segunda na Grecia, e a

terceira no Occidente, que he a idade moderna ; ou por outra, as tres idades são representadas pelo *pantheismo* (seita de philosophos, que crêem que o universo he Deus, ou Deus he o universo) ; pelo *polytheismo* (seita de philosophos, que acreditavão em muitos Deuses) ; e pelo *theismo* — um só Deus.

Hoje pois, em these geral, o ponto de contacto commum entre todas as philosophias he o theismo ou deismo, porque todas, salvo uma ou outra excepção, admittem a existencia simultanea de uma causa e de um effeito, cuja relação entre ambos tratão de determinar. Trazendo a questão para este ponto de vista, pôde-se dizer que, durante o primeiro quarto do presente seculo, havião tres escolas em frente uma das outras : a escola *sensualista* creada por Condillac, dominante ainda no principio do imperio francez, moribunda no fim, e resuscitada de novo na restauração pela voz enthusiasica de Broussais : a escola *racionalista* creada por Reid, fortificada por Kant, e voltando mais tarde ao *eclectismo* com Mr. Cousin : a escola *theologica*, ou orthodoxa, representada por tres homens notaveis, o conde de Maistre, Mr. de Bonald e o abbade Lamennais (bem entendido, ainda em tempo da restauração, porque depois mudou inteiramente) [1].

Em todas estas tres escolas não se acha comprehendido Mr. Ballanche, cuja originalidade consiste em não pertencer á nenhuma dellas ; porque sobre o ponto capital de todos os systemas philosophicos, sobre o grande problema de *Deus* e do *Homem*, elle differe ao mesmo tempo tanto de Broussais como de Cousin e de de Maistre : de Broussais acha-se separado por um abysmo : o Deus de Mr. Cousin, este Deus *um e muitos, eternidade e tempo, espaço e numero, fixito e infinito* [2], que muito se parece com o Deus do pantheismo, não o satisfaz : o Deus terrivel e vingador de Mr. de Maistre lhe repugna e o amedronta.

Do mesmo modo differe emquanto ao *homem* : o homem todo *consciencia*, o homem nascido imperfeito, e aperfeiçoando-se pelas provações, lhe parece um dogma insufficiente, e que não satisfaz. O homem nascido culpado, expiando não somente no tempo, mas ainda durante a *eternidade*, as faltas que não commetteu, parece-lhe

um dogma horrivel e indigno da infinita bondade de Deus [3].

A philosophia de Ballanche parece pois um meio termo entre a escola racionalista e a escola orthodoxa. Na sua opinião o dogma da perfectibilidade indefinida não basta para explicar o grande enigma da humanidade; porque, pergunta elle, onde acharíamos a razão do desenvolvimento da especie humana pelas calamidades geraes e pelos soffrimentos individuaes? Onde estaria a razão das provações sem a fôrma de uma expiação dolorosa? Donde conclue, que *uma lei providencial governa o complexo dos destinos humanos desde o principio até o fim*, estabelecendo esta lei sobre o dogma christão do peccado original.

Todavia Mr. Ballanche não o affirma; mas consultando não somente os livros sagrados, como até as poesias primitivas, e a historia das tradições geraes da humanidade, acha na unanimidade de seu espirito e de sua lettra consagrado o dogma christão da *queda* primitiva (da primeira culpa) e da reabilitação pelas provações, que he o dogma do genero humano, assim como a chave de toda a philosophia; porque, ao mesmo tempo que o genero humano expia e se reabilita pelas provações, cada expiação he para elle um progresso, pois que o aproxima de mais em mais deste estado divino anterior á culpa, de cujo estado sempre ficou a lembrança no fundo de todas as tradições.

Ha pois identidade entre o dogma da perfectibilidade e o dogma da *queda* (da primeira culpa) e da reabilitação do genero humano, ou antes um contém o outro. Deste principio tira Mr. Ballanche innumeraveis consequencias, umas philosophicas, outras historicas, comquanto não seja muito metaphysico e menos psychologico. Suas vistas sempre são dirigidas sobre o homem, porque o *homem* he para elle a humanidade toda inteira, e a humanidade a seu turno não he outra cousa senão o homem colectivo. A expiação não he somente para o homem ou para a familia, mas tambem para uma nação inteira, para todo o genero humano: os povos marchão como os individuos desde a *queda* até a reabilitação [4].

[1] Alguns sustentão que Mr. de Lamennais não mudára de idéa, mas que vira apenas a mesma idéa debaixo de duas faces differentes ; na primeira o passado como tinha sido, e na segunda o futuro como devia ser. Entretanto he facto incontroverso que Mr. de Lamennais professára no primeiro periodo de sua vida litteraria os principios da autoridade absoluta, e depois os de uma liberdade sem limites. Se não houve mudança, houve pelo menos contradicção de principios.

[2] Veja-se a definição de Deus nos fragmentos de Mr. Cousin.

[3] Alguns christãos progressistas admittem que todos os homens podem salvar-se, qualquer que seja a sua crença. Renunciando o dogma terrivel da eternidade das penas, elles a substituirão por uma especie de depuração gradual da alma na outra vida. Morremos, dizem elles, cobertos de maculas provenientes das faltas commettidas neste mundo, e segundo o numero e a enormidade destas faltas, mais ou menos tempo nos he necessario para expial-as, para nos purificarmos dellas, e assim chegarmos á eterna bemaventurança. Eis pois o inferno, pôde dizer-se, substituido pelo purgatorio entre os protestantes, de cujas idéas primitivas uma das mais arraigadas era a da negação do purgatorio. (*Seitas religiosas do seculo XIX. — D. de Pern. 9 de Fevereiro de 1855.*)

[4] Essais de Palingenesie sociale.



III

O PLEBEISMO E O PATRICIADO.

Partindo destes principios, vejamos como he possivel reconstruir pela intuição um passado inteiramente perdido, e penetrar com a unica luz da razão atravez dessas épocas nebulosas e incertas para lançarmo-nos depois nos mysterios do futuro.

O homem não nasceu culpado nem imperfeito; porque o primeiro homem não nasceu, foi obra de Deos, e devia ser, como todas as suas obras, perfeito. O homem pela primeira culpa *cahiu*, e a sua *queda* o reduzio á imperfeição; mas nem por isso a lei providencial do seu destino foi abrogada. O homem do abysmo da sua queda alçou os olhos e as mãos para Deus, e desde então trabalha para voltar á perfeição, de que fôra dotado no acto da sua criação. Eis-ahi pois o dogma da primeira culpa (do peccado original), de cujo estado sempre ficou a lembrança no fundo de todas as tradições. A humanidade, diz Lamennais, não he o que Deus quiz que ella fosse; estamos fóra da verdadeira senda, cumpre voltar a ella. [1].

Ha pois uma progressão ascendente desde a primeira

culpa até a reabilitação. Vejamos como Mr. Ballanche explica esta lei do progresso. O genero humano, diz elle, deveu no seu principio estar dividido em *iniciaveis* e em *iniciadores*, e d'ahi nascerão os dous elementos oppostos representados pelo *patriciado* e pelo *plebeismo*. No começo de todas as sociedades os patricios, depositarios das idéas sociaes e religiosas, erão os que transmittião as ultimas palavras de uma revelação primitiva. O plebeo não tinha existencia propria, vivia da vida do patricio; mas em consequencia de provas reiteiradas, de successivas iniciações, o plebeismo chegou á posse da *consciencia*, depois á vida civil, e emfim entrou na vida politica — dessas iniciações successivas nasceu a igualdade, e o patriciado desapareceu porque a sua missão estava acabada.

O plebeismo, diz Ballanche, he o symbolo da humanidade reabilitando-se por si mesma. He a grande idéa do homem *um e successivo, solidario e livre*, reabilitando-se por si mesmo por meio dos soffrimentos, que Mr. Ballanche empreheendeu explicar, ou antes cantar em uma especie de epopea cyclica, que elle intitulou *palingenesia social* para exprimir a idéa fundamental da regeneração do homem pelo homem; ou, como diz *Mr. Lavergne*, he a antiga doutrina da metempsychose despojada do seu sentido vulgar, de sua fórmula material, e applicada, não ao individuo mas á especie, não ao corpo mas á alma [2].

[4] Quanto mais facil não he explicar as attribuições da vida humana pelo dogma christão da primeira culpa, do que invocar a cada passo o poder sobrenatural do *demonio*, a quem os heresiarchas fizeram vice-rei do mundo!! Quando Bardesano, Priscilliano e outros heresiarchas, para salvarem o dogma da summa bondade de Deus, crearão a intervenção activa e incessante do diabo nas cousas do mundo, cahirão na heresia para fugir da blasfemia.

He cousa bem notavel que a heresia, negando successivamente a divindade de Christo, a pureza da Virgem, os Sacramentos, e até a moral do Evangelho, respeitasse o diabo, exaltando sua grandeza, e até ensanchando com Luthero os limites do seu imperio. Para o homem da idade media a sua vida de

provações era eterna, sem limites, sem futuro, porque Satanaz, encarnação viva dos sete peccados mortaes, que matão a alma, era como um segundo Deus na criação, tambem eterno, ou destinado a acabar com o mundo.

Longe pois de procurar o homem rehabilitar-se, segundo o dogma da queda primitiva, elle só via nessa luta incessante e pessoal com o diabo uma fatalidade inexoravel. Satanaz neste longo reinado de dezoito seculos infundiu nos homens mais terror dô que Deus lhes inspirára amor. Mas a humanidade não he o homem de um seculo ou de uma época; ella preenche os seus fins, marchando progressivamente do estado de culpa para o de reabilitação.

[2] Ess. de Pal. soc. — Gal. des Cont. ill.



IV

O PECCADO ORIGINAL E A REHABILITAÇÃO.

Em outra obra de Mr. Ballanche — *Ensaio sobre as instituições sociaes* — tratou elle de explicar os pontos donde começa e onde acaba o principio da liberdade e o principio da autoridade. Para elle a questão da origem do poder não he outra senão a da origem da sociedade e da origem da linguagem; para o que estabelece as seguintes proposições:

He acaso a sociedade obra de Deus, ou obra do homem?

Haveria uma linguagem primitiva revelada ao homem, ou a palavra não he senão uma simples faculdade dada ao homem, e posta em acção por elle mesmo?

Será o pensamento anterior ou posterior á linguagem? Eis-ahi reduzidas ao estado de axiomas as soluções dadas por Mr. Ballanche á estas diversas questões:

A hypothese, diz elle, do contracto primitivo he uma chimera.

O homem nasceu social, porque o homem não he somente um individuo, mas um ser colectivo, he um genero.

A maior parte dos nossos instinctos estão collocados fóra de nós, na sociedade.

Sem a sociedade seriamos incompletos, e o homem, assim como as plantas e os animaes, devia ser completo desde a sua origem.

O estado de *natureza* he pois um absurdo, e o estado selvagem não he senão uma degeneração.

Sendo o homem necessariamente um ente social, resulta que desde a sua origem devia ser dotado do senso social, da palavra, porque a palavra he necessaria para a sociedade.

Note-se bem, que a simples faculdade de fallar não teria bastado; desde a origem o homem devia *necessariamente* fallar, pois que desde a origem elle viveu *necessariamente* em sociedade.

Houve portanto uma palavra primitiva revelada ao homem, como meio indispensavel, não somente para manifestar, como até mesmo para produzir o pensamento; isto he, que na sua origem a palavra não era somente o signo da idéa, mas a mesma idéa.

A palavra tradicional deveu pois ser omnipotente na origem das sociedades; mas o pensamento devia tambem ir-se separando desta palavra tradicional, que encadeava a liberdade, e chegou então o momento em que o pensamento, até então encerrado na palavra tradicional, se apresentou livre e expontaneo, creando uma linguagem nova, assim como novas idéas sociaes e religiosas. Nessas novas instituições, nessas novas crenças, obra do homem, a razão individual devia dominar por sua vez, e pouco a pouco devia desaparecer a palavra tradicional; desta sorte o que até então era immutavel como a fatalidade, tornou-se livre e convencional: houve portanto *contrato*.

Procedendo assim chega finalmente Mr. Ballanche a reconhecer tres idades no espirito humano: 1.^a a idade da palavra tradicional: 2.^a a da palavra escripta: 3.^a a das lettras, isto he, das leis escriptas, das instituições convencionaes, aquella em que o pensamento, sahido da palavra, aprende por sua vez a conter a mesma palavra. Foi a esta transição que Mr. Ballanche denominou a — *emancipação do pensamento* — com grande escandalo de Mr. de Maistre.

Vamos ainda á outra idéa, constantemente reproduzida por Mr. Ballanche, e que o identifica essencialmente com as doutrinas do movimento e do progresso. Esta idéa fundamental, modificada um pouco por Mr. Barchou de Penhoen, he expressa nos seguintes termos :

« O genero humano todo inteiro he um ente colectivo, um e solidario, que cresce, augmenta, e se desenvolve debaixo da influencia da lei providencial da queda primitiva e da rehabilitação, passando deste modo por uma serie de fórmas sociaes. Nenhuma porém o demora ou retém para sempre ; pelo contrario, todas essas fórmas sociaes, filhas do progresso, são destinadas a acabar umas depois de outras pela marcha successiva da civilização. Ao passo que cada uma dellas resume o passado, contém aó mesmo tempo um porvir que não póde aferrolhar, assim como não é dado á fragil casca da bolota reter em si o carvalho para sempre. As constituições, portanto, não são mais do que certas formulas para resolver o problema do progresso e do futuro. » [1]

[1] Orphée, Essais de Paling. soc.



V

O LIVRE ARBITRIO E A FATALIDADE.

Conviémos com Mr. Ballanche em que uma lei providencial regia o complexo dos destinos humanos desde o principio até o fim. Esta proposição absoluta póde dar lugar á seguinte questão : Vive o homem debaixo de uma lei fatal e inexhoravel, que dirige todas as suas acções, todos os seus pensamentos, todas as suas palavras ? Não : porque, se assim fosse, desappareceria o livre arbitrio [1].

Deus nada creou sem um designio : *Deus e o homem*, eis-ahi tudo quanto a philosophia comprehende em suas vastas e immensas relações. O homem he dirigido a um fim, os meios estão á sua disposição, ao seu arbitrio. Deus quiz que o homem fosse feliz, eis o seu fim ; todos os meios porém pertencem-lhe como o apanagio da liberdade.

Na vida commum o homem parece muitas vezes como que atado e preso á uma fatalidade. Sua razão o encaminha para uma parte, suas paixões o levão para outra ; á consciencia pertence a escolha [2] : eis-ahi o *livre arbitrio*. O homem desde a sua queda aspira a rehabilitar-se ; a lei providencial mareou o fim dos seus esforços,

2*

mas deixou-lhe a escolha dos meios, como o viandante, que tem de atravessar um deserto sem caminho nem carreira; do outro lado está o fim da sua jornada, cumpre buscar a melhor via pelos recursos da sua intelligencia — feliz daquelle que chega ao termo da sua peregrinação. Todavia lá chegará o genero humano, porque tal é a lei providencial do seu destino.

[1] A theologia christã devia naturalmente agitar a questão da *liberdade humana*, e della fazer um problema especial: ensinava que o homem, decabido em consequencia do peccado original, não podia passar sem o soccorro da Graça Divina para rehabilitar-se e obrar bem. Desde então o que vinha a ser da liberdade? e se ella não desaparecia, que parte lhe restava nas boas obras? Eis-ahi questões a que era impossivel escapar.

Todos sabem com que ardor forão agitadas, á que doutrinas contrarias derão lugar, e como foi que a igreja sustentou ao mesmo tempo na sua orthodoxia o dogmã da graça e o da liberdade. Discriminada desta maneira, e collocada no lugar das questões capitaes pela theologia, a questão da liberdade conservou naturalmente este lugar na philosophia moderna. Não ha doutrina que não se haja occupado della, e não a tenha resolvido a seu modo.

O racionalismo, excluindo o sobre-natural, se desembaraçara da difficuldade de conciliar a liberdade com a graça; mas nem por isso supprimia toda a difficuldade: restava harmonisal-a, ou com a natureza, ou com a acção de Deus na humanidade. Alguns não hesitãrão sacrificial-a á necessidade physica, outros á necessidade divina; mas o fatalismo delles era consequencia deste espirito de systema, que despreza a realidade, e fecha os olhos á evidencia dos factos.

Cumpria pois chamar para este ponto os espiritos, que dest'arte se desvairavão, e demonstrar a todos que, por maiores que fossem as difficuldades que podessem obstar a liberdade humana, era ella um facto certo, inabalavel, attestado pelo mais irrecusavel dos testemunhos, o da propria consciencia. Cumpria estabelecer de tal sorte esta verdade, e tornar-a tão palpavel, que já não fosse possivel contestal-a, e que ficassemos sobre este ponto na grande estrada do senso commum, mas illuminando-a com a luz da reflexão.

Foi isto justamente o que fizerão os ultimos trabalhos da philosophia, *maximè* da philosophia franceza, e o fizerão de uma

maneira tão triumphante, que não sei se ha hoje em alguma paragem uma cabeça pensadora, pertença a que systema pertencer, que não se incline perante o facto da liberdade humana. A propria philosophia allemã moderna, ao renovar o Espinosismo, vio-se obrigada a reformal-o sobre este ponto ; talvez menos consequente, não se atreveu a eleva-lo até o desprezo do senso intimo.

Por outro lado já não estamos em tempo destes systemas concebidos fóra das mais vulgares noções da experiencia e do senso commum ; hoje o que se pede antes de tudo á philosophia he que ella respeite a realidade, e não a sacrifique ás suas theorias. Sem duvida perderá em originalidade, mas ganhará em vérdade, em influencia e em consideração.

Por ventura serei eu livre, ou não ? A paixão e a razão disputão entre si o meu comportamento : dar-se-ha caso que eu tenha o poder de resolver-me a meu bel-prazer n'um ou n'outro sentido ? He esta uma questão de facto ; a consciencia dar-lhe-ha a resposta. Invocando este testemunho, a philosophia pôde dar-lhe uma solução, que affronta todos os systemas : foi-lhe bastante descrever por via da analyse o que está na consciencia de cada um. (*Estudos sobre a philosophia moral no seculo XIX.* — *Revista de Paris* — D. de Pern. 17 de Janeiro de 1855.)

[2] A Providencia, que regulou todas as cousas com soberana sabedoria, poz em nós o-prazer e a dôr, para que nos conduzão a fazer o que convem á nossa essencia, arrastrando-nos para certos objectos, desviando-nos de outros. Procurar o prazer, evitar a dôr, tal he a lei fundamental da natureza sensivel. Debaixo desta duplice acção se desenvolvem em nós inclinações ou tendencias instinctivas, que tem por alvo a satisfação das nossas diversas necessidades, e finalmente o complemento do nosso destino.

Cada uma destas inclinações nos forão dadas para um bom fim ; mas não as recebemos para deixal-as entregues a si proprias. He que o homem não he como um animal : o seu destino não he seguir cega e fatalmente as inclinações da sua natureza ; he encarregado de governar-se a si proprio ; e para isso he que he dotado de *razão* e de *liberdade*. Intervenem na vida, não para assistir a este spectaculo como espectador passivo, mas para conduzil-a como mestre : assim cessa de ser machina, e adquire um valor pessoal.

D'ahi o papel que he chamado a representar em presença das inclinações da natureza ; estas por si mesmas são cegas : releva esclarecel-as. São impetuosas e desordenadas : releva contel-as e regulal-as. São diversas e oppostas : releva harmonisal-as, encerrando cada uma dellas em seus justos limites. Não só lutão

no mesmo individuo, como as inclinações de uns estão longe de se conciliarem com as dos outros : releva pôr fim a semelhante conflicto, reduzindo-as á uma lei commum.

Muitas vezes as mais violentas se revoltão contra os preceitos da razão ; o dever ordena, a natureza resiste : releva então comprimir ou suffocar-lhes os movimentos por meio de sentimentos de outra ordem. Eis-ahi o que tem a fazer em nós a razão e a liberdade, e eis tambem a fonte da dignidade humana. (*Idem.*)



VI

DA PERFECTIBILIDADE INDEFINIDA.

Na opinião de Mr. Ballanche o dogma da perfectibilidade indefinida não basta para explicar o grande enigma da humanidade, porque, pergunta elle, *onde acharíamos a razão do desenvolvimento da especie humana pelas calamidades geraes, e pelos soffrimentos individuaes?*

Com effeito, quem disser que o povo que mais soffre he o que mais augmenta, e que a abundancia se oppõe á propagação; que a fome, a peste, e a guerra são meios infalliveis de augmentar a população; que o povo mais virtuoso procedeu da mais impura origem, e que pelo contrario póde-se contar com a degeneração da raça mais moralisada e virtuosa, transplantada para outro terreno; se disserdes que os Ichtiophagos (que só vivem de comer peixe) são os mais prolificos, e que aquelle que se nutre de carnes succulentas está certo de ter pouca próle; se disserdes tudo isto, ninguem vos acreditará; masahi vem a historia, a statistica, a arithmetica social, e finalmente a economia politica provar-nos tudo isto com os seus mil e um factos, e sobre tudo com as suas cifras.

Malthus, e todos os da sua escola, não podião conceber que a população podesse crescer sem que, antes desse crescimento, tivessem também crescido os meios de subsistencia, e tudo quanto he necessario para viver. Os factos porém desmentem a theoria. Houve uma época, em que nuvens de barbaros, cahindo de repente sobre os diferentes paizes da Europa, conquistarão, avassalarão e destruirão os estados existentes, e fundarão outros de novo. Donde foi que sahirão todas essas aluviões de gente? Foi por ventura das fertes regiões do Meio-dia, onde a natureza dá em tanta abundancia tudo quanto he necessario para viver? Não: foi dos miseraveis paizes do norte, que viêrão os Hunnos para acabar com o Imperio Romano; foi das geladas praias do Baltico, que sahirão os Godos; os Alanos e os Vandalos para se apoderarem da Hespanha, conquistar a Italia, e se estenderem até a Africa.

Ha hoje diferentes paizes da Europa, onde a população cresce de uma maneira tão pertinaz que, por mais que a dizimem todos os dias por meio de emigrações em grande escala, não só não diminue a massa da população como se augmenta de um modo assombroso. Quaes serão esses paizes, onde a gente parece sahir das entranhas da terra? Serão as abençoadas ribeiras da Italia, ou os fertes campos e colinas da Peninsula Iberica? Não: he a Irlanda, onde a grande maioria da população vive aperas de batatas e de alguma gôta de leite; he a Inglaterra a o paiz de Galles, onde todos os annos morrem de fome muitas centenas de individuos; he a esteril e miseravel Suissa, e finalmente a Saboia, cujos escavados rochedos vomitão todos os annos exercitos de gente faminta, que o viajante encontra por toda a parte onde se ache.

Ainda mais offerecê a natureza dous factos muito importantes para desmentir a doutrina de Malthus; estes factos são o resultado das leis providenciaes por que a natureza se rege em tudo quanto he relativo á reproducção das especies. Vede o que acontece no reino vegetal: estrumai até o excesso as flôres do vosso jardim, ou as arvores fructiferas da vossa horta, e vereis que as flôres se tornão mui bonitas e dobradas, e que as arvores se tornão mui frondosas; mas as arvores se desfazem em folhas,

quasi sem fructos, e as flôres só apresentam a apparencia, porque as corollas, que tanto encantão pela sua riqueza, só adquirirão essa immensidade de petalas, que vos espanta, pela transformação dos estames, que erão os orgãos da geração. Estes ultimos desapparecêrão para sempre, e a planta ficou esteril.

O mesmo se observa no reino animal. Se desejaes ter boa creação, não deis pastagem demasiadamente rica de succos ás vossas vaccas e ás vossas egoas. Depois de uma epizootia os creadores chorão e suppõem-se perdidos; dahi por diante as vaccas, que restárão, são cada-nejas, as ovelhas e as cabras parem quasi sempre gemeos; de maneira que em pouco tempo o rebanho está mais numerozo do que antes da epizootia; e porque este resultado? porque a especie estava em perigo de extinguir-se, e a natureza tinha necessidade de esforços para conservar-a. [1]

Em quanto a especie humana, será já possível, em virtude da lei providencial do seu destino, dar explicação de um facto mui curioso, que até agora se tem observado com espanto, e he que todas as vezes que uma grande peste, uma grande fome, ou uma grande guerra tem devastado qualquer paiz, a sua população augmenta espantosamente alguns annos depois da calamidade. Eis ahi a lei providencial explicada, ou a solução do problema sobre o augmento da população contra as theorias de Malthus, isto he: « *Quanto maior he o perigo, em que a especie se acha de extinguir-se, tanto maiores são os esforços da natureza para conservar-a, e reproduzirl-a.* »

He por tanto, inteiramente falsa a theoria daquelles que considerão o augmento da população, que actualmente se observa em differentes paizes da Europa, como symptoma de grande prosperidade. Nunca a miseria foi tão grande em Inglaterra como actualmente que a população dos tres reinos subiu a 30 milhões de individuos; [2] e pelo que respeita á França, eis-aqui o que disse Pedro Leroux, membro do Instituto — « He certo que desde a
« época da revolução para cá a população do reino tem
« augmentado de 9 milhões; mas neste numero ha mais
« de 3 milhões de pobres e proletarios que, por mais que
« trabalhem, não chegão a alcançar o sufficiente para vi-

« ver » — Por tanto Mr. Ballanche teve muita razão em duvidar do dogma da perfectibilidade indefinida. [3] Entretanto, *onde acharíamos a razão do desenvolvimento da especie humana pelas calamidades geraes e pelos soffrimentos individuaes?* na grande lei providencial, que rege os destinos humanos, digo eu.

[1] Para corroborar tudo o que aqui digo sobre o problema do equilibrio da população — veja-se um artigo da — *Presse* — por A. Erdau, que tem por titulo — *Sobre a Lei da População* — e transcripto no *Diario de Pernambuco* de 15 de Janeiro de 1853. — Quasi os mesmos pensamentos, as mesmas idéas, e a mesma deducção de provas — aqui a lei geral que rege a população he tão palpavel, que se mostra á primeira vista.

[2] Mais adiante provaremos como esta miseria tende a desaparecer pela civilisação, e sobre tudo pela liberdade do commercio, da industria e do trabalho.

[3] Quando fallamos da *perfectibilidade indefinida* não comprehendemos o *systema* da perfectibilidade da especie humana, que os philosophos mais esclarecidos depois de um seculo á esta parte tem sustentado debaixo de todas as fórmulas de governo. Os Escossezes, e particularmente Fergusson, o desenvolverão na monarchia livre da Grã Bretanha. Kant sustentou-o durante o regime ainda feudal da Allemanha. Turgot professou-o no governo arbitrario do ultimo reinado antes da revolução franceza. Condorcet durante o reinado do terror. Talleyrand, no seu relatorio sobre a instrucção publica de 10 de Setembro de 1794, disse que um dos caracteres mais notaveis do homem he a perfectibilidade, não só no individuo como muito mais na especie. Godwin, na sua obra sobre a justiça politica, tambem sustenta o mesmo systema, que foi perfectamente desenvolvido por Madame de Stael na sua importante obra sobre a *Litteratura*. Não he pois desse systema, que promete aos homens neste mundo alguns dos beneficios de uma vida immortal, um futuro sem limites, uma continuidade de gozos sem interrupção, de que fallou Mr. Ballanche, mas da regeneração da especie humana por meio das provações, acompanhando o dogma christão da quèda primitiva. Elle não nega a perfectibilidade humana, mas não a comprehende *indefinida* como os autores que citamos, e eis-ahi a differença.

VII

A COLONISAÇÃO Povoou o MUNDO.

« E criou Deus o homem á sua imagem : elle o criou
« á imagem de Deus, macho e femea os criou »

« Deus os abençoou, e disse: crescei, e multiplicai-
« vos, e *enchei a terra*, e sujeitai-a, e dominai sobre os
« peixes do mar, e sobre as aves do Céu, e sobre todos os
« animaes, que se movem sobre a terra » (Gen. Cap. 1.
vv. 27 e 28).

Enchei a terra, disse Deus ao homem e á mulher abençoando-os ; toda a terra he pois a patria do homem — eis-ahi a lei providencial. Vejamos como essa lei se executa desde o principio até o fim.

Suppondó que o genero humano partiu de um só homem e de uma só mulher, collocados em um ponto qualquer do nosso globo, para que toda a sua superficie solida se ache hoje povoada, he mister que a transmigração de milhares de familias se tenha cruzado em todos os sentidos, ou que o mundo tenha sido o theatro de uma constante colonisação desde que houve a primeira familia. A colonisação, por tanto, não emana de um estado de civilisa-

ção muito adiantado, como parece á muita gente; remonta á origem das sociedades: ella povoou o mundo.

A tenda do Patriarcha mandou ao longe seus filhos mais moços, fundadores de novas sociedades nas regiões longiquas. A's vezes esses fugitivos, que vão longe do lugar do seu nascimento buscar um asylo, terra que arrostar em clima benefico, erão, como Caim, marcados com o stigma da reprobção, e victimas da aversão, que haviam inspirado á suas familias. Renovavão assim sua existencia, começavão vida nova, e expiavão, pelas fadigas e inquietações inherentes ao primeiro esboço de uma colonia, os agravos que lhes podia lançar em rosto a antiga sociedade, de que erão membros.

Muitas vezes o espirito de aventuras, o tédio de uma sujeição mui céga ás vontades de um Chefe imperioso, a difficuldade de arrancar de um sólo já esgotado productos sufficientes para nutrir uma população sempre crescente, emfim a esperança de melhor porvir em climas desconhecidos, impellirão massas inteiras a expatriar-se. Foi assim que a Asia fecunda refluiu sobre a Europa deserta. Dos cumes do Indo e do Caucaso descêrão essás torrentes de homens armados, que, longo tempo antes da época historica, colonisárão a Grecia, e plantárão suas barracas no meio das florestas germanicas.

De ambas as extremidades do mundo se cruzárão essas extraordinarias e gigantescas transmigrações; as barcas dos Scandinavos singrárão para o Oriente, os juncos dos Indios se dirigirão para o norte. Os Indo-Chinezes e os Tartaros avançárão, através dos desertos, para a parte da Turquia européa e asiatica; e esses homens pacientes, que vão consultar as recordações philosophicas para se illustrarem sobre a origem dos povos, descobrião em todas as lingoas do mundo provas incontestaveis dessa immensa fusão, dessa mistura universal. Por tanto a patria do homem não he o lugar onde nasceu, mas toda a terra, que lhe foi dada pela palavra de Deus: o homem he cidadão do mundo.

VIII

O GENERO HUMANO FORMARA' UMA SÓ FAMILIA.

Dissemos ao principio : — Em que consiste o Socialismo ? na tendencia do Genero humano para tornar-se ou formar uma só e immensa familia — Para provarmos esta proposição cumpre esboçar o estado actual do mundo civilisado segundo a lei providencial do seu futuro destino.

Alguns considerão viciosas certas instituições politicas, porque não se achão modeladas por um principio absoluto ácerca da bondade dos governos. Não ha fórma de governo *absolutamente* bôa, porque se a houvesse, excluiria todas as outras fórmas ; por tanto eu só encaro as instituições pelo lado da influencia, que possão exercer nas funcções economicas do paiz para que forão feitas. O nosso seculo he todo positivo ; no seculo passado reiná-rão as idéas, porque era necessario destruir a sociedade que existia ; neste seculo reina o desejo do *bem-estar*, isto he, a tendencia manifesta para o progresso moral e material, porque o problema está resolvido.

A sociedade hoje já não he, como antigamente, uma cidade, ou uma provincia, ou uma nação : he o genero humano ; o bem-estar do genero humano he o fim das so-

ciudades modernas. Bem se deixa ver que o mundo he todo *socialista* no verdadeiro sentido da palavra ; por tanto só considero viciosas aquellas instituições, (seja qual fór a sua fórma) que obstem ao progresso moral e material da sociedade, ou que lhe não permittão desenvolver todos os seus recursos moraes e materiaes. A justiça distributiva he pois um dos principaes elementos desta nova ordem de cousas.

Um certo povo, como o dos Estados-Unidos por exemplo, com todo o vigor e energia da raça Saxonia, tem em si mesmo todos os elementos do progresso social, porque nelle obra o instincto do seu natural engrandecimento pelo habito e pela educação ; o governo neste caso deve ser apenas consêrvador ou regulador. Outro povo, como o nosso, na infancia, póde-se assim dizer, da illustração, sem usos do trabalho e da industria, sem energia, sem vigor, não vive vida propria, e apenas vegeta por habito segundo a rotina dos seus progenitores os Portuguezes, um dos povos mais atrazados da Europa ; [1] por tanto o governo entre nós deve ser eminentemente creador e reformador. Mas, em que sentido essas refórmãs ? Desse ponto trataremos em um artigo especial.

Decididamente as sociedades modernas estão cansadas dessa lucta do espirito, que foi o grande trabalho do seculo passado : he que o problema está resolvido. A espantosa revolução de 1848 parecia abalar todos os cimentos da autoridade publica ; dous annos depois estava morta no seu berço, e definitivamente morta em toda a Europa. Os debates politicos terminárão, e os ultimos vestigios do movimento de 1848 se apagarão na Alemanha : tudo voltou á calma anterior, ou ainda mais calmo que d'antes. Está por tanto abandonada na Europa a questão das fórmas de Governo : uma Republica ou uma Monarchia, não importa ; uma Constituição, um Estatuto, um Senatus-Consultus, he tudo a mesma cousa, com tanto que se não opponha ao progresso moral e material da sociedade.

A questão he ainda mais facil de resolver pelo lado das conveniencias : unir os povos por caminhos de ferro, barcos de vapor ou de calorico, telegraphos electricos, balões aerostaticos, se fór isto possivel, eis ahi tudo : mul-

tiplicar os interesses por toda a parte, tornar o homem *cidadão do mundo*, prover as suas mais urgentes necessidades, eis ahí o fim á que se dirigem as sociedades modernas: estreitar as distancias, fazer do genero humano uma só familia, [2] eis ahí o *desideratum* do socialismo, que não he, como dissemos, uma sciencia, nem uma doutrina, nem uma religião, nem uma seita, nem um systema, nem um principio, nem uma idéa, porque he mais que tudo isto — um designio da Providencia.

Reunamos pois alguns desses grandes phenomenos sociaes dos tempos modernos, que revelão clara e conclusivamente a existencia desse designio. Com effeito, os Inglezes marchão para a China, os Americanos para o Japão, os Chins para a California e para a Australia, e porque? Não he pelo commercio do opio, nem pela propaganda religiosa, nem para conquistar um asylo nas inhospitas costas do archipelago indico, nem pelo ouro da America ou da Oceania; mas tão sómente (notai bem) porque o Genero humano marcha para um centro commum, busca em sua peregrinação o que os Inglezes chamão o seu *confort*, procura estreitar-se, unir-se, ligar-se, e trabalhar de accôrdo nos grandes fins da sociedade. [3]

O canhão inglez, que abriu a primeira brecha nas muralhas da China, deixou livre o passo para a entrada e para a sahida. O commercio do opio foi apenas um pretexto, porque todos os effeitos querem uma causa immediata e conhecida; mas sabeis a razão philosophica desse grande facto? he que 300 milhões de individuos não podião estar segregados da grande familia humana, de que fazem parte. [4] Do occidente lanção-se os homens para o oriente, e do oriente para o occidente; elles se hão de encontrar nos pontos, que a Providencia marcou para essa prodigiosa reunião. Quando uma raça predominar, quando a raça caucasea e primitiva estiver espalhada por toda a terra, o genero humano formará uma só familia, porque tal he a lei providencial do seu immenso destino.

[4] A expressão não he nossa, he de Portuguezes mui illustrados, como se vê do seguinte extracto :

« Além disso, em que tempo se construirão essas 400 legoas de estradas ? De certo que não se poderão construir em tres annos, como o caminho de ferro ; por tanto actuarão sobre a economia do paiz de um modo muito moroso e inefficaz, tanto mais quanto *atrazados de seculos do resto da Europa*, só a passos de gigantes nós podemos alcansar os que vão tão adiante de nós, e com quem nunca nos encontraremos sem isso. »

Relatorio da commissão nomeada para dar o seu parecer sobre o projecto de uma estrada de ferro em Portugal com data de 20 de Outubro de 1854, e assignados — Barão da Luz — J. B. de Almeida Garrett — Joaquim Larcher — Antonio de Paiva Pereira da Silva — e Joaquim Thomaz Lobo de Avila. (*Diario de Pernambuco* de 3 de Fevereiro de 1852.)

[2] O que significa a grande exposição de Londres ? a mais brilhante de todas as provas em favor da idéa, que emittimos. A exposição de Londres foi um esforço gigantesco da civilização actual : eis ahi resolvido o problema da junção da grande familia humana ; isto he, todas as nacionalidades do velho e do novo mundo debaixo de um só tecto. Nesse fabuloso palacio de cristal todos os povos representavão uma só familia, a industria uma só nacionalidade, o trabalho uma só bandeira, o interesse uma só lingua, e a emulação, a grande virtude cardeal, unica capaz de tornar o homem superior a si mesmo, representava a religião desse congresso universal. Deus e o homem, mas o homem feito á imagem de Deus, cahindo e rehabilitando-se pelas provações. O homem pois ha de tornar á perfeição com que sahiu das mãos de Deus, porque a lei providencial do seu destino he irrevogavel.

[3] Folgamos muito de achar-nos em perfeito accôrdo com os homens, que pensão, e por isto copiamos aqui um trecho da resposta do Sr. P. de Angelis ao tenente Maury, da marinha dos Estados-Unidos, sobre a livre navegação do Amazonas, em que a nossa idéa, escripta ha tres annos, he hoje perfeitamente desenvolvida por um homem de incontestavel merito : ei-la :

« A humanidade não foi lançada no mundo para andar aos vai-vens do acaso ; tem um fim para o qual tendem todos os seus esforços. He a *felicidade*, cujos elementos forão por Deus depositados no seu seio, impondo-lhe o dever de desenvolv-os. »

« A felicidade he a aspiração da humanidade. O homem procura *seu bem-estar* ; a principio, impellido por um instincto cêgo, julgou que os outros homens erão um obstaculo á sua propria felicidade ; olhou-os como seus inimigos, e seu isolamento

pezou-lhe ; então procurou a sociedade dos homens, e achou gozos desconhecidos em uma troca reciproca de serviços. »

« As nações, essas grandes familias, essas individualidades collectivas, movidas pelo mesmo desejo de *bem-estar*, cegas pela mesma ignorancia, vivêrão longo tempo separadas umas das outras ; velávão avidamente sobre suas proprias riquezas, olhando com cubiça para as riquezas dos outros povos. Uma vaga intuição lhes dizia, que ellas tinham direito á uma parte das produções dos outros climas ; e não comprehendendo, que a satisfação desse desejo legitimo estava sujeita a um dever de reciprocidade, marcharão á conquista desses bens que lhes faltávão. Dahi provierão essas guerras eternas, que não cessávão um instante senão para recommencarem mais encarniçadas, mais sanguinolentas, sob o imperio da mesma necessidade sempre renascente. »

« Como a sorte dos combates não conduzia a resultado algum, o direito da força perdeu o seu prestigio : a lei da permutação succedeu-lhe : os povos entre-virão a solidariedade, que uniu forçosamente seus interesses. Operou-se por tanto uma revolução immensa : o commercio regularisou esse dever de união entre as nações, e a lei da humanidade appareceu e proclamou esse principio de Montesquieu, considerado com razão como base do direito internacional. »

— As diversas nações devem na paz fazer-se o maior bem, e na guerra o menor mal que fôr possível, sem prejudicarem seus verdadeiros interesses. (Esp. das leis — Liv. 4.º cap. 3.º) —

« A natureza, com rara providencia, fez com que a cooperação harmoniosa de todos os povos para a felicidade geral nunca podesse suspender-se ; repartiu os diversos productos por todo o globo ; por maior que seja um paiz nunca os possui todos ; a arte opera muitos milagres, mas o seu magico poder mallogra-se ante as leis invariaveis da natureza. »

« A intelligencia humana não tem podido mudar os climas ; os esforços combinados da sciencia e do trabalho obtem ás vezes de um terreno productos, que lhe são estranhos ; mas he sempre com enormes difficuldades, que se chega a esse triumpho inutil de fazer produzir no seu paiz o que dá expontaneamente fóra d'elle. »

« Os povos tem renunciado a prodigalisar assim sem proveito sua intelligencia e sua força, e tem reconhecido a necessidade de apropriar a cultura e a industria aos recursos do sólo. »

« A necessidade sempre crescente de *bem-estar* mantem essa divisão fecunda do trabalho ; os productos assim repartidos multiplicão-se e aperfeição-se sob circumstancias favoraveis ; e os povos offerecem o superfluo de sua riqueza em troca do superfluo da riqueza dos outros. O consumo cresce, o habito das

produções estranhas impõe-se como uma necessidade ; o laço que une os povos estreita-se, a industria chega aos seus limites, e cada nação, assegurando sua propria felicidade, concorre assim para a felicidade dos outros. Lei admiravel, que regula a harmonia do universo ! » (D. de Pern. de 7 de Fevereiro de 1855.)

[4] Veja-se um artigo do *Jornal do Commercio* de Lisboa, transcripto no *Diario de Pernambuco* de 24 de Fevereiro de 1855, em que se mencionão como tres grandes *acontecimentos humanitarios* : a conquista de Argel pelos Francezes em 1830 : a abertura dos portos da China á todas as bandeiras, e occupação de Hong-Kong pelos Inglezes em 1842 : a expedição dos Norte-Americanos ao Japão em 1854.

Quando nós escreviamos em 1852 o texto deste artigo, apenas se fallava na expedição do Japão, que hoje he factó consumado ; as nossas previsões e os nossos pensamentos vão-se realisando com mais presteza do que julgavamos. Póde alguém duvidar que ha em tudo isto um designio providencial ?



IX

O BEM-ESTAR MORAL E MATERIAL.

Com effeito, não se póde duvidar actualmente dessa solícitude de todos os povos ; e porque he que todos procurão o bem-estar, e o bem-estar individual se acha no concurso de todos, ou no bem-estar universal. Eis ahi um exemplo bem palpavel dessa tendência das sociedades modernas para o bem-estar material, partindo do bem-estar moral. Observe-se o que se passa na Europa e na America, nesse afan de criar estabelecimentos de beneficencia, hospitaes, asylos de toda natureza, casas de expostos, de maternidade, montes pios, montes de soccorro, caixas economicas, premios á virtude, escolas publicas, casas de correccão, &c. , &c. [1]

E não se diga, que estes nobres esforços são effeito do fanatismo religioso ; não de certo, porque á proporção que affrouxão os laços da superstição, cresce a tendencia para os estabelecimentos pios. Observemos o que passa aqui mesmo no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, que he a cidade mais civilisada do imperio : em lugar de sump-tuosos palacios, de soberbos circos, de grandes e magnificos parques e jardins, creão-se hospitaes por toda a parte.

Convém notar ainda, que todas essas instituições foram quasi desconhecidas durante a civilisação que nos precedeu ; o bem-estar material he pois uma tendencia da civilisação actual, e ella absorve todas as questões de formulas, ou puramente ideaes. Para que pois havemos nós de viver engolfados nessa chicana de refórmias politicas, quando só precisamos de meios praticos, e de um certo impulso da autoridade publica ? [2] Convenhamos em que he summamente defeituosa grande parte da nossa legislação regulamentar ; eis ahi o que ha unicamente a reformar, e teremos feito muito.

Algumas vezes (e não he todos os dias) se fazem importantes refórmias sociaes na Inglaterra, paiz classico do bom senso e da experiencia consumada. E porém, como se fazem essas refórmias ? depois de uma lucta renhida, e do triumpho da opinião ; sim, da opinião, dessa rainha do mundo, mas que só impera na Inglaterra, onde tem um throno de bronze. Depois de uma lucta de dez annos triumphou a liberdade do commercio contra o systema protector. [3] Esta conquista do bom senso inglez, sobre a parte official da nação, salvou-a em 1848 de uma eminente revolução. O homem, que levava até o genio o bom senso e o entendimento, Sir Robert Peel, sentiu que havia um scisma entre o paiz official e o sentimento publico, entre a representação legal e a opinião, que lhe he superiora ; elle obrigou o seu partido a curvar a cabeça, e salvou o paiz. Succedeu com a liberdade do commercio o mesmo que em 1829 com a emancipação religiosa.

O principio do sentimento publico he uma religião na Inglaterra ; todos o acatão como materia de fé. A liberdade do commercio, da industria e do trabalho estendeu suas raizes nas entranhas do povo, e tem penetrado em seus pulmões como o ar que se respira : he porque essa liberdade he o fundamento do bem-estar. [4] Depois da conquista dessa liberdade o povo goza de uma vida mais commoda ; ha por tanto consideravel augmento de prosperidade. Notai bem o seguinte factó : em 1841 havia na Inglaterra e no paiz de Galles 1:300,000 pobres á custa das parochias ; em 1851 este numero havia baixado a 918,000 [5]. Qual he pois o factó, que explica essa di-

minuição dos soffrimentos do povo? he a liberdade do commercio, da industria e do trabalho.

A civilisação marcha por toda a parte com a sua fouce inexhoravel; ao passo que derroca e afugenta a ignorancia, o fanatismo, os preconceitos populares, enche o vacuo dessas idéas por outras luminosas e uteis. O mundo achar-se-ha dest'arte renovado insensivelmente, as idéas transformadas, novos usos, novos costumes, e tudo para obter o grande fim social, o bem-estar do genero humano. Para isto he mister pouco a pouco substituir o direito ao privilegio, o trabalho á preguiça, o açoitado á porcaria, a liberdade ao monopolio, e finalmente o pensamento e o bom senso aos prejuizos vulgares e á rotina dos governos.

O povo com a abastança adquire novos costumes; o seu alimento he melhor e mais sadio; as bebidas alcoolicas, que erão o unico refugio da miseria, desaparecem como por encanto, e a sobriedade começa a ser a divisa das classes laboriosas. Quereis observar palpavelmente a marcha do *socialismo*, ou dessa lei providencial, que he a base do unico verdadeiro systema philosophico? Vede o effeito prodigioso dessas sociedades de temperança na Inglaterra e nos Estados-Unidos; vede o grande apostolo do verdadeiro *socialismo*, o celebre padre Matheus, convertendo o povo por meio da predica da sobriedade, como Jesus-Christo o convertia prégando a caridade.

Eis-ahi a prova de um progresso moral estupendo: em um mez do corrente anno (1852) importárão-se em Londres apenas 514,187 galões de vinho, em quanto que no mesmo periodo do anno proximo passado (1851) a importação tinha sido de 1:182,801 galões; as sociedades de temperança attingirão por tanto os seus fins. Ha poucos mezes lèmos que, sómente nos estados do norte da União-americana, existião oito mil sociedades de temperança. Muitas companhias de commercio não admittem em seus navios nenhuma especie de licôr para a maruja; em geral os navios mercantes já não dão ago'ardente á tripulação; o mesmo acontece nas fabricas e em outros estabelecimentos. Eis-ahi o verdadeiro progresso moral; eis-ahi a tendencia do genero humano para o bem-estar moral e material; eis-ahi como se vai cumprindo a lei providencial do seu immenso destino. [6]

[1] A França, cuja legislação he a mais philosophica do mundo, acaba de abolir a morte civil, sem enfraquecer a repressão penal. Eliminando dos codigos francezes os diversos vestigios de uma ficção rigorosa, as mais das vezes contrariada pela humanidade e pela razão, fez justiça a si propria, e collocou-se á frente da civilização moderna. Outro projecto não menos importante he o de uma colonia penitenciaria para livrar a França do flagello dos calcêtas, e proporcionar ao condemnado uma vida de trabalho util, dando-lhe melhores condições de moralisação. Uma lei sobre medidas de policia organisa esta instituição de uma fórma mais efficaz, não só para descobrir o criminoso, como principalmente para prevenir o crime ; se a prevenção não fósse o primeiro dever da policia, seria neste caso consentir no crime só para ter o gosto de o punir. Finalmente a França, que tem dotado o mundo de tantas instituições philantropicas, será sempre o modelo da caridade christãa.

[2] O seguinte extracto prova quanto he conveniente em certos casos o impulso do governo.

« Em 1846 e 1847 a Flandres (na Belgica) estava transformada em uma terra de miseria e de luto por effeito de uma crise. Segundo o censo official daquella época havia na Flandres occidental 36 indigentes sobre cem habitantes. O asylo de mendicidade, os hospicios, as prisões, trashedavão de individuos. O governo emprehendeu com firmeza e intelligencia remediar este estado de cousas, e renunciando todo expediente de donativos empregado até alli, que podessem ter o character de esmola, procurou regenerar as provincias da Flandres pelo trabalho, fazendo executar obras publicas em grande escala, e dando grande impulso ás estradas. Ao mesmo tempo por meio de grandes premios, offerecidos á industria e á agricultura, contribuiu a crear emprego util e conveniente para a multidão de braços, que se achavão em inacção. A industria do linho, a principal da Flandres, com que ella dava trabalho a mais de 200 mil pessoas, estava gravemente compromettida por causa da exploração deste ramo de fabrico nos outros paizes, onde até então era desprezada, e tambem pela substituição do trabalho mecanico ao manual. O governo estimulou por meios energicos o aperfeiçoamento desta industria, e creou outras onde faltavão os meios de consummo para aquella. — Em 1852 estas medidas tinhão em grande parte attingido o seu fim, e póde-se dizer que a Flandres havia reassumido o seu estado normal, excepto em alguns districtos muito apartados do centro de consummo. » (*D. de Pern.* de 13 de Setembro de 1852, artigo — França — Paris 16 de Julho.)

[3] O *Economist*, jornal inglez, que se occupa do grande

movimento mercantil entre a Inglaterra e o resto do mundo, comparando onze annos sob a protecção a outros onze annos de commercio livre, dá o seguinte resultado: —

A somma das exportações da Inglaterra para paizes estrangeiros regula nos seguintes periodos.

Em 1834 — 26:909:432 £

Em 1842 — 34:449:587 »

Em 1853 — 65:554:579 »

Para as suas possessões coloniaes nos mesmos periodos.

Em 1834 — 10:254:940 £

Em 1842 — 13:261:436 »

Em 1853 — 33:382:202 »

Eis-ahi a resposta cabal, que merecem aquelles que só vêem a prosperidade do seu paiz no mesquinho systema protector, sem se lembrarem de que a Inglaterra triumphou de todas as tarifas hostis modificando as suas, e chamando todos os povos do mundo a um concurso de mutua liberdade. Póde hoje duvidar alguém desse resultado assombroso? (*D. de Pern.* de 30 de Outubro de 1854).

[4] He uma chimera essa liberdade indefinida, com que os factores de systemas politicos pretendem embair a credulidade do povo; seus proprios systemas desmentem suas theorias. Antes de fallardes dessa liberdade absoluta e incompativel com os laços, que prendem a sociedade, curai antes de suas necessidades mais urgentes, de suas miserias, e de seus padecimentos: a liberdade de todos, diz um philosopho moderno, sem o bem-estar de todos, he uma caldeira sem valvulas, guardai-vos da explosão.

[5] Na ultima statistica da cidade de Paris achamos a seguinte curiosa noticia: Em 1832 a população daquella capital era de 770:286 habitantes, e entre elles havia 68:986 indigentes; isto he, um indigente para cada 11 habitantes. Em 1853 a população de Paris era de 1:053:260 habitantes, e os indigentes montavão apenas a 65:240; isto he, na razão de um indigente para cada 16 habitantes; o que prova um augmento consideravel de bem-estar.

[6] Quando reconhecemos a lei do progresso, reconhecemos tambem que o progresso da humanidade nas vias do bem-estar material não póde estar separado da idéa moral, que he a unica que o consagra e justifica. O contrario seria estabelecer a regra jucunda do prazer sobre o espiritalismo, ou admittir a velha moral de Epicuro hoje geralmente repudiada.

X

O QUE QUER DIZER SOCIALISTA ?

Vejam os agora a razão, porque actualmente se denomina *socialista* a todo aquelle que apresenta uma inovação na ordem social existente, ou ataca qualquer das idéas recebidas ácerca desta mesma ordem social, embora seja a inovação um absurdo, ou o ataque uma trivialidade sem senso commum.

No seculo passado as instituições civis e politicas, intimamente ligadas com as instituições religiosas, offerecião immensos obstaculos para o progresso moral e material da sociedade. Era por tanto mister destruir a sociedade, que existia, atacando os seus fundamentos. O povo, tendo entrado no dominio da *consciencia*, aspirava a entrar tambem na vida civil e na vida politica ; para conseguil-o foi necessario atacar de frente as classes privilegiadas, que estavam na posse de todas as vantagens, que offerecião as instituições daquella época: a lucta começou, e o combate foi a todo transe.

Os philosophos daquelle tempo, chamados *espiritos fortes*, atacárão todos os elementos, de que se compunha a sociedade então. Para ferir os vicios das instituições

civis e politicas, investirão contra a ordem equestre ou o patriciado, e para levar de rojo o castello dos seus privilegios, que parecia inexpugnável, minárão o throno, que era a pedra angular da aristocracia feudal. O throno e o patriciado desaparecerão, e a igualdade nasceu das suas ruínas; desde então acabou o patriciado, porque a sua missão estava concluída. Para destruir os abusos da religião, ou os vícios da igreja, atacárão o proprio dogma; este porém resistiu, porque o dogma era a verdade, mas os abusos ou os vícios desaparecerão.

E porém um clero tão illustrado, como era o do seculo passado, não se deixou vencer sem grande resistencia; á lucta encarniçada dos philosophos oppoz elle o fanatismo religioso, os habitos e os costumes do povo; e quando se viu forçado até a sua ultima trincheira, appellou para a lucta pessoal, para a guerra de emboscada. Os philosophos erão para o clero e para o povo fanatico a besta do Apocalypse, a serpente que enganou a mãe do genero humano, o dragão com a sua lingua de fogo, a meretriz das praças de Babilonia, loucos, possessos, desalmados, leprosos, e finalmente o complexo de todos os vícios e de todos os crimes.

Com effeito, ainda he usual a denominação de *philosopho*, que o povo costuma dar ao deleixado, ao porco por habito, ao maniaco, ao desbrioso, ao deboxado, ao que se prostitue, ou deixa prostituir sua familia, como uma denominação de escarneó, de vilipendio, de desprezo. Entretanto nunca palavra mais digna de veneração foi tão aviltada, nunca missão mais divina foi tão prostituida. A philosophia destruiu, he verdade, os primeiros diques, que se oppunhão ao progresso do genero humano, mas ainda restão muitos obstaculos nos preconceitos populares; ainda estamos fóra da verdadeira senda; cumpre voltar á ella.

Para que o homem se rehabilite, he mister que passe por todas essas provas dolorosas, que são, por assim dizer, os degrãos da sua ascensão desde a quéda até a rehabilitação. Em suas aspirações vê o bem, e o deseja ardentemente, e para alcançal-o procura quasi sempre o caminho mais curto, que nem sempre he o mais facil ou mais plano. Engana-se com as apparencias, e muitas vezes tem

de voltar ao ponto donde partiu para começar de novo a sua peregrinação. O erro he a partilha do homem ; mas rara vez se desengana senão quando á sua propria custa aprende a conhecê-lo. O homem, como o Judeo errante, nunca pára ; na sua marcha continua está fundada a sua missão : eis-ahi a lei do progresso.

Se todos os homens marchassem de accôrdo, não haveria o livre arbitrio : a liberdade da consciencia he tão illimitada como a liberdade do corpo , e essa liberdade não seria conhecida nem apreciada se fôramos guiados por uma lei fatal no pensamento e nas obras. Nesse lidar de todos os dias, de todas as horas, e de todos os minutos apparecem essas divergências, esses accidentes, que tornão os homens desiguaes entre si, e essa desigualdade he uma condição essencial das sociedades humanas. O homem, porém, que aspira sempre á perfeição, julga que essa desigualdade se oppõe aos fins de sua missão, e he por isto que a lucta se acha travada entre os individuos que gozão e os que soffrem.

Destruidas as desigualdades das condições gerarchicas pela lucta tenaz do seculo passado, ainda restavão as que offerecião as riquezas, e por consequencia os gozos pessoaes. Destruir esse elemento de desigualdade, nivelar as condições em todos os sentidos, eis-ahi o fim de alguns homens, que não enxergão nos gozos de outrem senão a vergonha da sua condição ; he o amôr proprio offendido, he a inveja despida de todo sentimento nobre, mas não he a emulação, unica virtude capaz de tornar o homem superior a si mesmo.

Desse sentimento mesquinho nasceu a idéa do *communismo* : he a lei agraria dos Grachos, levada á evidencia de sua irracionalidade por Jovellanos. Atacar por tanto a sociedade actual em suas bases fundamentaes (a propriedade e por consequencia a familia) he ferir o que ha de mais sagrado sobre a terra ; eis-ahi porque, defendendo-se a sociedade desse ataque em seu proprio seio, ella faz esforços para repellir esses corpos estranhos, que perturbão ou retardão a sua marcha em vez de accelear-a. Assim como tornou-se um titulo de escarneo e de aviltamento no seculo proximo passado a denominação de *philosopho*, aliás tão digna de veneração, pelos ataques

repetidos contra as gerarchias sociaes ; no seculo actual tambem se quer tornar ridicula e aviltante a denominação de *socialista* como synonyma de *communista* ; e ainda esta com mais razão, porque não sómente ataca as gerarchias sociaes, mas tambem a familia e a propriedade, sem cujas bases seria impossivel qualquer sociedade humana.

Concluiremos pois, que, se não he nem póde ser philosopho o maniaco, o deboxado, o asqueroso, e o sem-vergonha, muito menos he *socialista* o prostituto de Fourier, o ocioso de Owen, o velhaco de Babeuf, e o corrupto de Saint Simon, cada qual mais louco senão mais tratante.

A sociedade não he nem póde ser a sentina de todas as paixões más. entregues á sua exaltação como o bem-estar supremo do genero humano ; insulto grosseiro, que não vale a pena repellir, porque a missão do homem he mais sublime : elle rehabilita-se pelas provações, e não pelos gozos da carne como os irracionaes. A palavra *socialista* encerra em si uma missão divina, e a ninguem he licito avital-a, prostituindo-a entre a escoria da especie humana..



XI

DA BEATIFICAÇÃO DA ESPECIE HUMANA.

Algumas pessoas de tempera antiga, afeitas a rezar sómente pelo seu breviario, affligem-se muito por essa turba sempre crescente de inovadores, que debaixo do falso titulo de *socialistas* tem concebido e propalado os maiores absurdos contra a sociedade, e avanção que taes absurdos ou inovações, tendentes a destruir os fundamentos da sociedade actual, isto he, a *familia e a propriedade*, fundão-se nas idéas antigas da beatificação da especie humana, que se achão na *republica* de Platão, na *utopia* de Thomaz More (Morus), na *cidade do Sol* de Campanella, e no *codigo da natureza* de Morelly ; e accrescentão mais, que os taes inovadores pouca cousa tem augmentado ao que disserão estes philosophos, senão algumas combinações para chegarem aos resultados praticos.

A verdade antes de tudo ; mas, quem conhece a verdade antes que ella se torne como a luz meridiana ? e sem embargo os cegos a não podem ver, e cegos ha muitos do corpo e do espirito. Como he possivel julgar dos homens por uma palavra, por uma alegoria, por uma ficção, por uma fabula engenhosa, por uma lembrança como uma

prophecia, por uma idéa lançada a esmo como o pensamento perdido no espaço, como um ai no deserto? Não vistes a Galileo abjurando a verdade, que elle proprio descobrira? e no instante mesmo de protestar de joelhos perante os homens, que a terra estava quêda, levantando-se protestar perante Deus, que ella se movia, e esta era a verdade? Imprudente seria aquelle que, ha um seculo, avançasse a proposição da emancipação da escravidão; entretanto no fim do presente seculo a idéa estará realisada. Muitos annos custou fazer calar no espirito dos povos civilizados sómente a necessidade da extincção do trafico, hoje a emancipação absoluta he já um principio corrente.

Entre o patriciado e o plebeismo existia um profundo abysmo no principio do seculo passado; entretanto o plebeismo ganhou uma existencia propria, e em consequencia de reiteradas provas chegou á posse da *consciencia*, depois á vida civil, e finalmente entrou na vida politica. Dessas successivas *iniciações*, dessas vantagens obtidas pelas mais dolorosas provações, nasceu a igualdade, e o patriciado desapareceu. Quem diria ha um seculo, quem mesmo preveria todos esses acontecimentos sem passar por um inovador perigoso?

Será acaso um sonho o projecto da *paz perpetua* do abbade de Saint Pierre? não, porque este publicista e philanthropo, *este philosopho social* he um daquelles genios, a quem a Providencia algumas vezes levanta o véo do misterio, e mostra em perspectiva uma das phases do futuro. Serão os congressos da paz os precursores desta missão providencial? tambem não, porque ninguem póde dizer ás nações — desarmai-vos! Se lhes intimardes por autoridade que se desarmem, ellas augmentarão as suas forças; se porém o fizerdes por conselho, rir-se-hão de vós e da vossa philanthropia.

Os povos se desarmarão quando assim o exigirem seus interesses; quando o homem, eminentemente social, chegar á perfeição do seu ser pela rehabilitação; quando os interesses de todas as nações estejam mutuamente compromettidos e enlaçados desde o oriente até o occidente, desde o norte até o sul. Então a paz universal e perpetua será a lei suprema da necessidade, e ninguem terá mais interesse na guerra, nem esta será possivel.

Vejamos agora se os inovadores modernos fundarão seus systemas nas idéas antigas da beatificação da especie humana, como pretende Belime no seu tratado da philosophia do direito.



XII

A REPUBLICA DE PLATÃO.

Começaremos pela *republica* de Platão. Entre todos os escriptos deste philosopho passa por obra prima o seu dialogo sobre a *justiça*; he o mais bello e o mais interessante de todos os seus dialogos; e como no juizo de Cicero nenhum outro philosopho o igualou, segue-se que, de tudo quanto nos deixárão os antigos sobre a moral e sobre politica, aquella obra he a melhor e a mais bem escripta. A tão decantada *republica* de Platão não he pois outra cousa senão o seu dialogo sobre a *justiça*.

O methodo que Platão segue nesta obra, como em todas as outras, he o que convém á uma conversação familiar; elle se propoz nella duas cousas: 1.^a indagar o que constitue o homem *justo*, ou em que consiste a *justiça*: 2.^a comparar a condição do homem de bem com a do malvado para poder decidir qual das duas he preferivel. Para isto começa propondo a creação de uma republica, porque só comparando o individuo particular com uma sociedade inteira, he que se póde conceber a natureza da *justiça* ou da *injustiça*.

Platão apresenta cinco fórmas de governo, e á estas cinco fórmas essenciaes elle oppõe tambem cinco especies de homens ; isto he, considerando o homem segundo o estado de suas affeições moraes, o philosopho atheniense vai comparando, por uma prudente analogia, cada homem a cada governo, e por fim conclue, que o homem *justo* corresponde ao governo *monarchico*, que he o que elle prefere para a sua republica, e o homem dominado por todas as paixões, sem nenhuma excepção, ao governo *democratico*.

Depois deste engenhoso paralelo, passa a tratar da segunda questão, dizendo que, *assim como o mais feliz de todos os estados he aquelle que he governado por um rei philosopho, isto he, amigo da razão e da verdade, e o mais desgraçado aquelle que tem um tyranno por chefe (Liv. 9.º), do mesmo modo a condição mais feliz he a do homem justo, que obedece em tudo á sua razão ; e a mais miserável a do malvado, dominado por todas as suas paixões.*

Ora pois, pelo que fica dito se collige, que Platão não escreveu uma obra politica no seu dialogo sobre a *justiça*, senão tão sómente uma obra moral ; que elle mesmo confessa, que nem a sua *republica* nem o seu *justo* podião existir taes quaes elle os imaginára ; mas que, para dar uma idéa dos effeitos da *justiça e da injustiça*, era mister ter diante dos olhos dous modelos completos, um da *bondade* e outro da *maldade* ; que quanto mais o homem se approxime de um ou de outro desses modelos, tanto mais feliz ou desgraçado será.

Esta obra contém muitas digressões interessantes, entre ellas a que trata da educação dos *guerreiros* e de suas mulheres. Platão distingue tres classes na sua republica, a saber : os magistrados, os guerreiros, e o povo ; mas sómente falla da communitade das mulheres entre os *guerreiros*, dizendo que as mulheres destes devem ser communs entre todos, afim de formarem uma só familia, evitando dest'arte toda a origem de discordia e de divisão. Será esta communhão das mulheres, *tão sómente entre os guerreiros*, uma proposição absoluta, ou apenas uma allegoria ?

Platão escreveu em um tempo, em que não era licito

aventurar certas idéas ou palavras, que já tinham custado a vida a seu proprio mestre ; muitas vezes serve-se de allegorias para revestir uma importante verdade. Qual seria pois o sentido dessa ficção engenhosa ? O que quereira elle significar por meio da *communidade das mulheres*, sómente entre os guerreiros ? Eis-ahi o que ainda ninguem explicou nem talvez entendeu. Platão, a quem os padres da igreja denominarão o *divino*, aquelle que imaginou o *justo*, verdadeiro Christo do paganismo, não podia manchar tão bello quadro com uma nodoa indelevel como essa da *communidade das mulheres*, principalmente quando a isso se oppunhão os costumes athenienses.

Quem não conhece o *justo* de Platão, o prototypo da sua republica ? He cousa digna de notar-se, que um pagão elevasse um edificio de moral, cuja perfeição he devida a seus proprios esforços, em tanto que os christãos, que se jactão de haver herdado toda a sabedoria antiga, trabalhão por destruir, não só a obra da intelligencia humana e da razão universal de todos os seres criados, senão a da *revelação*, e de uma sabedoria infinitamente superior á toda sabedoria dos homens.

Bem se vê, que não he sobre a chamada republica de Platão, que os inovadores modernos tem fundado os seus systemas, mais ou menos extravagantes, mais ou menos excentricos. Platão, o *divino socialista*, não podia servir de modelo ás maiores aberrações do espirito humano. Agora trataremos de Thomaz Morus e de Campanella para defendel-os de igual accusação.



XIII

DIVERSAS UTOPIAS COM O MESMO FIM.

Thomaz More (Morus em latim) foi grande chanceller da Inglaterra em tempo de Henrique VIII. Era homem de grande sciencia e de muita virtude, tanto que he geralmente citado na historia, assim pela sua integridade como pelo seu desinteresse; além de uma piedade tal, que o levou ao patibulo, por não querer approvar a refórma religiosa, nem prestar o juramento de supremacia. Todos os historiadores inglezes o denominão martir. Morus deixou muitas obras, escriptas em inglez e em latim, todas notaveis pela pureza e elegancia do estilo; a mais conhecida, senão pela materia ao menos pelo título, he a sua *utopia*, ou — *de optimo reipublicæ statu de quo nova insula Utopia, &c.* — obra toda allegorica, imitando a republica de Platão, em que elle propõe idéas originaes sobre a divisão dos bens, sobre o suicidio, &c.

A época em que viveu Thomaz Morus, no principio do seculo XVI, e sobre tudo no reinado de Henrique VIII, não era muito propria para uma liberdade de pensamento, que podesse exprimir o estado presente e as apprehensões sobre o futuro. Morus na sua *utopia* usou de todas essas

allegorias, com que Platão costumava revestir as mais brilhantes verdades ; mas fosse pela ignorancia dos contemporaneos, ou pela pouca extensão, que devia ter uma obra escripta e publicada em latim, o certo he que teve a mesma sorte do *Livro do Principe* de Machiavel, do grande, do immortal philosopho florentino.

Machiavel ou não foi entendido ou expressamente calumniado. Elle não compôz um manual ou tratado de governo ; esboçou apenas o governo ou a politica insidiosa de um principe contemporaneo, não para ser imitado pelo amigo, a quem offerecêra o seu *livro*, mas como uma lição contra a perversidade de um despota, ou contra a sagacidade de um tyranno, tanto mais aborrecido quanta era a hypocrisia de que usava em todas as suas relações internas e externas. Matter porém reivindicou a honra de Machiavel, defendendo-o de todas as imputações, que lhe forão feitas depois da sua morte, e collocando-o no lugar, que lhe compete como o primeiro philosopho, que separou a politica da Religião. (*Matter, Hist. das doutrinas moraes e politicas, &c.* [1])

Thomaz Campanella, frade dominico e philosopho, entre os seculos XVI e XVII, compôz muitas obras de philosophia todas em latim ; e como appendice da sua *realis philosophia* escreveu tambem a *Civitas Solis*, que he uma allegoria no genero da republica de Platão, muito em moda naquelle tempo. Note-se mais, que tambem escreveu sobre a magia e sobre a astrologia, á que elle dava inteiro credito. Entretanto quem tiver lido a *Cidade do Sol* de Campanella reconhecerá que nada tem de commum com os innovadores modernos senão pela singularidade de alguns pensamentos.

Morelly pelo contrário he o que mais se approxima dessas maximas extravagantes, não tanto no seu — *Principe, ou Systema de um governo sabio* — mas no seu *Código da natureza*, obra attribuida então a Diderot, e que l.a Harpe refutou largamente na sua *Philosophia do seculo XVIII*. Nessa *utopia* Morelly dá como fundamento da sociedade a communhão dos bens, e eis-ahi no que parece assemelhar-se um pouco ao systema moderno de *communismo*. Todavia está muito distante dessas theorias especulativas dos novos communistas, porque Morelly

fôrma uma republica desde o principio, onde tudo coloca á sua vontade, e á medida dos seus fins; os communistas porém querem emendar o mundo como elle existe, e reduzir-o ao que deve ser, ou ao que elles pretendem que seja.

O que he certo porém he que Morelly, Babeuf, Fourier, Saint Simon e Owen são abelhas da mesma colmêa, e trabalham como todos na obra da rehabilitação; para que haja regularidade no trabalho convém estar de accordo entre todos, senão nos meios ao menos nos fins. As abelhas sahem do cortiço á cata das flôres, umas vão ás laranjeiras, e trazem o favo cheiroso da flôr de laranja, outras ao pecegueiro, cuja flôr he venenosa, e entretanto o mel he sempre são e delicioso. Differimos, he verdade, nos meios, mas havemos de alcançar os fins, que são o *bem-estar*. Loucos, maniacos, excentricos, não importa, todos são abelhas da mesma colmêa, e temos dito tudo.

[4] Tal era sem duvida a intenção de Machiavel, escrevendo o seu *Princepe*; mas como suas doutrinas escriptas em 1513 a 1515, e publicadas em 1532, erão as praticas puras de Luiz XI, Fernando V, Ricardo III, Henrique VII, Alexandre VI, Cezar Borgia, Julio II, e das republicas de Veneza e de Florença, achá-rão por isso mesmo écho no interesse da Europa, e sympathias pelo absolutismo real, que ellas estabelecão.



XIV

A FAMILIA E A PROPRIEDADE.

Dissemos que os fundamentos da sociedade actual erão a *familia e a propriedade* (X). Oppor-se-hão ao designio da Providencia esses fundamentos? isto he, se-rão obstaculos para essa tendencia do genero humano a formar uma só e immensa familia, esparzida pela superficie do globo? Não, pelo contrário; sem a familia e sem a propriedade seria impossivel realisar esse *desideratum*. Temos para nós que a familia he de instituição divina; Deus criou o homem á sua imagem, *macho e femea os criou*; Deus os abençoou, e disse: crescei e multiplicai, e enchei a terra. O nucleo da familia he o casal (marido e mulher) e o matrimonio tambem he de instituição divina; por tanto a pedra fundamental da sociedade he a *familia*; destruil-a seria destruir a sociedade, que nella se funda.

Escusado seria dar agora a definição da *propriedade*; basta recorrer aos jurisperitos, que andão por mãos de todos. Quér se considere a propriedade debaixo do ponto de vista do direito da livre permuta e da transmissão, ou do proprio uso, isto he, do gozo da cousa possuida, o cer-

to he que ella he inherente á familia. Argumenta-se contra a propriedade pelo abuso, mas o abuso não constitue direito ; e se chamais á propriedade um roubo, como chamarei eu áquelle, individuo ou governo, que me prive da economia do meu trabalho, ou do suor do meu rosto ? Considerai a familia como quizerdes, desde a tenda volante do patriarcha até o palacio do magnata, a propriedade acompanhará sempre o desenvolvimento da especie humana desde o estado natural ou primitivo até o da mais elevada civilisação. [1]

Desde a primeira familia houverão pastores e agricultores, porque a Escriptura nos diz, que Abel fôra pastor de ovelhas, e Caim lavrador (Gen. c. 4, v. 2.) Os povos pastores forão no seu principio errantes (dibras) por causa dos pastos, como ainda hoje os Arabes do deserto ; sem embargo a propriedade deveria ser desde logo a consequencia necessaria da familia : cada qual teve o seu rebanho. O lavrador pelo contrario prende-se á terra que lavra ; o homem do campo considera a sua granjaria como obra de suas mãos, e tudo quanto o cerca he para elle um motivo de gozo, porque satisfaz o seu orgulho. Um dos resultados mais importantes da agricultura no seu começo foi a vantagem de reunir muitas familias, e de poderem communicar entre si. Daqui data a historia, porque he donde começa a tradição. Daqui tambem a origem da primeira sociedade, porque foi quando nasceu a propriedade. [2]

O homem, diz Mr. Thiers, tem uma primeira propriedade na sua pessoa e nas suas faculdades ; tem uma segunda menos adherente ao seu ser, mas não menos sagrada, no producto das suas faculdades, que abraça todas as cousas, chamadas *bens deste mundo* ; o que a sociedade he interessada no mais alto ponto a *garantir-lhe*, porque sem esta garantia não ha *trabalho*, e sem trabalho não ha civilisação (ainda a necessaria) mas *miseria, rapina e barbaria*. E Mr. Bastiat accrescenta que : *privar a um homem das suas faculdades, ou do producto dellas*, dá o mesmo resultado, e a este resultado chama-se *escravidão*. Nova prova da identidade de natureza entre a *liberdade e a propriedade*. Emfim Mr. Bastiat tambem vê, como Mr. Thiers, a propriedade primeiramente na livre disposição da pessoa, ao depois das faculdades, e final-

mente do producto das faculdades, o que prova, para dizel-o de passagem, que a propriedade e a liberdade até um certo ponto de vista se confundem. [3]

Vejamos ainda como no principio as faculdades do homem se desenvolvêrão por meio da liberdade. O desejo de abastança e dos prazeres incitou o homem á novas descobertas para obter maior gozo da propriedade. O contacto entre os homens estimulou a sua ambição; movidos pela inveja e pelo ciume, procurarão avantajarse mutuamente; e para conseguil-o, puzerão em jogo todas as fôrças do corpo e do espirito. Então forão apparecendo insensivelmente os melhoramentos parciaes, que confortão a existencia, que desenvolvem as fôrças da natureza, e tornão mais productivas e mais brilhantes as faculdades intellectuaes do homem. Vêde o que está passando ultimamente a vossos olhos: a supremacia do homem, ou de uma nacionalidade, já se não consegue pela conquista das armas, mas por outra muito mais efficaz e duradôra, pela da industria e do commercio. Nesta nova lucta, em que se empenhão as nações, tudo se transforma, terreno e competidores; o terreno de hoje em dia he o da industria, as fôrças belligerantes os *capitães*.

Depois de tantas luctas, que se prolongão através dos seculos, depois da transformação radical e quasi completa, que soffrem as nações, operada pelo desenvolvimento progressivo da civilização moderna, o espirito commercial vence e muda a face do mundo. Bani delle a propriedade, isto he, o direito da *livre permuta*, [4] o que seria da civilização actual? O espirito commercial, o amor do ganho, he o vehiculo poderoso para exercer essa potencia invisivel, mas soberana, que vai unindo os povos através dos mares, e plantando a civilização por toda a parte. A lei providencial do *socialismo* como que se revela por esse afan de gozar, por esse anhelos do *bem-estar*. Reduzir pois o mundo á casas conventuaes, a verdadeiros asylos monasticos, que tanto importa abolir a familia e a propriedade, he não só profundá ignorancia do coração humano, como até rematada loucura. [5]

Não foi de certo em Platão, e muito menos em Thomaz Morus ou Campanella, que os inovadores modernos forão beber as lições da extinção da propriedade privada e

a propriedade
 he a base
 do commercio

da familia ; pelo contrario parece antes que as forão buscar nas instituições religiosas. Vendo elles que os primeiros e mais felizes reformadores forão os fundadores das ordens monasticas ; que estes realisárão em seus retiros o trabalho em commum, a fraternidade evangelica, e a suppressão da propriedade individual, assentárão de applicar á sociedade inteira, como regra, o que era apenas uma excepção ; sem contarem que aquelles fundadores só chegarão a este resultado por meio do sentimento religioso, separando o homem absolutamente da familia. Estes nunca pretenderão obrar sobre a sociedade inteira, senão sómente sobre algumas almas escolhidas, pois que a primeira de suas regras era a do celibato : o homem, sequestrado por esta maneira da sociedade, morria em vida para ella. (*Belime, Phil. do Dir.*)

Todavia, ainda outro exemplo nos offerece a historia para provarmos, que os inovadores modernos se approximão muito mais dessas seitas extravagantes, em que entra mais a mania da singularidade que o desejo verdadeiro e ardente de reformar a sociedade. Queremos fallar dos *Irmãos Moravos*, que tambem vivem em communidade religiosa, mas de maneira distincta dos nossos conventos ; elles estão para os mosteiros como a religião protestante para o catholicismo. Suas casas espalhadas pelos dous emispherios com os nomes biblicos de Bethlem, Genezareth, Monte Libano, &c. ; apresentam communidades de familias, entre as quaes tudo he commum. Cada irmão exerce uma industria, porém por sua morte não são os filhos que herdão, senão a *communidade*. Os filhos recebem uma educação em commum ; os matrimonios se fazem tão sómente por conveniencia, e jámais por motivos de interesse. Todos os officios ou profissões são exercidos nestas casas, onde reina a mais completa igualdade. (*Reybaud, Etudes sur les reformateurs, &c.*)

Para dirigir qualquer destas casas he eleito um *mestre* por todos os irmãos ; assim como uma *mestra* (que não pôde ser a mulher do mestre) he encarregada da superintendencia dos cuidados domesticos. A comida faz-se em commum. E porém qual he o movel de toda essa organização mistica ? Notai bem, he o zelo religioso levado ao ponto de fanatismo. Todas essas communidades são

animadas de um zelo ardente, que he o principio e a base de sua força ; todas ellas se fundão sobre uma associação puramente voluntaria, penhor de todo esse zelo fervoroso. Todavia, tem essas associações prosperado ? Vão ellas nas vias do progresso ? pelo contrário, muitas dessas mesmas associações, retalhadas por intrigas domesticas, tem soffrido luctas intestinas, e os irmãos acabárão retirando-se no mais profundo desacorçoamento. (*Raynal, Hist. Phil. t. 4.º l. 8.º*)

O certo he que o mundo não póde retrogradar ; o genero humano em seu rapido vôo, para alcançar o bem-estar moral e material, lança-se atravéz de todos os perigos, de todos os soffrimentos por meio das provações mais dolorosas, afim de melhorar a sua condição, e rehabilitar-se. Como ha-de pois voltar ao estado quasi selvagem, quando esse estado he uma degeneração da especie humana ? O estado de natureza he um absurdo, diz Mr. Ballanche, e eu digo muito mais, porque não he só contrário á razão, mas oppõe-se á essencia do homem, porque elle he em ser eminentemente social. Notemos agora quaes são os principaes systemas em voga, chamados *socialistas*. Compararemos suas doutrinas entre si, e vejamos se he possivel conceber-se tanta loucura, estando no seu proprio juizo.

[1] — Hip. Passy — Da desigualdade das riquezas, e das causas que a produzem. —

[2] A base, sobre que descansa todo o edificio da sociedade, he a propriedade. — *M. G. de Molinari — Entretiens sur les lois économiques, &c.*

[3] « A propriedade he sagrada, porque representa o direito da propria pessoa. O primeiro acto do pensamento livre e pessoal já he um acto de propriedade. A nossa primeira propriedade he a nossa pessoa, he o nosso eu, he a nossa liberdade, he o nosso pensamento ; todas as outras propriedades derivão-se desta e reflectem-na. »

« O acto primitivo da propriedade consiste na livre imposição da pessoa humana sobre as cousas ; he por esse modo que as faço minhas. Desde então assimiladas a mim mesmo, assignala-

das com o zelo de minha pessoa e do meu direito, deixão de ser simples cousas em relação aos outros, e por conseguinte não ficão mais sujeitas á sua occupação e appropriação. A minha propriedade participa da minha pessoa, substitue-me nos meus direitos, se assim me posso exprimir, ou para melhor dizer, os meus direitos me seguem nella, e são estes direitos que merecem o respeito dos outros. » (V. Cousin — da Justiça — D. de Pern. 28 de Fevereiro de 1855.)

[4] Em uma representação da associação commercial do Havre, dirigida contra as tarifas protectoras, que Mr. Bastiat transcreve na sua resposta a Mr. Thiers, encontramos uma prova da nossa asserção no seguinte fragmento : —

« A *permuta* he um direito natural, assim como a *propriedade*. Todo o cidadão, que creou ou adquiriu um producto, deve ter a opção ou de applical-o immediatamente ao seu uso, ou de cedel-o a quem quer que na superficie do globo consinta em dar-lhe o objecto, que elle prefere em troca. Prival-o desta faculdade, quando elle não faz della uso algum contrário á ordem publica, aos bons costumes, e unicamente para satisfazer a conveniencia de outro cidadão, he legitimar uma expolição, he violar a lei da justiça. »

« Tambem he violar as condições da ordem ; por quanto, que ordem pôde existir no seio de uma sociedade, onde cada industria, ajudada nisto pela lei e pela força publica, procura medrar com a oppressão de todas as outras ? »

« He desconhecer o pensamento providencial, que preside aos destinos humanos, manifestado pela infinita variedade dos climas, das estações, das forças naturaes, e das aptidões ; bens que Deus não repartiu tão desigualmente pelos homens, senão para unil-os pela *permuta* nos laços de universal fraternidade. »

« He contrariar o desenvolvimento da propriedade publica, por quanto quem não he livre de *permutar*, tambem não he de escolher o seu trabalho, vendo-se por tanto obrigado a dar falsa direcção aos seus esforços, ás suas faculdades, aos seus capitaes, e aos agentes que a natureza pôz á sua disposição. »

« Emfim he comprometter a paz entre os povos, porque he quebrar as relações que os unem, e que tornão as guerras impossiveis á força de tornal-as onerosas. »

« A *associação* pois tem por fim a *liberdade das permutas*. »

[5] Vêde Nota [3] á pagina 32.



XV

OS REFORMADORES MODERNOS.

Oiçamos a Mr. Reybaud. Os reformadores modernos não admittem refórmas parciaes ; para elles não ha salvação fóra de uma completa reconstrucção da ordem social. Nada do que existe lhes parece em seu devido lugar ; tudo está impregnado de uma falsidade systematica, a ponto de ser impossivel conhecer o que seja o verdadeiro estado normal da humanidade. Estes regeneradores tem os mais vastos projectos : sciencia alguma lhes escapa ; a vida presente e a vida futura, Deus e o homem, a terra e o Céu, eis os elementos de que dispõem : o globo inteiro he o theatro de suas experiencias. Philosophos, legisladores, prophetas, reveladores, economistas e moralistas ao mesmo tempo, pretendem quebrar o estreito circulo das nacionalidades para fazer sahir delle a unidade terrestre. Nunca houve sinthese mais vasta, sem limites, infinita, universal.

A humanidade soffre, não ha duvida ; eis-ahi a lei providencial da rehabilitação pelas provações ; e como existe o mal, alguns o querem curar por meio de uma panacea universal, em vez de se contentarem com um aper-

feiçãoamento gradual, applicando nos pontos mais dolorosos alguns topicos de uma efficacia certa e conhecida. A pretensão de curar radicalmente a humanidade dos males, que a affligem, não he nova ; em todos os seculos tem apparecido esses espiritos aventureiros, que se lanção nos espaços imaginarios, inventando cosmogonias, e prophetizando todo o genero de absurdos.

Todavia, ha um facto singular a observar, e he que entre todos os reformadores, os unicos que sempre tem abortado são aquelles que tem querido tomar por movel de suas transformações. o *principio social*. No estado completo das relações humanas ha quasi sempre metamorphoses rapidas ; pelo contrário no estado das sociedades não ha, nem tem havido nunca senão modificações lentas e successivas. A religião tem soffrido grandes reformas ; a politica transformações ; a industria, a navegação, todas as sciencias emfim tem passado por alterações ou modificações completas em consequencia de novas descobertas ; ao passo que o estado social, propriamente dito, em quanto tudo se renova ao redor d'elle, apenas obedece á esse movimento lento, que só permite alterações, por assim dizer, superficiaes. [1]

Os reformadores modernos deverião reflectir sobre esta resistencia de todas as civilisações, antes de entrarem no ensaio de suas combinações imaginarias. O mais difficil neste caso não he formular um systema, crear novas instituições, legislar profusamente para metter o genero humano a caminho ; mas achar quem se preste a todas essas experiencias. Entre os mais ousados inovadores tres ha sobre todos, que se fizerão notaveis pela vastidão de seus planos, e pela importancia de suas concepções : Saint Simon, Carlos Fourier, e Roberto Owen. Todos tres fizerão longos commentarios sobre o nosso estado social ; e quem quizer conhecer a fundo as miserias da civilisação actual procure nos livros daquelles inovadores a pintura de suas imperfeições e dos seus viciós. [2]

Quér neste ponto de vista, quér na apreciação de seus elevados e insolitos pensamentos, não são esses reformadores homens, que se devão desprezar. Com quanto suas idéas organicas sejam chimericas, ainda assim offerecem em suas relações pontos de contacto com a marcha gra-

dual do genero humano. Todos desejão o bem-estar ; a questão reduz-se aos meios, e os inovadores procurão o caminho mais curto. Suas idéas são taes a este respeito, que se fosse possível realisal-as, produzirião maior mal á humanidade do que a sua actual condição. E assim devia ser, porque sempre foi cousa mui facil demolir, ao passo que reedificar he tarefa mui difficil e de grande trabalho. Entretanto vejamos quaes são os planos gigantescos de palingenesia dos três mencionados reformadores, de cuja originalidade e extensão ninguem póde duvidar.

[1] Garnier-Pagés. Dict. polit.

[2] Id.



XVI

SAINT SIMON.

Claudio Henrique, Conde de Saint Simon, pertencia á mais elevada aristocracia da França, porque era descendente da nobre e antiga familia dos condes de Vermandois. Servio, sendo ainda muito moço, na guerra da independencia dos Estados-Untidos ; e foi feito coronel depois de sua volta á França ; porém deixou o serviço para dedicar-se a projectos de utilidade publica. Depois da revolução de 1789, que elle approvou, occupou-se de certas especulações sobre a venda dos bens nacionaes, de que não tirou proveito. Finalmente concebeu o projecto de reorganisar as sciencias e de *reconstruir a ordem social* ; viajou, e fez mil experiencias extravagantes, em que sacrificou a sua propria fortuna. Reduzido á miseria, tentou suicidar-se, mas não teve animo para assegurar o golpe, ficando quite apenas com a perda de um olho. Morreu em 1825 nos braços de seus discipulos, verdadeiros propagadores do seu systema.

Saint Simon he o fundador de uma escola chamada *industrial* ; porque por meio da industria pretendia melho-

rar a sorte da humanidade, e sobre tudo das classes pobres. Emquanto á suas doutrinas eis-ahi o que diz Belime no seu tratado da Philosophia do Direito.

« O *san-simonismo* foi annunciado para destruir pelos fundamentos todos os privilegios do nascimento, com preferencia os da *propriedade e hereditariedade*. A maxima fundamental dos novos apóstolos era : *a cada um segundo a sua capacidade, á cada capacidade segundo as suas obras*. O systema religioso era uma especie de Divindade, creada unicamente para satisfazer a consciencia dos homens ; os mesmos apóstolos nunca poderão definir esse Deus pantheistico, o primeiro ocioso do seu systema. Todas as theorias relativas á propriedade se concentram na municipalidade (*mairie*) constituida pela seguinte maneira :

« O municipio (la commune) unico proprietario do solo, comprehendido em seus limites, dos instrumentos do trabalho, e até dos capitaes, dá a cada um, segundo a sua capacidade, o fundo que necessita para trabalhar ; os fructos da industria pertencem ao trabalhador em propriedade como um estimulo á sua actividade. O chefe do municipio he revestido do poder consideravel de apreciar as capacidades, de decidir das vocações, e de marcar pelo merecimento de cada individuo a porção do solo ou de capitaes, á que elle tem direito. O chefe deve regular-se nesta repartição ou distribuição pelo talento, pela boa fama, pela ancianidade, e nunca pelo favor. Toda especie de hereditariedade he abolida. O chefe do municipio póde conceder aos filhos do defuncto uma parte, ou ainda mesmo a totalidade do haver, que elle deixou, mas tão sómente se os filhos forem *capazes*, e não a titulo de herdeiros ou successores. »

Agora Mr. Reybaud (*Etudes sur les reformateurs modernes*). *Saint Simon* imaginou submeter o mundo á uma especie de theocracia. Parecendo-lhe que a origem da maior parte de nossos males era a divisão do poder entre o espirital e o temporal, convinha depositar nas mesmas mãos ambos estes elementos [1]. O áscetismo christão, a abnegação de si mesmo, e o desprezo pelos prazeres da terra, erão a consequencia desta separação entre o elemento ideal e o elemento positivo, entre o espirito e

o corpo. Uma fusão de influencias e de autoridade devia acabar esta lucta. Em lugar de um *Papa* e de um *Rei* ou *Imperador* era mister eleger ou proclamar um *pai* (père); e depois, dividindo a sociedade em tres classes: *sabios, artistas, e industriaes*, dar a direcção della aos mais sabios, aos melhores artistas, e aos maiores industriaes.

Estes chefes do poder não tinham necessidade de *investidura*; mas por si mesmos devião conhecer a sua força, e tomar o seu lugar; a familia humana os reconheceria por suas obras. Desde então o novo laço social, debaixo deste regime, deveria ser a *affeição*, o amor, e não o mêdo ou temor. Estabelecida a nova jerarchia tudo correria ás mil maravilhas; cada um tomaria o seu lugar segundo a sua capacidade, e cada capacidade seria regulada na razão de suas obras. *A humanidade não formaria desde então senão uma só e a mesma familia*, e a terra um só campo cultivado em commum; mas cujos fructos serião repartidos entre todos os cooperadores segundo uma lei de justiça distributiva, ficando assim tudo á discrição dos mais *capazes*.

Tal he o bosquejo do sytêma de Saint Simon, e por semelhante concepção vê-se claramente tudo quanto contém de falso e de arbitrario. De 1830 a 1833 seus discipulos tentárão pôr em pratica as doutrinas do mestre, pregando em uma pequena igreja de Paris, onde representávão a mais ridicula mascarada. Por uma interpretação cerebrina da rehabilitação do principio sensual, os San-simonianos chegarão á mais extravagante moral, e declararão aquillo que na sua algaravia chamavão a *emancipação da mulher*, isto he, uma verdadeira promiscuidade.

Os San-simonianos não poderão sobreviver a este derradeiro escandalo, e tiverão de dispersar-se debaixo de apupadas e de assobios. Um *papado* politico, investido de poderes discricionarios, e dispondo soberanamente da sorte e da posição de todos os individuos na sociedade; ao mesmo tempo pregando o dominio sensual debaixo da capa fallaz e esfarrapada da *igualdade dos sexos*; não era por certo uma doutrina, que merecesse tanta attenção, ou que podesse resistir por muito tempo ao aresto da consciencia publica. Temos nós necessidade de refutar

semelhantes disparates? não, mas he verdade que Saint Simon, como os outros reformadores, muito concorreu para sondar a chaga infecta que cobre o corpo social.

Em todos estes systemas notareis sempre a lei providencial, que se revela por entre tantos desvarios, isto he, a tendencia do genero humano para formar uma só familia. A escolha dos meios para conseguil-o póde ser arbitraria, e mesmo erronea, porque tal he a partilha do homem, mas o certo he que todos trabalham para lá chegar; são, como já dissemos, abelhas da mesma colmêa. O genero humano marcha, porém com o seu passo lento e pausado; acceleral-o seria precipitar-se, e o homem desde a sua quêda tem-se elevado muito, de tal sorte que se despedaçaria irremissivelmente se tornasse a cahir: *serva te ipsum.*

[4] Para que se veja a extravagancia de semelhante systema basta observar que, quando todos os philosophos modernos clamão contra a reunião dos dous poderes (espiritual e temporal), como contrária á liberdade civil e religiosa, ou como a representação da mais pura *autocracia*, Saint Simon ousa invocar este principio como a suprema lei da ordem social! Neste caso o seu systema já se acha perfeitamente plantado na Russia, onde o Imperador exerce uma verdadeira theocracia real. Que idéa faria esse homem da liberdade humana, se entende que o poder devia pezar tanto sobre o corpo como sobre a consciencia! Se taes são os reformadores modernos, livre-nos Deus de semelhante peste.



XVII

FOURIER.

Carlos Fourier, fundador da escola de economistas reformadores, chamada *societaria* ou *phalansteriana*, nasceu em 1768, e morreu em Paris no anno de 1837. Era filho de um mercador de pannos em Besançon, e foi caixeiro de diversas casas de commercio até a idade de 60 annos. Desde moço que se havia elle dedicado á certas indagações especulativas sobre a organização da sociedade; e escreveu muito não só a este respeito como também sobre uma nova cosmogonia imaginada por elle: era também *illuminado*.

Consultando agora Mr. Belime, Mr. Reybaud, e ao proprio Fourier (no seu *Mundo industrial*) daremos o extracto das doutrinas e do systema deste reformador, o mais engenhoso entre os modernos, e o que incontestavelmente tem mais merecimento. Começaremos pois pelo resumo de Mr. Belime:

« Depois dos *San-simonianos* vem os *Fourieristas*, que já não pretendem a abolição da *propriedade*. A máxima deste novo apóstolo era: *a cada um segundo o seu capital, seu trabalho, e seu talento*. Fourier quer uma

refundição completa da sociedade, que actualmente descança sobre uma base viciosa, isto he, sobre o fraccionamento e a rivalidade das forças individuaes, em quanto que todo o bem deve sahir da associação. Esta associação realisa-se no *Phalansterio*, onde cada qual he livre de entrar ou deixar de entrar. Um *Phalansterio* he uma especie de mosteiro de homens e mulheres, composto de perto de duas mil pessoas. Todas as profissões uteis á sociedade são alli exercidas. Toda a pessoa he tambem admittida com o seu capital, ou com a sua industria, os quaes lhe dão um direito proporcional na distribuição dos lucros. »

« A *Phalange*, donde o *Phalansterio* tira o seu nome, se divide em series, as series em grupos, os grupos em sub-grupos, segundo a divisão do trabalho, a que estas pessoas são dedicadas por afeição. Fourier notou (o que todo o mundo sabe), que tanto mais o trabalho he dividido e especializado, quanto maior lucro deixa: he a historia dos alfinetes, 50 dos quaes custão um vintem. Tudo consiste em aproveitar e utilizar a vocação especial de cada individuo, deixando-lhe inteira liberdade na escolha de qualquer genero de trabalho; bem entendido que o sexo não será mais uma causa de incapacidade no estado societario, e que uma mulher poderá exercer a medicina (como ultimamente nos Estados-Unidos), administrar justiça, ou commandar exercitos (como Artemisa, Semiramis, &c); assim como um homem poderá fazer meias, ou ser uma boa ama de crianças, &c. »

« O *mestre* está adstricto a marcar e a dirigir todas as funcões do *Phalansterio*, desde os meninos de peito, que serão embalados por machina, até a cozinha, onde haverá sete ordens de espetos voltados por meninos de uma idade correspondente. O grande mal da sociedade, tal qual a vemos hoje, consiste, segundo Fourier, em que as paixões dos homens contrariadas, comprimidas sem cessar, produzem pela resistencia, que ellas encontrão, os crimes, os vícios e a degradação dos individuos. Deixai á essas paixões seu curso livre, e estas torrentes devastadoras se tornarão um motor util, de que a industria socialista saberá tirar partido. »

« Em consequencia deste principio he que o *livre*

amor será a lei do Phalansterio ; em outros termos, que o casamento será abolido, e haverá por consequencia communidade de homens e de mulheres, ou mistura entre os dous sexos : meio violento, mas infallivel para impedir a devassidão. [1] O Phalansteriano rico não será obrigado a trabalhar ; poderá ficar ao seu quarto, ou passear nas grandes avenidas cobertas, feitas de proposito para recreio ; porém os ociosos, se não são totalmente banidos do systema, serão pelo menos mui raros. Emfim, em quanto á divisão dos immensos lucros, que o trabalho commum tiver accumulado, será pelo voto e pela eleição que se fará o dividendo, tendo em consideração não só os capitaes empregados, como o trabalho e a industria dos societarios. »

Reybaud accrescenta [2] que, quanto aos fructos do trabalho devem ser repartidos entre os tres agentes directos da producção : o *capital*, o *talento*, e o *trabalho*. Nesta divisão tem o trabalho a preferencia sobre o capital e o talento ; e entre toda a especie de trabalho são os mais rudes e repugnantes aquelles que são mais bem retribuidos. A concepção do reformador não se estende sómente ao interesse, mas prevê tudo, abrange tudo ; não só as leis cosmogonicas do universo, como a transmigração das almas, seu estado futuro, &c. Os phenomenos astronomicos o occupão igualmente, e provocão revelações curiosas ; são loucuras, mas loucuras cheias de encanto, e de suavidade.

Dest'arte cuida *Fourier*, e provê ao governo do seu globo. Crea villas, capitaes, e uma metropole universal ; dá-lhes chefes, desde o *Unarcha*, que governa um Phalansterio, até o *Omniarcha* Imperador do Planêta : he um mundo completo cheio de uma sociedade tambem completa. A imaginação fez o seu ultimo esforço nessa concepção, porque he impossivel crear outra chimera semelhante. Todavia entre todas essas extravagancias apparece alguma cousa de serio, e he o mecanismo de uma associação ao mesmo tempo domestica, manufactureira e agricola, em que se trata de dar ás paixões uma liberdade menos subversiva, e ao trabalho mais attractivo.

E com tudo, como se manterão a ordem e a paz na associação phalansteriana ? Porque meios evitar-se-hão

as frequentes rixas, que devem nascer do tal *livre amor*? Como achar-se-ha gente, que se encarregue por gosto de trabalhos vis e repugnantes? Porque segredo será cada um justo para com os outros na partilha final dos lucros, e contente com a parte, que lhe tocar? Emfim qual será o principio da boa harmonia, que fará marchar sem grandes attritos a machina societaria com um accôrdo de vontades, que não existe entre os homens de hoje? Toda esta magia será produzida por tres novas paixões, desconhecidas até Fourier no coração dos homens, e que elle denominou *Papillonne*, *Cabaliste*, e *Composite*. A *Papillonne* (borboleta) tende á satisfação de todas as paixões, e por consequencia á variedade nos gozos. A *Cabaliste* cria a emulação entre os diversos grupos para que rivalisem entre si: ella excita e impelle para o trabalho. A *Composite*, de todas as paixões a mais romantica, a mais irreflectida, he a que resulta de muitos prazeres da alma ou dos sentidos provados simultaneamente; he por esta paixão que nós sentimos o enthusiasmo pelo *bello*.

Fourier affirma que, por meio destas tres paixões, que elle chama *mecanisantes*, uma nova era virá para a humanidade; que em um Phalansterio de 1:810 pessoas, cada individuo *amará* ardentemente a todos os outros; que a ambição desaparecerá; que os mesquinhos ciumes serão abafados pelo immenso *bem-estar*, resultante do regime harmonico; que emfim a benevolencia universal será tão grande, que estabelecerá entre os testadores e legatarios, quér sejam consaguineos quér adoptivos, uma affeição tão viva, que o herdeiro desejará prolongar a vida do testador ao inverso do que succede presentemente.

Eis-ahi pois Fourier como Saint Simon de accôrdo sobre a necessidade de formar do genero humano uma só familia para conseguir o *bem-estar*, porque, como já dissemos, o bem-estar individual depende do bem-estar universal. Differem os homens nos meios, he verdade, para chegarmos a esse fim tão desejado; mas nisso mesmo consiste o livre arbitrio. No meio do grande oceano da vida que muito he, que andemos incertos no caminho do porto do nosso futuro destino? E com tudo lá chegaremos, porque tal he a vontade de Deus: **rehabilitemo-nos.**

[1] Agora somos nós por nossa vez, que trataremos de justificar a Fourier de uma das mais graves arguições, que se lhe faz; não o justificaremos como christão, ou como moralista, mas como reformador *economista*. Com effeito parece extraordinario que uma sciencia, a Economia politica, que tanto tem concorrido para melhorar a sociedade actual, esteja recheada de tantos paradoxos; que a sciencia, que mais tem desenvolvido os elementos da prosperidade publica, contenha em seus principios tão grandes absurdos. Os *economistas*, homens dos factos e das cifras, pretendem, como todos os architectos de systemas, dogmatisar em tudo e por tudo; hoje estabelecem uma these, amanhã esta these he um axioma, uma verdade demonstrada, e depois um dogma, de cuja infalibilidade não he licito duvidar.

Erros, e erros mui grosseiros, hypotheses gratuitas tem dado causa a um milhão desses paradoxos e absurdos, como a balança do commercio, o equilibrio da população, a distribuição da riqueza, a propriedade individual, &c. Tomaremos pois a these sobre o *equilibrio da população* para a justificação, que emprehendemos. Uma tal porção de territorio não póde conter e manter senão um certo numero de individuos; eis-abi o erro sobre que se fundou Malthus para dizer com o tom dogmatico de um doutrinario: « Se um individuo qualquer nasce em um paiz já occupado, se sua familia não tem meios para sustentá-lo, ou se a sociedade não precisa do seu trabalho, esse individuo não tem direito a reclamar a minima porção de alimento, e por consequencia está demais sobre a terra. »

Como se Deus quizesse enganar, mandando ao genero humano *crescer e multiplicar-se*, e encher toda a terra, pretende o mesmo autor, que no grande banquete da natureza não haja lugar para aquelle que nasce em um paiz já occupado: a natureza, diz elle, manda que se retire, e fará cumprir por si mesma a sua ordem, se não fór logo executada. « Tanto peor para aquelles que são de mais sobre a terra; porque muito difficil, senão impossivel, seria dar pão a todos quantos morrem de fome. Como a população tende incessantemente a exceder os meios de subsistencia, a *caridade seria uma loucura, um incitamento para a miseria.* »

E como se este erro, tão contrário á razão como aos instintos da humanidade, não fosse sufficiente para negar fé implicita á semelhante blasfemia, houve ainda homem mais audaz, discipulo de Malthus, que levou adiante as conclusões da sua doutrina, propondo o sacrificio dos recém-nascidos, e aconselhando a *asphixia para os filhos dos pobres*; como se houvesse algum de mais neste mundo pela maior parte vasio, pela maior parte desoccupado: he o *Budhismo* chamado a substituir o *Christianismo*.

Este mesmo erro, que em Malthus e na sua escola produziu

a mais horrivel das blasfemias contra a mais perfeita das obras de Deus, não era muito que em Fourier excitasse apenas uma *immoralidade*. O *equilibrio da população* ! como estabelecê-lo, como prevenir essa tendencia da especie humana para exceder os meios de subsistencia ? Um discipulo de Malthus aconselha a asphixia para os filhos do pobre, Fourier prefere que não nascão a fazel-os morrer depois de nascidos ; ha nisto pelo menos mais humanidade, e não sei mesmo se mais moralidade.

E como pretende Fourier prevenir esse crescimento espantoso da especie humana ? por meio da *prostituição integral*, segundo diz Proudhon : « he ella a chave da solução *fourierista* ao problema da população. Está provado, diz Fourier, que n'um milhão de vezes as meretrizes concebem uma vez ; mas a vida caseira, os cuidados domesticos, e a castidade conjugal favorecem eminentemente a procreação. Se pois, em vez de nos ajuntarmos por casaes, e favorecermos a fecundidade por meio da exclusão, *nos prostituirmos todos*, está achado o *equilibrio da população*. Amor livre he amor esteril. »

Entretanto accusa-se Fourier, e ninguem se occupa de Malthus nem de seus discipulos ! Se fosse verdade que o mundo estivesse presentemente todo occupado, e que já não fosse possível conter mais um só individuo, declaro que preferiria em todo caso, que não nascesse, a vel-o matar depois de nascido. Felizmente para a humanidade Malthus e Fourier estão mui distantes da verdade, e apenas nos convencem de que o erro he a partilha do homem, o qual na sua reabilitação tem de passar por todas essas provações dolorosas até chegar ao estado de perfeição, com que sabiu das mãos de Deus.

[2] Garnier-Pagés, Dic. polit.



XVIII.

OWEN.

Roberto Owen, um dos maiores capitalistas da Inglaterra contemporanea, propoz um novo plano de associação, que elle denominou *sociedade cooperativa*, assim como chamou *racional* ao seu systema. Elle concebeu os dados principaes, administrando um vasto estabelecimento industrial em New-Lanark, onde obteve brilhantes resultados, tanto no interesse da sua fortuna como no das populações, que elle dirigia. O seu erro pois consistiu em attribuir á suas idéas philosophicas aquillo que era devido principalmente ao homem, á sua paciencia, ao seu exemplo, e á sua habil direcção.

Animado pelos primeiros resultados R. Owen fez delles uma propaganda, agitou a Inglaterra pela palavra e pelos jornaes, não poupando despeza alguma. Elle traçou o plano de um novo systema de sociedade, onde tudo estava previsto, desde os dogmas philosophicos até a execução material, desde os meios de educação até a fórma das construcções agricolas ; plano que foi acolhido com grande enthusiasmo, e houverão grandes subscrições. Emfim foi elle á America em 1824 para alli fundar a colonia da

Nova Harmonia (New Harmony), cujos resultados diremos depois; por agora indicaremos as bases da sociedade cooperativa.

Todo o principio religioso era della banido. Por este lado R. Owen era pelo menos mais franco que os San-simonianos e os Fourieristas. Como ponto fundamental da sua doutrina, elle estabeleceu o principio da *irresponsabilidade humana*, e da igualdade a mais absoluta. A irresponsabilidade em seu conceito provinha do principio, que as acções humanas não são livres. O estudo dos homens o havia convencido de que elles são bons ou máos *fatalmente* pela educação que receberão, pelo *meio* entre o qual vivem, e pelas necessidades que soffrem; que a sociedade tem por missão modificar esta educação, este *meio*; mas que o homem, ludibrio das circumstancias, não he jámais digno de louvor nem de vituperio. Era em uma palavra a renovação da antiga doutrina da *necessidade*; do que se segue que na *sociedade cooperativa* não havia castigo nem recompensa. A intelligencia e a imbecilidade, o trabalho e a indolencia, os crimes e as virtudes recebem igual paga sem estímulo nem animação para o bem, sem repressão contra o mal.

O systema *racional* destruiu toda e qualquer desigualdade de condição; os talentos e a capacidade não sobressahião como na sociedade San-simoniana; nenhuma propriedade particular, mas inteira semelhança nos vestidos, no modo de vida, de nutrição, de moradia para todos os membros da sociedade. Este systema, apoiado por uma boa educação da mocidade, devia ter mais vigor para regenerar os homens, segundo o pensar do reformador, do que as prizões e os supplicios do regime actual. A impossibilidade de adquirir bens, e de elevar-se a cima do nivel geral, devia estancar a fonte do egoismo, e do espirito de rivalidade, e por consequencia de todos os crimes que são delles resultado. Que interesse terião os homens em serem máos, quando todos tinhão igual parte, e a partilha estava marcada d'antemão?

Sim; mas tambem, que interesse terião elles de serem bons? onde se acharia o movel das grandes acções? qual seria o sabio, que se extenuaria sobre os livros para estudar a natureza, para arrancar-lhe os seus segredos,

para promover as grandes descobertas, quando o ignorante obteria as mesmas honras e vantagens que elle? E, sem mesmo elevar tanto as suas vistas, quem tiraria o preguiçoso da ociosidade em um systema, onde todos tem a sua vida ganha com anticipação? [1]

O socialista inglez era ao mesmo tempo homem pratico e theoretico; no primeiro caso foi uma das mais extraordinarias intelligencias do nosso seculo, no segundo deve ser colocado na cathogoria dos pensadores mediocres. Manufactureiro em New-Lanark teve a felicidade de fundar, por meio de uma benevolencia sem limites, e pelo seu exemplo, a colonia a mais feliz e exemplar que tenha existido sobre a terra; dous mil obreiros gozavão dos salutareos effectos de um regimé todo patriarchal, todo cheio de uma bondade e de uma tolerancia systematicas. Foi nesse brilhante ensaio onde Owen concebeu o pensamento do seu systema, querendo applicar ás sociedades em geral aquillo que era effecto de esforços e de uma dedicacão particular; eis-ahi o seu erro. [2]

Com effecto as experiencias successivas feitas em New-Harmony na America, e em Orbiston na Inglaterra, abortárão completamente, provando quanto erão enganadoras as esperanças do reformador. Entretanto, desanimado, e mesmo persuadido que era impossivel fundar uma colonia tão prospera como tinha julgado, tratou então de estabelecer ou pelo menos de divulgar a sua doutrina; verdadeira negação de todas as idéas, de todos os principios recebidos até hoje. Não se pôde fazer idéa, diz Reybaud, do sangue frio com que o reformador opera a demolição geral da sociedade; aqui chéga a bonhomia até a demencia, e as melhores intenções do mundo nunca poderião reparar os males e a ruina, que occasionarião semelhantes doutrinas.

O certo he que todas essas imaginações, cheias de originalidade pelas suas concepções extravagantes, tem desviado, como já dissemos, por mais de 20 annos o espirito publico do verdadeiro caminho dos melhoramentos possiveis, abandonando as refórmas praticaveis por outras chimericas; como se deixassem a preza para correr atraz da sua sombra. Eis-ahi o unico effecto real, o unico resultado conhecido de todas essas idéas extraordinarias, de

todos esses systemas fantasticos, de todas essas doutrinas imaginarias: o desengano. Basta de ensaio, vamos á pratica, á realidade da vida, se he que não he um sonho, como dizião os Stoicos.

[1] Belime, Phil. do Dir.

[2] Reybaud, Etudes sur les reformateurs modernes.

~~XXXXXXXXXX~~

XIX

COMMUNISMO.

O *communismo* não he tão claro como os tres anteriores systemas; comprehende uma multidão de sectarics, que se denominão *igualitarios*, *humanitarios*, *communistas*, *communitarios*, &c.; todos adoptão por dogma politico a abolição da propriedade. Emquanto ao primeiro pensamento todos os communistas remontão ás theorias de Babeuf, que não desapprovão, e de que se servem claramente. Todavia, nem todos seguem os mesmos passos, e os jornaes, que propagão as suas doutrinas, não as expõem com a mesma sinceridade.

Os *communistas* não fazem gala de philosophos: estão possuidos antes do odio que da philantropia; elles esperão mais das paixões politicas que da persuasão calma e reflectida, distinguindo-se dest'arte dos San-simonianos e dos Fourieristas, que não querem senão experiencias pacificas sem expoliações nem violencias. Pela mesma razão não se tem occupado de traçar o plano da sua futura sociedade, como se destruir fosse para elles mais do que edificar. Todos os seus planos de organisação parecem reduzir-se ás seguintes idéas:

O Estado he o unico proprietario de todos os bens. Todo aquelle que atacar a communiãde universal, ou discutir o principio, deve ser punido, até mesmo reduzido á *escravidão perpetua*. A nação por sua parte he obrigada a manter qualquer cidadão em um estado de mediocridade, ou de honesta abastança. O luxo he bandido, e as especies de ouro e de prata supprimidas, affim de evitar as economias secretas. As artes puramente agradáveis são declaradas inuteis. Nada de cidades, tão somente povoações ou aldeas.

O Estado he o grande organisador do trabalho; determina a natureza das culturas por zonas; impõe a cada um a sua tarefa, sua industria, sua habitação. O homem não prepara mais os seus alimentos, porque ha cozinhas e padarias publicas, e as distribuições se fazem por meio dos magistrados. Se um estrangeiro obtém a permissão de viajar no interior, o que não deve ser concedido senão com difficuldade, pagará entrando uma somma ao governo, que se encarregará de o transportar por toda a parte, e de pagar as suas despezas.

Inutil he dizer, que neste systema, como em todos os outros, a primeira condição he a de arrancar os filhos a seus pais, debaixo do pretexto de dar-lhes uma educação nacional: porque o homem pertence ao Estado desde o seu nascimento até a sua morte.

Pelo que fica exposto o *communismo* não he precisamente um regime de liberdade; he necessario ser nelle feliz de grado ou por força. Dão-se ao individuo a nutrição e o vestuario com a condição de que não discutirá, nem elevará as suas vistas além do seu trabalho de cada dia; que não aspirará ao luxo, e abjurará todo o sentimento das bellas artes; que renunciará a todos os prazeres da familia, e a toda ambição pessoal.

He impossivel absorver de uma maneira mais positiva a individualidade do homem no Estado. Como será este Estado governado? he o que ficou em segredo. Entretanto este regime fez bem em dar-se toda a importancia da força, porque he mister conhecer muito pouco a natureza humana para acreditar, que ella se accomodaria expontaneamente com tal systema: he o materialis-

mo o mais brutal e o mais franco, que jámais se tem imaginado (Belime, Phil. do Dir).

Até aqui Belime; ouçamos agora a Mr. Bastiat, o economista, que mais tem apreciado o *communismo* de-baixo de todas as suas formas.

Primeiro que tudo, diz elle, o que se deve entender por *communismo*? Ha muitos modos de realisar a communhão dos bens, ao menos de tental-a. Mr. de Lamar-tine diz que ha quatro, Mr. Thiers pensa que ha milhares, e Mr. Bastiat he da mesma opinião deste, porém cuida que todos esses modos podem reduzir-se a tres cathegorias geraes, uma só das quaes offerece verdadeiros perigos.

Em primeiro lugar dous ou mais homens podem resolver-se a pôr o seu trabalho e a sua vida em com-mum; e em quanto elles não tentarem perturbar a segu-rança, nem offender a liberdade, nem usurpar a proprie-dade dos outros directa ou indirectamente, se algum mal fazem, só a si o fazem. A tendencia dê tal gente será sempre de ir em remotos ermos promover a realisação do seu sonho.

Quem quer que tiver reflectido sobre estas materias reconhecerá, que esses mesquinhos apenas perecerão victimas das suas illusões. Devemos deplorar a cegueira desses entes, aos quaes fôra obrigação nossa dar conse-lhos, se elles estivessem em estado de prestar-lhes ouvi-dos; mas nada tem que temer a sociedade das suas chi-meras.

A segunda especie de *communismo*, seguramente a mais brutal, he esta: *fazer uma massa de todos os va-lores existentes, e dividil-os igualmente*. Esta especie he a *espoliação* convertida em regra dominante e univer-sal; he a destruição não sómente da propriedade, senão tambem do trabalho, e do movel, que determina o ho-mem a trabalhar. Este *communismo* he tão violento, tão absurdo, tão monstruoso, que na realidade não póde con-siderar-se perigoso. Não, o *communismo* não he peri-goso, quando elle se ostenta sob a forma a mais lhana, qual he a de *pura e simples espoliação*; e não he pe-rigoso porque causa horror!!

O *communismo* porém se reveste de uma terceira

forma, isto he : fazendo intervir o Estado, commettendo-lhe a missão de pesar os lucros, e de equilibrar as fortunas, tirando de uns sem o seu consentimento para dar a outros sem retribuição. Encarregal-o de realizar a obra do nivelamento por meio da *espoliação* he sem duvida alguma tambem communismo. Nem os processos empregados pelo Estado para conseguir este fim, nem tão pouco os bellos nomes, com que costumão ornar este pensamento, podem mudar-lhe a essencia.

Quér o Estado promova a realisação do mesmo pensamento por meios directos ou indirectos, pela restricção ou pelo imposto, pelas tarifas ou pelo direito ao trabalho ; quér o apresente sob a invocação da igualdade, da solidariedade e da fraternidade, isto não muda a natureza das cousas ; o roubo das propriedades não deixa de sel-o, porque se executa com regularidade, com ordem systematicamente, e pela acção da lei. Mr. Bastiat acrescenta, que em nosso tempo este he o *communismo* verdadeiramente perigoso. [1]

[1] Por que razão ? Acabemos o pensamento de Mr. Bastiat : porque debaixo desta fórma nós o vemos a cada passo a ponto de invadir tudo ! E senão notai, que este pede que o Estado forneça gratuitamente aos artistas, aos lavradores *instrumentos de trabalho*, o que vale o mesmo que convidar o Estado para que os arrebate a outros artistas, a outros lavradores. Aquelle quer que o Estado empreste sem juros, o que não he possivel fazer sem violar a propriedade. Est'outro reclama a educação gratuita em todos os grãos : *gratuita!* isto he, á custa dos contribuintes. Aquell'outro exige que o Estado subvencione as associações de obreiros, aos theatros, aos artistas, aos especuladores de todo o genero, &c. ; mas estas subvenções são outros tantos valores subtrahidos áquelles que os havião legitimamente ganho. Finalmente um ou muitos não descançarão em quanto o Estado não houver artificialmente feito levantar o preço de um producto para bem daquelle que o vender, embora em detrimento de quem o comprar. Sim, sob esta fórma ha bem poucas pessoas que uma vez ou outra não sejam communistas ; e neste caso ninguem mais *communista* do que o governo do Brasil.



XX.

EPILOGO.

Do extracto pois de todos esses systemas e doutrinas se deduz, que todos elles, uns mais outros menos, tem por fim a reabilitação da carne por meio dos gozos e prazeres materiaes; que todos desconhecem o dogma christão do livre arbitrio; que todos tomão por base a antithese da sociedade actual; isto he, ou a espoliação da propriedade, ou a extincção da familia; e finalmente que todos tendem para o regresso da civilisação actual. E todavia, por entre as sombras, que enlutão esse quadro de morte-côr, ahí apparece de vez em quando o reflexo da lei providencial, que rege os destinos humanos.

Bem se vê, que tanta loucura não poderia abranger tão grande numero de homens, se a Providencia, em seus inexcrutaveis designios, não consentisse nessas aberrações continuas do espirito humano; e para que? eis-ahi o dogma christão do livre arbitrio contra o da fatalidade inexhoravel. O certo he que todos trabalham para realizar os fins da grande missão do homem sobre a terra, a perfeição da humanidade.

Quasi todos esses reformadores restringem suas doutrinas á pequenas associações, pretendendo separal-as do resto do mundo ; e sem embargo todos revelão a tendencia manifesta para formar do genero humano uma só e e immensa familia. Desta contradicção palpitante resulta a convicção plena de que todos estão de accôrdo no fim, e só diferem nos meios.

A civilisação actual he obra sem duvida do christianismo ; ella ha de realizar a missão, que lhe fôra confiada pela Providencia Divina : o mundo será a patria do homem, e o genero humano *uma só familia*. O proprio Christo, explicando a seus discipulos o fim dos seus trabalhos e de sua missão, annunciou-lhes que viria um dia, no qual não haveria na terra mais que um pastor e que *um só rebanho* [1]. Tuão nos designios de Deus tende para constituir no seio da humanidade essa maravilhosa *unidade*. O homem agita-se, e Deus conduz, disse um philosopho christão.

Poderia alguém pensar, que a Providencia fosse estranha a esse prodigioso desenvolvimento da industria moderna, a esses admiraveis descobrimentos, que o genio mais vasto e mais ousado não teria previsto ha cincoenta annos ? Se a industria apaga as distancias, diz o sabio Bispo de Strasburgo, se ella quebra as barreiras, que o tempo e o espaço oppõem ás suas creações, abre tambem uma via mais rapida aos divinos ensinios do evangelho ; ella faz desaparecer as fronteiras, destroe os limites, que separão os povos, para não fazer delles senão *uma só e a mesma familia*, unida na *caridade*, e na prática das virtudes christãs. [2]

Nenhum temor portanto nos podem infundir os pseudos socialistas, contra os quaes a sociedade se acha prevenida ; e o unico mal, que temos a deplorar, he, como já dissemos, que todas essas concepções extravagantes tem desviado por mais de vinte annos o espirito publico do verdadeiro caminho dos melhoramentos possiveis, abandonando as reformas praticaveis por todas essas chimeras. Mas emfim consolemo-nos com a lembrança de que he pelas provações, que temós de alcançar a perfectibilidade humana.

[1] Et alias oves habeo, quæ non sunt ex hoc ovili: et illas oportet me adducere, et vocem meam audient, et fiet unum ovile et unus pastor. S. João Evang. Cap. X v. 16.

[2] Lamennais — *Le Livre du Peuple*. Godwin e M.^{me} de Stael crêem, que a perfectibilidade humana consiste no desenvolvimento absoluto das faculdades intellectuaes, abstracção feita de todo o principio do dever, como se a sociedade dependesse de si só para o progresso moral sem o auxilio da lei da graça; Lamennais pelo contrario diz que, por meio do trabalho e da illustração do espirito, he que o homem entra de novo nas vistas do Creador; porque o homem tem duas sortes de vida, a do corpo e a do espirito: a primeira mantêm-se pelo trabalho, e a segunda pelo conhecimento da lei religiosa e moral, e pelo das leis physicas do universo.



XXI

COSMOGONIA.

Para que uma nova cosmogonia? temos a de Moysés, e basta-nos. Para o nosso systema tanto nos serve o Genesis como a cosmogonia dos Chaldeos, dos Persas, dos Brahmanes, ou de Fourier. Existe o mundo como elle he, e o homem que o habita, ambos obra do mesmo Deus. As relações entre o homem e Deus, entre o homem e o mundo material, e dos homens entre si, eis-ahi o que constitue a vida da humanidade. Nessas relações, o que nos importa o universo? O que temos de ver com esses setenta e cinco milhões de estrellas fixas somente no hemispherio do norte? Representará cada uma dessas estrellas fixas um systema solar como o nosso, com os seus 17 planetas, além dos satellites desses planetas?

Tudo isto importa na verdade para a sciencia; e satisfaz o orgulho do homem, mas não satisfaz suas necessidades, nem concorre para o seu bem-estar, senão em quanto a sciencia tira partido em proveito da navegação, da agricultura, &c. Todavia, alguma differença se nota entre a cosmogonia de Moysés e o resultado da experiencia e do estudo dos homens sobre o nosso globo. Diremos

6*

portanto alguma cousa a esse respeito, visto que só fazemos reproduzir um trabalho já publicado em outro tempo.

Moysés, o mais antigo historiador que se conhece, o mais sublime philosopho, e o mais sabio de todos os legisladores, segundo Bossuet, enceta o seu primeiro livro por estas palavras — *No principio creou Deus o céu e a terra* — o que quer dizer, que houve tempo em que esta terra que habitamos, o sol, a lua, as innumeraveis estrelas, e tudo quanto vemos e observamos, recebeu sua existencia da vontade e do poder de Deus. Isto aconteceu no *principio*; mas quando foi esse *principio*?

Deus creou o mundo em seis dias! mas como são os dias de Deus? Quer se considere o dia durante uma rotação completa do globo sobre si mesmo, quer o espaço em que o sol permanece á possa vista, o certo he que estes phenomenos não se dão, nem podem dar-se a respeito de Deus, que está fóra do globo, e cercado de sua propria luz: o que são pois os dias de Deus? O que devia ter sido o mundo em sua origem? Reconstruamos pois pela sciencia e pela intuição um passado inteiramente perdido.

O globo na sua origem devia achar-se vazio e nú. A parte, que chamamos terra actualmente, não era mais do que uma massa bruta. As porções solidas e as aguas achavão-se mescladas como em um lodaçal; uma nata turva envolvia toda a superficie. Planta alguma podia vegetar nesta vasa, que frequentemente mudava de lugar. Desta sorte não podião existir seres viventes por falta de alimento; tudo era informe e esteril.

Ignoramos o que passa no interior do nosso globo, nem podemos saber o que poderia conter em sua origem. Entretanto pelas continuas mudanças ou alterações, que se operão na superficie da terra, devemos acreditar que arde em seu seio um constante fogo, ou pelo menos que se atêa de quando em quando. Parece tambem que á proporção que este fogo consomme uma parte do cimento interior, abate-se a sua superficie, em tanto que se eleva em outros lugares pela força expansiva dos vapôres subterraneos.

He tambem verosimil ou provavel que, por effeito desta combustão interior, se abrissem na terra vastos e

profundos abysmos, em que as aguas se precipitarão ; em tanto que apparecêrão sumidades, que devião dominar a sua superficie. Para fixar e manter estes immensos reservatorios era mister, que as bordas ou ribanceiras fossem tão solidas e seguras que os podessem conter. Levantou-se então violenta tempestade ; o mar e suas ondas encapelladas penetrarão nessas terras movediças, deixando golfos e bahias, e separando porções de terra, a que hoje chamamos ilhas. Desta fórma os corpos solidos forão-se fixando, de maneira que todas as partes lodosas, desprendidas das aguas, vierão pegar-se ás suas bases. Tudo então, quanto podia viver e medrar dentro d'agua, como plantas, conchas, peixes, achou-se envolvido por uma nata dura, e foi-se accumulando por camadas sobrepostas.

Ainda assim muito distante estava o mundo da sua fórma actual. A constante ebullição, produzida pelo fogo interior da terra, foi purificando as massas separadas das aguas, e successivamente se formárão solidos e permanentes rochedos, que podião resistir ás tempestades. Estes rochedos (massas de granito, ou montanhas primitivas), verdadeira ossada da terra, devem ser por consequencia muito mais antigos do que a fórma actual do globo, e do que a raça humana que o habita. Antes da formação destes rochedos, o solo não podia tomar a consistencia necessaria para impôr limites aos mares ; porém depois as terras forão respeitadas pelas aguas, e a sua fórma se conservou.

Que a terra foi formada pela maneira, que acabamos de relatar, e que toda a superficie do globo esteve inundada, he cousa de que temos hoje provas irrefragaveis, não só pela grande quantidade de substancias marinhas e de conchas, que se tem achado sobre as mais altas montanhas, como nas entranhas da terra, onde profundas escavações tem revelado a existência d'esses corpos petrificados, e dispostos em camadas. As convulsões da natureza devião reproduzir-se na primeira fórma do nosso globo, porque só por estes grandes cataclismos poderemos explicar as diversas alterações da sua superficie.

Depois que os primeiros rochedos se achárão formados, outro grande furacão se levantou tão violento, que não ha tradição, de que podesse haver igual. Esta furiosa

tempestade, partindo do sudueste, arrasou todo o continente; e se os rochedos se não tivessem opposto ao seu violento impulso, ella teria arrojado para as montanhas glaciaes da Siberia tudo quanto houvesse encontrado diante de si. He igualmente provavel que o hemispherio do sul contivesse poucos rochedos, e por esta razão fosse todo elle destruido, a ponto de não offerecer hoje senão mares cobertos de gelo. A massa do seu solo foi arrojada pela volta do nordeste para a Asia.

A Africa teria tambem desaparecido, se a sua ponta meridional, isto he, as montanhas do cabo da Boa Esperança, não tivesse resistido á esta tremenda tempestade. Pôde-se dizer, que aquelle continente fôra preservado tão sómente por causa desta ponta; tanto assim, que as terras vizinhas de um e de outro lado forão dispersas, e o que não pôde ser levado muito longe, por causa do peso dessas mássas de montanhas, ficou para a parte de leste pelas immediações, como, por exemplo, a ilha de Madagascar.

A America mostra igualmente, pela parte do sul, uma ponta de rochedos, que apparecem nús, porque o furacão os despojou de toda a terra. A Asia tambem apresenta ao sul muitos montes, entre os quaes o mar se precipitou, em quanto a leste as partes da terra, que forão separadas e arrojadas, formárão todos esses grupos de ilhas das Indias Orientaes. A Nova Hollanda, a maior das ilhas, que compõem a quinta parte do mundo, tem ao occidente uma vasta bahia, ao sul uma ponta consideravel, e ao oriente duas ilhas (a Nova Zelandia).

A Europa acaba do mesmo modo ao sul por um promontorio; desde este cabo para o norte todo o paiz foi arrazado, á excepção dos lugares protegidos pelos rochedos. O mar penetrou profundamente por todas as partes onde não achou montanhas, que se lhe oppuzessem; foi dest'arte que se formou o famoso golfo de Biscaya, entre a França e a Hespanha; o canal entre a França e a Inglaterra, o mar do norte e o Baltico; assim como no Brasil a magnifica bahia do Rio de Janeiro, rompendo o mar por entre o Pico e o Pão d'Assucar, e arrojando as terras, que cobrião estes rochedos, aqui e alli, formando essa immensidade de ilhas, que hoje alli se observão.

Eis-ahi como se formou a superficie actual do nosso globo. Com quanto a terra não soffra hoje commoções tão violentas, nem tão geraes, com tudo a sua superficie não he sempre invariavel, e a creação continúa em seu curso, que se annuncia por ligeiras mudanças em lugares parciaes. Não só algumas localidades tem abatido como outras se tem elevado. Outras vezes o solo se submerge, como, segundo a tradição, aconteceu com o vasto continente chamado Atlantida. Muitas dessas alterações succedem em consequencia de varios phenomenos, como os terremotos por effeito dos fogos subterraneos, as innundações, &c. [1]

[1] *Bredow, hist. univ.*



XXII

CREAÇÃO DAS PLANTAS, DOS ANIMAES E DO HOMEM.

A terra, depois de ganhar a firmeza necessaria, e de tomar a fórma, que lhe estava prescripta, começou a produzir as plantas, pela fôrça com que a havia dotado o Creador. A vegetação foi maravilhosa nas collinas como nos valles, no pico das montanhas como no fundo dos mares ; cada especie se renova por si mesma, e se perpetua por meio da sua propria semente. Assim foi desde a origem do mundo até os nossos dias, e assim será até a consumação dos seculos.

Depois dos vegetaes, que revestem a superficie da terra, e que servem de alimento aos seres viventes, criou Deus os animaes, tão diversos em suas fórmas, tamanhos e figuras, que nenhuma parte do mundo ficou sem habitantes, que gozassem da existencia. Dest'arte a criação, foi animada com infinitas especies, e tão variadas, que, quando já a vista as não póde distinguir, vem o microscopio descobrir novos mundos de animalejos povoando uma gota de agua ; entretanto as especies, que a vista alcança,

são já innumeráveis. Quão incompreensíveis são os prodígios da criação !!

Pelos designios do Creador, revelados em todas as suas obras, vê-se que a criação das plantas precedeu a dos animaes; e depois desta, a terra assim preparada para vir a ser a habitação do mais perfeito de todos os seres, o *homem* viu a luz. [1] A materia assim disposta, por suas fórmãs e propriedades, devia satisfazer todas as necessidades do homem, estimular suas reflexões e formar o seu espirito. Eis-ahi porque a existencia de todas estas cousas devia preceder a do homem, cuja imaginação logo se apoiou de todas as vantagens, que o seu uso poderia proporcionar-lhe. [2]

O homem assim colocado pelo Creador comprehendeu, que tudo quanto existia, vegetal, animal ou mineral, lhe pertencia, e que segundo as vistas de Deus devia utilisar-se, não só para conservar e prolongar seus dias, como para instruir-se, e desenvolver a sua intelligencia. Nada fez Deus de inutil, nada que devamos destruir pelo prazer de um máu designio; porque tudo tem seus fins na natureza, e deve marchar segundo as vistas de quem a creou; e se as não comprehendemos pela curteza do nosso entendimento, façamos ao menos por descobri-las, afim de preencher os nossos destinos.

No principio creou Deus tão sómente *um homem e uma mulher*, porque a sua sabedoria nada faz que seja superfluo. A sua omnipotencia teria produzido ao mesmo tempo milhões de entes da mesma especie, e com elles occupado a terra de um a outro extremo, porém antes quiz que ella se povoasse com os descendentes de uma só familia. A Biblia dá a estes dous seres humanos o nome de Adão e Eva, de duas palavras hebraicas, que significão — *homem e mulher*.

He questão interessante, que muito se tem ventilado, o saber se o genero humano parte de um só tronco, ou se houverão quatro raças distinctas, como alguns pretendem. A opinião de que todos pertencemos á uma só familia ainda não foi convencida de erronea, nem mesmo pelos mais entusiastas phisiologistas; por isso mesmo que não ha raça, que não seja susceptivel de melhorar-se pelo crusamento. Trataremos desta questão em outro lugar mais competente.

[1] He inteiramente improvavel, que existissem homens antes da ultima revolução, que deu ao nosso globo a sua fórma actual. Não se acha em toda a terra, nem nas camadas interiores, vestigio algum de ossada humana petrificada ou fòssil, nem signal de qualquer trabalho devido ao homem. Assim, pois, a opinião de um sabio (Isaac Peyrère) publicada em 1655, ácerca da existencia de homens antes de Adão, aos quaes elle denominou — *Preadamitas* — não póde deixar de ser falsa e erronea, apezar de a querer sustentar com a Epistola de S. Paulo aos Romanos, Cap. V, vv. 12 e 13. Com tudo, por isto só não valia a pena de lhe queimarem o seu livro, nem de reduzi-lo á uma dura prisão, da qual não sabiu senão depois de abjurar o seu erro.

[2] Se o homem não he com effeito o ultimo anel da cadeia da criação, parece pelo menos que foi um dos ultimos, porque nesses restos das creações anti-diluvianas, que se tem encontrado nas differentes camadas sedimentarias do mundo primitivo, nenhum vestigio se encontra do homem, ao passo que se tem achado milhares de plantas e animaes, cujas especies já não existem, ou deixárão de existir ha milhares de annos.

Monstros se tem encontrado nas entranhas da terra, em que jazião olvidados por milhares de annos, e por primeira vez se apresentam em sua grandeza natural, inteiramente petrificados, sobre a nossa capa alluvial. Fallaremos dos que se referem ás primeiras camadas sedimentarias.

Os *Plesiosaurianos* pertencem absolutamente ao segundo período sedimentario; e pelo que parece achavão-se de todo extintos no terceiro. Estes monstros tem o corpo como a balèa, o pescoço como as aves, e a cabeça de jacaré, especie de cocodrilo.

A classe de reptis, á que correspondem os *Plesiosaurianos*, foi qualificada em quatro ordens por quasi todos os paleontologos, a saber: os *Saurianos* de construcção parecida á dos cocodrilos; os *Ophidianos*, que tem a fórma de serpente; os *Quelonianos*, entre os quaes predominava o typo das tartarugas; e os *Batracianos*, cuja configuração he do genero rãa e salamandra. Todos estes reptis tinhão as vertebbras de uma mesma classe.

Restos e signaes destes monstros forão achados nas canteiras siliciosas da Escocia, da Inglaterra, da Allemanha, e tambem da America. Descobrirão-se algumas vezes esqueletos inteiros com escamas de peixe entre as costellas, de cuja circumstancia deduzirão os sabios uma subita e grande revolução na natureza, que foi causa da sua repentina morte, ficando enterrados entre essas capas da terra para resussitarem depois de milhares de seculos.

Ao mesmo periodo que os *Plesiosaurianos* pertence o *Megalosauo*, essa raça de gigantes escudados com a sua competente armadura. Esta aristócratica familia distinguia-se, não sómente

pelo seu atavio de cavalheiro armado, mas tambem por suas disformes dimensões, e differença total entre sua construção anatomica e o mundo animal de agora. O megalosauro reúne ao mesmo tempo os caracteres dos reptis e dos mamiferos. Parece que tambem vivia nas margens dos rios ou lagos.

O *Iguanodo* he quasi como o megalosauro, aproximando-se um pouco mais aos mamiferos. He considerado como um dos maiores monstros, que tenham existido, porque tem mais de cem pés de comprimento sem a cauda. No seio de um iguanodo celebrarão Cuvier, John Hunter, Luckland, Mantell (o descobridor do iguanodo) e mais 30 artistas, o mais caracteristico e significativo festim geologico, com mais largura e liberdade que outr'ora Jonas no ventre da balèa.

O *Laberintodon*, rãa gigantesca, cujo comprimento e espessura he de 45 pés, pertence á raça dos *Saurianos*. Tudo isto prova não só as muitas revoluções do nosso globo, como que a fórma actual da sua superficie está mui distante do que fôra em sua primitiva estructura.

E sem embargo, diz o Dr. Luckland, que nem o geologo nem o antiquario, que tem explorado em vão todas essas camadas sedimentarias, poderão ainda descobrir vestigios da raça humana; em quanto que esses animaes, que ha milhares e milhares de annos antes se arrastavão sobre a superficie do nosso globo, deixarão monumentos indeleveis de sua existencia; até mesmo as plantas perfeitamente gravadas nas rochas como o pé dos nossos animaes domesticos na areia humida; como se a natureza quizesse mostrar-nos com ar de justo desdem a differença, que existe, entre o seu progresso silencioso e o arrebatado vôo do mais elevado espirito. (*Illust. hesp.*)



XXIII

A IDADE DO MUNDO.

Diz o Genesis — No *principio* creou Deus o Céu e a Terra — mas, quando foi esse *principio*? A' quantos annos, á quantos milhares ou milhões de annos foi a terra creada? Eis-ahi o que a divina sabedoria não julgou por bem revelar aos homens; demais, bem pouco necessaria he para a salvação ou para a felicidade do genero humano semelhante revelação.

Os theologos tem julgado, computando a longevidade dos Patriarchas que a Biblia menciona, que a terra devia ter cerca de quatro mil annos na época do nascimento de Jesus-Christo; do que podemos deduzir, que ha perto de seis mil annos que ella existe. Os geologos pelo contrario, considerando a obra do Creador segundo sua propria natureza, tendo feito suas indagações e pesquisas sobre os leitos de rocha das montanhas, e examinando particularmente as camadas de lava; transformadas em terra vegetal, depois de lançadas pelas crateras do Etna, e de outros volcões, inferirão que a terra devia contar uma existência maior que seis mil annos, ainda quando não fosse habitada senão depois dessa época.

Com effeito os sabios do Instituto de França, que acompanharão a expedição do Egipto no fim do seculo passado, examinarão a base de uma das tres grandes piramides (conhecida pelo nome de Cheops), e virão que estava assentada sobre uma camada *tercearia*; donde deduzirão que tinha quatro mil annos de existencia. Ora, computando pelo Genesis a época do diluvio universal, acontecido no anno da criação do mundo de 1656, segue-se que esta piramide fôra construida ainda antes de Abrahão, ou pouco mais de 200 annos depois do diluvio, o que parece impossivel; pois que os mesmos sabios calcularão que, para fazel-a, erão necessarios cem mil obreiros durante o espaço de vinte annos; trabalho que provava a existencia de uma grande nação fortemente constituida, além de um estado de civilisação muito adiantado, como se pôde conhecer pelo seguinte facto:

Os mesmos sabios, que passarão ao Egipto, admirarão a ingente mole, que fórma o vertice dessa grande piramide; nem elles poderão comprehender a maneira porque fôra colocada á uma altura de seiscentos pés uma pedra de tão prodigiosa grandeza e peso. Todas as regras da *mechanica* moderna não bastavão para explicar a concepção de semelhante arrôjo; e todavia allí estava a pedra attestando a insufficiencia dos modernos, e a superioridade daquelle povo nas sciencias de applicação. Teria acaso esse mesmo povo sómente dous seculos de existencia? impossivel manifesto.

Pelo que dissemos nos dous artigos anteriores se conhecerá, que o periodo de seis mil annos desde a criação he tão curto e tão limitado, que apenas nesse periodo poderia o nosso globo sahir do seu embrião. Muitos sabios são de opinião, que o mundo tinha de existencia muitos milhares de annos antes do periodo *adamita*, tal como o estabelece o texto hebreu ou a vulgata. Passemos agora a examinar pela sciencia, se he possivel calcular, não a origem do mundo, que para mim he, e será sempre um *mysterio*, mas pelo menos uma época certa de existencia conhecida.

Sabe-se que o *nó equinoxial* (ponto da equinoxial, em que começa o solstício do verão ou do inverno, ou qualquer dos equinoxios) percorre por seu movimento re-

trogrado um gráo em cada periodo de 72 annos ; e por consequencia leva a sahir de um signo 2160 annos, porque cada signo tem 30 gráos ; e por consequencia só no fim de 25:920 annos he que o *nó equinoxial* volta ao seu ponto de partida, ou que se completa o periodo zodiacal.

Ora, estando muitos sabios de accôrdo, que no reinado de Sesostris, pelo anno de 1420 antes da era actual, (outros pretendem que Sesostris reinára entre 1565 e 1499) se completára um periodo zodiacal, isto he, que o *nó equinoxial* tivéra voltado ao seu ponto de partida, segue-se que até então teria o mundo de existencia pelo menos cerca de 26 mil annos. Entretanto quem póde, já não digo asseverar, mas ainda mesmo imaginar quantos periodos zodiacaes tenha percorrido o mundo ? Loucura seria negal-o, a não ser a fé explicita que requer o primeiro livro do Pentateucho. [1]

Eis-ahi tambem a nossa cosmogonia, porque quize-mos acompanhar o processo de todós esses creadores ou forjadores de systemas, sem nos importar para o nosso caso de quantos annos tem o mundo de existencia. Existe, e basta-nos para o nosso systema todó moral e todo philosophico.

[1] Que o mundo he de toda a eternidade affirmão-no muitos sabios, fundados no principio da materia, em que se elle divide ; de maneira que, estando a terra coberta pelas aguas durante muitos seculos, ainda assim esta ou qualquer outra mutação de sua fórma não podia aniquilar a existencia de sua natureza primitiva.

Que o mundo primitivo não tinha a superficie, que tem actualmente, he isto geralmente sabido, e até de evidencia palmar ; assim como que em qualquer das differentes mutações, porque passou, podia levar seculos e milhares de annos sem perder nenhuma das disposições, que hoje o caracterisáo. Podia até existir por milhares de annos sem habitantes, assim como o homem podia ser o ultimo anel da cadeia de toda a creação.

Seja qual for a importancia destas differentes hypotheses, o certo he que os Chins e os Japonezes contáo 54 mil annos de uma illustração não interrompida, e o prováo por meio de monumentos indeleveis, escriptos ou gravados sobre a pedra e sobre os metaes. Fallo da *illustração*, e não da mera civilisação, porque para esta basta a reunião de um povo em sociedade, com um

dialecto, que expresse os seus pensamentos, e alguns preceitos regulamentares ácerca da vida em commum; em quanto para aquella he mister que o povo tenha percorrido a escala das artes e dos conhecimentos uteis, que tenha entrado no segredo das sciencias, e possa ler o livro aberto da natureza.

Ora para chegar-se do estado de pura natureza ao de civilização, e deste ao de illustração, quantos seculos ou milhares de annos não serão precisos? O Egipto, a Ethiopia, a Arabia feliz e a Chaldea nos offerecem ainda hoje restos de uma civilização, cuja origem se envolve com solemne magestade na noite profunda dos tempos. Se ha um continente, que possa apresentar uma prova irrecusavel dessa antiguidade assombrosa, he sem duvida o da America. Ahi estão as famosas e colossaes ruinas de Palenque e de Chichen para attestal-o. Era ella tão anterior ao povo, que habitava este continente, quando nelle aportarão os primeiros descolridores, que lhe era inteiramente desconhecida. Os proprios Mexicanos ignoravão a existencia dessas ruinas silenciosas em seu seio como se estivessem a milhares de legoas distantes.

Seis mil annos de existencia para a terra, e não só para a terra como para o Céu, para a luz, para as estrellas, para o sol e para a lua! que fazia pois a Divindade antes dessa época? Sendo eterna, onde existia? Segundo esta doutrina a Divindade estava envolta nas trévas e no cáhos desde toda a eternidade, pois que só fez a luz seis mil annos ha: os campos do infinito erão apenas um calabouço, em que se achava encerrada a Divindade! Seis mil annos apenas para toda a creação! que blasfemia!!

Seis mil annos apenas para toda a creação, dissemos nós; sim, eis-abi como explicão os theologos o sentido das palavras de Moysés, quando diz: no *principio* creou Deus o Céu e a terra — « No *principio*, dizem os interpretes e commentadores sagrados, isto he, antes de todo o começo, antes de toda a ordem « de principios, antes de toda a serie de factos, antes de toda a « existencia de cousas, quando nada ainda tinha começado, « quando nada havia ainda tido principio, quando tudo estava « por começar, quando tudo era apenas possivel, e nada existia « em acto. »

Se este era o *principio*, em que Deus tudo creou ha seis mil annos sómente, que idéa terião da Divindade semelhantes commentadores? Mais avisados andarão alguns padres da igreja, como Tertuliano, Santo Agostinho, Santo Ambrosio e outros, dando diversos sentidos á palavra — *principio* — tomando-a como poder e autoridade, ou como sabedoria, ou como o verbo divino, pelo qual e no qual tudo foi feito, &c. He bom crer simplicemente em tudo quanto dizem os livros sagrados, menos naquillo que se opponha ao poder e á magestade de Deus, que está muito a cima de todo o creado.

XXIV

A RAÇA HUMANA E SUAS ESPECIES.

Dissemos (VIII) « Quando uma raça predominar, quando a raça Caucasea e *primitiva* estiver espalhada por toda a terra, o Genero humano formará uma só familia, porque tal he a lei providencial do seu immenso destino. » Cumpre por tanto provar em primeiro lugar, que a raça Caucasea he na realidade a primitiva, e em segundo que ella predominará sobre todas as outras raças.

Examinemos o estado actual do Genero humano, e vejamos se na realidade tantas raças distinctas poderião partir de um só tronco. Diz Virey (Hist. nat. do Gen. humano) que presentemente existem duas *especies*: a primeira distingue-se pelo angulo facial de 85 a 90 grãos, e abrange as quatro raças seguintes — 1.^a raça *branca* (Arabe-India, Celtica, e Caucasea) — 2.^a raça *amarella* (Chineza, Camtico-Mongol, e Laponio-Ostiaco) — 3.^a raça *vermelha* (Americanos ou Caribes) — 4.^a raça *parda-escura* (Malaia ou Polynesia). A segunda especie distingue-se pelo angulo facial de 75 a 80 grãos, e abrange mais duas raças — 1.^a raça *negra*, (Cafres e Negros) — 2.^a raça *negral*, isto he, tirando a negro (Hottentotes e Papús).

A maior parte dos Zoologistas só distinguem quatro raças, a saber: *branca* ou Caucasea, *amarella* ou Mongol, *vermelha* ou cor de cobre chamada Malaia, e a *negra* ou Ethiope. Todos dizem que os Americanos passarão da Asia, e são verdadeiras transmigrações das raças Mongol e Malaia, e ainda ninguém suppoz, que fizessem uma raça á parte. As tres primeiras raças só se distinguem na cor pelos matizes que offerecem, pois que pertencem á primeira especie, isto he, tem todas o angulo facial de 85 a 90 grãos; a quarta porém pertence á segunda especie, e não só se distingue pelo angulo facial mais agudo, como pelos cabellos lanudos e encarapinhados. O grande contraste por tanto existe entre a primeira e a quarta raça (Caucasea e Ethiope), isto he, entre brancos e negros.

Se provarmos, que estas duas raças podem fundir-se uma na outra, e desaparecer qualquer dellas pela mescla e pelo decurso do tempo, ficará provado tambem, que houve uma só raça primitiva, e que as raças existentes são degenerações daquella. He opinião constante, e que ainda ninguém convenceu de erronea, que o genero humano partiu de um só tronco, e que todos pertencemos á uma só familia. Mas, como o branco tornou-se negro, como cabellos lisos, louros e corredios se tornarão pretos, crespos e lanudos, como tomárão diversas fórmas os labios, nariz, maçã do rosto, e a estructura mesma do craneo, das mandibulas, da caixa thoracica, que nessas raças tem conformação distincta?

Vejamos o que diz o celebre Volney (Viagem ao Egypto e á Syria) sustentando a opinião, por nós annunciada, de que o genero humano partiu de um só tronco, e como a mesma raça podia ter degenerado por effeito do clima e de outras causas naturaes.

« Com effeito observe, diz elle, que a phisionomia dos negros representa precisamente este estado de contracção, que toma a nossa cara quando recebe a luz de frente, ou he ferida por uma forte reverberação de calor. Então o sobrolho se arruga, as maçãs do rosto se elevão, as palpebras se feichão, a bocca toma naturalmente um gesto de despeito. Esta contracção das partes moveis não póde pelo tempo adiante influir sobre as partes solidas, e assim amoldar a estructura dos ossos? Nos paizes frios o

vento, a neve, o ar frígido operão quasi o mesmò effeito que o excesso de luz nos paizes quentes ; e nós vemos que quasi todos os selvagens, expostos á inclemencia do ar, tem alguma cousa de apparencia da cabeça dos negros. »

« Segue-se depois o coòstume de amoldar a cabeça das crianças, até mesmo pelo uso de certas coifas, como por exemplo entre os Tartaros, que usão de um boné alto, o qual aperta as fontes, e faz elevar as sobrancehas ; e me parece a causa da *sobranceha de cabra*, que se nota entre os Chins e os Calmukos. Nas zonas temperadas, e entre os povos que habitão debaixo de tecto, estas diversas circumstancias desapparecem ; as feições se mostrão de perfil pelo repouso dos musculos, e os olhos á flôr da cara, porque estão protegidos contra a açção do ar. »

Uma cousa sabida he que não ha raça, que não seja susceptivel de melhorar-se. Observando as duas raças extremas e mais distinctas (a branca e a negra), vêmos que, cruzando-se em uma progressão constante para um ou para o outro lado, ao cabo de quatro gerações eliminã-se inteiramente os vestígios de uma das raças primitivas, como por exemplo, um branco com uma negra. E se a filha deste par se une a outro branco, e assim por diante, na quarta geração torna-se o descendente inteiramente branco ; ou, vice-versa, se o cruzamento continúa com a raça preta. Se fossem familias distinctas, não haveria concepção, ou o resultado do coito seria um monstro, e os monstros não procreão. Assim cada familia se conservaria intacta e sem alteraçã, como acontece com a de varios animaes, que nós conhecemos.

Não ha por tanto a menor duvida de que todas essas raças formão uma e a mesma familia, e por consequência que podião ter procedido de um só tronco ; e que esse tronco foi o da raça branca, porque só della poderião nascer as degenerações, que se notão nas outras raças. Agora cumpre provar que a raça Caucasea he a unica, que promette absorver todas as outras, e que por fim ha de predominar pela sua immensa energia, vasta intelligencia, e rapido desenvolvimento ; ao mesmo passo que todas as outras raças diminuem ou desapparecem da terra, por uma marcha gradual e retrograda.



XXV

CONTINUAÇÃO DA MESMA MATERIA.

Além da raça Celtica ou Caucaseã conhecemos na Europa tres invasões de raças diferentes : a dos Arabes africanos (da familia *Semitica*) no principio do seculo VIII ; a dos Siganos ou Bohemios no seculo XII ou XIII depois das primeiras cruzadas ; e a dos negros em Portugal e na Hespanha a meados do seculo XV. Ninguem sabe ao certo donde procedem os siganos, mas elles mesmos se dizem do Egypto, e por tanto he provavel que pertenção á raça dos *Coptos*. O certo he que semelhante raça innundou a Europa em todos os sentidos.

Pois bem, da primeira dessas raças (a Arabe) apenas restão vestigios na Peninsula Iberica pela mistura com a raça celtica que a absorveu, apesar de dominar na Hespanha por espaço de sete seculos ; da segunda (siganos) existem ainda, conforme as melhores statisticas, 700 mil espalhados por toda a Europa ; e a terceira (negra) tem desaparecido depois da emancipação absoluta em Portugal e suas ilhas ; por consequencia prevalece em toda a Europa a raça caucasea a mais civilisada de todas as raças.

Na America existião as raças Mongol e Malaia, ou a raça Americana-Caribe, como lhe chama Virey. A população da America era assombrosa, nas ilhas como no continente, desde o Cabo de Hornos até a Bahia de Banfin, desde a costa do mar até o mais elevado plano da Cordilheira dos Andes, desde o Atlantico até o Pacífico. Não havia rio, cujas margens não fossem povoadas de aborígenes : o rio de S. Lourenço como o do Mississipe, o Orinoco como o Amazonas, o Rio Doce como o Rio da Prata. Grandes Imperios, como o do Mexico e o do Perú ; grandes republicas, como a de Tlascalá e a dos Moscas em Cundinamarca.

Segundo o roteiro do padre D. Christoval de Acunha (Christovão da Cunha) Jesuita, que acompanhou na sua volta de Quito ao Pará ao capitão Pedro Teixeira no anno de 1639, nelle refere o mesmo padre, que a população em ambas as margens do Amazonas era tão compacta, no espaço de 1276 legoas, desde a confluencia do Napo até a embocadura daquelle rio, que o golpe do machado em uma aldeia podia ser ouvido na outra de diversa tribu. Toda a costa do Brasil, e todos os sertões erão immensamente povoados, como referem Simão de Vasconcellos, padre Vieira, Fr. Gaspar da Madre de Deus, o padre João Daniel, Vaissette, Charlevoix, Southey, o padre Casal, &c. , &c.

No centro do Imperio Mexicano existia a republica de Tlascalá, que segundo Herrera e Solis continha 18 milhões de habitantes ; quantos feria todo o Imperio desde um a outro mar, desde o Novo Mexico até o Isthmo de Yucatan ? O que seria o Imperio dos Incas desde Quito até o Cusco em um espaço de mais de quinhentas legoas, que se franqueava por uma estrada de carro perfeitamente calçada, e cujos restos ainda hoje se observão ? A republica federal dos Moscas abrangia toda a extensão entre os dous Valles de Cucuta e de Popayan, que forma hoje a republica da Nova Granada.

No Chile existia a grande e poderosa nação dos Araucanos, tão valente e audaz, que foi a unica que resistiu com assombro aos Hespanhóes ; cuja guerra memoravel foi cantada por Ercilla em um poema epico de indubitavel merecimento. No Brasil, onde não havia Cacicatos,

existião sem embargo poderosas tribus, como a das Tupinambás, dos Aymorés, Caytés, Goitacases, Tamoyos, Coroados, &c. , &c. Toda a extensão do Rio da Prata desde a sua embocadura até o Lago Ibera, com todos os seus numerosos afluentes, era muito povoada por hordas populosas e guerreiras ; assim como as Pampas de Buenos Ayres, e toda a Costa da Patagonia.

Os Estados-Unidos erão no tambem á margem dos seus immensos rios e lagos, de suas costas maritimas, sobre suas cordilheiras, até nos seus desertos arenosos de Savannah e da Florida. Nenhum continente estava tão habitado no tempo da conquista como o da America, e não seriamos exagerados se dissessemos, que não menos de 300 milhões de Indigenas povoavão a quarta parte do mundo, primeira em riqueza natural, e a segunda em extensão.

Que he feito de toda essa raça americana, de toda essa população gigantesca, de todos esses imperios e republicas colossaes ? Tem desaparecido quasi no espaço de tres seculos e meio, restando de toda ella apenas a trigesima parte, isto he, dez milhões se tanto. Qual a raça chamada a substituir essa que desaparece a olhos vistos ? He sem duvida a raça Caucasea.

Computemos a população actual de toda a America (tanto no Continente como nas Antilhas) em sessenta milhões, assim divididos : 30 milhões da raça Caucasea, 10 milhões da raça Americana, outros dez milhões de Africanos estremes, e os ultimos dez milhões de raça hybrida. Esses 60 milhões pertencem : 24 milhões aos Estados-Unidos ; milhão e meio ao Canadá ; tres milhões e meio ás Antilhas e Guiana ; 22 milhões á todas as republicas, ou ex-colonias hespanholas, e 9 milhões ao Brasil, onde ainda supponho dous milhões de indigenas.

Pois bem, a raça americana desaparecerá de todo em dous seculos, ou mesmo antes ; a raça negra um seculo depois da emancipação absoluta, e a raça hybrida será absorvida pela raça branca ; e a America, como a Europa, será habitada por uma só raça, e essa raça será a Caucasea ou Celtica.

A Africa tinha resistido por quatro seculos á toda especie de colonisação além de algumas feitorias portuguezas. Hoje ella he invadida pelo oriente e pelo occidente, e

devassada pelo norte e pelo sul. A raça negra, condemnada a um desperecimento gradual pela escravidão, acabará como os lobos pela cultura e pela civilização. [1]

Resta a Asia, já em grande parte habitada pela raça Caucasea, e pelas raças Mongol e Malaia, que tanta afiuidade tem com aquella, porque na realidade todas pertencem á primeira especie, isto he, todas tem o mesmo angulo facial e os cabellos nédios e corredios. A mescla he por tanto mais prompta, visto que na segunda geração está eliminada a raça primitiva; ao mesmo tempo que he talvez a parte do mundo, onde a raça Caucasea venha a ser a mais energica, e a mais intelligente pela mistura, voltando para alli mais apurada, como uma recompensa, a civilização que della recebemos no seculo XII e dahi por diante.

Ha tambem em tudo isto um designio providencial, porque as raças desperecem quando não se mesclão, ou não se cruzão; como que necessitão de nova seiva ou de novo sangue para regenerar-se. Este cruzamento he pois uma necessidade que a Providencia creou para levar ao cabo o seu immenso designio, formando de todo o mundo habitado uma só nacionalidade, e de todos os homens uma só familia. Para conseguil-o era mister fazer desaparecer o odio, que divide as raças, e o unico meio era fundil-as em uma só por meio do cruzamento. Isto virá com o correr dos seculos, e a raça Caucasea predominará, não só porque he a primitiva, como porque tambem he a mais energica e a mais intelligente de todas as raças.

[1] Em um artigo do *Courier des Etats Unis*, fallando das *Ilhas Sandwich*, encontramos a prova da nossa asserção nas seguintes palavras: — « A população indigena diminue com incalculavel rapidez; no anno passado (1853) houverão 4:543 nascimentos, e 8:026 obitos; havendo uma differença de 6:543 contra o augmento da população. As bexigas, as hebidas espirituosas, os vicios que acarreta a *invasão da raça branca*, e que os naturaes não sabem combater, a preguiça, tudo contribue para abreviar a extincção da raça indigena. Os Indigenas são pois absorvidos pelo elemento estrangeiro, que conserva, máo grado seu, os seus costumes, os seus habitos, e toma parte activa na governança do paiz, que em pouco tempo lhe pertencerá exclusivamente.

XXVI

CONCLUSÃO DA MATERIA ANTECEDENTE.

Que a raça negra está condemnada a desaparecer tambem como a raça americana, he isto tão evidente, que nos basta a historia para comproval-o. Comecemos pelo Egypto.

O Egypto, arrebatado ha mais de 24 seculos aos seus possuidores naturaes, tem visto estabelecerem-se nelle successivamente Persas, Macedonios, Romanos, Gregos, Arabes, Georgianos, e finalmente essa raça de Tartaros conhecidos pelo nome de Turcos Ottomanos. Presentemente a sua população consta de quatro raças distinctas, a saber : 1.^a dos Arabes ; 2.^a dos Coptos, que descendem da antiga raça mesclada com os Persas e Gregos ; e pela sua côr e caracteres physiologicos, diz Volney, que são os verdadeiros representantes dos Egypcios ; 3.^a dos Turcos, que são os senhores do paiz ; são os mesmos povos, a que os Gregos chamavão Parthos, Massagetos, e mesmo Scytas, e aos quaes havemos substituido o nome de Tartaros ; 4.^a a dos Mamelucos, hoje quasi extincta ; nascidos ao pé do Caucaso se distinguão dos outros habitantes pela

côr loura de seus cabellos, estranha aos naturaes do Egypto.

Os Coptos, dissemos, descendem da antiga raça mesclada com os Persas e Gregos. Qual era pois essa raça antiga e primitiva do Egypto? Eis-ahi o que se pôde deduzir da seguinte passagem de Herodoto — « Em quanto a mim tenho que os Colchos são uma colonia dos Egyptios, porque como elles tem a pelle negra e os cabellos crespos. » — O que quer dizer, que os antigos Egyptios erão verdadeiros negros da especie de todos os naturaes da Africa. Para corroborar esta asserção basta o que diz Volney: que vendo o Sphinge logo concebêra que o character dos primeiros habitantes do Egypto era o dos negros; e então exclama elle — « Quão grande objecto de meditação he ver a barbaria e a ignorancia dos negros actuaes, e pensar que esta raça, hoje nossa escrava, e o objecto do nosso desprezo, he a mesma á quem devemos nossas artes, nossas sciencias, e até o uso da palavra; imaginar emfim que a raça, que teve um genio tão profundo, como o dos Egyptios, viria a ser objecto de um problema: *se os negros tem uma intelligencia como a dos brancos!!* »

O Dr. Blumenbach, professor de anatomia em Gottinga, dissecára varias mumias do Egypto, e diz elle que encontrára nos craneos os caracteres distinctos de tres raças de homens, a saber: uma era a raça ethiope, bem caracterisada pelas maçãs do rosto elevadas, labios grossos, nariz largo e achatado, pupillas salientes, &c.; outra raça tinha os caracteres dos Hindus; e a terceira mista; participando das duas primeiras, isto he, do mesmo modo que Volney descreve os Coptos actuaes.

Agora fallaremos dos Mamelucos para deduzir um argumento em favor da nossa proposição. Os Egyptios mandavão vir escravos das margens do Cuban e do Phaso, e delles fazião a sua milicia desde o seculo XIII; esta milicia de escravos chegou a 80 mil. Os Mamelucos pois erão da mais pura raça Caucasea, como são todos os da Georgia, Mingrelia, Circassia, &c. Foi tal e tão poderosa esta milicia de escravos, que dominou o Egypto durante muitos annos. Mehemet Ali deu cabo della para poder firmar a sua autoridade. Julgar-se-ha talvez pela sua du-

ração, que esta milicia se perpetuava no paiz por meio de successão ; mas não era assim : ella se renovava sempre por novas levas de escravos, porque não houve durante seis seculos exemplo de que vingasse um só filho de algum Mameluco casado com mulher do seu paiz.

Entretanto elles se perpetuavão, casando com as Egypcias ; porém raro era aquelle que o fazia ; preferião sempre casar com as mulheres do seu proprio paiz, transportadas como escravas da Georgia, da Mingrelia, &c. Como explicar a singularidade desse phenomeno, vendo homens robustos e bem constituidos, casados com mulheres da mesma condição e vigor, e não poderem conservar a sua raça nas margens do Nilo, nem naturalisar nelle o sangue puro caucaseo ? Eis-ahi a explicação deste prodigioso phenomeno : pela marcha da lei providencial convinha a fusão das raças caucasea e egypcia, porque esta mescla por espaço de seis seculos teria feito do Egypto um paiz de gente branca ; mas a Providencia foi contrariada em seus designios, visto que um prejuizo talvez, um preconceito popular não permittiu a fusão das raças para melhoral-as. E o resultado ? A Providencia castigou os Mamelucos, negando-lhes, que se perpetuassem nas margens do Nilo pela morte prematura de todos os seus filhos em tenra idade ! que prodigio ! !

Para provar o que acabamos de dizer basta a seguinte passagem de Volney : — « Este paiz (as provincias do « Caucazo) foi em todos os tempos um viveiro de escravos ; « fornecia-os aos Gregos, aos Romanos, e á antiga Asia. « Porém, não he singular o que se lê em Herodoto, que « antigamente a Colchida (hoje a Georgia) recebia os ha- « bitantes negros do Egypto, e ver que hoje lhe retribue « com outros tão distinctos ? » A Colchida pois recebia escravos negros do Egypto, e hoje vende escravos brancos para o mesmo Egypto ; os Colchos são negros, como diz Herodoto, e hoje são brancos, e da mais pura raça ; he certo por tanto que a mescla fez desaparecer na Colchida, hoje Georgia, a raça ethiope, substituindo-a pela raça Caucasea. Entretanto, onde estão os antigos habitantes negros do Egypto ? elles se fundirão com os Persas e Gregos, e desta mescla, ainda imperfeita, nascêrão os Coptos,

especie dos nossos mulatos, ou raça hybrida entre negro e branco.

Ha um facto geralmente averiguado, e he que o cruzamento das raças quasi sempre tem lugar em vantagem da raça mais nobre (permitta-se-nos este termo, partindo da raça caucasica até a ethiope). Um homem branco, por exemplo, procura sem difficuldade uma preta, mas uma mulher branca difficilmente se presta a um preto. Os proprios mulatos preferem as brancas para casamento, e mui rara vez casão com mulher de mais baixa *nuança*, porque procurão por instincto elevar a sua raça. Uma mulata prefere sempre um homem branco, e tambem não casa com um preto senão raramente. Ha pois um instincto, um anhelos para melhorar a sua condição nas raças hybridas, instincto que a experiencia nos tem confirmado. No Hayti, onde uma mulher do paiz não póde casar com um branco, preferem as mulheres de côr (Quarteironas) ser antes *amasias* (Maitresses) de um estrangeiro do que casarem com seus proprios patricios.

Todos estes factos provão demasiado, que a raça ethiope tende a desaparecer pelo decurso do tempo como a raça americana, ou pela mistura de outras raças, ou pela civilisação dos brancos, que para os negros he um veneno que os destróe. Tenho para mim, que a emancipação absoluta da escravidão na America será o ponto de partida para a decadencia total da raça ethiope no nosso continente, como já aconteceu em Portugal e suas ilhas. Em quanto á Africa, a colonisação crescente dos Europeos fará o mesmo que já fez na America: ou a Africa permanecerá, como até aqui, barbara e estacionaria, ou passará para o dominio europeu; no primeiro caso os negros se destruirão mutuamente pouco a pouco, e no segundo os brancos se encarregarão dessa missão de exterminio, porque a raça negra, como a americana, está condemnada a desaparecer da face da terra. [1]

[1] Parecerá talvez extraordinario o que avançamos ácerca da extincção da raça americana, ainda selvagem; mas se reflectirmos que precedeu á essa raça outra muito mais civilisada, e da qual nenhum outro vestigio resta de sua grandeza senão esses monumentos colossaes, que attestão uma civilisação muito adi-

antada, veremos que nada mais natural do que desapareça tambem aquella no começo da sua civilisação.

Com effeito, quem não tem ouvido fallar de Palenque e de Mitla, cidades desertas, das quaes a primeira abrange oito legoas de extensão, ornadas de palacios e templos de granito e de marmore, silenciosas e abandonadas no seio do Mexico, como Memphis nas areias do Egypto, e Palmira nos desertos da Syria?

Em fins de 1844 B. M. Norman, habitante da Nova Orleans, emprehendeu uma viagem a Yucatan, cujo resultado appareceu á luz em 1843. Eis-aqui o que elle diz ácerca das ruinas de Chichen, situadas a onze legoas ao sudueste de Valladolid. Antes de Norman nenhum outro viajante havia visitado esses restos de civilisação extincta.

« Cinco dias consecutivos, assim se exprime elle, empreguei
« em passear por entre monumentos arruinados de uma cidade,
« que deve ter sido das maiores do mundo. Attonito contempla-
« va diante de mim, em um circuito de muitas milhas de dia-
« metro, paredes de palacios, templos e pyramides mais ou me-
« nos desabadas. A terra juncada, a perder de vista, de gigan-
« tescas columnas, umas já partidas, outras quasi inteiras. Ne-
« hum signal, nenhum indicio mostrava haver aquelle lugar
« sido visitado antes de mim. »

Descreve o viajante alguns dos muitos edificios, que existem ainda bem conservados naquelle vasto espaço, e entre outros um Templo, cujas paredes, carregadas de ornamentos esculpidos, tem de comprimento mais de 130 metros, e a parte do edificio, respeitada pelo tempo, 18 metros de altura. Estas ruinas estão assentadas em vasta planicie, pouco mais ou menos a cem milhas de distancia do mar, e fóra de toda a communicação por agua. Visitou tambem o Sr. Norman as principaes cidades do Yucatan, com especialidade Merida, Mani, outr'ora capital da provincia, as antiguidades de Ticul e de Uxmal, e desenhou alguns dos monumentos mais notaveis, cuja obra possuímos (*Synopsis, ou Deduc. chron.*, &c.)

Em que época pois existirão esses povos de tanto poder e de tanta industria? Devia ser bem remota para os que habitavam depois os mesmos lugares sem nenhuma reminiscencia do passado. A construcção dos edificios, que ainda restão nessas ruinas, o genero de architectura nelles empregado, he mui distincto da construcção e architectura dos Mexicanos e Peruanos, como se vê pelas pyramides de Cholula e de Tihuanacu, pelos palacios de Cayambé e de Cajamarca, é pela mesma cidade do México em grande parte conservada. Erão por tanto raças distinctas, condemnadas ambas na America a desaparecerem, uma muito antes da raça, que denominamos Americana, e esta pela fatal substituição da raça caucasea.

XXVII

DIFFERENÇAS NOTÁVEIS ENTRE AS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS E A MODERNA.

Vamos agora fazer um esboço do estado da actual civilização para tratarmos depois das instituições civis, politicas, e religiosas, e dahi concluirmos com o nosso principio, isto he, que ha uma lei providencial que rege o complexo dos destinos humanos.

O que he, o que significa a civilização actual? pelo lado moral he mister convir, em que não estamos tão adiantados quanto deviamos; todavia excedemos em muito a todas as civilizações, que nos precederão.

De todas essas civilizações antigas só temos cabal conhecimento da dos Gregos e dos Romanos. A dos Persas e Medos, Assirios ou Chaldeos, representada pelos Magos, e a dos Egyptios pelos sacerdotes de Isis, dellas só restão uma historia truncada, e alguns monumentos; a dos Hindus talvez a mais antiga, apenas tinhamos della ligeiras tradições até pouco. Entretanto dous factos ha que nos podem servir de bussola para guiar-nos no intrincado labyrintho das nossas meditações philosophicas: o 1.º he que em todas essas antigas civilizações prevaleceu a escravidão, que parece destinada a acabar na que decorre

presentemente ; o 2.º he que nenhuma dessas civilizações foi tão extensa como a actual, porque as antigas limitam-se sempre á certas nacionalidades, em quanto o resto do mundo existia mergulhado na barbaria e na ignorancia.

Com effeito, o que nos resta dessas civilizações antigas ? Os Persas, os Egyptios, os Assyrios e Chaldeos, os Indios, e outros muitos povos da mais remota antiguidade, cujos sabios formavão uma especie de seita separada do resto do povo, não se servião da escriptura commum para as sciencias que professavão. Admittindo uma linguagem peculiar ás suas respectivas seitas, os Magos, os padres de Isis, e os Brahmanes só se servião de symbolos e de hieroglyphos para representar os phenomenos da natureza, que elles tinham observado, e cuja intelligencia lhes era reservada. [1]

Os primeiros Gregos, que forão instruir-se ao Oriente e ao Egypto, forão iniciados naquelles misterios, e trouxerão consigo a linguagem das sciencias, transmittida por engenhosas allegorias. Extincta essa raça de sabios pelas revoluções, que assolárão a Asia e a Africa, perderam com elles a chave dessa lingua mysteriosa, e apenas ficarão os symbolos sem significação alguma ; assim he que muitas cousas, que passarão por fabulosas durante vinte e trinta seculos, porque não erão entendidas, hoje são outras tantas verdades reconhecidas e demonstradas, depois de novas descobertas.

Além de que, quando pela erupção dos barbaros do norte fôra inundado o Meio dia da Europa por essas hordas errantes, famintas dos bens materiaes, que buscavão em suas conquistas, perdeu-se tudo quanto ainda restava de precioso sobre as sciencias e as artes, cujos fragmentos destacados apenas inculcão a existencia de algum prodigio. Nessa perda deploramos muitas invenções curiosissimas, e muitos achados importantes, de que apenas temos hoje uma idéa limitada, ou de cuja realidade por muito tempo duvidamos, como os espelhos de Archimedes, as azas de Perséo, o fogo grego, &c.

He pois dos Gregos e dos Romanos, que nos ficarão os monumentos de saber nessas obras maravilhosas, que ainda hoje nos servem de exemplo e de lição, principal-

mente em philosophia racional e moral, em eloquencia, historia, poesia, medicina e jurisprudencia; porém em quanto ás suas instituições politicas e civis, nada delles aprendemos senão a detestal-as de todo o nosso coração.

E na verdade, quem não tem ouvido desde a sua infancia ponderar a liberdade, e o espirito de igualdade da Grecia e de Roma? Sem embargo, quando contemplamos o genero humano dividido em duas castas inimigas, de homens que gozão, e de homens que padecem, volvemos, como para consolarmo-nos, a vista para aquelles dous povos antigos; mas que vemos! : em Esparta uma aristocracia de trinta mil nobres tinha debaixo de um jugo horroroso a duzentos mil escravos; para impedir a demasiada propagação daquella especie de *negros*, os Lacedemonios ião de noite á habitação dos *Elotes*, como em busca de animaes ferozes, para destruil-os.

Em Athenas, no sanctuario da liberdade, existião quatro escravos por cada homem livre; não havia uma só casa, onde aquelles pretensos *democratas* não exercessem o regime despotico dos antigos colonos da America, com uma crueldade digna dos tyrannos; de quatro milbões de homens, que deverão povoar a antiga Grecia, mais de três milhões erão escravos; a desigualdade politica e civil era o dogma dos povos e dos legisladores, que se achava consagrado por Lycurgó e por Solon, professado por Aristoteles, pelo divino Platão [2], pelos Generaes e Embaixadores de Athenas, de Esparta, e de Roma, os quaes em Polibio, Tito Livio, e Thucydides fallão como se fossem Embaixadores de Atila ou de Tchingiskan.

Em Roma tambem reinarão os mesmos costumes nos que se chamarão *bellos tempos* da republica; alli o marido vendia sua mulher, o pai vendia seu filho, o escravo não era *pessoa*. [3] O devedor insolvente era reduzido á escravidão, e as leis autorisavão, que um homem livre se despojasse a seu arbitrio do *imprescriptivel e inalienavel direito de liberdade*. Quando se examinão a sangue frio esses barbaros costumes, esses estabelecimentos de Grecia e de Roma, perde-se a illusão que faz encarar com respeito para tão injustos governos, e nos sentimos inclinados a abraçar o parecer de um philosopho moderno, que os contempla como mui semelhantes ao dos Memelucos do

Egypto ou do antigo Dey de Argel ; e cre que não faltam os antigos Gregos e Romanos, tão famigerados, mais do que o nome de Hunos ou de Vandalos para serem um verdadeiro retrato de todos os caracteres, que distinguem as nações ferozes da meia idade. (Bosquejo hist. polit. e litt.)

Bem difficil seria por tanto reconstruir um passado inteiramente perdido, nem para o nosso proposito era mister buscar nas civilisações, que já lá forão, a origem das sociedades modernas, nem mesmo entre os Gregos e Romanos, e muito menos na idade media, nesses seculos de barbaria, em que o Genero humano, lançado nas procellas da vida, representava um navio sem vellas e sem leme exposto ao furor das ondas, levando por bandeira esta fatal inscrição — *Incertum quo fata ferunt.* —

Alguns pretendem que a civilisação moderna começára no seculo XII depois das primeiras cruzadas ; mas nós sustentamos que ella data do seculo XV, partindo dos seguintes factos : a invenção da Imprensa, a tomada de Constantinopla, a descoberta da America e do Cabo da Boa-Esperança. Estes quatro notaveis acontecimentos tiveram lugar desde o meiado até o fim do seculo XV como dissemos. [4]

[4] Eis-ahi o que erão os Magos, sacerdotes da Religião de Zoroastro, entre os antigos Persas ; elles formavão uma corporação dedicada ao culto e ás sciencias ; cultivavão sobre tudo a astronomia, astrologia, e outras sciencias occultas ; o que fazia com que se lhes attribuisse um poder sobre-natural, cuja lembrança se conserva ainda entre nós na palavra *magica* ou *magia*. S. Matheus diz, que tres desses Magos vierão do oriente até Bethlem adorar a Jesus-Christo no seu nascimento ; a tradição vulgar fez delles tres Reis. Os sacerdotes de Isis no Egypto estavão no mesmo caso ; erão elles os que unicamente cultivavão as sciencias, creando misterios, de que fizerão uma iniciação, a qual passou depois para a Grecia e para a Italia. Os Brahmanes erão igualmente sacerdotes no Indostão ; porém estes formavão uma classe, e além do culto dedicavão-se ás sciencias, de que erão os unicos depositarios ; e por isso erão tambem os unicos sabios do paiz. (*Bouillet, Dicc. univ. de hist. e de geog.*)

[2] Se um escravo, diz Plátão, mata um homem livre, que

(se arremessa para o assassinar, convém que seja punido como um parricida !!

[3] As legislações antigas, e particularmente a Romana, continhão sobre este objecto disposições atrozes ; ellas até negavam a esses entes desgraçados a condição de homens. Aquelle que assassinava um escravo soffria a mesma pena, conforme a disposição da lei *Aquilia*, que o matador do cão ou do cavallo de outrem.

[4] Matter e Ancillon são desta mesma opinião, e muitos outros que não he possivel nomear agora ; tanto assim que em suas obras já citadas (Historia das doutrinas moraes e politicas dos tres ultimos seculos, e Quadro das revoluções do systema politico da Europa desde o fim do seculo XV) elles só comprehendem a marcha crescente e invariavel da actual civilisação depois dos factos, que mencionamos, como ponto de partida para o progresso moral e material.



XXVIII

O PROGRESSO POLITICO E O PROGRESSO MORAL.

He pois da historia, durante os ultimos quatro seculos, que nós tiraremos as provas dos nossos argumentos, e com ellas trataremos de indicar a marcha futura do Genero humano segundó a lei providencial, que rege os seus immensos destinos.

Um artigo da Encyclopedia Britanica, escripto pelo celebre philosopho escocez *Dugald Stewart*, sobre as sciencias moraes e politicas dos ultimos seculos, deu lugar á uma obra interessante, escripta por M. I. Matter, sob o titulo de — *Historia das doutrinas moraes e politicas dos tres ultimos seculos* — Esta obra, geralmente apreciada tanto em França como na Allemanha, reune ao mesmo tempo os caracteres mais distinctos dos dous povos, porque, á par do estylo conciso e claro dos Francezes, acha-se o espirito profundo dos Allemães.

Ha porém notavel differença entre *Dugald* e *Matter* : o 1.º não se occupou das sciencias politicas senão tanto quanto ellas se confundião com as sciencias moraes ; pelo contrário *Matter* trata essencialmente das doutrinas politicas, e sómente das moraes no sentido o mais restricto ;

elle não falla do progresso na philosophia, e no estado da religião, senão quando assim convém para explicar o progresso da politica e da moral.

Em outro ponto de vista fundamental ainda divergem Matter e Dugald, e vem a ser : que o philosopho escolheo tratou das sciencias moraes e politicas em theoria, isto he, das doutrinas que reinarão entre os sabios, ou prevalecerão nas escolas; Matter porém considerando, que raramente as theorias das escolas dominão ou governão o mundo; que este se governa quasi sempre por opiniões contrarias ás theorias; que em tal caso os factos, que prevalecem contra as theorias, formão os nossos costumes, dirigem os nossos destinos, e pór tanto merecem de preferencia fixar a nossa attenção; tratou ao mesmo tempo das theorias das escolas, e das doutrinas que prevalecerão na pratica, para por este desaccôrdo ou desharmonia mostrar o quanto a theoria das escolas está muitas vezes em contradicção com o mundo.

Com effeito, muitos exemplos temos nós para provarmos essa desharmonia entre a theoria dos sabios, e as doutrinas que prevalecerão na pratica, principalmente quando consideramos a antithese profunda, que reinava entre as doutrinas de Erasmo e de Carlos V, de Thomaz Morus e de Henrique VIII, de Bodin e de Catharina de Medicis; antithese cheia de irritação e de colera, espalhada por toda a Europa. Nesta apreciação seguiremos a Mr. Matter, a nosso ver o mais profundo philosopho estadista dos nossos dias, considerando a constante luta, em que tem estado a theoria e a pratica das doutrinas, que pelos ultimos quatro seculos reinarão na Europa; assim como os progressos e vantagens, que esta luta tem produzido, afim de trazermos aos dous campos algumas palavras de conciliação.

Os quatro ultimos seculos são na verdade seculos de orgulho para a Europa, e formão a época das mais gloriosas conquistas, as da intelligencia; era de emancipação politica e moral, durante a qual não se sabe o que mais se deva admirar: se os progressos das sciencias e das artes, ou os das instituições. No fim porém dessa época, diz Matter, apparece outra de transtorno e de controversias, á que se poderia chamar era de decadencia [1], e vem

a ser : *falta de fé nos homens e nas cousas ; ausencia ou abnegação de enthusiasmo pelas doutrinas e pelas instituições ; scepticismo nas leis e nos costumes ; tédio pelo que existe, e horror pelo que póde vir a ser.* Tal he a situação moral e politica, em que se acha esta fracção da humanidade depois de quatro seculos de um immenso des-envolvimento.

Em que consiste este enigma tão extraordinario ? no progresso mesmo desses ultimos seculos, e na maneira porque elle se consummou. Na historia pois deste progresso he que Mr. Matter funda todo o interesse da sua obra. De todas as questões, que se tem agitado durante os ultimos seculos, resulta pelo menos uma verdade, que para nós he um axioma, a saber : *que nenhum progresso politico he desejavel, que nenhum he mesmo possivel, se não he conduzido naturalmente por um progresso moral.*

[2] Demonstra plenamente esta verdade a historia de tantas instituições abortadas entre o espectáculo das catastrophes mais sanguinolentas, e das reacções mais deploraveis.

E na verdade só os costumes podem inspirar boas leis, e as instituições, que não correspondem aos costumes do paiz, offerecem anachronismos, que revoltão a razão, e perturbão o organismo moral dos povos, vindo a ser por isso causa de *retrogradação*. A historia dos quatro ultimos seculos he tão rica em factos moraes, como revoltante em factos materiaes. Abra-se a historia do primeiro desses seculos, e alli achar-se-hão Luiz XI, Ricardo III, Alexandre VI, Cezar Borgia, Henrique VIII, Christiano II, Fernando e Izabel, Maria Tudor, e Carlos IX ; eis-ahi ao que se chama primeira época, ou a era da emancipação moderna.

O seculo passado, porém, foi mais prudente e mais grave ; foi uma era de sciencia e de philosophia. A primeira palavra dessa era he *Emancipação da consciencia pela razão* ; porém essa emancipação foi abusiva: da oppressão passou-se para a corrupção e para a licença. Do systema dos philosophos passou-se ao deismo, e do deismo para o epicurismo moderno, que engendrou a abstracção da consciencia e dos destinos immortaes do homem. Seguiu-se por consequencia o atheismo religioso, e dahi o

atheismo moral, e dos dous nasceu o atheismo politico, que he a dissolução de todo vinculo social. Este estado de cousas trouxe consigo uma luta horrivel; e já para o fim do mesmo seculo triumpharia o progresso moral, se a grande revolução daquella época não causasse novas e extremas violencias.

Estribar-se por tanto sobre o progresso moral será daqui em diante a condição da legitimidade e da estabilidade de um systema. *De todo governo, que quer viver,* (e os governos moraes não vivem senão dos pensamentos da razão publica, e das pulsações da consciencia nacional) *o principio de vida está na potencia de suas doutrinas moraes.* A independencia pois das doutrinas moraes fôrma o caracter da era moderna. Por *moral* não se entende a religião, nem a politica, nem a philosophia; he porém tão primitiva como todas ellas, e côexistente. Sem embargo a moral he invariavel, ainda que variem a religião, a politica, ou a philosophia.

A noção da lei moral he uma faculdade moral a mais importante, he inseparavel da vontade, e explica por si mesma o que he o homem. Entretanto he mister convir, que sem religião a moral seria um edificio sem tecto nem base; não exageremos porém esta proposição, attribuindo tão sómente ao altar e ao throno a ordem, os costumes puros, e o respeito ás leis, porque a historia desmente os factos, e as disputas entre o Imperio e o Sacerdocio tem feito muita bulha para que ninguem as ignore.

Por fim Matter distingue sete periodos na historia das doutrinas moraes e politicas dos ultimos quatro seculos, começando pelo *renascimento* das lettras (*renaissance*) até a revolução de 1830 em França; e conclue dizendo, que a era do progresso politico pelo progresso moral he chegada, e por tanto que tambem he chegada a época do governo moral, daquella que só vive das luzes da razão publica, e das pulsações da consciencia popular. Enganar-se-hia Matter? Vejamos.

[1] *Era de decadencia?* oh! não; cumpre ser justo e respeitoso para com o tempo em que se vive. O nosso tem realisado prodigios, que terião parecido sonhos de um visionario: pôz

nas mãos do homem forças misteriosas e sem limites ; tirou das sciencias effeitos, que nos deverião encher de espanto, e que contemplamos sem surpresa ; supprimiu a distancia e suspendeu a dór a seu bel prazer ; estendeu fios no espaço, e até sobre o leito do oceano, e a palavra insonora os percorre com a rapidez da luz ; o proprio raio foi domado, e a luz electrica affugentou as trévas, que occultavão muitos mysterios da natureza ; a luz solar foi para o homem mais do que o fogo de Prometheo, porque por meio da photographia e da heliographia pôde reproduzir toda a natureza organica e inorganica como o *fiat lux* ; nunca a dignidade humana foi melhor representada, nem o homem conheceu mais em tempo algum toda a elevação do seu ser. Onde pois está o signal de decadencia ?

[2] Segundo o nosso modo de entender forão *Fenelon e Pri-ce* os dous philosophos moralistas, que tornarão de uma evidencia manifesta esta maxima, de que aqui se serve Matter. Depois delles foi J. J. Rousseau o primeiro que a manifestou, dizendo que : o progresso das idéas e dos conhecimentos podia camihar sem o progresso paralelo nos costumes e nos sentimentos, mas neste caso havia *decadencia* real no progresso apparente. *M. P. Hist. de J. J. Rousseau.*



XXIX

ERA DA EMANCIPAÇÃO MODERNA.

O progresso, que Matter pretende descrever nestes ultimos seculos, he uma successão da luta mais encarniçada, desde que renasceu para a Europa o estudo das sciencias, isto he, da litteratura e da philosophia antiga; sciencias, que, depois de cinco seculos de decadencia e de barbaria, reaparecião pela invasão de Constantinopla, trazidas pelos refugiados Gregos.

Com effeito, estes refugiados encontrarão na Italia um acolhimento tal, que suas doutrinas achárão écho por toda a parte, e as vozes da emancipação encontrarão os votos da liberdade. Nove annos depois da tomada de Constantinopla pelos Turcos nasceu na Italia *Pomponacio*, que devia emancipar a *philosophia*, e sete annos depois de Pomponacio nasceu *Machiavel*, que tambem devia emancipar a *politica*. Estes dous homens fizeram a mudança de todas as doutrinas e de todas as instituições, sobre que descansavão a *ordem moral e a ordem social* do mundo. A elles, que forão os mais distinctos discipulos dos refugiados Gregos, e ás doutrinas, que elles creárão e propagárão, devem-se todos os factos e doutrinas,

que mudarão a face do mundo pela maneira com que a Europa acolheu semelhantes doutrinas até chegar a revolução religiosa de 1517.

Antes dessa época, sem haver um direito publico europeu, existia entre os diversos Estados da Europa uma especie de *unidade*, que, sem nenhum systema, fazia com que todos esses Estados tivessem uma communitade de interesses, e uma conformidade de tendencias debaixo de certas relações, que hoje não apresentam; isto he, a Europa tinha toda a mesma fé, sujeita ao mesmo Pontífice: á sua voz a Europa marchava toda sob a mesma bandeira. A mesma linguagem sagrada era conhecida de um a outro extremo; a situação moral e politica de todos os Estados era semelhante; os mesmos votos, a mesma necessidade de ordem reinava por toda a parte; e apesar do isolamento desses Estados, da falta de canaes e de estradas, de jornaes e de tribunas, (que tem feito da Europa um *forum*, um senado ou um club), a conquista de Granada, a descoberta da America e do Cabo da Boa Esperança resoarão nas montanhas da Escandinavia como nas planícies da Irlanda.

Qual era pois o caracter moral e politico desta grande aggregação? Quaes erão as doutrinas geraes, que podião considerar-se como constituindo a vida da Europa? A resposta á estas duas questões achar-se-ha consignada em um só factó: *a religião dirigia então a moral e a politica*. O christianismo tinha civilisado todos os Imperios, o clero tinha creado todos os Estados; todas as doutrinas, todas as instituições erão obra sua; a Europa era governada pela religião, que se elevava sobre todos os codigos, até mesmo dos conquistadores; e se não havia uma theocracia verdadeiramente pontifical ou real, havia a theocracia popular, isto he, tudo se fazia em nome e honra de Deus; e era isto o que queria dizer o — *Dieux le veut* — dos Cruzados.

Esta ordem politica offerecia não só um caracter altamente religioso e moral, como descansava sobre uma base sagrada, sobre leis divinas e por consequencia eternas. Tal era a Europa antes de 1453; porém depois dessa época vierão os refugiados de Bizancio romper o pacto da religião e da philosophia, separar a politica da

moral, e operar uma dupla emancipação, substituindo a discussão á autoridade, o progresso á immutabilidade. Como pôde a Grecia Bizantina fazer essa immensa revolução? pelas doutrinas que os seus philosophos professavão, e que espalhárão na Italia, onde achárão pasto sufficiente para mantêl-as, e estendêl-as muito mais do que pensavão. A igreja foi a primeira, que se resentiu de seus effeitos; as suas doutrinas começárão a variar, e a defecção dos Principes da igreja trouxe a defecção dos povos; de tal sorte que a dictadura do pontificado ainda existia, quando tinha desapparecido a preponderancia da igreja.

A Italia toda tinha abraçado a philosophia dos Gregos; os Principes, os Cardeaes, os mesmos Papas forão iniciados nessa litteratura, que recordava os bellos tempos da antiga Grecia; basta lembrar os nomes de Bembo e de Leão X para dizer-se, que a igreja participava tambem dessa philosophia, e não só a igreja como o Estado, e não só o Estado como as escolas, onde novas doutrinas apparecêrão e atacárão essa logica, essa rhetorica, e essa theologia, que reinavão como soberanos depois de quatro seculos. A esse espirito de insurreição litteraria, moral e politica, se reunia uma especie de exaltação magica, para que muito concorreu essa accumulção das riquezas importadas depois da descoberta do Cabo da Boa Esperança e da America, e sobre tudo, mais que qualquer outra causa, a invenção da imprensa.

As doutrinas de Pomponacio se reduzião pois a *libertar a philosophia dos dogmas da religião*; todavia ellas não forão sem influencia sobre a politica daquelle tempo, que outro philosopho estava chamado a separar tambem da religião e da moral. Com effeito Machiavel, nascido em Florença de uma familia nobre aos 5 de Maio de 1469, foi como Pomponacio discipulo dos refugiados Gregos; porém o seu trabalho foi mais simples, e melhor preparado; preferindo a historia á metaphysica, nutriu-se mais de Tacito e de Tito Livio, onde bebeu as inspirações do seu *Principe*. Chamado muito moço ao serviço da patria, envolveu-se em todas as revoluções politicas daquelle época. Cheio de perspicacia, de tino e de instrucção, soube aproveitar as lições do infortunio para julgar os

homens e os Estados; e o seu juizo foi o mais exacto que he possível, tanto assim que para traçar a sua doutrina politica não era mister mais do que deixar correr a pena á mercê de suas recordações, ou de suas observações diarias.

Machiavel, apesar do que havia observado sob os pontificados de Alexandre VI e de Julio II, não era irreverente nem immoral; pelo contrario sempre fallava das doutrinas religiosas nos termos mais comedidos, como se vê da seguinte passagem do livro 1.º cap. 2.º dos discursos sobre Tito Livio — « Assim como a observancia do culto divino he uma das causas da grandeza dos Estados (nações), assim tambem o desprezo, que se tolera, he a causa de sua ruina » — Sem embargo Machiavel he mais estadista que homem religioso; para elle a politica he a causa primaria, a razão de Estado; a religião no seu systema não he sempre um meio de governar — « *Não he com Padre-nossos que se conservão os Estados* » — *Che gli stati non si tenevano con Pater-nostri in mano* — dizia elle na sua historia de Florença, liv. 7.º

Pomponacio, cujas doutrinas não forão bem recebidas, soffreu por ellas perseguições e dissabores, porque as revoluções moraes não se fazem de um só jacto; tem de ordinario tres periodos, e necessitão de tres gerações: uma que concebe, outra que amadurece, e a terceira que executa; e assim aconteceu. Outros philosophos forão tambem inovando até que Erasmo appareceu no principio do seculo XVI, e lançou de novo sobre a arena os principios de Pomponacio. As doutrinas de Machiavel pelo contrario, modeladas sobre a pratica daquelles tempos, achárão écho no interesse da Europa, e sympathias pelo absolutismo real, que ellas estabelecão. A philosophia portanto se constituiu juiz da religião, e a politica da religião e da moral. Duas revoluções pois se fizeram nesse sentido, que em breve devião produzir terceira, isto he, uma revolução religiosa.



XXX

A REFORMA RELIGIOSA, SEU CARACTER MORAL E POLITICO.

A ressurreição das letras começou a produzir os seus fructos no principio do seculo XVI; foi então que o occidente começou tambem a ser a terra do progresso. O character todo inteiro desse periodo, diz Matter, está nas seguintes palavras — « uma revolução religiosa, que traz em seu ventre uma revolução politica » — A' essa revolução religiosa pois se referem todas as doutrinas moraes e politicas posteriores até a revolução dos Paizes-baixos. Como se passou porém repentinamente das doutrinas de um poder forte para as que produzirão esta revolução? he que a liberdade da consciencia devia trazer consigo a liberdade civil e politica, porque são coexistentes: a emancipação devia ser completa em todos os sentidos, apesar de não ser este o character politico da *reforma*. [1]

Com effeito, pelo lado moral a *reforma* foi uma revolução completa, uma mudança de profissão de fé, e por consequencia do governo da igreja. A nova doutrina fazia substituir á velha o evangelho só em virtude de uma interpretação directa, abstração feita de toda a autoridade humana; tal foi pelo menos o seu character primitivo,

tal era o principio da revolução religiosa de 1517. Pelo lado politico basta para caracterisal-a a seguinte passagem de Lutero, defendendo a Christiano rei da Dinamarca.

« Mudar e melhorar os governos são duas cousas tão distinctas, uma da outra, como he o céo da terra. He facil mudar, difficil porém e perigoso melhorar — e porque? he porque isto não he a nossa missão, mas está reservado a Deus unicamente. O povo em seus excessos, incapaz de saber o que será melhor, limita-se a querer outra cousa, salvo a mudar ainda se vai de mal a peor. Quando as rãs da fabula não quizerão mais a travesinha, tiverão então a cegonha que as devorou. Uma população desenfrejada he uma raça tão má, que só um tyranno a póde governar. O tyranno he o açamo, que se põe ao animal indomavel; se fosse possível sujeitar um povo máo á uma ordem regular, Deus não teria instituido o despôtismo e a espada. »

Por esta opinião vê-se bem, que a autoridade real nada perdêra com a *reforma*; pelo contrario o character politico da revolução religiosa de 1517 consiste todo ou estriba-se nesta triplice doutrina, isto he, uma inviolabilidade sagrada, uma legitimidade directa, e uma independencia completa do poder espirital. As doutrinas de Erasmo, o escriptor mais classico de toda a Europa, modeladas sobre o bello idéal da philosophia antiga, e aformoseadas pelas graves lições do christianismo, forão admiradas, porém logo esquecidas. O que exigia aquella época era opiniões decididas, homens vigorosos, promptos a seguir até o fim, e com perigo de suas vidas, as inspirações do seu enthusiasmo ou os sonhos de sua imaginação; era por consequencia Machiavel que mais convinha do que Erasmo, cuja utopia classica era bandeira velha para aquelles tempos de furor e de loucura.

Dissemos mais acima, que a liberdade de consciencia devia trazer comsigo a liberdade civil e politica como o complemento da emancipação moderna. Com effeito, era natural que os povos, vendo na *reforma* a liberdade de suas consciencias, quizessem tambem emancipar-se de toda autoridade, que podesse pesar sobre suas fortunas e direitos politicos; portanto não era de admirar o rapido vôo, que tomárão todas essas doutrinas tendentes á

liberdade civil e politica depois da liberdade religiosa. Eis-ahi a origem dessas leis communaes, ou por outra, do governo representativo moderno nos privilegios dos povos de Aragão. A exaggeração porém de todas essas doutrinas trouxe tambem uma reacção igual, senão mais violenta, e eis-ahi a razão por que forão precisos tres seculos para fazer triumphar as doutrinas dos *communeros* de Castella.

Por sua parte oppunhão os governos tenaz resistencia aos povos e a seus excessos, dos quaes resultárão revoluções e taes horrores, que foi então forçoso abrigarem-se debaixo do poder, e retrogradar aos tempos anteriores á *reforma*. Ao aspecto das doutrinas, que as paixões populares deduzirão dos principios de 1517, a opção foi forçada, mas não houve outro remedio, porque essas doutrinas punhão em risco todas as instituições, e por consequencia os destinos de todas as nações do Occidente. Entre os dous males escolherão o menor; isto he, conservarem-se á custa de algumas liberdades, que para conquistal-as podião arriscar a propria existencia. [2] Nessa época figurárão dous homens (Carlos V e Francisco I de França) em favor de quem parecia ser feita a revolução, que elles animárão por um lado, e á que resistirão depois.

Em todo esse periodo, de mais de um seculo, impetuozas doutrinas de emancipação sahirão das escolas dos philosophos, do pulpito dos pregadores, da choça do lavrador, dos conselhos das cidades, e das assembléas dos Estados. A lei do progresso parecia proclamada pela Europa inteira; a imprensa foi o órgão desse movimento, de que o theatro se tornou o écho; mas as paixões arrancárão esse progresso do poder da sciencia, e delle fizerão os povos uma bandeira de desordem: eis-ahi uma face dessa época. Por outro lado pregavão-se as doutrinas do absolutismo e da repressão, e d'ahi nasceu um poder novo — *a autocracia* — que tudo invadiu e tudo absorveu, tratando a razão e a consciencia como cousas de que a Providencia lhe tivesse confiado a gerencia ou a propriedade: eis-ahi a outra face.

Destes dous systemas de theorias nada aproveitou a Europa, e para guiar-se só tinha diante de si antigas tra-

dições, e velhos soffrimentos: sem embargo continuou sempre essa luta, em que a paixão, real ou popular, era a sua verdadeira inspiração, sua existencia continua. A grande lição de toda essa época (1517 a 1641) consiste em que o progresso se tornou violento, despotico e sanguinario; que o absolutismo lutou corpo a corpo, e que irritado pelas paixões, que encontrou em seu passo, lançou por terra o edificio social, e de suas ruínas construiu um throno para si na pessoa de Cromwel. Mas não anticipemos os factos, e volvamos á revolução dos Paizes-baixos, a primeira e a maior de todas as revoluções modernas.

[1] Chamou-se *reforma* a revolução religiosa de 1517, e assim deve ser entendido quando usarmos deste termo.

[2] Quando se observa de que modo, ou como as doutrinas da *reforma* poderão servir ao mesmo tempo para ensanchar as usurpações do poder, ou para excitar as paixões dos povos, convertidas as theorias de emancipação em theorias de absolutismo ou de revolta, pergunta-se naturalmente: quem as ensinou á Europa, quem as divulgou, quem forão esses homens? Depois de Pomponacio, Lavacquerie e Leão X, Commynes e Machiavel, sem fallarmos da republica feliz de Thomaz Morus, citaremos La Boetie, entre cujas obras resalta pela sua audacia aquella que trata do elogio fanatico de todos quantos libertarão o seu paiz, enterrando o punhal no peito de um tyranno; como por exemplo o elogio de Harmodius e de Aristogiton, de Thrasybulo, de Bruto, de Dion, de Valerio, de Cassio, e do joven Catão, que pedia um punhal para matar a Sylla.

Vê-se pois, que as doutrinas moraes dos escriptores politicos não forão mais honestas nem valião mais que as doutrinas moraes dos philosophos e dos theologos. São umas e outras de igual quilate: declamações classicas sobre a moral, theses emphaticas sobre a liberdade, tratados insidiosos sobre a religião, dissertações estereis sobre Aristoteles ou Platão, scepticismo, e um ligeiro movimento de eclectismo; eisahi tudo quanto as escolas oppuzerão ás paixões ou ambições dos principes, e aos excessos dos povos.

Para fazer contraste com os escriptores politicos daquella época apparecerão as celebres instrucções de Carlos V a seu filho Filippe II. Com effeito, aquella principe tinha uma grande

vantagem sobre todos os outros politicos, porque seus conselhos são o fructo de uma experiencia consumada, e em nada se parecião com as *antitheses* de Erasmo, com as *utopias* de Morus, nem com as declamações de La Boetie. Assim he digno de notar-se como Carlos V inculca a seu filho o amor sincero dos seus povos, provando-lhe a inutilidade de todos os esforços para supprir essa affeição por meio do terror, ou pelas apparencias de virtudes, que se não possuão.

E todavia esses conselhos forão desprezados; he pois nos Paizes-baixos onde a luta entre a moral e a politica se torna em actos de violencia; e por isso he la tambem onde teve origem a serie de todas as revoluções modernas.



XXXI

A REVOLUÇÃO DOS PAIZES BAIXOS (1565 A 1648.)

Dos dous systemas contrários, que se achavão em frente um do outro, Filippe II representava o absolutismo ou a *autocrácia*, e o povo dos Paizes-baixos o *progresso*; foi por tanto neste paiz, onde essas duas forças se oppuzerão e chocarão com descommunal violencia. Quão digna he de meditação a historia da primeira das revoluções modernas!! [1] Suas lições não são frias theorias de combates estereis entre a aristocracia ou democracia da Grecia, ou entre os patricios e proletarios de Roma; não certamente, porque são mais alguma cousa, são o resultado de uma luta que durou 40 annos, e na qual devião desaparecer as novas doutrinas e as velhas instituições pela tenacidade incansavel dos combatentes.

De todo o systema de Filippe II, assim como de qualquer outro systema politico, salta aos olhos uma verdade, e vem a ser, que não basta para governar o ter unicamente boas doutrinas, mas que he mister tambem homens proprios e costumes convenientes para assegurar o poder. O systema de repressão nos Paizes-baixos succumbiu não só porque era máu em si mesmo, como porque foi appli-

cado por pessimos agentes. Sem embargo he para admirar nas instrucções, que Philippe deu a seu filho, como mu- da dos actos para a linguagem ; ellas são o idéalismo de Cassiodoro, a utopia de Morus, e o purismo de Erasmo ; instrucções que parecem incriveis na bocca de um Prin- ceipe, que foi chamado *o demonio do meio dia e o flagello da humanidade*.

Em França os mesmos dous principios se acharão em presença, isto he, *o progresso e a repressão* ; porém alli o poder ou principio reactor estava fraccionado entre Catharina de Medicis e Carlos IX, os Guises e a Liga ; assim foi que o espirito de Philippe II não pôde encarnar-se todo inteiro nesse grupo. Sem embargo travou-se a mesma luta, em que se vê figurar Henrique IV até que a reacção o foi ferir, e appareceu então o systema de Riche- lieu, reduzido a estes dous pontos cardiaes. grandes, sim- ples, e admiravelmente ligados ; isto he, 1.º *tornar a rea- leza absoluta no paiz*, 2.º *tornar a França preponderante na Europa*.

Antes porém de Richelieu, quando a reacção se acha- va fraccionada, ninguem se envergonhava de um assassi- nato como meio de repressão ; o duque Francisco de Guise ou o Principe de Condé assassinados forão ambos victi- mas ordinarias dessa luta tenebrosa, em que houverão tambem outros assassinatos, propostos ou executados com vistas mais elevadas ; cuja porta foi feichada pelo de Hen- rique IV. Todos os partidos amaldiçoarão então a horri- vel doutrina do regicidio erigida em dever, e ainda muito mais quando o proprio filho desse mesmo Henrique IV se serviu della para assassinar o favorito de sua mãe o Mare- chal d'Ancre. Do systema pois de Richelieu, seguido de- pois com encarniçamento por Mazarini, data essa luta fu- riosa entre as doutrinas antigas e modernas, cujo duello só tinha de acabar por duas revoluções.

Tendo sido a Allemanha teatro da maior das revolu- ções produzidas pelo renascimento das lettras, o foi tam- bem da guerra mais geral, que sizerão rebentar as novas doutrinas moraes e politicas da Europa. Com effeito, a guerra dos 30 annos não foi só uma guerra civil, uma guerra allemã, mas o tremendo duello de todo o occiden- te, dividido em dous campos inimigos pelo *renascimento*

ou pela *reforma*. Neste duello se precipitarão a Suecia, a Dinamarca, a Inglaterra, a França, a Hespanha e a Italia; e nesta guerra, se se pôde chamar de *principios*, acharão-se compromettidas todas as doutrinas desde 1453 até aquella data; assim he que a Europa toda respeitou por mais de um seculo o juizo das nações inscripto no tratado de Westphalia.

O tratado de Westphalia, assignado em Osnabruck cidade protestante no anno de 1648, e em Munster cidade catholica, pelas maiores potencias da Europa, estabeleceu varias doutrinas, entre ellas a paz publica como o resultado dessa grande luta, o reconhecimento formal da republica da Hollanda, a tolerancia do Calvinismo, liberdade para os Principes da Allemanha abraçarem qualquer das tres confissões christãs, e a mesma faculdade para os subditos desde 1624, anno normal para todas as reparações.

Debaixo de todas estas relações, segundo estes principios, em moral como em politica, em philosophia como em litteratura, a Allemanha data de 1648 uma era de ordem, de regeneração e de progresso. A paz e o equilibrio da Europa acharão-se desta maneira por mais de um seculo em harmonia com as doutrinas: he que em Munster e Osnabruck se havia distribuido um pouco de ordem e um pouco de liberdade para todos.

[4] *F. Schiller*, Hist. das revoluções dos Paizes-baixos



XXXII

CONTINUA A LUTA ENTRE OS DOUS SYSTEMAS
(PROGRESSO E REPRESSÃO.)

Até agora o systema de repressão tinha sido applicado contra as doutrinas novas em nome das doutrinas antigas ; na Inglaterra pelo contrário he contra as doutrinas velhas, que a repressão vai ser empregada em nome das novas ; e algumas vezes até mesmo entre estas, reprimindo-se umas em nome de outras mais modernas. Quem tiver lido com madura reflexão a historia de Inglaterra, desde Henrique VIII até Carlos I, se haverá por mais de uma vez horrorisado dessas revoluções, perseguições e proscricções, que enlutarão por tantos annos os tres reinos. Em nenhuma parte se offerece como alli em relevo a doutrina da regeneração do homem pelas provações, porque tambem alli foi onde essas expiações dolorosas trouxerão o verdadeiro progresso.

No meiado do seculo XVII representa-se um drama completo em dous actos, de que são protagonistas Cromwell e Luiz XIV. Uma grande reacção figura nessa época em dous sentidos : Cromwell representa a repressão em nome das doutrinas modernas, e Luiz XIV a represen-

ta em nome das velhas ; e todavia por um contraste singular viu-se Luiz XIV fazer um tratado de alliança com Cromwell, e dahi por diante a França apoiar na Europa e nos paizes monarchicos todos os movimentos de emancipação, que nascião da revolução de Inglaterra, assim como o progresso violento, semeando a agitação nos paizes submettidos á dominação hespanholã ; e isto quando a Europa toda se havia mostrado sentida pela catastrophe de Carlos I.

Se nos vinte annos decorridos, desde 1640 a 1660, não ha nesse intervallo um só dia, que não seja assignalado por uma desordem ou por uma revolução ; tambem nos vinte annos seguintes, de 1660 a 1680, não ha um só dia, que não esteja marcado por um regresso ou por uma reacção. A primeira se operou em Inglaterra depois da morte de Cromwell pela abdicacção de Ricardo seu filho, que deu lugar á volta de Carlos II ao throno pelo mesmo exercito, que havia levado ao cadafalso Carlos I. Ainda em vida de Cromwell se havia começado a reacção ; foi contra elle, que se publicou o panfleto de *Titus*, cujo motte era : *Killing no murder* — matar não he assassinar, isto he, que matar a Cromwell seria um acto glorioso. [1]

Carlos II nada tinha aprendido nem esquecido, apesar das lições de todos os seus infortunios, e veiu cooperar no sentido dessa mesma reacção, que tão funesta tinha sido ao seu antecessor, porque tal era o espirito da época. Luiz XIV, livre já do parlamento de Paris e dos protestantes, não teve mais considerações, e esmagou tudo debaixo da magestade de seus direitos soberanos. A Allemanha tambem succumbiu, apesar de ser o berço dessa *refórma*, que se considerava como um grande acto de emancipação. A Suecia foi a unica, que, apesar do despotismo de Carlos Gustavo, salvou a sua constituição fundamental ; porém a Dinamarca soffreu a reacção mais completa, porque forão os mesmos povos, que se despojarão de seus direitos para entregal-os a Frederico III.

Só a Hollanda figurava como um paiz livre e sem reacções, porém nem ella mesmo escapou da lei geral ; tanto assim que João de Witt e seu irmão Cornelio forão victimas de seus principios por quererem oppor-se ao ascendente da casa de Orange, que já tinha tomado muito

corpo na republica, de tal sorte que Guilherme, discipulo desse mesmo João Witt, conservou esse ascendente a ponto de ser designado para rei da Hollanda, se não tivesse sido predistinado para sel-o de Inglaterra. A reacção triumphava por toda a parte, porque o povo parecia cansado da anarchia.

Sem embargo ainda não estava preenchido o designio da Providencia, que se revelava por essa exaggeração nas doutrinas moraes e politicas como para provocar uma nova reacção. Com effeito, depois da volta dos Stuarts não se contentarão estes com uma reacção politica, fizerão mais, tentarão umá reacção religiosa, que os perdeu. O pacto entre Luiz XIV e Carlos II, para defraudar a Hollanda, irritou muito a Guilherme de Orange, que logo se separou dos interesses deste Principe. A camara dos Commons reagiu por fim contra Carlos II, e poz-se debaixo do paladium das liberdades nacionaes, desse *habeas corpus*, tão celebre em Inglaterra, e que hoje fórma parte da sua constituição.

Finalmente os grandes chamarão a Guilherme de Orange, que desembarcou em Torbay com um pequeno exercito, e Jayme II abandonado teve que retirar-se para ir morrer em S. Germain. Guilherme, que tinha ficado simples expectador, depois deste desenlace foi convidado pelo parlamento para aceitar a corôa debaixo da condição de aceitar tambem a declaração dos direitos da nação. O destino de Guilherme he com effeito singular ; elle he menos um homem ou um guerreiro do que um Principe ou um *symbolo* ; he o homem do seu seculo por excellencia ; he o principio de transacção entre o progresso republicano e a immobilidade monarchica ; he o symbolo de transição entre a politica absoluta da meia idade, e a doutrina constitucional dos tempos modernos. [2]

[4] Veja-se a importante historia de Cromwell por Mr. de *Villemain*, e sobre tudo as observações preliminares sobre a historia de Inglaterra — Veja-se tambem o quadro das revoluções do systema politico da Europa desde o principio do seculo XVI por *Ancillon* — ; assim como a historia das doutrinas moraes e politicas dos tres ultimos seculos por *Matter*.

[2] Dissemos no principio deste artigo, que a meiado do seculo XVII figurava uma grande reacção em dous sentidos ; que Cromwell representava a repressão em nome das doutrinas modernas, e Luiz XIV a representava tambem em nome das antigas ; entretanto nem um nem outro representavão o verdadeiro *genio* dessa época, porque, como muito bem diz Matter — « o verdadeiro *genio* de uma época he o complexo de idéas e de factos, a que chamamos progresso moral » — è dessa época os verdadeiros representantes são Guilherme III e Fenelon ; porque Guilherme funda a era da legalidade nacional, e Fenelon ensina á Europa moderna a sciencia da politica moral.

A esses dous nomes fazem cortejo outros tambem illustres, porque esse seculo he o de Malebranche, Pascal, Locke, Racine, Moliere, Puffendorf e Leibnitz, genios sublimes, a quem segue uma brilhante cohorte de emulos, porque o bem he tão contagioso como o mal. A revolução fará pois a volta do mundo : ella sahiu da Grecia, veiu ao meio dia e passou ao norte ; da Hollanda e da Inglaterra passou á America do norte, dalli voltou á França, que a propagou á Italia e á Hespanha, á Belgica e á Polonia ; já a Europa a restituiu á Grecia, donde ella partiu. O cyclo porém não está completo, a Europa a enviará ainda ao Egypto e á India, berços primitivos da civilisação ; e com este grande facto a humanidade completará emfim uma era de verdadeira civilisação geral, e approvada pelo longo curso das idades, e pela experiencia de todos os grandes povos da terra.



XXXIII

AINDA O MESMO OBJECTO ATÉ A REVOLUÇÃO DA AMÉRICA DO NORTE.

Temos ainda de voltar ao periodo mais importante da luta entre os dous systemas ; isto he, á revolução da Inglaterra, porque ella se fez sentir em toda a Europa ; e tanto mais forte foi o desejo de emancipação, quanto mais violenta era a repressão. A monarchia hespanhola era então o typo do absolutismo, e por isso as doutrinas de emancipação forão mais violentas nos paizes de sua dominação, como a Catalunha, Portugal, Napoles, &c. Quando a industria, o commercio, e a navegação estavam abatidas, veiu ainda a intolerancia de Filippe III dar o ultimo golpe na prosperidade nacional ; a expulsão dos Mouros, decretada em 1609, foi uma verdadeira calamidade, que arruinou de todo o reino de Valença. [1]

O ultimo esforço do absolutismo verificou-se na Inglaterra, como já dissemos, pela restauração dos Stuarts, assim como se conservava em França pela tenacidade de Luiz XIV. A revolução de 1688 quasi nenhuma alteração tinha feito nas instituições inglezas e na dynastia, porque em lugar do sogro entrou o genro a governar. Se, porém, a Inglaterra com a revolução de 1688 não quiz tocar na

sua dynastia nem nas suas instituições, foi porque aspirava á uma mudança mais sensível em suas doutrinas e no espirito do poder, antes do que nas pessoas. Foi então em França onde essa crise se desenvolveu com mais rapidez, graças aos ultimos annos de Luiz XIV, e ás doutrinas da regencia. Quanto mais avança a civilisação, tanto mais contagiosas são as crises sociaes ; assim veremos tornar-se mais europeia a revolução da America do Norte do que todas as de Inglaterra.

A catastrophe e a revolução de 1649 (morté de Carlos I) tinham sorprendido as velhas monarchias da Europa ; porém apezar disso viu-se Mazarini dando a mão a Cromwell, e plantando a insurreição na Catalunha, em Napoles, na Hungria, assim como Richelieu o tinha feito em Inglaterra e na Escocia, e o mesmo Carlos I em França e nos Paizes-baixos. A Europa, póde asseverar-se, foi quasi toda insensível á sorte do desgraçado Monarcha, como tambem parecia indifferente pelas doutrinas que succumbirão, ou pelas que dominarão. Seria acaso porque os governos da Europa confiassem demasiado nas suas doutrinas antigas ? Assim parece pelo procedimento daquelles governos, sem embargo de que muito influuiu sobre todos elles a revolução de 1688.

Esta segunda revolução devia ser decisiva, porque era obra da calma e da reflexão ; todavia pouco tempo depois seus effeitos erão pouco sensíveis, e a propria Inglaterra como que a esqueceu, apezar das doutrinas do famoso decreto de Oxford de 21 de Julho de 1683, apoiadas por todos os mais celebres escriptores radicaes antes e depois daquella época, como Buchanan, Godwin, Baxter, Hunton, Gilby, Goodman, Owen, &c. Fingindo ignorar estas maximas, o novo governo esteve em risco de abysmar-se. Se isto aconteceu na propria Inglaterra, o que deveria esperar-se de todos os governos do continente, que só tinham diante de si o exemplo de Luiz XIV e o systema de Florença ?

Se os governos porém não fizerão nenhum caso da revolução de 1688, se ficarão estacionarios, ou se constituirão retrogradados, a razão publica não só se constituiu progressiva, como que, irritada por uma opposição acintosa e violenta, ella se havia tornado revolucionaria, e até

radical com respeito a todas as doutrinas antigas. Desta sorte a França marchava no ultimo seculo para uma revolução, que ameaçava o mundo moderno, e para romper bastava que a autoridade real se perdesse por segunda vez, como já se havia perdido durante o reinado de Luiz XV. Entretanto, porque a revolução de 1763 rompeu antes na America do que na França? Como finalmente uma revolução feita na America, paiz de excepção, antithese completa da velha Europa, pôde ella transtornar a França e a Europa inteira, a ponto de que ainda hoje as agita?

Sejão quaes fossem os motivos da revolução das ex-colonias inglezas, o certo he que ella não podia ser considerada como um facto isolado, ou como um drama representado longe da scena principal; porém como um elo da cadeia, que prende as duas revoluções de 1688 e de 1789, ou como o complemento da primeira dessas revoluções, e estréa da segunda. Entretanto mais que ambas foi aquella revolução pura, grave, decisiva, e tão rapida como uma exhalação: he que os mais nobres sentimentos, comprimidos por tanto tempo, tinham de fazer a sua explosão na cabeça e no coração dos povos transatlanticos, onde o instincto de emancipação se havia tornado, não uma maxima politica, mas um artigo de fé.

Esta revolução he sem duvida aquella que mais tem espalhado no mundo moderno as doutrinas mais importantes, porque forão as que derão o golpe decisivo no antigo systema de Florença e de Castella, de Carlos V e de Filippe II, de Carlos I e de Jayme II, de Richelieu e de Luiz XIV, e de todos os seus imitadores. Com effeito um governo representativo, de fôrma puramente popular, perfeitamente combinado nas relações entre os seus poderes, não só capaz de garantir a ordem interna, como de infundir respeito e veneração á todas as nações do globo, devia ser um espectáculo novo e encantador; e não he para admirar que o écho dessas novas doutrinas fizesse tanta impressão na Europa inteira, e sobre tudo na França pelo contacto, que tinha tido durante a guerra da independencia.

[4] Este facto, semelhante ao que teve lugar em Portugal em tempo d'el-Rei D. Manoel, expellindo os Judeus, e de que tantas queixas faz o famoso Bispo de Sylves na historia daquelle monarcha, teve as mesmas consequencias ; um e outro porém não evitarão a revogação do edicto de Nantes por Luiz XIV, que no sentir dos melhores escriptores atrasou a França de um seculo em sua industria e commercio. Os Judeus, expellidos de Portugal, levarão comsigo a riqueza e o commercio de que erão a alma, pois que as conquistas da Asia e da Africa, longe de enriquecerem o paiz, acabarão por aniquilal-o no fausto, e nas guerras, que se suscitirão depois.



XXXIV

A REVOLUÇÃO DE 1789.

Os Americanos realisavão as suas theorias do *self-government*, quando os povos da Europa fatigados por longas e desastrosas guerras de politica geral, ou de mesquinhas combinações de familia, não tinham alcançado resultado algum glorioso, nem compensação equivalente a seus grandes sacrificios; os tratados de 1763 tinham acabado de irrital-os. Quando os Estados-Unidos consumavão a grande obra da sua independencia, a Europa tinha visto desaparecer por combinações de interesse do poder absoluto a existencia de um grande povo — a Polonia — e essa violenta annullação não podia deixar de estimular os sentimentos de sympathias por esse outro povo, que acabava de inscrever-se por si mesmo na lista das nações. .

O que ainda se tornou mais notavel foi a parte gloriosa, que a velha aristocracia tomou nessa luta; de sorte que todas as classes da sociedade fizeram votos pela America. Todas as nações quizerão seu quinhão de gloria nesse torneio contra a Inglaterra, especialmente a França e a Hespanha, até que vierão todas á conclusão da paz

em 1783, e o principio do *self-government* ficou sancionado. Qual foi a influencia immediata das doutrinas em voga? a reacção dos governos e a opposição dos povos, mas não das ultimas camadas da sociedade, senão e principalmente do *estado medio* perfeitamente definido por *Sieyes*.

He inconcebivel como dous homens fizeram uma das maiores revoluções politicas e sociaes porque tem passado o mundo durante a civilisação actual; e como assim? foi *Sieyes* o homem, que mais concorreu para o desenvolvimento de todas essas doutrinas, que forão o verdugo da *realiza* [1], dando-lhe garrote na sua resposta — *o estado medio he a nação* — quando se propoz em nome do rei a seguinte questão: — *O que he o estado medio?* (Qu'est ce que le tiers État?). Esta unica resposta passou por uma demonstração. *Mirabeau* acabou de dar o ultimo golpe, reduzindo á uma assembléa nacional e soberana o que até alli não se considerava senão como votos de *bailliages* (votos de districtos ou comarcas).

O dia 17 de Junho de 1789 foi portanto o da éra da revolução francezã; dahi por diante tudo levou o cunho dessa nova ordem de cousas, que se havia realisado pelos conselhos de *Sieyes* e pelo ascendente de *Mirabeau*. Eis-ahi realisadas na França as doutrinas de Inglaterra de 1640 a 1649, e renovadas em 1688; as mesmas que a America tinha ensinado ao exercito francez, e que *Franklin* explicava aos publicistas francezes [2]. Successivamente apparecêrão dez declarações dos direitos do homem de differente redacção, porém todas pouco mais ou menos conformes á do congresso americano. Dir-se-hia que era um thema dado a estudantes de direito sobre as theorias sociaes dos Estados-Unidos.

O seculo passado, dissemos nós no principio desta dissertação, foi o seculo das idéas, da philosophia transcendental, porque era necessario destruir a sociedade que existia, substituindo-a por outra para consecução do desígnio providencial. Com effeito, percorrendo todas as doutrinas moraes, politicas e religiosas durante os tres ultimos seculos, vê-se claramente a luta dos principios, isto he, entre o principio religioso e irreligioso, entre o principio espiritualista e materialista, entre o principio mo-

narchico e o democratico, entre o principio de progresso e o de repressão, e finalmente entre a liberdade e o despotismo.

Cada um destes principios, actuando sobre o outro que lhe era contrario, devia produzir, durante longa serie de annos de uma luta continuada, todas essas revoluções; que ensanguentárão o mundo como outras tantas expiações dolorosas; e não he de admirar, que tenhamos chegado á uma época de progresso, lembrados de que o genero humano expia e se rehabilita pelas provações, assim como que cada expiação he para elle um passo para o progresso, porque o apróxima de mais em mais a esse estado divino anterior á primeira culpa [3].

Concluiremos este artigo com a seguinte passagem de um escriptor moderno: « Desde o principio da historia a injustiça e a violencia produzem os mesmos desvios; e he essa a razão por que a historia está repassada de lagrimas e de sangue! Quando os homens se convencerem de que a violencia e a injustiça são amaldiçoadas por Deus, e que o céo abençôa tão sómente a justiça e a liberdade, será mister cancellar a historia antiga, porque o seguimento não terá semelhança alguma com o principio. O novo livro dos nossos destinos, em vez de ter uma nodoa de sangue em cada pagina, será o quadro de prosperidades calmas e infinitas. »

[4] O Abbade Sieyes, homem que se tornou tão notavel nesta revolução, que votou a morte de Luiz XVI, acusado algum tempo antes de democracia, respondeu nos seguintes termos — « Espalha-se que eu me inclino para o *republicanismo*, não ha tal; não he para afagar velhos habitos, nem por sentimento « algum supersticioso da *realeza*, que eu prefiro a monarchia; « prefiro-a porque me parece demonstrado, *que ha mais liberdade para o cidadão na monarchia do que na republica*. O « melhor regime social, segundo o meu modo de pensar, he « aquelle onde, não um nem alguns tão sómente, porém todos « gozem tranquillamente da maior extensão de liberdade possível. Terei talvez breve occasião de desenvolver esta questão, « e espero provar, não que a monarchia seja preferivel cm tal « ou qual circumstancia, senão que, em todas as hypotheses, « *he-se mais livre na monarchia do que na republica* ».

[2] Quem poderia duvidar de um designio providencial nos destinos humanos? Se houvesse alguém tão sceptico que o duvidasse, teria de curvar-se ante a logica irresistivel dos factos. Ahi tendes, quem quer que sejais, sceptico ou fatalista, uma serie de factos, cuja coincidencia prova mais que muito a existencia de uma lei providencial, que rege o complexo dos destinos humanos desde o principio até o fim; ahi tendes duas grandes revoluções, uma a meiado do seculo XVII, e a outra no fim do seculo XVIII, ambas sob a mesma influencia, com os mesmos principios, coincidindo em tudo e por tudo assim nos factos como nas doutrinas. Eis-ahi realisadas em França as doutrinas da Inglaterra de 1640 a 1649, e renovadas em 1688.

Façamos portanto o paralelo, eil-o:

Revolução ingleza.

Os Stuarts
 Carlos I.
 Resistencia do parlamento.
 Este denega os subsidios.
 Parlamento dissolvido.
 Parlamento interminavel.
 Effervescencia popular sempre em augmento.
 Carlos I em Yorck.
 Guerra civil.
 Fugida de Carlos I, apanhado na ilha de Wight.
 Julgamento e execução de Carlos I.
 Republica ingleza.
 Olivier Cromwell, protector.
 Parlamento dissolvido por este.
 Nova camara.
 Despotismo militar, potencia exterior.
 Alliança de Cromwell com Mazzarini e Luiz XIV.
 Queda de Cromwell.
 Exclusão de seu filho.
 General Monck.
 Restauração, os Stuarts.
 Carlos II.
 Promessa de conservar a Carta.

Revolução franceza.

Os Bourbons.
 Luiz XVI.
 Assembléa dos Notaveis.
 Idem.
 Juramento do *Jeu de Paume*.
 Assembléas constituintes e legislativas.
 Idem.
 Luiz XVI em Versailles.
 Emigração, Vandea, &c.
 Fugida de Luiz XVI, apanhado em Varennes.
 Julgamento e execução de Luiz XVI.
 Republica franceza.
 Napoleão Bonaparte, consul.
 O 18 Brumario.
 O senado.
 Idem.
 Casamento de Napoleão com uma Archiduqueza d'Austria.
 Queda de Napoleão.
 Idem.
 Talleyrand, Fouché, &c.
 Restauração, os Bourbons.
 Luiz XVIII.
 A Carta, e as promessas de mantel-a.

Licenciamento do exercito de Cromwell.	Licenciamento do exercito do Loire.
Triumpho dos realistas.	Idem.
Os Whigs e os Torys.	Os liberaes e os ultras.
Reacção catholica e realista.	Idem.
Morte de Russel e de Sidney.	Morte de Berton, Bories, &c.
Influencia do Duque de Yorck irmão do Rei.	Influencia do Pavilhão Marsan, Conde de Artois irmão do Rei
Jayme II.	Carlos X.
Boas palavras ao subir ao throno ; falacia.	Idem.
Triumpho dos Catholicos e dos Torys.	Triumpho dos Jesuitas e dos ultras.
Jeffrys e seus cumplices.	Ministerio Villele e Polignac.
A nação indignada.	Idem.
Queda de Jayme II, chamada <i>revolução gloriosa</i> .	Queda de Carlos X, chamada <i>revolução gloriosa</i> .
Guilherme de Nassau.	Lutz Filippe de Orleans.
O pretendente Principe Carlos Eduardo, os montanhezes da Escocia, os Mac-Gregors, a derrota e a fuga.	Henrique V, a Vandea, os Chuans, a Duqueza de Berry, sua prisão e expulsão.
Reacções parciaes.	Paris, Lyão, &c., &c.
Marcha constante do systema representativo (1745); potencia intellectual da Grãa-Bretanha; industria, poder, riquezas, &c., &c.
Pitt, Fox, Canning, Peel, &c., &c.

(*Bosquejo hist. polit e litt. do Brasil.*)

[3] As formas da sociedade, quando apropriadas, são inabalaveis; o temerario, que ousa tocal-as, despedaça-se de encontro a ellas; mas quando uma fôrma de sociedade tem completado o seu tempo; quando concebemos, quando queremos mais direitos, além daquelles que com ella possuímos; quando o que era um apoio se tem convertido em um obstaculo; quando emfim o espirito da liberdade, e o amor dos povos, que anda a seu lado, se retirarão ao mesmo tempo da fôrma outr'ora mais poderosa e mais adorada, o primeiro que põe a mão neste idolo vasio de Deus, que o animava, facilmente o abate e o reduz a pó.

« Assim caminha o genero humano de fôrma em fôrma, de revolução em revolução, só marchando sobre ruinas, porém

marchando sempre. O genero humano, como o universo, não vai vivendo senão pela morte, mas ella he apparente, pois que contém o germe de uma nova vida. As revoluções, consideradas por essa face, não consternão mais o amigo da humanidade, porque, além de destruições momentaneas, elle percebe uma renovação perpetua; porque, assistindo ás mais deploraveis tragedias, conhece o seu feliz desfeixe; porque, vendo declinar e cahir uma fôrma da sociedade, crê firmemente que a fôrma futura, quaesquer que sejam as apparencias, será melhor que todas as outras: tal he a consolação, a esperanza, a fé serena e profunda da philosophia. » (V. Cousin — da Caridade — *Diario de Pern.* 28 de Fevereiro de 1855.)



XXXV

DOCTRINAS MORAES DO SEculo XVIII.

Quaes forão as doutrinas, que prevalecêrão nas escolas, na imprensa e no theatro, durante o seculo XVIII? Desde 1763 os maiores e mais distinctos escriptores do mundo professavão o *deismo*. Cerca de um seculo antes elle tinha apparecido em Inglaterra, onde Hume o sosteve quando este systema começava a envelhecer. Voltaire e Rousseau, Diderot e d'Alembert o tinhão propagado em França; Edelmann, Lessing, Wieland, e a Colonia de Frederico II o trasmittirão á Allemanha, onde Goethe tambem devia favorecêl-o; Franklin, Jefferson, e Thomaz Paine lançarão-no na America; assim era quasi impossivel deixar de obter uma victoria tão completa.

Pela serie dos progressos dos *deistas*, chamados *pensadores livres* em Inglaterra, *philosophos* em França, e *espiritos fortes* na Prussia, o scepticismo, o sensualismo, e o materialismo tinhão tomado seu lugar no mundo, collocando-se nas escolas, na imprensa, e no theatro, e introduzindo-se nos costumes, na razão e no coração dos homens, emfim na velha sociedade espiritualista e christã; o principio hostil ás instituições e ás doutrinas religiosas

assegurou o seu triumpho com muita habilidade, constituindo-se o órgão do progresso. Quando essa massa de idéas, esse corpo de doutrinas marchou em columna cerrada por toda a parte, ninguem ousou fazer-lhe frente, senão parte do clero, e alguns escriptores fóra do espirito da época.

Quando os maiores genios daquelle tempo exercião sobre a imprensa toda a sua influencia, o theatro os acompanhou, adoptando para a scena as doutrinas das escolas. O theatro era por assim dizer o reflexo das escolas, ou das doutrinas que nellas se professavão; haja vista a parodia do parnaso de Favart, onde apparecem as mais subtyl doutrinas de um dos maiores publicistas da Europa. Entretanto cumpre confessar que um homem houve, que ousou elevar a doutrina moral á uma verdadeira sciencia, arrancando-a ao *eudemonismo* [1], isto he, ao instincto do gozo e do interesse, e á todas as maximas do sensualismo; esse homem, esse philosopho foi Price [2].

A Allemanha attribue a Kant esta doutrina, que deu á moral uma face nova, porque Kant, reproduzindo-a, não fallou de Price senão de Hume; todavia nada mais justo do que ligar sempre á uma reforma qualquer o nome do sabio, que a produziu. Price, dando uma nova forma á doutrina moral, purificada do scepticismo, do sensualismo e do materialismo, elevou-a, como disse-mos, á uma verdadeira sciencia, embebendo os seus principios de tudo quanto ha de mais sagrado para o homem.

Eis-ahi as doutrinas moraes e politicas em suas tendencias geraes desde o renascimento em 1453 até a revolução de 1789. Este drama parece completo, apesar de que, depois desta ultima época, alguns ensaios, algumas novas doutrinas tem recebido tambem novas applicações; em theoria porém não ha progresso [3]; a forma e o espirito das instituições apenas tem soffrido ligeiras modificações, no que consiste toda a novidade. Percorrei a formula dos direitos do homem, offerecida por La Fayette e adoptada pela convenção, e caminhando por todas as alternativas das diferentes constituições de 91, 93, 95 e 99, ireis infallivelmente ter á Carta de 1814 e ao acto adicional de 1815.

[4] Temos talvez de empregar esta palavra outras vezes, cumpre portanto defini-la. Por *eudemonismo* não entendemos o gozo moral e material, que resulta do bem-estar universal, mas esse gozo da carne, o interesse egoístico, que faz do homem colectivo um ente isolado, uma entidade circumscripta á si mesma, sem relação com as de sua especie: he o sensualismo em sua mais vasta accepção. Vejamos como Ancillon no seu *Justo meio*, fallando do *absoluto e do relativo*, definiu o *eudemonismo*, que elle divide, para melhor explicar, da seguinte maneira:

« *These*: Não existem senão sensações agradaveis ou desagradaveis, cousas uteis ou nocivas. A moralidade consiste na arte de evitar umas, de adquirir e de conservar outras. O *eudemonismo* he pois a verdadeira *ethica*. »

« *Antithese*: Existem deveres e direitos, que se elevão sobre tudo. A *ethica* he a theoria de uns e de outros, e a idéa de perfeição combina com todas as outras exigencias da natureza humana. »

Orá Mr. d'Ancillon no desenvolvimento da sua *these* trata perfeitamente a questão do dever, mas emquanto a do interesse ou do *eudemonismo*, elle esquece muitas vezes a natureza humana para seguir unicamente os dictames de uma razão esclrecida. A questão he: se entre o *dever puro* e o interesse individual ou *eudemonismo* existe alguma relação ou relações, que possam pôr em harmonia todas as diversas partes, que formão a natureza intellectual e moral do homem. Sem uma apreciação semelhante de todas estas cousas, todo o systema moral será sempre manco, e parecerá em contradicção com a natureza humana.

O que he verdade, o que parece certo, he, que tudo quanto desconhecem e condemnão os partidistas severos do *dever puro*, he adoptado pelo *eudemonismo* como fundamento da sua doutrina, a qual parte sempre do agradável e do util, como principio da actividade humana. Qualquer que seja a diversidade das fórmias sob as quaes se apresenta o eudemonismo, todos os systemas deste genero se reúnem no mesmo ponto; isto he, no *interesse* considerado como unico e legitimo principio de nossa conducta. Tão sómente ha variação na natureza deste interesse, sendo mais ou menos elevada, mas ou menos grosseira, e até mais ou menos justa.

Sem esquecermos o — *nisi utile est quod facimus stulta est gloria* — do velho fabulista, diremos que a idéa do dever nem sempre pôde ser prescripta pela lei, e he o caso em que a moral não pôde estar separada da religião, como teremos occasião de explicar mais adiante. Pôde o legislador fundar sobre a justiça mais pura e absoluta todas as relações, que elle estabelece no

estado, porém não cabe na sua alçada o determinar todas as relações necessarias : não pôde obrigar pessoa alguma a ser justa. A lei pois não tem poderes para gravar a justiça no coração do homem ; porque só a religião pôde chegar á consciencia, só ella pôde dar alma e vida ás doutrinas ; assim como tambem só á razão he dado chegar á liberdade, que faz o merito das acções.

Finalmente Mr. de Ancillon, que nesta sua obra se inclina um pouco para a opinião dos stoicos, os quaes admittião em todas as doutrinas e principios contradictorios uma certa porção de verdade, e que dessa porção devia servir-se o philosopho para apreciar a conveniencia ou discrepancia de todas as opiniões, conclue que a ethica, verdadeira e unica noção do dever, he seguramente o fundamento de toda a moralidade ; entretanto que o *eudemonismo*, a doutrina do interesse, está igualmente na natureza humana, e não se deve desprezar. Parece que, o autor estava escrevendo com os olhos fitos no futuro do Brasil, onde o eudemonismo tem actualmenté um throno de ferro.

[2] *Ricardo Price*, ministro protestante, e celebre escriptor inglez, veiu a figurar no terceiro quartel do seculo passado, começando a sua reputação pela obra intitulada — *Revista das principaes difficuldades em moral* — Porém sobre tudo o que mais voga lhe deu foi a sua correspondencia com o celebre physico *Priestley*, tambem de grande reputação como um dos primeiros sabios da Europa. Nessa correspondencia, publicada debaixo do titulo de — *Discussão das doutrinas do materialismo e da necessidade* — Price elevou a moral á altura da sua missão, e fez della uma sciencia, como diz Matter na sua Historia das doutrinas moraes dos ultimos tres seculos.

[3] Esta conclusão he de Matter ; em outro artigo diremos a nossa opinião a este respeito. Vede o artigo XXXVIII.



XXXVI

AS REVOLUÇÕES DE 1830 E DE 1848.

Do acto addicional de 1815 a 1830 todo o movimento das doutrinas se fez no sentido da revolução deste ultimo anno ; porém não era novo nem imprevisito : era a consequencia das doutrinas antigas, e o complemento da revolução de 1814 ; assim como a revolução de 1688 tinha sido em Inglaterra o complemento da de 1660. Carlos X, subindo ao throno em 1824 pela morte de Luiz XVIII seu irmão, tinha contra si o precedente de ser considerado como chefe occulto do partido ultra-realista ; sem embargo, os seus protestos de conservar a carta, a abolição da censura, e outras medidas semelhantes parecerão acalmar essas prevenções por algum tempo.

Do que não resta duvida he, que a luta entre os dous principios (o progresso e a repressão) voltára com a mesma intensidade dos tempos antigos ; os mesmos odios, as mesmas violencias tornarão a apparecer de parte do poder e de parte do povo, que entre si não conhecem outro limite em suas lutas senão excessos : ou o despotismo ou a anarchia. Com effeito, o voto da indemnidade para os emigrados, o restabelecimento da censura, o licenciamen-

to da guarda nacional, a lei do sacrilegio, &c. , tornarão a excitar todas as apprehensões dos homens verdadeiramente pensadores, como tinha acontecido na Inglaterra em época semelhante.

Um ministerio moderado, presidido por M. de Martignac, acalmou no principio de 1828 essa agitação surda; que mais tarde tinha de fazer tremenda explosão; mas nem a época convinha a um homem de meio termo, nem os partidos podião transigir na effervescencia de suas idéas, e na violencia de suas paixões. Outro ministerio, o ministerio Polignac, devia pois desenvolver toda a energia necessaria para uma aggressão externa e uma repressão interna. A 6 de Julho de 1830 foi a tomada de Argel; a 25 do mesmo mez apparecerão as famosas *ordenanças*, que dissolverão as camaras, convocarão outras debaixo de uma nova fórmula eleitoral, e suspendião a liberdade da imprensa. [1]

Todo o mundo sabe o effeito dessas *ordenanças*, que apenas servirão de rastilho para inflamar a mina carregada de immensos combustiveis. Uma sublevação universal fez saltar do throno a Carlos X em tres dias, o qual abdicou em seu neto o Duque de Bordeaux; ficando sem effeito esta abdicção, como ficára a de Napoleão em 1814 em favor de seu filho, o pretenso Rei de Roma. Até aqui temos uma perfeita coincidência nos factos tanto de Inglaterra como da França; alli Guilherme de Nassau he chamado para occupar o throno depois da expulsão de Jayme II, aqui he Luiz Philippe de Orleans quem substitue a Carlos X; alli he o Principe chefe de uma republica, aqui he o *Rei cidadão*.

Neste ponto começa a França a separar-se da Inglaterra; diversas forão dahi em diante as circumstancias, diversos tambem devião ser seus futuros destinos. Com effeito, a reacção monarchica de 1660 a 1688, por muito geral e profunda que fosse, já não achou mais sympathias no coração do povo, porque outras doutrinas o occupavão. Sem embargo Guilherme, nascido em uma republica despedaçada pelas facções, tinha horror a todas as invasões quér democraticas quér aristocraticas, e por isso inclinou-se mais para a antiga monarchia. Elle não sabia qual era preferivel, se a republica ou a monarchia, mas dizia

francamente que a monarchia, sem os poderes necessarios, lhe parecia o peor de todos os governos.

Entretanto o seu accesso ao throno tinha sido obra de um partido poderoso, o qual não podia retrogradar sem despenhar o paiz em novas revoluções. Todavia o parlamento não o deixou tranquillo, privando-o até da sua propria guarda. As tentativas porém de Jayme II, apoiado por Luiz XIV, e os pretendidos assassinatos, ou realmente projectos de assassinato contra Guilherme em nome de seu sogro, fizerão com que a nação se ligasse a elle. Guilherme não era um Principe vulgar ; sem embargo, as faltas de seus inimigos fizerão muito mais que seu proprio genio para conservar-lhe a corôa : Guilherme morreu em 1702 rei de Inglaterra.

A sorte de Luiz Filippe foi diversa ; e depois de 18 annos de reinado teve que fugir como Carlos X, abandonando um throno ás chammas, que devião devorar, não a realleza, mas os preconceitos e o passado de uma raça inteira de reis. Luiz Filippe teve contra si uma circumstancia, que em outra qualquer occasião lhe teria sido favoravel, isto he, uma grande familia, a quem foi preciso arranjar, revivendo a época de Luiz XIV conhecida pelos pactos de familia. Está época, de ominosa recordação para os povos, porque ainda fazia lembrar essas guerras desastrosas, que, a par de mesquinhos interesses pessoases, tanto favorecerão o despotismo, era ou devia ser em França a meiado do seculo XIX um ridiculo anachronismo.

Sem embargo, ha um immenso contraste entre a revolução de 1830 e a de 1848. Na primeira tinhão tomado parte activa todas as classes da nação, todas as gerarchias desde o proletario até o nobre, o sabio, o rico ; era o povo em sua expressão generica contra o diminuto partido dos *ultras*. A imprensa foi então representada pelos maiores genios, pelos escriptores mais distinctos, pelos homens mais notaveis em todas as gerarchias ; a tribuna simbolisava a opinião publica, porque era a expressão de um sentimento intimo, profundo, geral, e consciencioso. Podia então dizer-se, que a imprensa e a tribuna revelavão a consciencia publica como um grito de alarma, como um grito de guerra : era o duello a todo transe entre o progresso e a repressão.

A revolução porém de 1848. não teve nenhum desses precedentes ; foi o encontro fortuito, pôde-se assim dizer, de algumas nuvens, que incendiarão a athmosphera. Como, pois, explicar esse phenomeno ? he que os povos, depois de repetidas provações, chegam á uma época tal de indifferença e de indefinivel abatimento, que os maiores successos não os comove, nem os excita. Se a situação da França naquelle momento não era muito grave, era pelo menos singular. Para definir melhor essa situação citaremos aqui textualmente o que escreveramos no dia 1.º de Agosto do mesmo anno de 1848 ácerca daquella revolução [2].

EXTERIOR. — « Estão-se verificando todas as nossas predicções a respeito da ultima revolução franceza. Nós dissemos em diversos artigos desta folha, que a revolução não podia vingar, nem a republica progredir, porque viamos que a parte *pensante* da nação não tinha tido a menor ingerencia na revolução, nem na declaração da republica, que foi gerada pela explosão de um arcabuz na camara dos deputados. Um só tiro não podia produzir tamanha revolução nas idéas, nos habitos e costumes, nas instituições, nos interesses publicos, e muito menos na intelligencia de todo o paiz. »

« Dissemos igualmente, que a republica não podia assegurar-se senão por meio do *terror*, mas que o seculo, em que vivemos, repellia a idéa desses assassinatos em massa, ou da anarchia feroz das ultimas camadas da sociedade. Entretanto a França já não poderá evitar a guerra civil por curta e passageira que seja, para poder reunir-se então e fulminar os principios, que a ião levando para a época de 1792 e 1793. Todos os homens eminentes, que havião tomado parte na revolução de Julho contra o ramo mais velho dos Bourbons, recuarão diante da perspectiva de uma subversão total das instituições do paiz ; o exercito e a marinha ficarão neutraes na luta travada entre os burguezes de Paris, e a nova dynastia de Luiz Filippe. »

« Uma republica *unitaria* e indivisivel para 35 milhões de habitantes he uma chimera, que ninguem pôde conceber nem avaliar em seus resultados. A civilisação nas classes medias da França repelle, e repellirá sempre

todas as funestas consequencias do suffragio universal. Quando a parte mais intelligente de um grande povo, sorprendida por graves transtornos, se vê sujeita á direcção do maior numero, procura logo reassumir os seus direitos, repellindo a força bruta: he a intelligencia que reclama os seus fóros, e busca elevar-se sobre o instincto das multidões desenfreiadas. »

« Quem diria que no seio dessa mesma assembléa nacional, que com tanto enthusiasmo proclamou a republica de Fevereiro, existia occulto o veneno, que a havia de matar? Quem diria que este povo de Paris, que destruiu a realza em duas horas, havia em menos de quatro mezes de appellar para as cinzas do throno, que queimára na praça publica como um sacrificio expiatorio? Já não he o rei das barricadas, mas o neto de Carlos X, que se proclama; já não he a realza, que expirou em Julho de 1830, mas o imperio com todas as suas recordações, he o sobrinho de Napoleão, duas vezes mal succedido em suas ambiciosas tentativas! quem o diria? »

«

« No dia 11 de Junho o povo apinhou-se na praça da Concordia para ver a chegada de Luiz Napoleão, e foi necessario que o governo mandasse dissolver os ajuntamentos á ponta de bayoneta, levando de arrojo o povo, que diante da tropa bradava — *Viva o Imperador, viva Luiz Napoleão!* — Por toda a parte as reuniões erão numerosas, e sempre os mesmos vixas repetidos ao novo pretendente; de sorte que pôde-se asseverar, que um novo throno se ergue sobre o tumulo do grande homem: *he o cadaver de Napoleão galvanizado.* »

Como esse mesino fogo, que incendiou a França em 1848, abrasou tambem a Italia e a Allemanha? he facil conceber a força do contagio quando ha predisposição organica para desenvolvê-lo, como nesses paizes e suas dependencias, onde a repressão tinha maniatado o progresso, e o despotismo como que aferrolhado a liberdade. O que porém he de espantar, não he o effeito prodigioso e rapido do exemplo, nem a efficacia do contagio, senão a morte prematura da revolução, não só em França como no

resto da Europa. Seria pois, como disse Matter, porque desde 1789 para cá não tem havido mais progresso, nem politico nem moral, ou porque não póde haver progresso politico, nem este he mesmo desejavel, sem o progresso moral? Vêl-o-hemos.

[1] Luiz XVIII havia mantido a carta, senão em sua essencia ao menos na sua fórma; Carlos X, que tinha promettido guardal-a fielmente, não só a desvirtuou como pretendia aniquilal-a. Aos excessos da realza respondeu o povo com os seus excessos, com as suas paixões violentas como de costume. Não ha meio termo, excesso por excesso, injustiça por violencia, despotismo por guerra civil: ou Cezar ou a anarchia, como ultimamente disse Proudhon. Aqui cabe bem o dito de um sabio escriptor moderno — « Luiz XVIII soube encher o abysmo entre « 1789 e 1814; mas não se ignora, que lhe lançou dentro toda « a velha monarchia. Carlos X, como a quizesse remover d'alli, « tornou a abrir o abysmo » (*Matter — Da influencia dos costumes nas leis, &c.*)

[2] *Diario-Novo* do 4.º de Agosto de 1848, artigo de fundo.



XXXVII

A INGLATERRA, E AS ÚLTIMAS REVOLUÇÕES DO CONTINENTE.

Porque as ultimas revoluções da Europa não agitarão a Inglaterra? porque hoje, tranquilla e pacifica, contempla com olhar sereno as agitações de toda a Europa? Nenhuma resposta seria mais adequada, nem mais frisante, do que um artigo da *Presse*, resumindo a presente situação daquelle povo em muito poucas palavras. He tal a energia de sua dicção, e o laconismo de sua frase, que seria quasi impossivel extractal-o; por tanto ahi o damos integramente, eil-o:

« A Inglaterra, ha dous ou tres seculos, era o escandalo da Europa, era a patria das tempestades politicas. *Mais agitada em suas terras do que no seu oceano*, segundo a bella imagem de Bossuet, eila mudava violentamente suas leis, suas instituições e seus chefes. Cromwell substituia a Carlos I, cuja cabeça rolava pelos degrãos do cadafalso. Guilherme de Orange, por sua vez, succedia a Jayme II, que ia finar-se no exilio com sua familia duas vezes condemnada pelas revoluções. »

« Mas quanto movimento, quantas agitações nesses dous dramas! Não he sómente o estado, que he abalado

desde os seus alicerces, e que vacilla como um homem embriagado ; a igreja como o estado tem tambem suas tempestades. Nas proscricções politicas se confundem as proscricções religiosas, e quasi por um seculo a Europa assiste, com uma especie de terror, a este espectáculo de um povo inteiro conjurado, por assim dizer, contra si mesmo. Oh ! tempos ! oh ! costumes ! »

« Essas tempestades, que agitarão a Inglaterra por tanto tempo, passarão para o continente, e a Inglaterra, hoje tranquilla e pacifica por traz dos mares que a cercão, contempla com um olhar sereno as agitações de toda a Europa. »

« Como explicar-se esta mudança ? Por ventura são hoje os Inglezes menos altivos, menos ciosos da liberdade do que no seculo XVI ou XVIII ? ou tem feito bastantes progressos na vida publica para não terem mais que ganhar nesse jogo terrivel, mas sempre necessario das revoluções ? »

« Não devemos crer, que o espirito publico se tenha enfraquecido na Inglaterra depois da época dessas grandes crises ; antes tem-se engrandecido e fortificado. Porque ter-se-hia elle enfraquecido ? O commercio, e esse culto dos interesses materiaes, dos quaes he elle muitas vezes a fonte, tendem sem duvida alguma a diminuir a energia moral das sociedades ; mas a liberdade he um vinho generoso, que nutre e conserva o espirito do povo. »

« Do mesmo modo nos enganariamos, se suppozemos que a Inglaterra despreza as mudanças, porque ella não tem necessidade de se transformar, e deve sómente gozar em paz das vantagens, que tem sabido procurar-se. »

« He permittido sem duvida admirar essa civilisação ingleza, a qual representa um tão grande papel no mundo. O patriotismo dos outros povos póde mesmo ter inveja della ; mas quantos melhoramentos ainda tem lugar ! quantas refórmãs são ainda necessarias ! Morus e Harrington terião sempre o direito de crear suas utopias. »

« Como he, pois, que os Inglezes estão tranquillos, e não procurão, como outr'ora, nas agitações revolucionarias um remedio para os defeitos e vicios de suas instituições sociaes ? »

« Alguns espiritos tem procurado explicar esta calma pelo respeito quasi religioso, que existe na Inglaterra para com a constituição. Mas esse mesmo respeito deveria ser explicado. Um povo esclarecido, um povo cioso de seus direitos, e dotado de um senso eminentemente pratico, não erige altares cegamente á uma constituição, qualquer que seja a sua origem. Se elle a cerca de uma especie de culto, he porque ella he para elle um principio de força, e lhe proporciona os meios de se desenvolver segundo suas necessidades e seus desejos. »

« Ora, tal he precisamente o character da constituição ingleza, e eis-aqui porque os Inglezes, que outr'ora atravessarão todas as tempestades politicas com essa fleuma imperturbavel, com que passeião no meio das vagas do oceano, podem descansar hoje em uma calma perfeita de suas antigas comoções. Elles não tem mais nada para pedir á essas tormentas, que affrontarão primeiro que os outros povos. Graças á sua prudencia e á sua sabedoria, elles amontoarão desde muito tempo um thesouro de direitos e de liberdades, que he sufficiente a todos os seus desenvolvimentos sociaes. »

« Elles tem em primeiro lugar o parlamento, o grande baluarte do direito, *arx-juris*, como dizião os antigos. He este o verdadeiro conselho da nação, apesar dos seus defeitos, debaixo do duplo ponto de vista de sua composição e de sua origem. Elle discute livremente os interesses materiaes e moraes do paiz, cujos destinos fixa e regula. A realza, que se senta ao seu lado em toda a sua magnitude, lhe obedece em vez de o mandar, porque ella sabe que elle representa o povo, isto he, o direito e a força, estes dous grandes poderes, que dirigem o mundo. » [1]

« Depois do parlamento vem a imprensa, a imprensa com todos os seus órgãos e toda a sua audacia. He uma outra tribuna tão poderosa e tão respeitadã como a de Westminster. Ella não tem perdido o rigor dos opusculos de Milton, e das cartas de *Junius*; servia de órgão a Burke, a Godwin, a Mackintosh, e a Cobbett, e hoje he o interprete de Carlyle e de seus rivaes; he o écho, o écho sonoro e infatigavel de todos os direitos, de todas as queixas, de todos os soffrimentos; e como esses échos retumbantes, que a natureza espalhou no mundo, ella repete

com uma fôrça nova todos os sons, todos os brados, que lhe entregão. »

« A liberdade do ensino se junta á essa liberdade de palavra para a completar. Todas as doutrinas, e todas as theorias, achão alli um asylo inexpugnável. Se lhes faltarem escôlas (nem sempre a verdade tem uma habitação) ahí tem as praças publicas, esse dominio dos povos livres ; ahí gozão do direito de cidade, e ahí começão em pleno ar a conquista dos espiritos. »

« Finalmente o direito de reunião e de associação serve de cimento e de laço a esse poderoso todo de franquezas nacionaes. Todos os interesses, todas as idéas se grupão, e revelão muitas vezes suas relações naturaes ; nada os perturba nesta combinação harmoniosa. São pequenas sociedades, que se constituem no seio da sociedade geral, cuja vida ellas augmentão e consolidão. »

« Quantas fôrças, quantos instrumentos não tem o povo em suas mãos para obrar sobre tudo quanto o cerca, e reformar em caso de necessidade seu destino ! He por estes meios energicos e irresistiveis, que a Inglaterra tem podido fazer em nossos dias tantas refôrmas uteis. Qual he o obstaculo, que poderia fazer parar o movimento de um povo inteiro caminhando para o futuro ? »

« A emancipação do catholicismo foi reclamada pela consciencia publica. He o heróe do *torysmo*, o *Duque de ferro* (iron Duke) como dizem os Inglezes, Lord Wellington em uma palavra, que apresenta a nova idéa ao parlamento, e se arma solememente com a autoridade da lei. »

« Outro dia pedem a refôrma eleitoral. He ainda um membro da aristocracia, o Conde Grey, que a impõe de alguma sorte ás camaras e á corôa, fallando á linguagem de um tribuno. »

« Depois tratou-se da liberdade commercial, a qual veiu a ser por sua vez uma idéa popular ; e o homem, que liga seu nome á esta nova refôrma, he Roberto Peel, isto he, um outro transfuga do *torysmo* » (vede art. IX.)

« Estas instituições, amplas e simples como a vida, se completão deste modo por homens investidos do poder pelo nascimento, riqueza ou talento [2]. Esta harmonia explica a historia moderna da Inglaterra e a tranquillidade

profunda, de que ella goza, em quanto que as tempestades rebentão por toda a parte em derredor della. »

« Conheci ministros em outra parte, que se intitula-vão modestamente *estadistas*, e que se julgavão grandes porque resistião á opinião publica. Que grandeza e que heroismo ! grandeza e heroismo limitados. »

« No meio dessas instituições, cuja acção soberana nada detem, os Inglezes se sentem armados para todas as conquistas sociaes. Dahi provém esta calma, que tanto contrasta com seu character tumultuoso de outr'ora. Com effeito, porque se agitarião elles ? »

« O que he uma revolução na vida dos povos ? uma ruina, que mãos audaciosas cavão nas trévas debaixo dos pés daquelles governos, que pretendem fazer parar a marcha das sociedades. »

« Não se recorre á mina quando o solo não resiste, e o caminho está inteiramente traçado. Eis-ahi porque os Inglezes, que outr'ora tanto se agitavão, não fazem hoje mais revoluções. » (*D. de Pern. 17 de Novembro de 1853.*)

[1] Tenhamos presente o exemplo do ultimo acontecimento em Fevereiro do corrente anno (1855), isto he, da quêda do ministerio Aberdeen, e da chamada de Lord Palmerston para formar outro ministerio contra os sentimentos da Rainha, porque tal era o sentimento publico.

[2] A tendencia das sociedades, assim como os desejos de todo homem social, diz o distincto autor da historia dos governos representativos, consiste no empenho de serem governadas pelos melhores cidadãos, por aquelles que sabem mais, e que se occupão de indagar a verdade, de illustrar a sua razão, e de buscar a justiça onde quer que ella exista. Neste sentido todos os bons governos, e particularmente o governo representativo, tem por objecto elevar do seio da sociedade esta aristocracia verdadeira e legitima, por quem ella deve ser governada, e que tem o direito de governal-a.

Em uma obra, que publicamos ha 20 annos, (Bosquejo hist. polit. e litt. do Brasil) tivemos occasião de ampliar essa opinião de Mr. Guizot pela maneira seguinte :

« Em nenhuma parte do mundo esta regra da aristocracia *immaterial* he mais veridica e positiva do que na Inglaterra. A

aristocracia *material*, aquella que consiste na immensa fortuna immovel, não dá preeminencia alguma á classe que a possui, se os homens, que a compõem, não se elevão pelo merecimento pessoal, pelas virtudes, e pelo talento. Pitt e Fox, por exemplo, forão elevados ao apogeo da gloria ministerial por seus respectivos talentos na oratoria parlamentar e na sciencia do governo, ainda que o primeiro (que chegou a ser Lord Chatham) pertencesse á uma familia moderna, como diz Lord Chesterfield, e o segundo fosse filho 3.^o do primeiro Lord Holland. »

« Mr. Canning, que sahiu da classe popular, chegou pelo mesmo caminho da tribuna a ser tambem primeiro ministro. Hoje mesmo se vêem figurando na scena, em direcção opposta, dous homens extraordinarios : Lord Grey, chefe de uma das familias mais illustres de Inglaterra, á frente do *partido popular*, e Roberto Peel, filho apenas de um rico fabricante, á frente do partido aristocratico. Outrò phenomeno não menos notavel he que Lord J. Russell, o melhor orador Whig da camara dos Comuns, he filho do Duque de Bedford da mais elevada nobreza. »

« A influencia do nascimento não prevalece alli sobre a influencia da capacidade, pelo contrário o espirito publico he quem aquilata esse grão de preeminencia social, á que certos homens têm chegado na Inglaterra ; a primeira classe he a do talento sobre todas as outras ; a nobreza vem depois da riqueza, e assim successivamente até a ultima classe do Estado. Assim he que alli se observa um phenomeno moral, que dá muito peso ás nossas observações, e vem a ser : que muitos grandes talentos tem sabido, e sabem constantemente da classe da nobreza hereditaria, como um esforço mais para alcançar aquillo que nem se herda, nem se compra, isto he, a sabedoria. Ninguem nasce com direito a ser primeiro ministro, porém este direito se adquire pelo talento e pelo saber ; esta he a primeira, e a mais legitima e verdadeira, real e positiva aristocracia da Inglaterra. »

Um povo semelhante não he muito que tenha grande fé em suas instituições.

XXXVIII

EPILOGO.

Dissemos com Matter (art. XXXV) que desde 1789 até a revolução de 1830, em que elle escreveu, não tinhã havido em theorja progresso entre as doutrinas moraes e politicas dos tres ultimos seculos; e que a fórma e o espirito das instituições apenas tinhão soffrido ligeiras modificações, no que consistia toda a novidade. Com effeito Matter, recordando o passado unicamente para explicar o presente, chegou, pela observação da historia e desenvolvimento das doutrinas, a conceber que a situação moral e politica do mundo era mais grave do que o havia sido em tempo algum, porque elle não conhecia nos annaes dos tres ultimos seculos época, em que se tenha chegado a um gráu de mais orgulhosa indifferença e de indefinivel abatimento.

Se a nossa situação, diz elle, não he mais grave que outra qualquer, he pelo ménos mais singular, porque nossa ambição he ao mesmo tempo sem limites e sem base. Nós sonhamos com um futuro cheio de todos os generos de gloria e de grandeza, e no nosso presente falta-nos o terreno debaixo dos pés!! Qual he pois o nosso

presente? Já o dissemos (XXVIII): falta de fé nos homens e nas cousas, ausencia ou abnegação de enthusiasmo pelas doutrinas e pelas instituições, scepticismo nas leis e nos costumes; tédio pelo que existe, e horror pelo que pôde vir a ser. Este estado, na verdade indefiniel, devia ter uma explicação: como tres seculos de progresso poderão levar-nos á esta situação?

Com effeito, qual era a preocupação, o pensamento de toda essa época? O melhoramento e o progresso do systema social. E como quizerão obtêl-os? por meio do progresso politico sem cuidar no progresso moral. Sem cuidar dos costumes, cuidárão só das leis, e por fim, quando os governos usárão de violencias, o povo só teve que oppor-lhes outras violencias (XXXVI). Para que pois o progresso politico seja possivel, convém que seja acompanhado do progresso moral, fazendo com que as theorias passem das intelligencias não só para as instituições como para o coração do povo, tornando-as convicções nacionaes, porque só nas doutrinas moraes de um paiz está a segurança de suas doutrinas politicas; isto he, só as doutrinas moraes tem o poder de fechar o abysmo das revoluções.

Eis-ahi perfeitamente definida a éra da emancipação moderna, que esboçamos ligeiramente, tanto quanto era dado fazêl-o em um opusculo de pequena dimensão, como o presente. Expondo francamente as opiniões de um philosopho profundo ácerca das doutrinas moraes e politicas, em que se tem dividido o mundo civilizado nestes ultimos 4 seculos, que já lá forão, reservamos a nossa opinião, que, como verião os leitores pelas doutrinas que estabelecemos nos primeiros artigos deste nosso trabalho, differe um pouco da conclusão de Mr. Matter, ainda que se ache perfeitamente de accôrdo com muitas de suas theorias.

Convimos inteiramente em que nenhum progresso politico he desejavel, nem mesmò possivel, se não he natural e necessariamente conduzido por um progresso moral; mas não podemos convir nessa falta *absoluta* de fé nos homens e nas cousas, nem nessa ausencia de enthusiasmo pelas doutrinas e pelas instituições, e muito menos nesse horror pelo futuro, que todas as nações pro-

curão com uma avidez sempre crescente. Assim como nos não parece que a moral possa estar separada da religião, nem a philosophia da moral, nem todas ellas da politica, que não he unicamente, como pretendem alguns, a sciencia do governo; mas tambem o complexo das causas, que determinão a associação civil, das circumstancias que a fazem mais ou menos perfeita, e dos effeitos que dessa associação resultão [1].

Desde que a *philosophia* se constituiu juiz da religião, e a *politica* da religião e da moral, duas inversões absolutas nas doutrinas do seculo XV, não era muito que essas idéas produzissem, como produzirão, as duas revoluções do seculo immediato, isto he, a reforma religiosa (1517), e a revolução dos Paizes-baixos (1565). De ambas estas revoluções já tivemos occasião de fallar, assim como do seu character moral e politico, e das consequencias necessarias, que semelhantes doutrinas devião trazer sobre as instituições daquella época (XXX e XXXI). Desde então a luta entre o progresso e a repressão se tornou permanente, infatigavel, tenaz até a brutalidade, feroz até a barbaria; rios de sangue não poderão afogar as violencias dos povos nem os excessos do poder.

Por toda a parte se fazia valer o antagonismo das doutrinas: ás de Pomponacio oppunhão-se as de Marsilio Ficino, dos dous Picos de la Mirandola, de Reuchlin e de seus discipulos; ás de Machiavel oppunhão-se tambem as de La Vacquerie, de La Boetie, de Bodin, de Erasmo, de Morus, e de outros muitos, que combaterão a pé firme as doutrinas da repressão. No meio dessa confusão espantosa das doutrinas e dos factos, que ellas produzirão, veiu a guerra dos 30 annos no seculo XVII fechar o abysmo, que havia aberto a revolução dos Paizes-baixos no seculo anterior. O tratado de Westphalia foi o resultado dessa luta encarnçada, que devia produzir um progresso tão assignalado: a liberdade de consciencia como principio politico, e os primeiros rudimentos do direito publico europeu (1648).

A catastrophe do anno immediato na Inglaterra (morte de Carlos I, 1649) e a revolução de 1688 erão ainda a consequencia forçada da luta entre os dous princi-

pios; a primeira foi a victoria do progresso exagerado, a segunda foi a tregoa entre os mesmos principios, foi a transição, como dissemos, para a marcha futura daquelle povo, unico que depois de seus escandalos chegou a conquistar o pleno dominio dos seus direitos, e a pacifica posse de uma liberdade bem entendida (XXXVII). Póde alguém hoje asseverar, que falte na Inglaterra fé nos homens e nas cousas, ou enthusiasmo pelas instituições e pelas doutrinas? e não só na Inglaterra como nos Estados-Unidos, onde o respeito pelas instituições excede a todas as previsões dos autores da Constituição de 1787? ninguém o dirá por certo [2].

Os Estados-Unidos realisando a doutrina do — *self-government* — e a França declarando que o *estado medio* era a nação (1789), tinham provado que o *plebeismo*, depois de haver chegado á posse da consciencia e da vida civil, havia emfim conquistado a posse da vida politica; nascendo dessa posse a igualdade, o *patriciado* desapareceu, porque a sua missão estava acabada (III). O Imperio, nivelando todas as condições, longe de ser uma reacção, foi antes o complemento da doutrina de Sieyes. A restauração, porém, foi um novo rebate contra a doutrina do progresso, não pela repressão, que já era impotente como theoria, mas pelas recordações de um passado saturado de odios e de vinganças.

A revolução portanto de 1830 fof o complemento da de 1814; isto he, á repressão de 1814 pelas armas estrangeiras succedeu o progresso de 1830 pela consciencia publica; ainda foi o triumpho do progresso contra a repressão. Se nos 18 annos, que se seguirão, a França ficou estacionaria; se uenhum progresso houve em theoria, ella augmentou consideravelmente todos os seus recursos phisicos e moraes; de maneira que a espantosa revolução de 1848 não a pôde fazer retrogradar. Essa revolução ensanguentada, em que todos os principios se achárão confundidos pela surpresa, em que as violencias do baixo povo armárão contra si a classe media; essa revolução matou-se pelos seus excessos, e quatro annos depois desapareceu como o fumo varrido pela viração.

A reacção pois de 1852 foi ainda um progresso, porque a republica já se não podia manter sem as violencias

de 1792 e 1793, o que seria para a França e para a Europa um regresso de mais de meio seculo. A Europa occidental marcha portanto em uma progressão ascendente, que não pôde variar pela sua elevada illustração, e pelo cabedal de experiencia que tem sabido accumular no espaço de tres seculos, durante os quaes o genero humano se tem purificado muitas vezes no crisol das calamidades: he pois a reabilitação por meio das provações, e das expiações dolorosas.

Eis-ahi em resumo a serie dos factos, que forão consequencia das doutrinas importadas pelos Gregos do baixo imperio a meiado do seculo XV; não que essas doutrinas formassem as bases de novas instituições, mas creando os principios, que se puzerão em luta, até que della resultou o maravilhoso progresso realisado no seculo passado, e augmentado pelas importantes conquistas da intelligencia em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Assim he que Matter suppõe que desde 1789 para cá não tem havido em theoria progresso, e nós dizemos, que esse progresso he constante em todas as relações, que constituem a associação humana, quér seja civil, quér politica ou quér religiosa. *Il mondo va da se*, dizem os Italianos, e dizem uma verdade, porque o mundo marcha por si mesmo sem necessidade do nosso impulso.

[1] Garnier-Pagès — Dict. Polit.

[2] Vêde o *Federalista*, escripto e publicado por Hamilton, Madisson, e Jay em 1787; o segundo foi Presidente dos Estados-Unidos.



XXXIX

A RELIGIÃO E A POLITICA, A PHILOSOPHIA E A MORAL.

Dissemos no artigo anterior, que nos não parecia que a *moral* pudesse estar separada da *religião*, nem a *philosophia* da moral, nem todas ellas da *politica*. Definamos estas quatro palavras para vermos se ellas podem casar-se entre si, e o sentido em que as devemos empregar. Por *moral* entendemos a noção de todo o *dever*; no seguinte artigo explicaremos a differença, que existe entre a moral dos philosophos e a consciencia publica.

A religião he a lei suprema das creaturas intelligentes, he a lei do homem, como diz Lamennais, e exprime as suas relações com a causa suprema, com Deus; ora estas relações contém o culto, que pela noção dos deveres para com o mesmo Deus, não está nem póde estar separado da moral. Por *philosophia* entendemos tambem as relações entre o homem e Deus, dos homens entre si, e com o mundo physico; estas relações trazem consigo deveres e direitos, e nas relações para com Deus vem assosiada a idéa de culto pelo menos interno, portanto não póde estar separada da moral e da religião.

Finalmente por politica entendemos não só a sciencia do governo como o complexo das causas, que determinão a assossiação civil, das circumstancias que a fazem mais ou menos perfeita, e dos effeitos que dessa assossiação resultão; vindo portanto a politica a ser o complexo de todas as relações do homem em sociedade, e nessas relações estão contidas todas as noções do dever do homem para com Deus, para consigo mesmo, e para com seus semelhantes; por consequencia a moral, a religião e a philosophia são como bases sobre que descança a politica.

E porém não pense alguém que, quando dizemos que a religião não póde estar separada da politica, queremos significar com isto uma religião servindo de escabello ao governo civil, ou uma theocracia real ou popular; não de certo: as fogueiras de Torquemada não tornarão mais a incendiar o mundo civilisado. Uma religião não póde ser effeito de uma lei civil; as Constituições podem garantir a existencia de uma religião, mas não podem crear uma religião nova, nem reformal-a ou modificall-a. Sentimos hoje grande prazer em estarmos perfeitamente de accôrdo com idéas nossas emitidas ha 20 annos [1].

Quando a Constituição do Brasil disse no seu art. 5.º — « A religião catholica apostolica romana *continuará* a ser a religião do Imperio » — estabeleceu uma garantia para a religião existente; isto he, assegurou o tranquillo gozo da consciencia dos Brasileiros, porque elles não devem ser encommodados em suas crenças, e por consequencia nos actos exteriores do seu culto, a que unicamente se limita o effeito do poder temporal. Este artigo não he *mandamento*, porque não estatue uma religião nova; he *garantia*, porque protege a religião que existia.

Para evitar funestas interpretações he que muitos politicos sostém, que as constituições politicas não devem conter artigo algum relativo á religião, nem prescrever culto algum, porque tudo isto está fóra do dominio do poder temporal; o qual deve limitar-se tão sómente a garantir a liberdade de consciencia, assim como a liberdade civil e politica. Deste numero são todos os Americanos do norte, e alguns dos do sul, entre os quaes se

distingue um, cuja opinião a este respeito he de um grande peso [2].

Outros ha, porém, que pensão de diverso modo, e julgão que a lei fundamental deve garantir o culto professado pela maioria de uma nação, porque esse culto he o patrimonio da consciencia. Elles dizem que o governo politico tira vantagens consideraveis de adoptar uma religião como nacional, sem que seja nem se chame *dominante*; porque os vinculos religiosos fortificão a união cordial dos membros do corpo politico do Estado com a sua respectiva cabeça, e entre si mesmos; o que contribue muito para que exista tambem conformidade nacional no projecto das leis civis, e' no uso pratico dellas.

A nossa opinião he, que uma constituição politica não deve prescrever uma profissão religiosa, e sómente limitar-se a garantir a liberdade de consciencia; assim como que as leis civis devem garantir a liberdade de todos os cultos até onde seja compativel com a existencia simultanea de todos elles no mesmo paiz. Dest'arte a religião, elevada á sua verdadeira altura, será a lei suprema do homem, porque será o vinculo, que o une a Deus, e esta união he a vida, que constitue a *unidade* do genero humano.

O dogma primordial, o dogma essencial em sua unidade complexa he: *Deus e a criação distincta de Deus, mas unida a elle*. O laço desta união consiste todo nas leis da consciencia, leis immutaveis, sancionadas por aquelle que as gravou no coração de todos os homens. Quem ousaria estatuir preceitos contra a violação dessas leis, quando o tribunal está no Céu, e Deus he o Juiz Supremo?

O que he a criação? para Deus *crear* he communicar a sua substancia e suas propriedades; e por isso se diz que Deus he o alimento universal, do qual todos os entes se nutrem. O universo pois não he outra coisa senão uma grande communhão, que tende para a unidade como todos os seres, que a compõem, tendem para Deus. Eis-ahi pois porque na esphéra da vida superior, ou da vida moral, todas as leis do amor se reduzem a este simples preceito: *amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a si mesmo*.

Assim como as condições da existencia de todos os

seres derivão de sua propria natureza, assim tambem o complexo de todas essas condições fórma o que chamamos *natureza*, a qual está unida por um laço *necessario* ao seu autor ; e fóra desse laço nada existe nem póde existir, e por consequencia nada ha que seja *sobrenatural*. Donde podemos concluir, em quanto ao homem especialmente, que a religião, identica com suas leis, he a suprema condição de sua existencia ; negal-o seria pronunciar contra si a sentença de uma morte eterna.

E porém a religião, immutavel em sua essencia como a natureza humana, progressiva em seus desenvolvimentos como essa propria natureza, deixa de ser o que ella he, o que tem sido no correr de tantos seculos, deixa de prehencher os seus fins, a sua missão, logo que he desviada do caminho traçado pela mão poderosa, que a colocou entre si e suas creaturas ; ella não he então outra cousa senão uma concepção chimerica. Nessas épocas de decadencia a mão de Deus se tem mostrado para regenerar o homem ; uma dellas foi a da nossa redempção, chamada a éra vulgar.

[1] Bosquejo hist. polit. e litt. do Brasil.

[2] Quando em 1825 as armas de Colombia libertarão o alto Perú, formou-se uma republica, que tomou o nome de *Bolivia*, em honra daquelle que lhe havia dado vida e liberdade. Então pedirão os Bolivianos ao General Bolivar, que lhes dêsse uma constituição politica. Nessa obra do genio, que então pairava sobre os Andes, omittiu seu autor fallar da religião ; e no discurso preliminar, em que elle justificou suas doutrinas, exprimiu-se sobre esta omissão da maneira seguinte :

« *Legisladores!* Farei menção de um artigo, que em minha consciencia devi omittir. Em uma constituição politica não *deve prescrever-se uma profissão religiosa* ; porque, segundo as melhores doutrinas sobre as leis fundamentaes, estas são tão sómente as garantias dos direitos politicos e civis ; e como a religião não toca a nenhum destes direitos, ella he de natureza indefinivel na ordem social, e pertence á moral intellectual. A religião governa o homem em casa, no gabinete, dentro de si mesmo ; só ella, tem direito de examinar sua consciencia intima ; as leis pelo contrario dizem respeito á superficie das cousas, e não

governo senão fóra da casa do cidadão. Applicando estas considerações, poderá um Estado reger a consciencia dos súbditos, velar sobre o cumprimento das leis religiosas, e dar o premio ou o castigo, quando os tribunaes estão no Céu, e quando só Deus he o Juiz? A inquisição unicamente seria capaz de suppril-os neste mundo; e voltará a inquisição com o seu facho incendiario? »

« A religião he a lei da consciencia; toda lei sobre ella a annulla, porque impondo a necessidade ao dever, tira o merecimento á fé, que he a base da religião. Os preceitos e os dogmas sagrados são uteis, luminosos, e de evidencia metaphysica; todos devemos professal-os, mas este dever he moral e não politico. Por outra parte, quaes são neste mundo os direitos do homem para com a religião? elles estão no Céu; lá o tribunal recompensa o merecimento, e faz justiça segundo o codigo que dictou o Supremo Legislador. Sendo tudo isto de jurisdicção divina, parece-me á primeira vista *sacrilego e profano* mesclar nossas ordenações com os mandamentos do *Senhor*. Prescrever pois a religião não toca ao legislador, porque este deve signalizar penas contra as infracções das leis, para que não sejam meros conselhos; não havendo castigos temporaes para semelhantes infracções, nem juizes que os applicuem, a lei deixa de ser lei. »

« O desenvolvimento moral do homem he a primeira intenção do legislador; logo que este desenvolvimento chega a lograr-se, o homem apoia a sua moral nas verdades reveladas, e professa de facto a religião, que he tanto mais efficaz, quanto que a adquiriu por investigações proprias. Além de que os pais de familia não podem descuidar o dever religioso para com seus filhos; os pastores espirituaes estão obrigados a ensinar a sciencia do Céu; o exemplo dos verdadeiros discipulos de *Jesus* he o mestre mais eloquente da sua divina moral; porém a moral não se ordena, nem o que ordena he mestre, nem a força deve empregar-se em dar conselhos. Deus e seus ministros são as autoridades da religião, que obra por meios e órgãos exclusivamente espirituaes; porém de nenhum modo o corpo nacional, que dirige o poder publico a objectos puramente temporaes. »



XL

A MORAL PHILOSOPHICA.

Todas as vezes que a philosophia saiu da orbita puramente intellectual para lançar-se na ordem dos factos, perdeu toda a sua importancia como sciencia moral, e foi arregimentar-se nas fileiras das sciencias experimentaes ou especulativas. No seculo passado os philosophos occuparão-se de tudo, da politica como da religião, do governo, das leis, das sciencias, das artes, dos costumes; elevando para si um throno sobre as ruinas da sociedade que existia, e que elles desmoronarão peça por peça, desde a choça do camponez até o palacio do magnate, desde o lar domestico até o sanctuario dos templos. Em suas aspirações tenebrosas elles fizeram da philosophia uma machina de guerra contra a moral, contra a politica, e contra a religião.

Nesse desmoronamento da sociedade, que existia, apparece o dedo da Providencia regulando a marcha futura do genero humano pelo progresso moral; progresso que se revella, não só pelas grandes conquistas da intelligencia, como pelas noções do *justo e do honesto*, que devem servir de nórma á todas as relações sociaes. Parece

por tanto que a antiga philosophia, obra gloriosa de uma civilisação pagã, preencheu a sua missão, e que hoje só deve ter um papel secundario nas sociedades modernas, esclarecidas e guiadas pelo Christianismo.

A moral que tem, segundo a opinião de Pascal, um tribunal mais elevado que o das leis humanas, porque o Juiz está no Céu, não póde estar á mercê da discussão. Entretanto qual he a moral dos philosophos? sujeita sempre a um estado de controversia, se por uma parte ella exerce alguma influencia sobre a opinião, por outra esta opinião se torna muitas vezes contradictória. A opinião, ou melhor dito, a consciencia humana, he essencialmente mudavel, e he á esta mobilidade que chamamos a lei do progresso. Um instincto inevitavel, como a fatalidade, impelle a humanidade nas vias do seu immenso destino; como a lenda do Judeo errante, he mister que marche, he necessario que obedeça a esse impulso-natural.

As formulas da moral são variaveis como as opiniões, porém os principios, em que ella se funda, são immutaveis e eternos como a origem donde dimanão. Achar-se-hão nos annaes da antiguidade muitos factos, que os nossos costumes hoje reprovão, mas em nenhum codigo do mundo achareis sancionado o egoismo como lei, nem que a virtude seja uma ficção contraria aos interesses da humanidade, ou o dever um sophisma do espirito de systema. Em cada variação as formulas da moral parecem absolutas, porque são a expressão da consciencia publica; mas pela lei do progresso essas mesmas formulas, restringindo-se ou ampliando-se, modificão-se de maneira que não autorizem o scepticismo individual.

O que fizerão os philosophos no seculo passado? crearão uma moral escripta, controvertivel por suas doutrinas contradictorias, e sobre ella quizerão fundar um codigo, sem se importarem com os costumes, nem com as preocupações e prejuizos dos povos; porque, dizião elles, sendo os costumes o effeito do livre desenvolvimento de um ser moral, parece á primeira vista pertencerem á uma ordem de cousas, que nenhuma relação tem com as leis. Estas procedem de uma autoridade politica ou civil, são munidas de força obrigatoria, encadeião a vontade e acção natural do homem, e prescindem muitas vezes dos

motivos de humanidade e virtude, que presidem sempre á moralidade.

Parece pois, segundo a opinião daquelles philosophos, que nenhuma reciprocidade de influencia possa haver entre os costumes e as leis ; pelo contrário, que deve existir divergencia, e até mesmo dissidencia, o que realmente he um erro. Os costumes, diz Matter, apesar de sua natureza livre, character independente, e tendencia elevada, dependem de um grande numero de circumstancias, que os modificão ; são effeitos de uma multidão de causas que os provocão ; e entre essas causas e circumstancias occupão as leis um lugar distincto. As leis muitas vezes servem ao mesmo tempo de regras que dirigem, e de barreiras, que estorvão o immenso desenvolvimento dos costumes. [1]

Ainda mais dizião, que as leis, consideradas em si mesmas, parecião não ter a menor relação com os costumes ; porque ellas não attendião aos individuos, mas sim á sociedade, e quasi sempre sacrificavão os interesses particulares ao interesse commum ; no que até certo ponto ha seus visos de verdade. Todavia, apesar dessa divergencia, os costumes e as leis não deixão de ter entre si muitos pontos de contacto, já pela origem commum donde dimanão, como pela autoridade suprema, que lhes dá a sancção. Não são com effeito, em ultima analyse, as leis civis e politicas mais do que cópias mais ou menos imperfeitas das naturaes e divinas, sublimes nesta semelhança, criminosas e abjectas quando se despem de uma affinidade, da qual não deixão de ter consciencia.

Ora as mesmas leis naturaes e divinas, de que são cópias mais ou menos imperfeitas as leis politicas e civis, presidem tambem aos costumes das nações, que são igualmente sua obra mais ou menos defeituosa. Daqui resulta, que não só as leis divinas, que constituem a moralidade, como as humanas que formão a legalidade, devem soster-se e apoiar-se mutuamente, como tambem que os costumes e as leis devem, em concurrencia, estabelecer no coração do individuo, e dos povos, esta harmonia de motivos e de tendencia, que he ao mesmo tempo fôrça e virtude, e que tanto deve caracterisar os povos como os individuos. [2]

Um dos grandes vícios dessas seitas philosophicas, que quizerão sujeitar o mundo a seus dictames, foi a pretenção de reduzir todas as relações da sociedade humana á leis escriptas, fazendo absorver a moral e a religião pela politica. Ora, póde o legislador fundar sobre a justiça mais pura e absoluta todas as relações, que elle estabelece no estado ; não cabe porém na sua alçada o determinar todas as relações necessarias. Não póde obrigar pessoa alguma a ser justa. O mais que póde fazer he punir os que manifestarem sentimentos injustos por actos externos, susceptíveis de se verificarem por um damno visivel : a lei pois não tem poderes para gravar a justiça no coração do homem, como já tivemos occasião de dizer.

He verdade que a lei póde recommendar a dignidade moral, a honra nacional, a capacidade pessoal ; póde crear instituições para se ensinarem seus principios ; póde mesmo prescrever a sua applicação a tudo aquillo que he da competencia da autoridade ; póde estabelecer escolas de exercicio, e abrir largas sendas para a pratica ; porém só a religião póde chegar á consciencia, só ella póde dar alma e vida ás doutrinas ; assim como só á razão he dado chegar á liberdade, que faz o merito das acções. Ora sobre o que pertence á razão, e sobre o que he do imperio de Deus, a lei não tem direito, nem autoridade em quanto um acto exterior não lhe ministra um corpo de delicto. [3]

Finalmente diremos que a sociedade tem direito a satisfazer todas as suas necessidades, assim physicas, como intellectuaes e moraes ; porém satisfazendo-as, conforme a natureza de cada uma, não deve nunca perder de vista a direcção suprema de uma *Providencia*, que he a lei do mundo. Que existe uma lei providencial, que rege o complexo dos destinos humanos desde o principio até o fim, he de evidencia manifesta ; negal-a seria substituir á razão e á consciencia a lei brutal de uma fatalidade inexhoravel.

[1] Da influencia dos costumes nas leis, &c. — Traducção do Exm. Sr. Conselheiro Pedro Autran da Matta Albuquerque.

[2] Ibid.

[3] Ibid.



XLI

A MORAL CHRISTÃA.

Dissemos no artigo anterior, que a antiga philosophia, obra gloriosa de uma civilisação pagãa, havia preenchido a sua missão ; mas que hoje só devia ter um papel secundario nas sociedades modernas, esclarecidas e guiadas pelo Christianismo. Aqui permittão-nos os leitores, que tornemos a lançar mão de pensamentos alheios para provarmos a nossa proposição, tanto mais quanto será prova igualmente de que ha mais quem pense como nós. [1]

« Com effeito, entre os povos que religiões sem moral e sem preceito deixavão nas trévas, e que não podião tirar de praticas sem alcance regra alguma segura, que podesse servir de direcção nos principaes actos da vida, era bello e salutar que grandes espiritos, depositarios de todo o saber do seu tempo, procurassem elevar-se, pela força da razão, á noção mais exacta possivel de Deus, do homem e do mundo. Elles substituião assim, na proporção compativel com o poder do pensamento humano, as verdades mais elevadas, mais geraes e mais praticas, reservadas aos povos pela Providencia ; e as nações tiverão

a felicidade de possuir a philosophia, em quanto esperavam pela revelação. »

« Não he que a philosophia, obra do espirito humano, sentisse a insufficiencia e os males inherentes á sua origem. Encerrada no sanctuario das escolas, envolvida de formulas sabias, ella deixava além de si o commum dos homens, incapazes de alcançar taes abstracções, ou desviados de seu estudo pelos trabalhos e pelas necessidades da vida. Fructo da imaginação e da razão, falta de sanção superior, a philosophia não tinha, concebe-se bem isto, um grande imperio sobre aquelles mesmos, que a tinham inventado ou professado. »

« Nunca se viu que os philosophos se lançassem, como missionarios, no meio de povos selvagens, e fossem offerer suas vidas como prova de sua fé. O mesmo Socrates, o mais illustre desses sabios, perseguido pelos depositarios do culto atheniense, como propagador de novos dogmas, protestou seu respeito pelos Deuses do Olimpo, ordenando que se sacrificasse um gallo a Esculapio, antes de morrer. Entretanto, por mais fraca que fosse, no meio das trévas geraes, a luz da philosophia, sua obra nem por isso deixou de ser menos util e gloriosa. »

« Sua importancia tem diminuido, e sua missão se acha completamente mudada, depois que o christianismo tem dado, não á algumas centenas de litteratos, porém a todos os homens indistinctamente, tanto aos ignorantes como aos sabios, tanto aos lavradores como aos oradores, uma noção cem vezes mais elevada, mais verdadeira e mais clara de Deus, do mundo e do homem, de sua natureza e de seus fins ; desde que, entre todos os povos civilizados, a consciencia universal prestou solemne testemunho por uma adhesão profunda, tradicional, ardente, ao ensino christão, que esclarece com seus raios luminosos todas as condições, todas as questões, todos os actos, todos os accidentes da vida e da morte, deste e do outro mundo. »

« O christianismo apoderou-se do homem inteiramente, e envolve com sua solitudine tanto o velho como o menino, tanto o escravo como o imperador. Elle preside ao nascimento, edifica a mocidade, sanciona o casamento, dirige o cidadão, consola o moribundo. Em presença

de uma doutrina, que não deixa nenhum problema sem solução, nenhum movimento da alma sem guia, nenhum crime, mesmo secreto, sem punição, os philosophos nada tem, he preciso reconhecê-lo, de mais importante a ensinar aos homens. O effeito natural da revelação tem sido o de impôr silencio á philosophia e aos oraculos. »

« A unica missão rasoavel, que o christianismo deixou aos philosophos, he a de desenvolver o espirito sobre as grandes questões da alma, de Deus e do mundo, e de mostrar como, sobre estas questões, a razão se allia com a fé. Fóra deste circulo de estudos modestos, porém praticos e aproveitaveis, os systemas dos philosophos, considerados como ensino fundamental em materia de religião, de moral ou de politica, são outras tantas tentativas impotentes e gastas, eliminadas com mui justa razão do programma official dos collegios. »

« Nota-se igualmente, e com fundada razão, que os systemas dos philosophos são despídos de toda sancção. Elles não tem por si a autoridade de Deus, pois que são obra dos homens, nem a adhesão geral dos povos, pois que são todos reduzidos a um pequeno numero de adeptos, nem a garantia da certeza scientifica, pois que formão grande numero de pequenas seitas em guerra umas com as outras. Ora a idéa de systema exclue a idéa de certeza, porque não existe systema de arithmetica, nem de geometria, nem de algebra, nem de sciencia alguma, que mereça este nome. »

« Falta de base, a philosophia, em quanto doutrina moral, religiosa ou politica, não tem ainda fim, pois até mesmo pela maneira do seu ensino torna-se inacessivel aos noventa e nove centesimos do genero humano ; aos quaes não podem os philosophos ensinar suas doutrinas, e por consequencia são aquelles obrigados a ficarem sem politica, sem moral e sem religião. Segundo Mr. Cousin, he preciso começar por comprehender a psychologia, ou a sciencia da verdade, antes de poder comprehender a esthetica, ou a sciencia do bello ; [2] depois do que sómente se chega a comprehender a moral ou a sciencia do bem. E só depois de ter ensinado a psychologia, a esthetica e a moral, he que Mr. Cousin passa á theodicéa, que he a sciencia de Deus. »

« Não poder chegar á moral senão depois de ter atravessado a psychologia e a esthetica, seria para a massa das nações nunca lá chegar. Fazer depender o conhecimento de Deus do conhecimento da psychologia, da esthetica e da moral, seria o mesmo que deixar os povos sem religião. Nada mais chimerico do que a pretenção de guiar as gerações e dominar os governos por meio da philosophia, pois que o eclectismo, uma das mais rasoaveis e honestas, está de resto, como todas as outras, na impossibilidade de ensinar ao povo o que resume para si como o mais precioso saber deste mundo, isto he, a *religião e a moral*; duas cousas que o mais pobre menino do campo aprende no cathecismo desde a idade de seis annos, e que balbucia nos joelhos da ama christã, que o amamenta. »

Julgamos pois haver explicado o sentido em que tomamos as palavras — philosophia e moral, politica e religião — sem entrarmos no fundo de cada uma dellas; visto que estas quatro palavras tem exercido, durante toda a época da emancipação moderna, uma influencia extraordinaria sobre a ordem social. Estabelecer-lhes limites seria encadeiar o espirito humano, cujas aspirações são sempre nobres e elevadas. Só o tempo e a experiencia podem fixar as funcções, que as sciencias moraes tem por missão preencher debaixo da lei providencial, que dirige os destinos humanos. [3]

[1] Artigo do — *Constitutionnel* — rêspondendo á ultima obra de Victor Cousin, que tem por titulo — Do verdadeiro, do bello, e do bem (*Liberal* — 1.º de Maio de 1854).

[2] Mr. d'Ancillon no seu *Justo meio*, fallando da idealidade e da realidade diz, que a realidade só por si póde bastar á natureza do homem; que ella só póde satisfazer a suas necessidades, a seus votos, e ao seu destino. A idéa do bello, diz elle, não he de certo da essencia da realidade, porém como entender-se que só he bello aquillo que ainda não existe? Elle convém em que ha um bello idéal, mas a magnificencia dos Céos, a riqueza da natureza vegetal, os phenomenos mais extraordinarios da luz reflexa, as estrellas luminosas que adornão as vagas do oceano nas noites de *ardentia*, não será tudo isso bello em realidade? O certo he

que não póde haver idealidade senão tendo por base a realidade; uma separação total entre uma e outra he pois impossivel, e mesmo inconcebivel.

[3] O Genero humano marcha direito ao seu fim com a lei da graça, que he o progresso moral, e com as sciencias e artes, que proporcionão o progresso material; ambos tendem pois ao mesmo fim, isto he, ao *bem-estar*. Vêde o art. XXVIII.



XLII

A MORAL SOCIAL.

E porém dissemos (art. XXIX), que as doutrinas de Pomponacio se reduzião a *libertar a philosophia dos dogmas da religião*, e as de Machiavel a *separar a politica da religião e da moral*; assim como que estas doutrinas causarão duas grandes alterações na ordem social antiga, isto he, a refórma religiosa e a revolução dos Paizes-baixos (art. XXX); alterações que forão origem de todas as revoluções, que se seguirão até o fim do seculo proximo passado. Como depois dessas doutrinas, e dos factos que ellas estabelecêrão, podemos nós alliar a philosophia com a religião, a moral com a politica e com a religião? Deus nos livre, ainda o repetimos, de uma theocracia real ou popular, e muito menos de uma religião servindo de escabello ao governo civil e politico; mas não he por certo de semelhante alliança que tratamos: expliquemo-nos.

Já definimos a palavra *moral* geralmente fallando, como a noção de todo dever; tratamos especialmente da moral philosophica e da moral christãa; mas o que quer dizer *moral social*? Se por moral tambem entendemos os

costumes de um povo, isto he, os habitos da vida publica e domestica de cada um, devemos confessar que o culto religioso fórma o habito mais caracteristico de qualquer povo; e por consequencia necessaria, ainda por esse lado, a moral não pôde estar separada da religião. Além de que a missão de Jesus-Christo foi não menos social que religiosa, e por isso dizemos a *moral do Evangelho* para significar as doutrinas, que constituem a base sobre que descansa a emancipação moderna; assim he que a moral social, como nós a comprehendemos hoje, não he nem pôde ser distincta da moral christãa, e por tanto do dogma, que he a revelação. [1]

Com effeito Jesus-Christo, ao contrário de todos os reformadores, não estabeleceu nenhuma fórma de governo. *O meu reino não he deste mundo*, disse elle, e parece até que se conformava com o governo estabelecido, quando respondeu — o que he de Cezar a Cezar; o que he de Deus a Deus. Tão pouco estabeleceu culto externo, [2] nem edificou igrejas, nem levantou altares, nem exigiu sacrificios, nem offrendas, nem libações. A sua missão toda de doçura e de mansidão tinha a caridade como meio e a redempção como fim: O amor de Deus e o amor do proximo.— *ubi caritas et amor, ibi Deus est*. Em quanto á existencia de Deus, uma vida futura, recompensas e castigos, já muitos philosophos pagãos tinham antes propagado esses mesmos dogmas [3], assim como a maior parte das doutrinas moraes, que devião regenerar a sociedade humana; mas essa ineffavel doçura, essa mansidão celeste, essa abnegação prodigiosa de si mesmo só pertencião áquelle que se chamou o filho do homem por excellencia.

As doutrinas de Jesus-Christo se dirigião a melhorar o estado social; elle atacou os vicios da sociedade, que existia: assim a corrupção dos costumes, como a depravação dos sacerdotes, e a venalidade dos magistrados. Desta missão providencial resultou uma religião nova e sublime, que tinha por base a iguakdade, a liberdade civil e religiosa, a caridade, e a completa abolição das classes privilegiadas. Com o lento correr dos seculos, o povo, ajudado pelas doutrinas do christianismo, chegou á posse da consciencia, depois á vida civil, e em fim entrou na

vida politica, rehabilitando-se por si mesmo por meio dos soffrimentos, e de successivas expiações dolorosas (art. III). Dest'arte o genero humano formará ainda uma só e immensa familia, quando não houver mais do que um symbolo de fé — A CRUZ ; mas a cruz apoiada sobre a pura, simples, e celeste moral do Evangelho, abstracção feita de toda autoridade humana.

Se a moral do Evangelho se tivesse conservado tão pura como em sua origem, muitas calamidades teria o homem poupado na sua regeneração. Um dos dogmas do Christianismo foi tambem a separação absoluta dos dous poderes, espirital e temporal ; esta doutrina santa, consignada nos quatro Evangelhos e actos apostolicos, durou até que os Imperadores romanos se fizerão christãos. A conversão de Constantino mudou todo o governo exterior da igreja ; os Bispos catholicos procurarão obter a sua protecção contra os Arianos, ainda mais que contra os idolatras ; e derão-lhe o titulo de Bispo *exterior* da igreja, para que não fosse menos na religião christãa que na gentil, da qual era *Pontifice maximo*. Constantino teve nisso grande gosto, e o manifestou no Concilio ecumenico de Nicea, dizendo que elle tomava a seu cargo favorecer a religião como Bispo *exterior*, deixando o interior ao cuidado dos summos sacerdotes.

Nesse tempo já os christãos gozavão de muita consideração pelo seu numero, como o attesta Tertuliano ; *e Constantino reconheceu, que elles não erão insensiveis ás honras e ás riquezas. Eis-ahi a primeira liga do throno e do altar ; e dahi por diante na igreja tudo foi, sem exceptuar o dogma, uma mera expressão da vontade do Cezar, sendo facil legitimar todos os seus actos por uma dupla potestade. Outro tyranno (Carlos Magno), inda que não tão cruel, tambem teve o titulo de *Bispo exterior* por suas larguezas e generosidades, assim como tinha procedido seu pai para legitimar uma escandalosa usurpação. E porém os Papas até então não erão poderosos ; ainda não tinhão apparecido as falsas Decretaes, que no seculo IX attribuião aos Pontifices anteriores uma autoridade, que nunca havião exercido. Correspondeu o effeito aos desejos, e foi motivo para que dahi em diante os Papas aspirassem a muito mais do que já possuião:

A tanto grão chegou a sua audacia, que Gregorio VII, Pontifice no seculo XI, decretou as maximas da infalibilidade, primazia e poder temporal, a ponto de arrogar-se a autoridade para depôr os Imperadores, privar-os da sua dignidade e do exercicio do poder soberano: maximas estas, que pelo decurso do tempo inundarão a Europa de sangue, e tem diminuído da metade o rebanho de S. Pedro. Eis-ahi o supremo imperio por sua vez absorvido pelo summo sacerdocio, ou ambos ligados na pessoa do Chefe da igreja; amalgama monstruoso, que Machiavel combateu e derrocou, separando a politica da religião conforme as doutrinas do Evangelho.

E na verdade ninguem poderá negar, que os primeiros chriştãos forão sempre obedientes á autoridade civil e aos Imperadores, ainda que pagãos, como em tempo de Constancio ou Valente; e ainda sob Julião apostata, que queria restabelecer a idolatria, quando aquelles erão já muito mais fortes; porém os chriştãos nunca quizerão usar da força contra seus Principes. Entretanto a igreja prosperava, e se fazia grande e luminosa, sem que fosse myster o poder temporal para fazer proselitos, e divulgar o christianismo desde o oriente até o occidente, desde as margens do Eufrates até as ribeiras do Baltico. A conversão porém dos imperadores mudou, como já dissemos, a face dos negocios; as considerações prestadas aos Papas, desde a conversão de Constantino, fizerão com que, faltando os Imperadores, passasse para o romano Pontifice um poder, que começou sem titulo e acabou com elle; e assim se tornarão os Papas soberanos temporaes com grave detrimento dos negocios espirituaes. (Bosquejo hist., &c.)

Tal era o estado, em que Gregorio VII prétendeu ampliar os limites de sua autoridade em todos os sentidos, a ponto de fazer-se arbitro de todos os reis, e dispôr das corôas e dos sceptros, como pretendia dispôr das almas e das consciencias. Se não fosse palpavel a corrupção, que introduziu a alliança do throno e do altar no imperio do oriente, cuja ruina accelerou; se os nossos annaes, escriptos em caracteres de sangue, não attestassem os escandalos, as guerras, e os males originados pelas discórdias, que dividirão o occidente; bastaria a simples luz da

razão para conhecermos, que não tem havido erro tão fatal para o genero humano, e que mais haja depravado a religião e a politica, o sacerdocio e o estado, do que a mescla impura dos dous poderes, quér sejam exercidos cumulativamente por um rei ou por um papa; dahi da-tão os grandes scismas, que alagarão o mundo de sangue, desde os Waldenses, Lugdunenses, Albigenses, até Luthe-ro, Calvino, e todos os reformadores do seculo XVI.

Entretanto dissemos, (art. XXXIX) que nos não parecia que a religião podesse estar separada da politica. E de certo o *cidadão*, homem politico, não póde deixar de ser homem religioso e moral; a religião e a moral prepa-rão o cidadão, que tem de entrar na vida politica, por-que não se póde ser bom cidadão sem ser bom filho, bom esposo, e bom pai. O exercicio dos direitos politicos re-quer certas habilitações, que só se recebem por meio da educação moral e religiosa: sahe-se por assim dizer do santuario da religião e da moral para entrar-se no recin-to da politica e dos negocios civis. Ha pois ou deve ha-ver correlação entre as *doutrinas* religiosas, moraes, e po-liticas: ha mesmo dependencia e uma certa união; mas não póde haver essa união entre os *poderes* temporal e es-piritual, poderes que constituem o supremo imperio e o summo sacerdocio, sem que a *liberdade* perigüe; porque o principio que separa o homem civil do homem religioso, ficando sómente aquelle sujeito á autoridade das leis, não permite ao poder temporal ingerir-se nos negocios de sua consciencia, ou que pertencem á vida futura.

[1] Em verdade o dogma he a religião revelada, porque entre os Catholicos a *revelação* he ao que se chama *religião* por excellencia. Com effeito, a religião *natural* suppõe um Deus, uma Providencia, uma vida futura, recompensas e castigos, porém a *revelada* suppõe de mais uma missão immediata de Deus mesmo, attestada por milagres e profecias. A religião revelada, em seu verdadeiro sentido, he o conhecimento de Deus como creador, conservador, e redemptor do mundo, do culto que lhe devemos por estas qualidades, e dos deveres que a sua lei nos prescreve, tanto em relação com os outros homens como comnosco mes-mos. (Bosq. hist. polit. e litt. do Brasil).

[2] Culto he a homenagem devida a Deus, porque he nosso Pai e Senhor ; e se divide em interno ou interior, e exterior ou exterior : o 1.º he invariavel e reside n'alma ; o 2.º he igualmente necessario nas sociedades civis, ainda que varia segundo a diversidade dos costumes e dos tempos. A natural inclinação do homem a implorar o auxilio divino em suas calamidades, o amor e veneração, que presta ao Ser Supremo, meditando sobre sua grandeza e excellencia, prova que o culto interior he filho da razão, e provém de um instincto da natureza. O culto exterior he obra da sociedade, e consiste nas publicas demonstrações de respeito, de amor, e de gratidão, que prestamos a Deus e aos seus Sanctos por meio de actos externos ; e eis-ahi porque diversifica, ainda entre os povos da mesma crença, segundo os costumes de cada um. (Bosq. hist , &c.)

[3] Platão, denominado o *divino* pelos primêiros padres da igreja, tinha por tal modo delineado o seu *Justo*, que foi considerado, debaixo dos caracteres da vida e morte de Jesus-Christo, como o precursor do Messias. Socrates, de quem Platão e Xenophonte erão discipulos, e os melhores interpretes das suas doutrinas, Aristoteles discipulo de Platão ; Cicero entre os latinos, Epicteto, Seneca e Marco Aurelio forão philosophos moralistas, cujas maximas a igreja nunca repudiou ; antes S. Agostinho, no liv. 2.º da doutrina christã, as recommenda como dignas da nossa attenção e do nosso estudo.



XLIII

A MORAL SOCIAL E A MORAL SCHOLASTICA.

Ninguém pensou disputar aos doze primeiros Pontífices romanos, successores de S. Pedro, sua primazia nem sua jurisdição, porque também elles nunca pensarão envolver-se em assumptos temporaes. A moral pois do Evangelho, pregada pelos apóstolos e seus discipulos, conservou-se pura e sem mancha até que a ambição de alguns homens a depravou, empregando-a em seu proprio proveito. Assim que a Europa começou a cahir na ignorancia pelas primeiras invasões dos barbaros septentrionaes no seculo V, todo o sabêr, que ainda restava, refugiou-se nos asylos dos conventos. e o clero regular tornou-se o vehiculo dessa pouca instrueção civil e religiosa. Das escolas ecclesiasticas, fundadas por Carlos Magno entre os seculos VIII e IX, data essa famosa *Scholastica*, cujo essencial character era a união mais ou menos intima da philosophia com a theologia.

Desde que a philosophia foi subordinada inteiramente á theologia, esse amalgama impuro recebeu fórmãs especiaes, cheias de abstracções, de barbarismos. tornando-se a moral christãa, de maximas divinas que era,

em meros casos de consciencia. A arte de argumentar foi levada á um ponto de argucia tal, que o chiste e a agudeza formavão o fundo de todos os raciocinios. Homens sem prática do mundo, sem nenhuma noção social, forão encarregados da educação do povo, em que mais empregavão as disputas ociosas, do que as lições convenientes para tornal-o útil a si e ao Estado. Todas as noções, concernentes á vida publica e privada, erão encarradas pelo lado theologico ou dogmatico; a vida do homem tornou-se, de social que devia ser, em ascetica e contemplativa, ou então em palestra onde os Scotistas e Thomistas esgrimião a palavra com o mesmo encarniçamento dos gladiadores romanos.

Nessa época de decadencia a philosophia moral passou por todos os transe de um completo martyrio; já não era a noção do dever o objecto simples da moral; não bastavão para isto as maximas do evangelho, era mister que a moral abraçasse tudo, o corpo e a alma, a acção, a palavra e o pensamento, a vida publica e a privada, os cinco sentidos, todas as sensações em fim voluntarias e involuntarias. S. Paulo disse — a carne he o peccado — e os scholasticos materialisárão o homem, e fizerão de todo elle um só peccado. Todas as acções e pensamentos do homem forão reduzidos á uma escala de peccados; e como o peccado resulta de uma falta de dever ou transgressão dos preceitos religiosos, elevarão-no á condição de *crime*, e estabelecêrão penas desde a simples admoestação até o fogo lento. Ora para a execução dessas penas materiaes era mister o braço secular; do que resultou a necessidade de apertar ainda mais os laços entre os poderes espiritual e temporal.

Para classificar essa immensa cathegoria de peccados, foi necessario dividir e subdividir as acções, as palavras, os gestos, os pensamentos, e de cada especie formar um catalogo de crimes. Para isto foi ainda mister encarar cada cousa debaixo de todos os aspectos; não houve acção, não houve palavra, não houve pensamento, por innocentes que fossem, que se não considerassem como susceptiveis de uma falta. O mesmo pudor foi sacrificado nessa pyra infernal, em que se queimava, não o incenso e a mirrha, mas o que havia de mais asqueroso

e hediondo, desde a torpeza da linguagem até a impudícia do pensamento. Os *moralistas*, pois erão elles os encarregados dessa tarefa, levavão a impudencia a tal ponto, que em um delles (*Sanches — de matrimonio*) encontramos a seguinte revoltante impiedade como questão moral — *Utrum Virgo Maria semen emiserit in copulatione cum Spiritu Sancto* — o que mostra não só estupenda immoralidade como supina ignorancia dos phenomenos physiologicos da geração [1].

Ainda mais, para elevar a um grão indefinivel o numero de peccados, debaixo de todas as fórmas, entrãrão no lar domestico, na vida privada, no seio da familia, no leito dos esposos, no regaço da virgem, até mesmo na consciencia de cada um, no fundo d'alma, para arrancar-lhe um pensamento presumivel ou um segredo, que o pudor faria respeitar; tudo foi devassado, senão pelos proprios olhos ao menos pela presumpção. O crime do pensamento ou da consciencia foi julgado mais atroz do que o das acções condemnadas pelas leis humanas; mas como para as faltas da consciencia o tribunal está no Céu, e só Deus he o Juiz competente, commettêrão o enorme attentado de uma usurpação sacrilega, chamando para a terra o tribunal do Céu, e erigindo-se Juizes em lugar de Deus! Eis-ahi o que era a inquisição com suas leis de sangue e de fogo, com seus verdugos, com seus supplicios e seus martyrios, com sua sanha inexhoravel, com seus horrores; abysmo insondavel onde se confundião as lagrimas das victimas com o sorriso dos algozes [2].

O dogma! mas o dogma mesclado de impias interpretações; foi deste que Pomponacio separou a philosophia. A moral dos scholasticos! foi della que Machiavel separou a politica, dessa moral corrupta, inficionada de vicios e de torpezas, de erros e de miserias; nem podia ser de outra maneira, porque não ha politica sem moral, nem philosophia sem o conhecimento de Deus. Desde a época da decadencia até o renascimento das lettras, isto he, no espaço de mil annos entre os seculos V e XV, nenhuma das calamidades, que affligirão o mundo, foi tão funesta como a da união dos poderes espirital e temporal; ella foi por espaço de longos annos remora da civi-

lisação e dos progressos do espirito humano; ella desvirtuou a politica, e converteu a religião em um flagello.

Temos pois como um principio incontroverso, que a moral social abrange as noções do *justo e do honesto*; que a *justiça* e a *honestidade* são a pedra fundamental de toda a sociedade humana [3]. Se Platão, imaginando e descrevendo o seu *Justo*, disse que não pretendia que semelhante modelo podesse existir, porém que, quanto mais o homem se aproximasse d'elle, tanto mais feliz seria; nós que possuímos um modelo real e verdadeiro na pessoa de Christo, abusariamos de sua infinita bondade se nos não aproximássemos d'elle tanto quanto nos permitem a fraqueza de nossas forças, e a distancia que separa as nossas naturezas. As noções, portantodo, justo e do honesto formão o dogma da perfectibilidade humana, tanto quanto possamos aproximar-nos do modelo de summa perfeição, que nos legou o mais justo de todos os homens, porque era ao mesmo tempo homem e Deus.

[1] Quando julgavamos que o seculo XIX, pela sua illustração, estaria isento de semelhantes torpezas, tivemos o doloroso desengano da nossa credulidade pela publicação de um folheto nesta provincia, cuja immoralidade espanta: hê uma especie de moral scholastica, que revela o nosso atrazo e a nossa miseria. Vêde *O Pastor e a Ovelha, &c.*

[2] Os proprios Brasileiros não escaparão de semelhante flagello, e concorrerão com 540 victimas para essas hecatombes, que se representavão em Lisboa de anno a anno. Desde 1700 a 1778 celebrarão-se em Lisboa 76 autos de fé, mas só de 1704 he que começarão a figurar nelles colonos do Brasil até 1767; isto he, no espaço de 63 annos consecutivos. Foi a mão poderosa do Marquez de Pombal, que alfim os libertou desse martyrio.

Com menos de 20 annos de idade entrarão para os carceres da inquisição 44 infelizes meninas brasileiras, entre ellas 3 de 16 annos e uma de 43, que fôra levada para reconciliar-se por culpas de judaismo. De todas essas victimas muitas morrerão nos carceres do Santo Officio (Santo! que blasfemia!); algumas forão queimadas, entre ellas D. Guiomar Nunes, filha de Per-

nambuco, senhora rica de idade de 37 annos, e o celebre poeta Antonio José da Silva, filho do Rio de Janeiro; de cujo lastimoso successo fez o Sr. Magalhães uma tragedia. Nenhuma dellas voltou aos seus lares, porque, ainda sendo soltas, erão confinadas a certos lugarejos de Portugal, onde acabavão seus dias na mais espantosa miseria, visto que a primeira medida do Santo Officio era a confiscação de todos os bens em seu proveito. Maldita instituição, mais torpe que os mysterios impudicos de Beelphegor, mais infame que a estatua de Moloch. E todas essas infamias, todas essas torpezas, todas essas iniquidades se fazião em nome de J. Christo, que foi o archetypo da doçura, da mansidão, da tolerancia e da misericordia. Oh! a religião christã não era a desses malvados, porque elles só adoravão o bezerro de ouro e o bode de Mendes.

Eis-ahi um factó entre mil para provar, que não declamamos nem exageramos. Refere o Dr. Llorente, como Secretario que era do tribunal do Santo Officio no reino de Valença, o seguinte: Havia em Cartagena de Indias um convento de Santa Clara com 47 freiras, entre as quaes só uma velha; e tinha por director espirital um frade franciscano. Adoecendo uma das freiras moças foi curar-se em uma aldêa chamada Santa Rosa, e agravando-se o seu mal, pediu que queria ser ouvida de confissão pelo proprio Bispo. Foi este ao lugar, e a freira confessou que tinha sido deflorada pelo frade director, e não só ella como todas as suas companheiras, á excepção da velha. O Bispo horrorisado procedeu a todas as averiguações, e depois de convencido do factó com todas as suas particularidades, agarrou o tal frade e o mandou para o Santo Officio de Hespanha. Foi pois ao tribunal de Valença, a quem tocou o processo; o frade compareceu ás perguntas, e diz Llorente, que he imposivel conceber-se mais sangue frio, mais presença de espirito, mais consciencia de um acto louvavel, mais innocencia, do que exprimia o frade nessas respostas chejas de uma unção toda evangelica. O frade começou por confessar tudo, e a explicar como fôra o factó: diz elle, que tivera uma visão beatifica, na qual o Espirito Santo lhe communicára a graça, que devia transmittir áquellas pobres peccadoras suas dirigidas, e até a maneira por que o devia fazer; que nesse acto nada houve de concupiscencia, nem de lubricidade, antes foi um sacrificio a que se votára por amor da religião e de um mandado tão expresso, e outras muitas cousas deste jaez. O tribunal, convencido da innocencia do frade, apenas o relegou a um convento de Hespanha, com a comminação de não voltar mais á Cartagena.

Vêde a *Barca de S. Pedro*, artigo—O Brasil e a Inquisição. — *Revista do Instituto hist. e geog. do Brasil*, tom. 7.º — *Historia da Inquisição de Hespanha* pelo Dr. Llorente — *Historia*

da Inquisição de Góá — A importante *Narrativa da perseguição* de Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (também brasileiro) preso e processado pelo Santo Officio, de cujos carceres fugiu em 1802, 2 volumes — Londres 1844 — E finalmente Alexandre Herculano — *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, tom. 1.º liv. III.

[3] He inegavel que em decencia e honestidade o mundo civilisado não tem ficado estacionario ; ha hoje muito mais pudor publico do que havia ha um ou dous seculos Eis-ahi o que diz um escriptor contemporaneo nos seus estudos moraes sobre o seculo XIX « O famoso segredo, que ao ultimo seculo patenteou o livro mediocre e pretencioso de Helvecio, era, como todos sabem, a regra benevola do prazer, substituída aos principios do espiritualismo christão, isto he, do dever e do sacrificio. Para honra de nossa época cumpre confessar, que a moral renovada de Epicuro he geralmente repudiada, pelo menos em sua expressão franca e solta. Sobre esse pouto somos mais *escrupulosos* que Helvecio. Nenhum publicista de certa ordem ousaria subscrever a theoria desácreditada do egoismo individual. Se não ha progresso na consciencia publica e na prática, ao menos o ha no *pudor publico*. »



XLIV

A ESCRAVIDÃO.

Dissemos (artigo XXVII). que dous factos muito significativos distinguão a civilisação actual de todas as que a precedêrão : 1.º que em todas ellas prevaleceu a escravidão civil ou domestica, que parece destinada a acabar na presente civilisação ; 2.º que nenhuma dessas civilisações foi tão extensa como a actual, porque as antigas limitárão-se sempre á certas nacionalidades, em quanto o resto do mundo permanecia na ignorancia e na barbaria. Ainda ha um terceiro factó, tão significativo como os dous primeiros, e he a creação dos estabelecimentos de caridade, obra da civilisação christã (artigo IX).

Trataremos pois de cada um desses factos pela ordem em que estão mencionados. O que he a escravidão, o que he o escravo ? Em um paiz, como o nosso, não he mister definir nem uma nem outra cousa ; a definição está patente a nossos olhos, gravada no nosso coração, presente na nossa imaginação, seguindo-nos como a nossa propria sombra ; em fim quanto vemos, quanto ouvimos. quanto sentimos, tudo nos revella essa condição

miseravel, que acompanhou o genero humano desde o berço como uma de suas primeiras maldições.

A escravidão remonta ás primeiras tradições oraes, muito antes da época historica; ella acompanhou o dogma da primeira culpa, que tambem se acha nessas mesmas tradições. Por uma passagem do Genesis vê-se, que até mesmo antes do diluvio já alguns homens erão propriedade de outros. Na historia dos patriarchas está consagrada a escravidão como costume dos povos primitivos; Agar foi escrava de Sara, sobrinha e mulher de Abraham, e tambem concubina deste, de quem teve Isaac.

Nemrod, neto de Cham segundo filho de Noé, e que se diz fôra o fundador de Babilonia, tambem teve escravos. Os descendentes de Cham, que povoarão a Palestina e a Africa, conservarão escravos, de que fallão os livros do velho Testamento. Herodoto tambem falla do commercio de escravos na Colchida quasi dous mil annos antes de J. Christo. A escravidão na Grecia remonta aos tempos fabulosos, perpetuou-se com a sua civilisação, passando a outros povos com a sua decadencia. Roma foi um viveiro de escravos desde os bellos tempos da republica [1].

A Europa toda teve escravos desde a mais remota antiguidade, como a Asia e a Africa, e os conservou durante a idade media; ainda hoje a servidão he um costume na Russia, que tem resistido á todos os esforços da civilisação moderna. O Imperador Alexandre emancipou alguns servos da Corôa contra a vontade destes, e Nicolau não pôde conseguir a emancipação dos servos particulares, porque á ella se oppuzerão os mesmos servos e seus senhores [2]. Todas as legislações do mundo consagrarão a escravidão como uma lei inherente á condição da humanidade.

A legislação era quasi a mesma, na Grecia civilisada como em Roma, na Asia como na Africa; o escravo não era pessoa, sua vida como seus bens pertencião a seu senhor. Estes costumes de Roma republicana ou imperial passarão para as suas colonias e conquistas, para seus alliados e clientes. A Europa toda professou essas doutrinas, que a idade media conservou, até que o Evangelho penetrando no coração dos povos, e elevando-se

até os thronos, infiltrou no animo de todos a idéa de liberdade. Um pensamento de emancipação universal introduziu-se pois em todos os espiritos, e modificou gradualmente essa legislação barbara, que foi o borrão da civilisação que nos precedeu.

A meiado do seculo XV começou na Europa outra especie de escravidão, que devia transplantar-se para o novo mundo depois da sua descoberta : fallamos dos Africanos levados a Portugal como escravos em 1442. [3] Notavel coincidência ! esse empecilho da nova civilisação que ia apparecer, precedeu de onze annos o renascimento das lettras. O trafico de africanos escravos tornou-se logo importante para Portugal e suas ilhas, assim como para Hespanha, onde adquiriu muita força principalmente em Sevilha. Eis-ahi a origem dessa escravidão, que ainda hoje contrasta a civilisação de ambas as Americas.

Foi a Hespanha a primeira nação, que introduziu escravos africanos na America ; mas he uma calumnia revoltante q attribuirem alguns escriptores, sómente por ignorancia, esta medida ao celebre Las Casas Bispo de Chiapa, com o fim, dizem elles, de libertar os Indios da escravidão a troco da dos negros, mais aptos que aquelles para o serviço a que erão destinados. [4] Dizem esses mesmos escriptores, que a introduçcão se fizera em 1517 á instancias de Las Casas, quando nas instrucções, dadas ao terceiro governador de S. Domingos Nicoláo Obando em 1500, se lhe ordenava que permittisse a importação de *escravos negros*, com tanto que fossem nascidos em terra de christãos. [5]

Foi Sevilha a que forneceu grande numero de escravos negros, e tantos que em 1502 escrevia Obando ao Rei Catholico dizendo, que julgava necessario impedir esse commercio, porque os negros abandonavão as casas de seus senhores, e fugião para os bosques, levando com elles os Indios, de maneira que era impossivel apprehendel-os. O commercio entretanto foi feito com tal incremento, que em 1506 o governo hespanhol prohibiu, que se transportassem para a America escravos pretos do *Levante*, porque não era conveniente introduzir na nova colonia individuos, que não fossem christãos de nascimento.

Oviedo diz igualmente, que em 1517 uma companhia

allemaã, com privilegio concedido já pelo Imperador Carlos V, introduzira na *Costa firme* (Venezuela) os primeiros escravos importados directamente de Africa. O certo he que os Reis Catholicos declararão sempre que os Indios são livres, á excepção dos *Caribes* de S. Domingos; e sempre como mandarão tratar como taes, ainda quando os colonos, e sobre tudo os governadores obrassem de modo differente, ou abuzassem com largueza, naquelles tempos de ignorancia e de fanatismo, da força e da autoridade.

No Brasil não encontramos documento algum, que indique precisamente o anno, em que forão introduzidos os primeiros escravos africanos, ou a Capitania, que primeiro os importou; mas he fóra de duvida que a meiado do seculo XVI já existião negros no Brasil, [6] quando também forão por um acto régio (1556) declarados escravos os Caytés de Pernambuco. O que succedeu na America hespanhola, aconteceu no Brasil: alli todos os Indios são considerados *Caribes* e por consequencia escravos; aqui todos são Caytés, qualquer que fosse a tribu á que verdadeiramente pertencessem, e pela mesma razão condemnados ao cativeiro.

Em quanto progredia o commercio dos escravos africanos, a liberdade dos Indios era disputada palmo a palmo pelos missionarios de ambos os hemispherios; no norte os Cordovas, Montesinos, Bernardo de S. Domingos, o Padre Las Casas, e outros muitos que refere por extenso Herrera; no Sul os Nobregas, Anchieta, Nunes, Vieiras, não menos valentes e dedicados á sua missão divina de Apostolos da fé, e defensores dos Indios, até que o Decreto Pontificio de 1741 declarou formalmente livres todos os Americanos, e nulla, irrita e sacrilega a escravidão, á que tinhão sido condemnados pela avareza e pela usurpação injusta dos colonos. [7]

Finalmente desapareceu a escravidão dos Indios, quando tres quartas partes destes infelizes havião também desaparecido da superficie da terra que os viu nascer; por toda a parte, desde o Canadá até o Cabo de Hornos, a liberdade dos Americanos foi um dogma consagrado pelas leis e pela religião. O Alvará de 8 de Maio de 1758 fez extensivas a todo o Brasil as disposições das Cartas de lei de 6 e 7 de Junho de 1755 [8]; assim como a C. R.

de 4 de Abril de 1755 havia declarado que os vassallos de Portugal, que cazassem com as Indias, se tornarião por isso dignos da real attenção para empregos, honras e dignidades, sem necessidade de despeza alguma. [9]

[1] A escravidão foi sem duvida a causa da relaxação dos costumes em Roma, e dessa devassidão de que não ha exemplo na civilisação moderna. Sabe-se que 160 matronas romanas, mulheres de outros tantos senadores, forão condemnadas por haverem querido envenenar seus maridos, que as desprezavão pelas escravas. No anno 539 da fundação de Roma fôra descoberta uma associação enorme de homens e mulheres para se entregarem em commum á mais estupenda devassidão. Mais de sete mil individuos de ambos os sexos, cuja maior parte erão mulheres, pertencião á ella, e mais da metade desse numero fôra condemnada ao ultimo supplicio. (*Montesquieu, Considerações sobre as causas da grandeza e decadencia dos Romanos.*)

[2] Um escriptor moderno, que conhece bem a Russia, falando do Imperador Nicolão, exprime-se da seguinte maneira : « Na sua politica interna elle (o Czar) tem sido menos feliz : não teve bom exito sua honrosa tentativa para a emancipação dos servos, e para converter em um simples contracto de locação, obrigatorio ás duas partes, a *degradante escravidão* dos servos da gleba. »

« Os Boyardos a repellirão como attentatoria de seus direitos ; os proprios servos tambem não a quizerão, por não estarem sufficientemente preparados para essa liberdade relativa, que não póde ter lugar sem a responsabilidade de sua sorte, e que elles não podem apreciar a sua importancia, não sabendo usar della. »

[3] « Anno de 1442 — Antão Gonçalves, depois de armado cavalleiro no porto dos Lobos marinhos, voltando a Portugal, trouxe alguns barbaros que alli captivára, dos quaes o Infante não cessava de tirar novas informações sobre as costas, terras, e gentes que por alli habitavão, »

« Como estes Mouros promettessem dar alguns *negros* de Guiné em seu resgate, cousa que o Infante muito desejava, pelo que o vulgo fabulava daquellas terras, voltou o Gonçalves com elles a Africa neste anno de 1442. »

« Os Mouros cumprirão a promessa, e derão em preço da sua liberdade algum ouro, e *dez negros* de diferentes terras.

Este (dizem os nossos escriptores) foi o primeiro ouro, que veio daquellas partes, assim como os *negros forão os primeiros escravos, que da Costa occidental de Africa vierão a Portugal.* » (Indice chronologico das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos Portuguezes, &c.)

« Anno de 1443 — Nuno Tristão, a quem ha pouco deixamos no Cabo-branco, proseguindo as suas explorações, descobriu a ilha de Ader, e a das Garças no golfo de Arguim, á segunda das quaes deu o nome das muitas aves assim chamadas, que alli achou. Depois voltou a Portugal, trazendo mais de quarenta *negros captivos*, que cá se estimarão muito (diz um antigo escriptor portuguez) por sua estranha figura. » (Ibid.)

« Anno de 1446 — Fallando da segunda viagem, que fez á costa de Africa Luiz de Cadamosto com duas caravelas, diz o seguinte — « Forão ao Gambia, e entrarão por elle mais de 60 milhas até o senhorio de Battimanza, aonde estiverão 11 dias permutando as fazendas, que levavão, por ouro e *escravos* » (Ibid.)

Dahi por diante o commercio da Costa de Africa tomou tal incremento que já no anno de 1447, diz o mesmo Indice, se acharão reunidos naquellas paragens 27 navios sahidos de Portugal e da ilha da Madeira.

[4] He tão miseravel esta calumnia como a de que o mal venereo fôra levado da America para a Europa no fim do seculo XV, quando era já conhecido na mais remota antiguidade. A gonorrhœa ou blenorrea he bem descripta no *Levitico* (cap. XV vv. 2 a 35). As ulcerações, chamadas cancos nas partes genitales, erão conhecidas não só de Celso, mas de Oribase, Paulo d'Egina e de Aecio, como o provou Sprengel; o mesmo succede com a phimosis e paraphimosis, que Guy de Chauliac descreve com os nomes de *preputii clausura*. (*Virey*, perigos da incontinençia.)

Muitos autores provarão que, ainda mesmo antes da volta do exercito francez do cerco de Napoles em 1496, já a syphilis era conhecida em França, e se havia legislado para impedir a sua propagação. (*Gardane, les maladies veneriennes.*) Donde proveiu pois essa calumnia? talvez da coincidência do descobrimento da America com a extensão do mal importado da Italia pelo exercito de Carlos VIII com pouca differença. Pobres americanos, que receberão essa dadiwa, assim como a bexiga, em troca do seu ouro e da sua prata, e ainda em cima a calumnia!

[5] Temos á vista a vida do Padre *Las Casas*, escripta e publicada pelo Dr. Llorente com as obras do mesmo *Las Casas*, assim como a Historia geral das Indias por *Herrera*, Decs. 6 e 7,

nas quaes se trata largamente do famoso Bispo de Chiapa. Las Casas ordenou-se de presbytero em S. Domingos no anno de 1510. Nesse mesmo anno forão para aquella ilha os frades Dominicanos, tendo por Prior o Padre Pedro de Cordova, os quaes tomarão a peito eximir os Indios das crueldades com que os maltratavão os colonos hespanhoes ; em cuja obra meritoria os acompanhou Las Casas, e se constituiu por isso o apostolo da America muitos annos depois.

Ora, o mesmo Herrera transcreve as reaes instrucções dadas ao Governador Obando em 1500, nas quaes se lhe ordena que permitta a introducção de escravos negros, assim como a correspondencia do mesmo Obando, da qual consta que em 1502 já era esse commercio muito extenso ; tempo em que Las Casas não tinha a menor influencia, nem importancia alguma para com a Côrte, nem havia figurado em negocio algum administrativo da Colonia. O que ha de mais notavel he o Memorial, que Las Casas, sendo já Bispo de Chiapa, apresentou em 1542, estando em Hespanha, á Junta de Sevilha por ordem do Imperador Carlos V, sobre o modo de melhorar a sorte dos Indios ; e nas proposições, de que o dito Memorial se compõe, em nenhuma dellas apparece a idéa da substituição dos Indios pelos negros, cujo commercio datava de mais de 40 annos antes.

[6] « O comportamento oppressivo dos Colonos de Pernambuco para com os Caytês excitou de novo o odio destes selvagens, que se armarão e pozerão cerco ao estabelecimento ou feitoria de Iguarassú. Compunhão a sua guarnição 90 portuguezes e 30 escravos negros : os sitiados erão 42 mil. O sitio durou mais de um mez ; porém os selvagens, perdendo a esperanza de se apoderarem do estabelecimento pela fome, fizeram a paz e retirarão-se. Depois destas hostilidades a capitania de Pernambuco, e principalmente a cidade de Olinda, continuou a prosperar até a morte de Coelho. » (Comp. da hist. do Brasil — tomo 1.º pag. 59. —). Ora Duarte Coelho morreu em Olinda no anno de 1554, e he provavel que desde meiado do seculo já existissem na Capitania escravos negros, quando não vindos directamente da Africa, ao menos dos que existião em Portugal.

[7] Em um artigo tão resumido não he possivel estender-nos quanto desejamos. Para aquelles que quizerem aprofundar a materia basta lembrar-lhes a Hist. phil. dos estabelecimentos dos Europeos nas duas Indias pelo Abbade *Raynal*, os Incas do Perú por *Tupac-Amaro*, *Herrera* já citado, *Torquemada* na sua monarchia indiana, *Oviedo* hist. da Costa firme, o Padre *Davila*, *Padilla* na sua historia dos frades Dominicanos, *Remesal* hist. do Bispado de Chiapa, as vinte memorias de *Las Casas*

recolhidas e publicadas pelo Dr. Llorente; finalmente no Brasil a sua propria historia desde Gabriel Soares até Southey, e todos esses fragmentos, que por ali andão, dos Padres Nobrega, Anchieta, Vieira, &c.

[8] « Considerando El-Rei D José, que o SS. Padre Benedicto XIV havia, pela Constituição de 20 de Dezembro de 1744, reprovado todos os abusos contra a liberdade dos Indios do Brasil, condemnando debaixo de penas ecclesiasticas a escravidão das pessoas, e a usurpação dos bens dos ditos Indios: considerando mais que, pelas cartas de lei de 6 e 7 de Junho de 1755, havia estabelecido inviolavelmente a liberdade das pessoas, bens, assim de raiz como moveis, exercicio da agricultura e commercio a favor dos Indios do Grão Pará e do Maranhão, dando-lhes uma fórma de governo propria para civilisal-os e atrabil-os por este meio adequado ao gremio da Igreja: considerando assim, achou que seria maior utilidade fazer as duas sobreditas leis geraes em beneficio de todo o Estado do Brasil; e por isso mandou pelo Alvará de 8 de Maio do corrente anno de 1758, que as suas disposições se estendessem aos Indios de todo o continente do Brasil sem restricção alguma, e a todos os seus bens, assim de raiz como semoventes e moveis, e a sua lavoura e commercio, assim e da mesma sorte que se acha expresso nas referidas leis, sem interpretação, restricção ou modificação alguma, qualquer que ella fosse. » (*Synopsis dos factos mais notaveis da historia do Brasil.*)

[9] « Querendo El-Rei D. José I promover cada vez mais os meios da propagação da fé catholica, declarou pela C. R. de 4 de Abril de 1755, que os vassallos do reino e da America, que cazassem com Indias, não ficarião com infamia alguma, antes se farião dignos da real attenção para empregos, honras e dignidades sem necessidade de despeza: o mesmo seria para com as portuguezas, que cazassem com os Indios. Esta determinação se estende tambem aos descendentes. » (*Synop. dos factos, &c.*)

Com effeito, o Marquez de Pombal não se contentou sómente com dar plena e inteira liberdade aos Indios, mas tambem em fazer desaparecer toda a idéa de escravidão anterior, ennobrecendo-os e elevando-os sobre os mesmos colonos; no que não fez mais do que pagar um tributo aos seus antepassados, porque o Marquez de Pombal era 6.º neto de uma Índia de Pernambuco, que tinha sido escrava; nem he isto de admirar porque Semiramis Rainha da Assíria, e Catharina primeira Imperatriz da Russia, forão ambas escravas, e ambas chegarão ao fastigio de toda a grandeza humana, isto he, ao solio e ao diadema.



XLV

CONTINUA A MESMA MATERIA.

Ao passo que vigorava a liberdade dos Indios por toda a America, crescia espantosamente o trafico dos escravos africanos, não só no continente como em todas as antilhas. E porém fallamos da escravidão na Hespanha e em Portugal, cumpre dizer como alli se extinguiu esse flagello. A extinção dos escravos pretos da Hespanha precedeu a de Portugal. Os Hespanhoes enviarão para a America todos os seus escravos de origem africana, e abolirão a escravidão na Europa a principios do seculo passado. [1] Os Portuguezes não forão tão diligentes como seus vizinhos, e a conservarão por mais um seculo.

Em Portugal pois foi prohibida a importação de gente de côr do ultramar pelo Alv. de 19 de Setembro de 1761, declarando ao mesmo tempo, que qualquer escravo, que alli fosse, ficaria pelo facto do desembarque livre. Outro Alv. com fôrça de lei de 16 de Janeiro de 1773 ordenou que o cativeiro, quanto ao preterito se não podesse estender além das avós: quanto ao futuro, que todos os que nascessem depois da publicação do citado Alv. ficassem por beneficio delle inteiramente livres; e ao mesmo tem-

po habeis para todos os officios, honras e dignidades na fórma nelle declarada. A emancipação absoluta verificou-se com o tempo em virtude desse Alvará.

Todavia uma especie de escravidão, mais horrivel que todas as outras, era a dos Christãos em geral nos Estados barbarescos. Ainda no principio deste seculo os corsarios ou piratas da Africa Septentrional infestavão o Mediterraneo, e até mesmo o oceano além das columnas de Hercules. Felizmente o concurso poderoso das nações cultas da Europa acabou com esses restos de uma barbaria, que affrontava e desafiava a civilisação europea. A Africa começa pois a civilisar-se pelos quatro ventos cardeaes debaixo do poderoso influxo do Christianismo.

Voltemos ao trafico de africanos na America, e vejamos como elle progrediu de uma maneira rapida e espantosa, e não só o trafico como a procreação dos escravos da mesma origem. Os Estados-Unidos possuem depois da sua independencia 659:825 escravos; mas fizeram cessar o trafico no fim do seculo passado, e dous terços dos Estados abolirão completamente a escravidão. [2] Todavia em um terço dos mesmos Estados existem hoje mais de tres milhões desses infelizes de todas as côres, desde o negro azeviche até o branco da mais pura raça saxonica.

No Brasil, segundo o censo ou padrão de 1798, existião naquella época 1.500:000 escravos. [3] Hoje que a nossa população tem quasi triplicado, não he muito que contemos como os Americanos do norte tres milhões, muito principalmente porque o trafico continuou entre nós de uma maneira assombrosa até 1852 sem a menor interrupção, antes com excessivo empenho. Eis-ahi sómente em duas nações do nosso continente, uma ao norte e outra ao sul, cerca de seis milhões de escravos, dos quaes mais de um milhão talvez de raça hybrida.

Os Inglezes, que pelo tratado e paz de Utrecht, haviam reservado para si o direito de supprir de escravos as colonias hespanholas, não se descuidarão em quanto ás suas ilhas de barlavento, até que o trafico cessou em 1807. Perto de 800 mil escravos forão manumittidos nas colonias inglezas da America em virtude do bill de 28 de Agosto de 1833, e mais de 200 mil nas antilhas francezas em 1848;

isto he, um milhão de escravos, que também existião na America, e que deixarão de pertencer á esta classe por absoluta emancipação.

Nas colonias hespanholas do continente americano, hoje independentes, não será exagerado se dissermos, que entre o Mexico, Guatemala, Nova Granada, Venezuela, Perú, e Buenos-Ayres, existião talvez mais de um milhão de escravos, porque só o Mexico possuia 400 mil antes da independencia. Venezuela e Nova Granada mais de 300 mil. [4] Entre Cuba e Porto-Rico não deve existir menos de 700 a 800 mil escravos, porque sómente Cuba em 1843 tinha 436:000. Eis-ahi por tanto no continente americano, e ilhas adjacentes, cerca de 9 milhões de escravos de origem africana, dos quaes 2 milhões em plena liberdade, porque assim deve considerar-se mais de um milhão, que existia nas ex-colonias hespanholas do continente. [5]

Com effeito a primeira que abriu o exemplo foi Venezuela. O congresso de Cucuta, que creou a republica de Colombia em 1821, decretou ao mesmo tempo uma lei de manumissão, estabelecendo de presente taxas para ir libertando todos os annos um numero de escravos entrê os mais velhos ; e de futuro que todos quantos nascessem dahi em diante ficassem livres em virtude da mesma lei. Senhores houverão, que a exemplo do General Simão Bolívar, libertarão de uma só vez todos os seus escravos, entre elles o Marquez del Toro, e outros muitos. Guatemala e Bolivia abolirão a escravidão, e o Mexico seguiu o exemplo de Colombia. Ultimamente cremos que só em Montevidéo existião ainda alguns escravos, que forão libertados por D. Manoel Oribe durante a ultima guerra civil.

Sem o bill que aboliu o trafico em 1807, sem o acto do congresso de Viena em 1815, sem a independencia das colonias hespanholas, que por sua vez não importarão mais um só escravo, o que seria hoje do continente americano ? Julgai pelo Brasil e pelos Estados-Unidos dessa massa bruta, que pelo seu espantoso numero nos recordaria sem cessar as agitações da antiga Roma, e suas guerras civis. Para obviar males de natureza semelhante no futuro, ou para pôr um cravo na rodã da degradação da especie hu-

mana, um homem houve de inaudita coragem, que affrontou todos os preconceitos de uma época, todos os interesses de um povo, e arrostou por si só a opinião publica, que devia mais tarde decidir-se a seu favor : esse homem foi *Wilberforce*.

He verdade que já o abbade Raynal e Montesquieu haviam proscripto a escravidão, já os encyclopedistas a haviam condemnado, quando *Wilberforce*, ajudado pelo espirito do seculo e pela propaganda religiosa, apresentou em 1787 na Camara dos Communs, de que era membro, a sua primeira moção para abolir o trafico dos negros africanos. Vinte annos depois, a través de mil difficuldades, de uma opposição vigorosa, de interesses de toda a casta, elle viu, por uma perseverança sem exemplo, realisada a sua idéa, e admittida como lei e como principio a abolição do trafico de carne humana. Essa idéa, esse principio, essa lei da Inglaterra foi encarnada no Congresso de Viena, e sanccionada pelo concurso das nações que o formarão em 1815.

De todas as nações, que concorrerão para o Congresso de Viena, só Portugal e a Hespanha protestarão contra essa deliberação, que haviam aceitado conditionalmente, até que pela Convenção de 23 de Novembro de 1826 (entre a Inglaterra e o Brasil) foi considerado como pirataria o commercio de escravos na costa d'Africa ; [6] mas só em 1835 foi que a Hespanha adheriu á essa medida levada pelas suggestões de toda a Europa. Finalmente as duas cartas de lei de 7 de Novembro de 1831, e de 4 de Setembro de 1850 sancionarão o artigo 1.º da citada convenção de 1826, e o trafico foi *legalmente* abolido no Brasil. Todavia elle continuou de uma maneira escandalosa até 1852, tempo em que o governo, apoiado pela imprensa, deu o ultimo garrote nesse commercio infame, obra de traficantes estrangeiros.

Ha 65 annos o projecto de abolir o trafico de escravos foi um grito de alarma, que aterrou ambos os mundos, hoje a emancipação absoluta he uma idéa admittida, e já realisada em grande parte ; a Europa a proclama como um principio, a America a recebe como uma necessidade. O mundo todo conspira para a emancipação do genero humano, que não pôde ser completa em quanto seres da

mesma especie estiverem divididos em escravos e senhores, em homens que gozão e homens que sómente sofrem, em privilegiados e degradados da misericórdia divina, ou dessa justiça eterna perante a qual todos os homens são iguaes, quér ella castigue quér recompense.

[1] Em tempo de Philippe V depois da paz de Utrecht.

[2] Bosquejo hist. polit. e litt. do Brasil.

[3] « O censo de 1798, diz o bem conhecido Abade Corrêa da Serra, foi feito com muito cuidado, porém não se publicou, nem tive delle nenhuma noticia especificada. Com tudo sei por pessoas fidedignas, que dava mais de tres milhões de habitantes (para o Brasil), dos quaes 1:500:000 erão escravos; o que não he de estranhar, porque as instituições, e talvez os costumes favorecem particularmente a população do Brasil. O systema de escravidão, que os Portuguezes tem adoptado, *se dirige a multiplicar os negros*; nenhuma nação introduz mais negras, nem emprega mais attenção na educação dos filhos destas, &c. » (Id.)

[4] Id.

[5] Omittimos fallar expressamente da ilha de S. Domingos, hoje Haity, cujos escravos se insurreccionarão em 1791, e por uma luta encarniçada se tornarão livres e independentes em 1803. Pela occupação, que os negros fizerão da parte hespanhola da mesma ilha, tambem desapareceu della a escravidão. Eis-ahi por tanto uma população de mais de 600 mil almas hoje emancipada, e que antes fôra escrava.

[6] « Acabados tres annos depois da troca das ratificações do presente tratado, não será licito aos subditos do Imperio do Brasil fazer o commercio de escravos na costa d'Africa debaixo de qualquer pretexto, ou maneira qualquer que seja. E a continuação deste commercio, feito depois da dita época por qualquer pessoa, subdita de Sua Magestade Imperial, será considerado e tratado por pirataria. » (Convenção de 23 de Novembro de 1826, art. 1.º)



XLVI

AINDA A MESMA MATERIA — CONCLUZÃO.

Fôra pois a Inglaterra a primeira nação, que tomára na Europa a iniciativa da abolição do trafico ; para isto ella não consultou seus interesses, obrou segundo os dictames de sua consciencia ; mas quantos interesses, quantos preconceitos não ia ferir esse acto de humanidade, mal visto ou mal comprehendido por todas as nações, que possuem colonias na America ? Os Inglezes forão atrozmente calumniados ; attribuiu-se-lhes um interesse remoto, porque não era possível achar-se um interesse immediato : elles pretendião aniquilar todas as colonias occidentaes para fazerem prosperar seus estabelecimentos orientaes !! miseria das miserias !

Mil obstaculos crescião todos os dias entre a extincção do trafico e o interesse de sua continuação ; a Inglaterra lutava contra a avidez da Europa e a ignorancia da America. Era impossível bloquear toda a costa d'Africa, apesar do apoio e adjutorio dos Estados-Unidos. Como evitar o contrabando, como acabar com o estímulo, que lucros espantosos offerecião á avidez de milhares de armadores, de especuladores de todo o genero, que vião no

trafco uma mina profunda e inexgotavel? Um unico recurso, a emancipação absoluta. A emancipação por tanto tornára-se para a Inglaterra um negocio de honra.

Dissemos (art. IX) que o principio do sentimento publico era uma religião na Inglaterra, e que todos o acata-vão como materia de fé. Obrigado a ceder ao movimento philantropico, dirigido pela opinião publica, o governo inglez quiz dar um grande exemplo ao mundo, emancipando os escravos de suas colonias. Dez annos forão consagrados á preparação deste acto decisivo. A 15 de Maio de 1823 M. F. Buxton, conforme o desejo de seu illustre collega W. Wilberforce, levou ao conhecimento da camara uma proposição sobre a extincção da escravatura. [1]

Mr. Canning emendou a moção de Buxton, e o parlamento decidiu, que se tomassem medidas para melhorar o estado moral dos negros, e preparal-os para a liberdade. Em uma circular com data de 9 de Julho do mesmo anno de 1823 communicou Lord Bathurst essas resoluções ás legislaturas coloniaes, e prescreveu-lhes que com ellas se conformassem. As intenções da metropole porém encontrarão vivas resistencias de parte dos Fazendeiros das colonias.

As medidas preparatorias, recommendadas na Circular de Lord Bathurst, não forão executadas, ou forão-no muito mal. Em 1831 o governo, sem attender as reclamações dos colonos, deu começo á emancipação geral, libertando os escravos dos dominios da corôa. Finalmente a 18 de Maio de 1833 Lord Stanley apresentou ao parlamento britannico um bill para a abolição da escravidão. Adoptado pela camara dos Communs a 12 de Junho do mesmo anno, e pela camara dos Lords na noite de 25 do mesmo mez e anno, foi o bill sancionado pela Corôa a 28 de Agosto seguinte. [2]

Com as restricções impostas pelo citado bill de 28 de Agosto de 1833, a emancipação absoluta só veiu a completar-se em 1840, [3] causando grande abalo na fortuna dos fazendeiros, e sobre tudo nas relações do commercio das colonias occidentaes. A França, possuidora tambem de colonias nas antilhas, observava com escrupuloso tento os resultados das medidas adoptadas pelos Inglezes, pre-

viendo talvez os mesmos abalos, e receiando os mesmos sacrificios. Entretanto a revolução de 24 de Fevereiro de 1848 provocou crise igual a de 1791 em S. Domingos ; isto he, houve uma completa insurreição, cujos funestos efeitos forão prevenidos pela metropole, decretando-se a emancipação dos escravos nas antilhas francezas.

Com effeito, á primeira noticia do estabelecimento da republica em Paris, a liberdade dos escravos das colonias francezas realisou-se por si mesma, e de um modo irresistivel. Ainda o decreto do governo provisorio de 27 de Abril de 1848, que aliás marcava para aquelle fim um prazo de dous mezes, não era conhecido nas colonias, e já os negros pelo boato da proclamação da republica, considerando esta incompativel com a escravidão, havião em massa reclamado e obtido a sua liberdade. [4] A catastrophe pois de S. Domingos foi prudentemente prevenida pela politica da metropole : he que a França de 1848 já não era a França de 1791.

« Este seculo, em que tem começado e ainda começaõ tão grandes cousas, he de alguma sorte o molde gigantesco, em que toda a humanidade está em fusão. » Raças inteiras desaparecem como por encanto, outras se elevão pelo cruzamento, melhorando a sua condição ; a liberdade nivela essas mesmas raças, que o preconceito e o costume tinhão posto fóra da esphera humana, e a lei do progresso moral se revela nessa marcha constante, ainda que variavel nas formulas, mas permanente nos principios. O genero humano, diz um sabio moderno, marcha direito ao seu fim com a lei da graça, que he o progresso moral, e com as sciencias e artes, que proporcionão o progresso material ; ambos tendem ao mesmo fim, isto he, ao *bem-estar* (art. I.)

Quem diria no principio deste século, que a extinção do trafico seria negocio consummado cincoenta annos depois, e que a emancipação absoluta substituiria a questão do trafico ? Quem pôde hoje duvidar, que no fim do seculo actual a escravidão civil e domestica tenha desaparecido da superficie do nosso globo ? Pois bem, não tardará que nos Estados-Unidos seja decretada uma lei de manumissão como a de 1773 em Portugal, e de 1821 em Colombia ; este exemplo será seguido pelas antilhas hes-

panholas e pelo Brasil. Este facto terá lugar talvez em menos de vinte annos, e no fim do presente seculo a escravidão estará extincta.

Será possível esta nossa prophécia, será ella mesmo realisavel, não nos poderemos enganar? não; a questão será de data, de tempo, de mais annó menos anno, mas a emancipação dessas raças, condemnadas por tantos seculos á escravidão, he um decreto da providencia: elle se realizará. Quanto orgulho para aquelles que primeiro conceberão a idéa de uma fusão de todas as raças, de fundir a humanidade inteira em um só molde! que nobre pensamento aquelle que se elevou da terra até o céo, e leu no firmamento escripta a lei providencial, que rege os destinos humanos desde o principio até o fim!

Todas as opiniões religiosas, qualquer que fôra sua diversidade e contraste, erão toleradas no imperio romano, com exclusão do christianismo, e porque? *Jesus* representado debaixo dos rasgos do pincel e attributos, com que Platão tinha traçado a pintura do seu *Justo*; *Jesus* figurado em sua vida e virtudes, ultrajado por um povo grosseiro e barbaro, entregue depois disto aos verdugos e á morte, devia fazer grande impressão em todos os corações bem formados.

Uma moral, que vertia sobre a terra e sobre todos os desgraçados consolação nesta vida, e para a outra abria as portas do Céo, com as delicias e felicidades promettidas; uma moral tão consoladora, uma moral que confundia todos os ais e clamores, que chamava todos os homens á participação e banquete da mesma felicidade, devia ser recebida com enthusiasmo pelos infelizes escravos e classes desvalidas, que, atormentados nesta vida, vião na morte o termo dos seus soffrimentos, e a aurora da felicidade promettida.

Com effeito o Christianismo, condemnando os privilegios de classes, e chamando todos os homens á participação dos mesmos direitos, devia irritar o orgulho do patriciado romano, e offender seus direitos de senhor. E porém, por uma compensação bem trivial nos destinos humanos, nunca a gloria do Christianismo teve tanto brilho, como quando esses mesmos Romanos, que tinham sido os senhores do mundo, se virão elles proprios vis es-

cravos de despotas sanhudos è insensatos. Foi então, nos seus sagrados mysterios, que a liberdade expirante veiu buscar um asylo, e foi por elles que a religião, quasi sempre perseguida, pôde sustentar-se e restabelecer-se.

Desde então marcha o Christianismo para o cumprimento da missão do seu fundador. *Jesus* começou a sua doutrina chamando a todos *irmãos*; a fraternidade pois exclue a escravidão, porque esta torna os homens desiguaes entre si. E esta escravidão, que remonta ao berço do genero humano, e tem atravessado todas as civilizações, que nos precederão, está destinada a acabar na que decorre actualmente sob o poderoso influxo da religião e da moral, não aqui nem alli sómente, não neste ou naquella paiz, nesta ou naquella parte do mundo, mas em toda a superficie da terra, onde o homem possa viver ao abrigo do estandarte da Cruz. [5]

[1] *Molinari* sobre a abolição da escravidão. (*D. de Pern.* de 4 a 7 de Fevereiro de 1854.)

[2] *Ibid.*

[3] Eis-ahi algumas das condições desse grande resgate de homens: os escravos de uma certa idade passarão para o estado de aprendizes trabalhadores, e fizerão delles tres categorias; isto he, aprendizes trabalhadores ruraes adstrictos ao solo; aprendizes trabalhadores ruraes não adstrictos ao solo; aprendizes trabalhadores não ruraes. Seis annos de apprendizado forão impostos ás duas primeiras classes, e quatro annos á terceira, a datar do 4.º de Agosto de 1834. Os senhores tiverão direito ao trabalho de seus escravos de outr'ora convertidos em aprendizes, com a condição de proverem a sua subsistencia. Os trabalhadores negros tiverão porém a faculdade de resgatar os annos de serviço, que ainda devião fornecer a seus antigos senhores. Além disso uma indemnidade de 20 milhões de libras esterlinas foi concedida aos proprietarios de escravos — (*Ibid.*)

[4] *A. Garnier* — Moral social.

[5] Ainda outro rasgo da Providencia para provar o que dissemos no nosso primeiro artigo, isto he, que ella escreve certo

por linhas tortas. Não he só o christianismo, mas o proprio islamismo, que está chamado a acabar com a escravidão no Oriente.

Com effeito, o sultão acaba de abolir o trafico de escravos em todos os seus Estados por dous *Firmans*, um dos quaes impõe graves penas aos transgressores. A reconstrucção da Polonia, inevitavel hoje para o equilibrio da Europa, acabará com a escravidão civil entre a raça slava, e a Russia receberá por necessidade a lição de moral e de justiça, que lhe darão seus proprios subditos (os Polacos) já emancipados, e sobre tudo os Turcos ; sim, essa Turquia, que a mão da Providencia chama hoje para regenerar o Oriente, e preserval-o de um dominio ainda mais atroz, porque he mais forte, o dominio russo.



XLVII

DAS CIVILISACOES ANTIGAS, DE SUA EXTENSÃO E LIMITES.

Dissemos anteriormente, que nenhuma das civilisaoes, que precederão, foi tão extensa como a actual, porque as antigas limitarão-se sempre  certas nacionalidades, em quanto o resto do mundo permanecia na ignorancia e na barbaria. [1] Remontemo-nos pois  primeira dessas civilisaoes, de que tenhamos noticia, e que pareça a mais antiga de todas, e vejamos se ella ou outra foi tão extensa como a nossa, isto he, se ella abraçou o mundo, ou pelo menos toda aquella parte, que era então conhecida.

Antes de tudo devemos confessar, que não existe um são documento, uma são prova de que a superficie inteira do nosso globo fosse conhecida antes de muito pouco tempo  esta parte; nem podia sel-o senão depois da invenção da bussola. Nos mesmos, que fizemos especial estudo a este respeito, estamos hoje convencidos de que a America, e todas as ilhas do oceano pacifico forão inteiramente desconhecidas dos antigos até fins do seculo XV; a mesma Africa meridional era ignorada em toda a extensão de sua

costa occidental até o Cabo da Boa-Esperança, descoberto pela primeira vez em 1486.

De todas as civilizações anteriores qual foi a mais antiga? A phenicia, a hebraica, a chaldaica, a sanscrita, a grega ou a egypciaca, a persica ou a assyriaca? Se para avaliarmos estas civilizações he mister documentos escriptos, os que conhecemos como mais antigos são os livros de Moysés na lingua hebraica, e a maior parte dos do antigo testamento; entretanto que o mais antigo livro da Biblia não excede de tres mil e quinhentos annos, cinco seculos mais moderno que as piramides do Egypto, as quaes revelão por si sós uma alta e antiquissima civilização.

Ora, a historia nos diz que forão os Phenicios os primeiros, que inventarão as lettras do alphabeto, e que estes as transmittirão ao Egypto com a escriptura, onde Moysés a apprendêra. pois fôra educado e iniciado nas sciencias pelos sacerdotes de Isis, depositarios não só dos mysterios sagrados, como dos signaes hieroglyphicos e da escriptura alphabetica. Da mesma historia consta tambem, que Sanchoniaton, antigo historiador phenicio, e de cujas obras ainda nos restão alguns fragmentos, fôra contemporaneo de Moysés, e outros pretendem que de Semiramis, tres seculos antes. Qual dessas duas civilizações, phenicia e egypciaca, foi a mais antiga? He de suppôr que fossem coetaneas assim como as de todos os povos da familia semitica. [2]

O que era pois a Phenicia? pequena região da Syria comprehendida entre o anti-Libano e o mar, confinando ao norte com a embocadura do Eleuthero, e ao sul com a do rio Bellus na Asia occidental; tendo por colonias algumas ilhas do Mediterraneo, e na costa septentrional da Africa algumas cidades como Carthago, Hippona, Utica; Gades na Hespanha, Panorma e Lilibea na Sicilia. O antigo Egypto, segundo os geographos de mais remotas éras, apenas comprehendia o vale do Nilo, e parte da Arabia chamada pelos mesmos *egyptia*, antes da invasão dos Ethiopes. He de crer que depois desta o Egypto comprehendesse tódo o baixo e alto Nilo desde as cataractas até o Delta, e por consequencia grande parte da Ethiopia desde o Cabo Delgado até a costa de Zanguehar na Africa oriental.

Ainda assim, o que erão essas nacionalidades mès-quinhas, entre povos de mui diversas crenças, e inimigas umas das outras? Um dos maiores Imperios antigos, antes de Jesus-Christo, foi sem duvida o da Persia no reinado de Cyro, que absorbveu a Media, a Assyria, a Chaldea, o Egypto, a Phenicia, isto he, desde a parte mais occidental da Asia até o Indo, desde o mar vermelho até o Caspio, desde o Caucaso até a grande Bukharia ou antiga Sogdiana; todavia esse immenso imperio era menor que o da Russia actual. Qualquer que fosse a civilisação de todos esses povos, era commum entre elles o odio profundo, que se votavão, as guerras mutuas em que se despedaçavão, desapparecendo ora em um ora n'outro a nacionalidade absorvida por um conquistador feliz. [3]

Não fallaremos do ephemero Imperio grego-macedonio, maior ainda que o anterior, porque apenas teve de duração a curta vida de Alexandre magno. Este Imperio abraçava todos os paizes desde o mar adriatico até o Indo, desde o Danubio, o mar negro, e o mar caspio até a fronteira meridional do Egypto e o golfo persico. Alexandre morreu em Babilonia aos 33 annos de idade, 324 antes de Jesus-Christo. Não havendo designado successor, seus generaes repartirão entre si tão grande imperio, e de todo este immenso colosso resultarão oito reinos pequenos e insubsistentes, dos quaes Seleuco Nicator reuniu depois a maior parte. Qual era a civilisação desse vasto imperio? a dos Gregos, que florescia, e a dos Chaldeos que definhava para acabar envolta nas ruinas da cidade meretriz.

Das civilisações, cuja origem se perde na noite dos tempos, he sem duvida uma das mais notaveis, senão a mais antiga, a da India, nome vago, e que hoje tem varias accepções. Com effeito, o que era, o que ainda hoje he a India? Entre os geographos modernos, uns dividem a India em duas partes, áquem e além do Ganjes, isto he, em India cisgangetica ou Hindostão, e transgangetica ou India Chinezã; outros apenas chamão India propriamente dita a porção da Asia meridional comprehendida entre o Indo e o Ganges, entre os golfos de Oman e de Bengala ao sul, e o Himalaya ao norte. Aqui podemos considerar duas civilisações distinctas, a da India propriamente dita ou do Hindostão, e a da China ou India transgangetica.

Prescindamos do espaço de 54 mil annos, com que uns e outros (Indios ou Chins) glorificão a era de suas respectivas civilisações, e vamos ao resultado das investigações ethnographicas, em que se tem occupado os mais distinctos Orientalistas, sobre tudo Inglezes. Sabe-se hoje que o Hindostão comprehende mais de vinte raças distinctas, fallando outros tantos idiomas; mas que a raça denominada *Hindua* he a primitiva, e depositaria das ultimas reliquias d'essa lingua sagrada e morta, como a grega e a latina, ha muito mais de mil annos. Tambem he sabido que a India possui uma das mais antigas e mais ricas litteraturas do mundo, não só em seus livros sagrados e vastissimos commentarios, que só por si formarião uma completa encyclopedia, como poemas, dramas, e muitas obras philosophicas, nas quaes se achão perfeitamente representados todos os systemas da antiga Grecia e da Europa moderna.

Foi acaso essa immensa litteratura fonte da dos Egypcios, que a transmittirão aos Gregos e Romanos, e por consequencia tambem da litteratura moderna? [4] Porque meios se effectuou essa transmigração desde a India gangetica até a Europa occidental? Será esta indagação objecto de um artigo especial; por ora limitemo-nos á extensão do territorio, que comprehendia a litteratura *sanscrita*, porque he nessa lingua sobre tudo que ella se acha representada. O Hindostão não foi perfeitamente conhecido e explorado senão a fins do seculo proximo passado. Os Gregos não conhecerão a India senão de nome até a invasão de Alexandre magno. Depois da expedição de Seleuco Nicator, o qual penetrou até o Ganges, conservarão-se algumas relações commerciaes entre a Asia occidental e oriental; em quanto ás relações com o Imperio Bizantino não sabemos outra cousa senão, que um frade no seculo VI da nossa era trouxe da India á Constantinopla as primeiras sementes do bicho da seda.

Os Arabes no principio do seculo VIII conquistarão grande parte das ribeiras do Indo, e até o seculo XV forão elles que transmittirão á Europa algumas noções imperfeitas sobre esta região. Os Portuguezes no principio do mesmo seculo XV apenas explorarão as costas maritimas das duas Indias, sem adiantar um só passo no conheci-

mento do paiz. Forão os Inglezes os primeiros que explorarão e submeterão ao seu dominio aquelle vasto territorio ; mas de todas as suas indagações ethnographicas não se póde deduzir qual a porção de terreno, em que se achou colocada a raça primitiva, onde, ou em que latitude desde o Himalaya ao norte até o Cabo Camorim ao sul. Qualquer que fosse a posição que ella occupou, entre o Indo e o Ganges, o certo he que essa immensa civilisação devia conservar-se em limites bem estreitos, antes da sua primeira transmigração como logo veremos.

A anti-Grecia, cuja extensão e limites nunca forão descriptos com precisão pelos geographos antigos, era comprehendida desde a Thessalia e o Epiro ao norte, até o Peloponeso ao sul, ficando no centro a Helladia, ou a Grecia propriamente dita. Tambem se dava o nome de Grecia á Iliria, á Macedonia, á Tracia e ás ilhas Jonicas, além das colonias da Asia menor, da Europa oriental, e as da Italia chamadas a grande Grecia. O que ha de notavel em primeiro lugar : he a divisão e subdivisão de todo esse territorio em pequenos estados independentes, alguns confederados, quasi sempre em guerra entre si, inimigos uns dos outros ; e em segundo : que de uma população de quatro milhões de homens, que poderia ter toda essa agglomeração de pequenos povos, mais de tres milhões erão escravos ; e sem embargo fora essa a mais brilhante e a mais colossal de todas as civilisações antigas, não só em sciencias como em artes, em litteratura como em monumentos.

[4] Vêde o artigo XXVII, que tem por titulo — Diferenças notaveis entre as civilisações antigas e a moderna. — Alli fizemos notar a differença entre esta e áquellas pela legislação e pelos costumes, pelas sciencias e pelas artes ; aqui trataremos da extensão, que occupou cada uma com respeito ao territorio e ás nacionalidades, de que se compunha, suas épocas de existencia, e as relações entre todas ellas.

[2] Sabe-se hoje que o hebraico, o syriaco, o phenicio, o chaldaico, e o antigo egypcio, assim como o arabe antigo pertencião á familia das lingoas *semiticas*, ou dos povos que, segundo

a Biblia, descendião de Sem ; e he provavel que a civilisação fosse contemporanea entre todos elles, ou pelo menos que se transmittisse de uns a outros, principalmente durante o segundo imperio assyrio, de que todos esses povos fizerão parte.

[3] Já fallamos da civilisação dos Magos na notã [1] ao artigo XXVII, e dos Sacerdotes de Isis, agora cumpre fallar dos Chaldeos, cuja civilisação parece a mais antiga, ou pelo menos a que sobreviveu á decadencia e ruina da sua nação. He mister não confundir a Chaldea propriamente dita com Babilonia, posto que fosse esta cidade algum tempo a capital da Chaldea ; porque o reino de Babilonia estava comprehendido entre o Tigre e o Eufrates, em quanto que o reino da Chaldea estava todo situado entre a confluencia desses dous rios e o golfo persico, e cuja principal cidade era Teredon. Não resta a menor duvida que os Chaldeos forão celebres desde a mais remota antiguidade por seus conhecimentos em mathematicas, astronomia, e astrologia judiciaria. Ainda em tempo dos ultimos Imperadores romanos os astrologos da Chaldea erão muito estimados em Roma. A Chaldea passou por todas as revoluções e calamidades, que assolarão Babilonia e a Assyria. (Bouillet. — Dicc. de hist. e de geog.)

[4] Da historia antiga, chamada com razão dos tempos *fabulosos* ou heroicos, não se póde deduzir com precisão as datas, os lugares e os nomes proprios, achando-se muitas vezes por isso mesmo em contradicção os autores profanos com a Biblia. Sem embargo sabe-se que Cecrope (egypcio), quasi pelo tempo do nascimento de Moysés, levára do Egypto uma colonia, e fundára com ella as doze aldeas ou villas, que formarão depois o reino de Athenas. Pouco mais ou menos por esse tempo Cadmo, filho de Agenor, transportou para a Grecia uma colonia phenicia, e fundou a cidade de Thebas na Beocia. Dahi por diante os Egypcios continuarão a povoar a Grecia ; Danau egypcio fez-se rei de Argos ; e he provavel que a civilisação da Grecia partira, como as primeiras colonias que lhe derão nascimento, do Egypto e da Phenicia. Eis-ahi como essas civilisações forão transmittidas de povo a povo, e levadas pelas circumstancias locais de cada um a um grão de perfeição, que ainda hoje admiramos.



XLVIII

DA CIVILIZAÇÃO ROMANA, E DA ARABICA.

Vamos tratar em separado da civilização romana, porque he della que parte immediatamente a nossa civilização, tanto em moral como em religião, assim em litteratura como em legislação ; e porque foi ella tambem de todas as civilizações, que nos precederão, a mais extensa e a mais proxima de nós, excepto a civilização dos Arabes de que logo fallaremos. O imperio romano, um dos mais vastos que tem existido no mundo, chegou por suas conquistas a dominar immensos povos de raças e caracteres distinctos, desde o Circassiano da mais pura raça caucasea até o Troglodyta do estreito de Bab-el-Mandeb.

A Italia com as suas ilhas adjacentes era o centro desse vasto systema, que abraçava a maior parte da Europa, toda a Asia menor, e a parte mais consideravel d'Africa sobre as costas do Mediterraneo desde as columnas de Hercules até o Egypto. Roma era a capital, em que residirão todos os Imperadores até Constantino, no anno 333 do nascimento de Jesus-Christo ; isto he, o imperio se estendia desde o Atlantico (ao occidente) até o mar Caspio (ao oriente) ; desde as montanhas da Escocia, o mar

do norte, o Rheno, o Danubio e o mar negro (ao norte) até as cataractas do Nilo, as fronteiras meridionaes do Egypto, os desertos da Arabia e da Africa (ao sul). [1]

Parece incrível que este immenso colosso, composto de partes tão inconsistentes, pudesse assim mesmo resistir aos movimentos convulsivos da anarchia e da guerra civit durante os cinco primeiros seculos da nossa éra. Os Romanos senhores da Grecia, do Egypto, de Phenicia e da Chaldea, possuirão toda a civilisação do Oriente com os thesouros da intelligencia acumulados pelos Magos, pelos Sacerdotes de Isis, e pelos philosophos gregos. Roma havia recebido as leis, a philosophia, e a rhetorica dos Gregos, as primeiras noções da agricultura e da astronomia dos Egyptios e Chaldeos, e aprendido dos Phenicios a arte de navegar e de construir navios. De uma galé carthagineza, dada á costa no estreito de Messina, tirarão elles o primeiro esboço dessa esquadra, que annos depois devia aniquilar a de seus proprios mestres.

Foi por tanto a civilisação romana a mais extensa de todas as civilisações, que nos precederão, porque ella abraçou quatro das mais antigas e mais ricas civilisações, duas no seu occaso (a Phenicia e a Chaldaica), as outras duas no seu apogêo (a Egyptiaca e a Grega). Roma por meio do commercio dos Gregos illustrou-se, adquiriu o gosto das bellas artes, e poliu os seus costumes; foi depois do saque e do incendio de Corintho, uma das mais florescentes e sumptuosas cidades da Grecia, que Roma se adornou com as obras insignes da arte para alli transportadas pelo consul Mummio.

No fim da republica já o gosto se havia formado, já as luzes estavam derramadas: a comedia, a eloquencia, a historia e a philosophia tinham produzido as suas obras admiraveis; só faltava disputar a palma a Homero e a Pindaro: os dous poétas, Virgilio e Horacio, amigos de Augusto e de Mecenas, conseguirão-no felizmente. Ovidio, apesar de seus defeitos, foi mais uma prova da illustração e do bom gosto daquelle seculo. Se não haviam bibliothecas publicas, haviam-nas particulares; quasi todas as grandes personagens caprichavam em ter uma bibliotheca magnifica: apontão-se sobre outras as de Sylla, Attico, Lucullo, e Julio Cezar, que encarregou ao illustre Varrão

da direcção da sua. Cicero occupava grande numero de escravos como copistas. [2]

Dividido o Imperio romano em dous, a decadencia das letras começou no do occidente pela invasão das hordas septentrionaes no seculo V, em quanto que no oriente se havia conservado o deposito do saber dos Gregos, que mil annos depois devia reverter para o occidente como uma especie de ressurreição. A civilisação tinha vindo pela primeira vez do oriente, e quando ella se havia perdido no occidente, voltou de novo com os emigrados bizantinos no seculo XV. He um mysterio na verdade, digno de toda attenção, q que apresentam essas transformações successivas de tantas civilisações, que se ligão entre povos distinctos, que se aniquilão, e ressurgem em épocas tão distantes, como forças mysteriosas que convergem para um alvo providencial!! Sem embargo he esta a marcha gradual da humanidade, e da qual já não he possível duvidar-se.

Ainda assim, o que era a civilisação romana comparada com a actual? qual era a sua extensão na Europa, na Asia e na Africa, comprehendendo as civilisações grega e egypciaca? Se exceptuarmos a Italia e a Grecia, o que era o resto da Europa com respeito á civilisação? Sabe-se que os Romanos, como os Gregos, chamavão barbaros aos que nós chamamos estrangeiros; povos conquistados, e submettidos pela força, não tinham mais civilisação que os Allemães no tempo de Tacito. Toda a peninsula ibérica, a Inglaterra, a Escocia, as Gallias ou a França, a Belgica e a Hollanda, a Suissa, a Dalmaecia e a Panonia, erão por ventura mais civilisadas do que os Allemães, do que os Getas, os Parthos, os Scythas, os Sarmatas ou os Ethio pes? Toda a civilisação romana pois estava concentrada nas costas do Mediterraneo e suas ilhas, desde a Italia até o Egypto, e eis-ahi a sua verdadeira extensão. [3]

Dissemos que a civilisação romana era a mais proxima de nós, excepto a civilisação dos Arabes, especie de reflexo passageiro entre os seculos X e XV. O imperio arabe começou no seculo VII com a fugida de Mahomet, e dous seculos depois abrangia Portugal, e grande parte da Hespanha, o norte da Africa, o Egypto, a Palestina, e todos os paizes banhados pelo Eufrates. Profetas e guerreiros

ros levãõ por toda a parte o alcorão no fio de suas cimitarras. Grande parte da Asia tornou-se assim mahometana, sendo os Turcos os que mais se distinguirão como sectarios e tambem como conquistadores, a tal ponto que começarão por despojar os proprios Arabes de suas mais importantes conquistas, apoderando-se de Jerusalém, onde vexavão e maltratavão os Christãos, que da Europa alli ião em romaria.

Os Turcos depois de grande luta na Palestina occuparão a Asia menor, e passarão a Europa, onde se apoderarão de todo o Imperio do Oriente, ultimos restos da civilisação grega e romana. Sabe-se como pela tomada de Constantinopla em 1453 alguns emigrados bizantinos forão ter a Italia, e alli collocarão os fundamentos da litteratura moderna (art. XXIX). Quando se formava o Imperio Ottomano no oriente a meiado do seculo XV, definhava e desaparecia no occidente o imperio arabe no fim do mesmo seculo com a perda irreparavel de Granada, ultimo resto desse poder colossal, que havia destruido a monarchia dos Godos, e ameaçado toda a parte occidental da Europa.

Ora pois, qual era a civilisação dos Arabes? Não resta a menor duvida de que elles cultivarão as sciencias e as artes, introduzirão a philosophia dos Gregos, e se tornarão celebres em muitos ramos dos conhecimentos humanos. Aos Arabes se devem as primeiras noções da chimica, assim como a introduccão da bussola, cuja invenção se attribue aos Chins. Eis-ahi o que diz Bory de Saint-Vincent dos Arabes da Hespanha — « Desde o seculo XI
« tinhão academias e escólas publicas, que forão o modelo das nossas universidades modernas, onde a philosophia e outras sciencias erão ensinadas, e onde se
« formarão celebres medicos, geographos e mathematicos;
« a algebra foi inventada por esses mouros da Hespanha,
« que tambem escreverão tratados sobre a agricultura os mais completos e os melhores de sua época. O estudo
« de seus livros tornou-se indispensavel para aquelles
« christãos, que quizerão sair do estado de ignorancia,
« em que jazia toda a christandade. » [4]

Tambem cultivarão com muito gosto as bellas lettras e humanidades, porque tiverão excellentes poétas e histo-

riadores, e como moralistas não forão inferiores aos philosophos da gentildade ; ainda hoje os seus apologos são os mais engraçados e os mais sentenciosos, que se conhecem. No occidente era de certo a unica civilisação, que existia, em quanto o oriente se debatia entre as questões dogmaticas, os scismas, os concilios, a guerra civil e a anarchia. Se a civilisação dos arabes não foi tão extensa como o seu imperio, ao menos foi mais duradoura, porque ella se transmittiu aos christãos da peninsula iberica, os primeiros que nessa época dilatarão o conhecimento do mundo por atrevidas navegações e descobertas assombrosas.

[1] O imperio romano, entre Octavio e Constaantino, estendia-se desde a extremidade occidental da Europa até o Eufrates, desde a Bretanha e uma parte da Caledonia até a Getulia e ao começo dos desertos da Lybia ; e assim mesmo era menor do que o imperio da China no principio da éra christãa, do que a dominação Mongol sob Tchingiskan, do que a monarchia hespanhola em tempo de Filippe II, e do que o actual imperio da Russia. (Humboldt. *Cosmos*, ou descripção physica do mundo.)

[2] Para darmos uma idéa do estado da litteratura em Roma por aquelles tempos, citaremos parte de um artigo da Revista Britannica sobre o commercio de livros na antiga Roma — « Os Romanos distinguirão os *Librarii*, ou copistas de livros, dos *Bibliopolæ* ou mercadores de livros ; duas expressões diversas, cujo sentido fôra por vezes confundido. Chamavão-se tambem *antiquarii*, porque transcrevião obras antigas : *amanuenses*, porque esta transcripção era feita á mão. Sabemos hoje que os Romanos conhecião uma especie de *Stereotypia*, assim como a arte da *Stenographia*, da qual o poeta Ennio era tido como inventor. Quasi todos os copistas erão escravos ; todavia os que bem servião a seus senhores, e conseguião captar sua affeição, tinhão a certeza de obter a sua liberdade, ficando na casa á que pertencião, e onde erão tratados com honrosa distincção. Sabe-se a viva amizade, que Cicero consagrava a seu liberto Tirão, a quem confiara a educação de seu filho. Os cidadãos ricos e instruidos tinhão grande numero de copistas, occupados principalmente em transcrever obras gregas. »

[3] A raça humana, diz Humboldt fallando do imperio ro-

mano, offerecia tambem todos os matizes da civilização e da bar-
baria ; se aqui possuia artes e sciencias desde a mais remota
antiguidade, alli estava ainda mergulhada no primeiro crepus-
culo; que acompanha o despertar da intelligencia. (*Cosmos*, ou
descripção physica do mundo.)

[4] Os Arabes, diz o Barão d'Humboldt, devem ser conside-
rados como os verdadeiros fundadores das *sciencias physicas*,
tomando esta denominação no sentido que lhe damos actual-
mente. (*Cosmos*, ou descripção physica do mundo, tom. 2. p.
258.)



XLIX

DA CIVILIZAÇÃO HINDUA.

No penultimo artigo promettemos tratar especialmente da antiga civilização *hindua*, afim de provarmos como ella chegou até nós, passando por successivas transmigrações no espaço talvez de quatro mil annos. Sem os dados que os orientalistas francezes, allemães, hollandezes, e sobre tudo inglezes, hoje nos offerecem, seria bem difficil semelhante tarefa ; mas depois de immensos trabalhos, de indagações minuciosas, de estudos profundos nos lugares onde essa civilização nasceu, cresceu e se elevou como o Himalaya, que lhe serviu de berço, nada mais facil nem mais comprehensivel, ainda para uma mediana intelligencia. Vamos pois cumprir a nossa palavra. [1]

Em um artigo primorosamente escripto, e publicado na Revista dos dous mundos, sob o titulo — A sociedade e o governo do Hindostão nos seculos XVI e XIX — achamos perfeitamente delineada, como sobre um mappa, a rota seguida por essa civilização antiquissima a travez de inumeros povos de raças e crenças diversas, de guerras atrozes, de conquistas passageiras ou permanentes, e de successivas emigrações. E assim devia ser, porque,

como já dissemos (VII), para que o mundo se ache povoado, partindo de uma só familia, era mister que tenha sido o theatro de uma constante emigração, cruzando-se em todos os sentidos.

Não entraremos nessas curiosas investigações, que desde W. Jones tem descortinado os mysterios mais importantes da origem das raças do Hindostão, partindo da massa gigantesca do Himalaya donde se destaca tantos povos, e que fôra talvez o berço do genero humano. Para nosso proposito bastão-nos os factos já adquiridos pela sciencia ethnographica, e os resultados obtidos por este methodo de investigação paciente e escrupulosa, que se apoia sobre o estudo das lingoas, dos monumentos e dos costumes, e sobre os caracteres phisicos, que distinguem todas essas raças; dando como obtida a solução do grande problema da dispersão e subdivisão das raças primitivas, problema que interessa á toda a humanidade.

O estudo das raças himalayas desde sua origem, a marcha de algumas d'entre ellas a travez do globo, suas divergencias de um mesmo ponto de partida, seus recon-tros, suas lutas, suas allianças, sua fusão mais ou menos intima em certas circumstancias, taes tem sido para estes sabios infatigaveis os pontos de sua analyse, de seus estudos, e de suas investigações até hoje. Dest'arte o estudo das raças himalayas fêl-os remontar á historia dessas hordas guerreiras, que plantarão os seus estandartes sobre os muros de Pekin, de Dehli, de Vienna e de Moscow; e assim forão levados a comprehender na grande familia mongoliana ou touraniana (um dos ramos do grande tronco scythico) não só os Turcos, Mongóes e Tanguis, como tambem com grande probabilidade, senão inteira certeza, os Thibetianos, Chinezes, e os Tamulianos, ou aborigenes do Hindostão. [2]

Dessas investigações acuradas, dessas provas accumuladas tem resultado o facto, hoje admittido, de que os Persas, os Hindus, os Allémães, os Russos, os Inglezes, os Irlandezes são membros da mesma familia, isto he, da familia *Iraniana*. Como pois será possivel casar a fraqueza, apathia, e inferioridade conhecida da actual raça hindua com a energia, vigor, e intelligencia da raça anglo-saxonia, uma das mais fortes e intelligentes do mun-

do? Esta differença resulta das alterações soffridas por cada um desses povos nas differentes phases de sua vida guerreira e politica; alterações que atacam mais ou menos profundamente não só os costumes e as crenças, mas também os caracteres physicos, que os distinguem.

Outro resultado, tão importante como o anterior, he o que revela Bunsen nas suas sabias investigações sobre o Egypto, isto he, que o conhecimento de Deus, assim como o da linguagem entre os Egypcios tem as suas raizes na antiga Asia, e no antigo territorio armenio-caucaseano. As descobertas mais recentes, feitas nas margens do Tigre, parecem confirmar estas audaciosas concepções, e atar os ramos hindu e egypcio a um mesmo tronco sepultado, por assim dizer, sob a poeira dos seculos. Torrens também tentou mostrar as analogias, ou antes as identidades notaveis, que apresentam os Egypcios e os Hindus, a natureza das relações indicadas entre estas duas grandes familias, originariamente partidas do mesmo ponto, e as épocas á que estas relações se referem. [3]

Na subdivisão dessa raça primitiva uma parte chegou ao Egypto, donde se espalhou, digamol-o assim, sobre todo o mundo pela guerra, pelo commercio e pelas artes; a outra ficou na India gangetica, onde a esperavão outros destinos sob a influencia de um clima differente, e de uma natureza mais poetica. Torrens reconhece neste ramo da emigração primitiva a raça *brahmica*, invadindo o Hindostão pelo noroeste, e atravessando depois o Indo para occupar todo o paiz ao norte e ao sul do Himalaya. Esta raça não achou a civilisação na India, pelo contrario trouxe-a consigo das regiões trans-sindhianas.

Hodgson nas memorias, com que enriqueceu o Journal da Sociedade asiatica de Bengala, observa que a população idolatra da India se divide em duas grandes classes: *Arianos* ou emigrantes, e *Tamulianos* ou aborigenes; e que a unidade da familia Ariana desde o paiz de Galles, no extremo occidente da Europa, até o paiz de Assam, extremo oriente da India ingleza, tem sido demonstrada pelas investigações linguisticas. Diversos ramos destacados desta grande familia se estabelecerão em todos os climas comprehendidos entre o equador e o circulo arctico. O que agora convém indagar he, quando esta

grande emigração ou dispersão teve lugar, e reconstruir a unidade da raça Tamuliana com o soccorro dos dialectos comparados, dos caracteres physicos confrontados, das crenças e dos costumes cuidadosamente analysados.

He na verdade um grande e assombroso espectaculo, e mui digno de ser estudado e meditado, o que apresep-tão os cultos, as alianças, as fusões parciaes, as transformações graduaes de tantos povos, e a marcha da humanidade, resultante mysteriosa destas forças, que convergem sem o saberem para um alvo providencial. As alterações soffridas por cada um desses povos nas diferentes phases de sua vida guerreira e politica, alterações que, como fica dito, lhes tem atacado mais ou menos profundamente, não só os costumes e as crenças, mas até os caracteres physicos, já tem sido em parte averiguadas pelos historiadores mahometanos, e são ainda hoje assumpto de interessantes investigações ethnographicas.

O que ha porém de singular, o que na realidade maravilha he que essas raças da India, que emigrarão para o extremo occidente da Europa, voltem hoje para o oriente da Asia perfeitamente transformadas, levando toda a energia do seu antigo character, e uma mais elevada civilisação do que trouxerão. São os Inglezes, cuja identidade com a raça hindua he hoje perfeitamente conhecida, os que por um rasgo da Providencia forão chamados a regenerar seus irmãos mais velhos. Deus, os faça comprehender a alta missão de que estão encarregados, e que saibão aproveitar as lições profundas, e emendar os erros crassos dos primeiros conquistadores europeus na India.

Outro factó revela ainda essa tendencia do genero humano para regenerar-se, e para uma fusão universal, e vem a ser : que quando na Europa o renascimento das lettras alterava toda a ordem social, e se operava uma revolução moral, philosophica e religiosa a principios do seculo XVI ; ao mesmo tempo outra igual revolução se começava no Hindostão, cuja unidade politica foi creada por Akbar fundador do Imperio moghol durante o mesmo seculo. [4] O reinado de Akbar teve pois dous fins hoje perfeitamente conhecidos : o 1.º crear a unidade politica do Hindostão ; 2.º fazer convergir o concurso da raça

hindua para o desenvolvimento de uma civilização progressiva.

Examinando attentamente a marcha do espirito humano naquella época, ficamos admirados das tendencias progressivas, que, de um a outro extremo do mundo civilizado, pareçião arrastar os povos a modificações mais ou menos profundas da sua organização. Neste facto se observão os symptomas de uma transição critica, indicada sobre todos os pontos por uma luta, já começada ou imminente, entre principios oppostos. Podia-se até prever que esta luta abraçaria não só as crenças religiosas como as theorias politicas, o desenvolvimento industrial, o movimento scientifico; que em fim affectaria até os usos e costumes das nações mais fanaticamente devotadas ao principio *conservador*.

No momento em que a estrella de Akbar se levantava no oriente, a sociedade occidental entrava manifesta e irrevogavelmente na phase revolucionaria, que caracteriza especialmente a época moderna. Nove annos antes que Akbar viesse á luz, nasceu Isabel junto de um throno, que ella devia occupar com tanta gloria, e no qual sentou-se quasi ao mesmo tempo que Akbar subia ao de Dehly. Do reinado daquella princeza varonil ia datar a grandeza maritima da Inglaterra, e o novo desenvolvimento das emprezas commerciaes, que tem tão poderosamente contribuido para mudar a face do mundo.

Em fim por uma coincidencia, que nos parece maravilhosa, estas duas grandes existencias, presidindo a povos tão differentes em costumes, religião, e linguagem, separados por dous continentes e pela immensidade dos mares, achavão-se ligados, sem que o soubessem, por um laço mysterioso aos destinos do mesmo imperio. Isabel, assignando aos 31 de Dezembro de 1600, cinco annos antes da morte de Akbar, a carta da companhia das Indias orientaes, entregava a herança desse celebre legislador e conquistador, assim como os destinos de cem milhões de homens, ao genio da Grã Bretanha.

Observemos além disso que ao grande movimento intellectual e scientifico, que começava na Europa com Pomponacio, Machiavel, Copernico, Kepler, os dous Picos de la Mirandola, Erasmo, Napier, Bacon de Verulamio,

Descartes, &c. , corresponde na India gangetica um movimento analogo, um verdadeiro *renascimento*, devido ao poder iniciativo do fundador do Imperio moghol. A duvida religiosa, philosophica e politica, caracteriza esta época no Hindostão, assim como no occidente europeu. As artes e as letras tiveram a sua parte nesta dupla regeneração. Desde então caminha o mundo inteiro com marcha imperturbavel para novos destinos. [5]

[4] Neste artigo apenas nos limitamos á investigação das transmigrações primitivas e da origem das raças, sem nos importarmos com as sciencias e com as artes, que professavão os diversos ramos do grande tronco scytico, de que procedem os povos do Indostão. As sciencias, as artes, a religião e até a lingua sagrada do Indostão erão inteiramente desconhecidas na Europa até muito pouco tempo. Foi W. Jones quem as revelou ao mundo civilisado, e desde então tornou-se a lingua *sanscrita*, morta talvez ha mais de 4500 annos, uma lingua classica, á que se applicão todos quantos pretendem iniciar-se nos mysterios do oriente.

Hoje sabe-se, que os antigos Hindus possuem uma vastissima litteratura com uma das linguas mais rica, mais harmonica, e mais perfeita que se conhece, offerecendo singulares analogias com o latim, com o grego, com o gothico, com o tudesco, e com os idiomas de todos os povos Indo-germanicos. Além dos quatro livros sagrados chamados *Vedas*, que formão a Biblia dos Indus, e dos seus immensos Commentarios (*Puranas, sutras*), elles possuem diversos systemas philosophicos, historias, poemas, um código com as leis de *Menú*, e muitos outros escriptos, de fórma que póde-se ajuizar da riqueza de semelhante litteratura sómente pelo numero dos seus escriptos.

Sem embargo não he dessa civilisação scientifica de que fallamos, porque della nada aproveitamos ainda, nem serviu para nós, senão nos seus primeiros esboços, quando essas raças se expatriarão e trouxerão consigo os primeiros rudimentos de uma sociedade nascente. (W. Jones — Dissertação sobre a litteratura oriental.)

[2] Citado artigo da Revista dos dous mundos — *D. de Pern.* Maio de 1854.

[3] Admittindo aqui a opinião de Torrens, Bunsen e Hodgson

dynamico, gigante de força assombrosa, bridou-o de parçaria em numero prodigioso, e com esse esquadrão, mais fogo que o cavallo biblico, percorre os continentes e os mares. Com um anel de ferro cingiu o globo, apertou-o encurtando-lhe as distancias. [1] Mais veloz do que a aguia percorre espaços infinitos como o pensamento. Eis-ahi o que he e o que póde a civilisação moderna.

Temos tido tão grandes capitães como Alexandre e como Cesar, mas os antigos não tiveram conquistadores como S. Agostinho, S. Dionisio, S. Francisco Xavier, que conquistarão reinos inteiros sem derramar uma só gota de sangue senão o seu; aquelles matarão e destruirão, estes salvarão e edificarão. Não temos Circos, he verdade, nem Coliseos, nem lutas nem pugilatos, mas temos hospitaes, asylos para a infancia desvalida, para os indigentes, para aquelles de quem a natureza foi madrastra, e que nascerão cégos, surdos e mudos, sem braços ou sem pernas. Não temos labyrinthos como o de Creta, nem jardins suspensos como os de Babilonia, nem collossos como o de Rhodes, mas temos penitenciarias, onde o homem pervertido pelas paixões ruins, he domado e regenerado pela paciencia e pela misericordia.

A desigualdade civil, politica e religiosa era um dogma consagrado em todas as legislações antigas; a igualdade pelo contrário fórma a base de toda a legislação moderna. O povo, cuja aristocracia, como a de Roma, he na actualidade a mais forte e poderosa, he justamente aquelle que goza de mais liberdade: o povo inglez he o povo rei por excellencia; as classes privilegiadas e o povo tem iguaes direitos, porque todos são iguaes diante da lei. Alli não ha lutas entre patricios e plebeos; a civilisação moderna resolveu o problema, cuja solução, nunca alcançada, custou a Roma por mais de um seculo rios de sangue entre os horrores da guerra civil e da anarchia, desde a lei agraria do primeiro Gracho até a batalha de Accio.

Excederão-nos os antigos, sob alguns respeitos, nas forças do engenho e da arte; delles temos aprendido grande parte do que sabemos; mas he indubitavel que nós os excedemos nos dotes d'alma, em todos os affectos da natureza, como o pudor, a sensibilidade, o amor, não

como uma paixão ruim, mas como o symbolo do culto, da delicadeza e da caridade. Este excesso vem desde os Gregos, por uma gradação successiva até nós ; os Romanos forão mais delicados que os Gregos, a meia idade mais do que os Romanos, e o presente seculo mais do que o seculo passado. Para isto bastará comparar as cartas de Heloisa do seculo XII com a que sahio da penna de Pope em nome da mesma Heloisa, e cuja linguagem seductora não soffre a menor comparação na delicadeza e na sensibilidade. [2]

Ainda não alcançamos todo o saber dos Gregos ; não temos *Porticos nem Academias* [3], mas temos melhores escolas de moral e de philosophia nas instituições, que nos deixarão S. Vicente de Paulo e S. João de Deus ; e se a philosophia se destina a esclarecer o homem, e a moral a aperfeçoal-o, as doutrinas dos dous philosophos christãos preenchem o seu fim ainda melhor, porque aperfeçoando o homem pela caridade o esclarecem ao mesmo tempo pela fé. Oh ! a philosophia não tem nada mais que ensinar aos homens, quando vemos que as dôres d'alma, os soffrimentos do corpo, todas as miserias da vida achárão nas obras de Vicente de Paulo e de João de Deus, nos seus exemplos e nas suas palavras, uma consolação ou uma esperança ! e quem diz esperança, diz tudo na vida humana.

A felicidade ! sim, a felicidade he uma cousa que todos buscão, e que ninguem ainda definiu. Pois bem, a felicidade he o *bem-estar*, grande problema, que a civilização moderna está resolvendo pela industria, pelo commercio, pela liberdade, e pela religião. Para ser feliz he mister ser virtuoso ; a virtude he ao mesmo tempo uma affecção da alma, e uma verdade demonstrada ; cumpre senti-la e comprehendel-a pelo instincto e pela razão. As sociedades modernas tem comprehendido melhor os destinos humanos, buscando na elevação das suas idéas e dos seus pensamentos o remedio para todos os seus males. [4]

A guerra, que era, por assim dizer, o elemento de todas as civilizações antigas, tornar-se-ha impossivel pela civilização moderna. O poder do pensamento destruirá um dia o flagello da guerra. Quando a intelligencia levar os meios de destruição a um ponto inevitavel, e quando

esses meios se tornarem geraes pelas sciencias e pelas artes, communs a todos os povos, a guerra será inutil, porque não haverá triumpho possível ; e a civilização moderna não admitte o duéllo a todo transe entre duas nações como se fosse entre dous homens.

A liberdade he o primeiro agente da civilização moderna ; o governo he o principio de ordem, sem o qual não haveria sociedade possível. Para pensar e para obrar he mister liberdade ; mas esta liberdade não póde ser arbitraria nem illimitada : *não faças aos outros aquillo que não queres que te fizessem*. Na ordem civil e politica a liberdade deve estar circumscripta ás regras da moral. Se alguma vez o principio de *conveniencia* he util e necessario, he quando se torna geral. O que convém a todos deve convir a cada um ; eis ahi o principio da *conveniencia publica*, ao qual deve estar subordinada a liberdade segundo o entendem os povos modernos.

Aquelles que fazem consistir a liberdade nesta ou naquella fórma de governo, não sentem nem comprehendem a liberdade. Em qualquer fórma de governo o homem guarda no fundo do seu coração um asylo para a liberdade ; mas o que he ser livre ? he ser intelligente e moral, he ser *justo* antes de tudo. Daí liberdade ao tigre, ao leão, a cascavel contida em uma gaiola, e sem a perversidade meditada do homem, aquelles animaes farão uso legitimo de sua liberdade exercendo os seus funestos instinctos. Terieis motivo de queixa se o tigre vos dilacerasse ou a cobra vos mordesse ?

A liberdade na ordem phisica he a consciencia, que o homem tem de sua força, e o poder de a exercer sem obstaculo ; pergunta-se : seria licito ou permittido a qualquer espadachim, confiado na destreza do seu braço e na tempera damasquina de sua espada, matar a todo o mundo impunemente ? O certo he que o povo mais moralizado e mais intelligente será sempre o mais livre, porque semelhante povo não consentirá nunca um governo immoral e grosseiro como são os governos despoticos : para tal povo tal governo, he regra que nunca falha. [5]

Se os antigos tambem nos excederão em algumas virtudes politicas como no amor da patria, e na dedicação á causa publica, os modernos os excedem em muito nas vir-

tudes sociaes, nas relações de homem a homem, na benevolencia, na delicadeza e na generosidade. O amor da patria por excessivo tornava-se mesquinho entre os antigos, e reduzia-se quasi sempre ao torrão, em que se nascia ; entre os modernos pelo contrario o homem desejaria ser cidadão do mundo. Todas as nações civilisadas rivalisão hoje em liberalidade, em franqueza, em melindre para com os estrangeiros, de cujas relações o mundo se compõe.

Em quanto todos os povos da antiguidade se extremavão por suas antipathias tradicionaes, os modernos procurão um centro, ao redor do qual se possão agglomerar, e seja, por assim dizer, o principio e o fim, o *alpha* e o *omega* da civilisação actual. He que nessa grande fusão das crenças e das raças consiste talvez o mysterio, que occulta em si a lei providencial, que rege os destinos humanos. Para nós, que temos uma fé robusta na rehabilitação do homem por si mesmo, esse mysterio he um dogma infinito como o da bondade de Deus e o da primeira culpa.

[1] Com effeito, a abertura do isthmo de Suez, fazendo communicar o Mediterraneo com o mar Vermelho, e a do isthmo de Panamá, ou entre este e o de Yucatan, pondo em communicação o Atlantico com o Pacifico, encurtarão as distancias por tal modo que os paizes, que confinão com o mar Vermelho e com o golfo persico, a costa oriental d'Africa, a India, o reino de Siam, da Cochinchina, o Japão, o vasto imperio da China com os seus trezentos milhões de habitantes, as Philippinas, a Australia, e esse immenso archipelago, para o qual se vai dirigindo tambem a emigração da velha Europa, serão ao mesmo tempo approximados perto de tres mil legoas da bacia do Mediterraneo e do norte da Europa. (Paris. *D. de Pern.* 8 de Março de 1855.)

[2] A respeito dos dotes d'alma nenhuma opinião he mais valiosa que a de uma mulher forte e illustrada, e por isso citaremos de preferencia um rasgo de M.^{me} de Stael em prova do que acabamos de dizer.

« Ninguem póde negar a superioridade dos Romanos sobre os Gregos, de Tibullo sobre Anacreonte, de Virgilio sobre Home-

ro, em tudo quanto diz respeito á *sensibilidade*; assim como ver-se-ha que Racine, Voltaire, Pope, Rousseau, Goethe, &c., pintarão o *amor* com uma especie de delicadeza, de culto, de melancolia, e de dedicação, que erão inteiramente estranhas aos costumes, ás leis, e ao caracter dos antigos. Quando Racine poz em scena a sua Andromaca, pensou que a delicadeza dos sentimentos exigia, que lhe attribuisse antes a resolução de suicidar-se, se por ventura fosse obrigada a aceitar Pirrho como esposo; Virgilio pelo contrario deu-lhe dous maridos, Pirrho e Heleno, depois da morte de Heitor, sem pensar talvez que esta circumstancia podesse diminuir em cousa alguma o interesse, que ella devia inspirar. » (*Da Litteratura, &c.*) Vêde a nota [3] ao art. XLIII, pag. 490.

[3] *Academia* — escola philosophica fundada em Athenas por Platão. *Portico* — outra escola creada por Zeno.

[4] M.^{me} de Stael — da *Litteratura, &c.*

[5] *Dumarsais* — Ensaio sobre as preoccupações — cap. 3.



LI

CONTINUA A MESMA MATERIA.

Um legislador famoso [1] proscrive as riquezas da sua republica, prohibe o commercio ; e para mantel-a com segurança, regula os dotes e a ordem das successões, destróe o direito de propriedade, e quer que as terras pertenção ao Estado. Estabelece ao mesmo tempo leis sumptuarias, anima a frugalidade, envilece a industria, abandona a agricultura á mãos escravas, e prohibe aos cidadãos entregarem-se á outras occupações, que não sejam a gymnastica e a guerra. Para prevenir as consequencias funestas de uma ociosidade semelhante, todas as acções do individuo social, assim como a sua subsistencia, e até mesmo seus discursos nas assembléas publicas são marcados por lei.

A luta, a carreira, a dansa, e quanto póde vigorar o corpo, e habilital-o para as fadigas da guerra, são objectos de publico entretenimento, assim como um manancial de estima e de consideração para o cidadão. Para prevenir a libertinagem estabelece o mesmo legislador um meio, que parece provocal-a : ordena que as donzelas tragão sempre o rosto descoberto, e que nos jogos publi-

cos combatão *nua*s com os mancebos, para que os sentidos se acostumassem áquelle espectáculo, e perdessem a actividade de seus effectos, debilitando as impressões da natureza. [2] O resultado justificou o seu systema, e a republica de Lacedemonia tornou-se a admiração da Grecia, conservando por espaço de seis seculos sua felicidade e a sua gloria.

O pudor não era por certo a grande virtude das mulheres antigas, nem entre os povos mais civilizados da Europa, nem entre os da Asia e da Africa. [3] Relegadas á uma reclusão absoluta na classe rica, erão condemnadas aos mais duros trabalhos nas classes pobres. A poligamia desherdava a mulher dos privilegios de esposa; os caprichos de uma libertinagem desenfreada presidião ao casamento e ao divorcio. Em muitos paizes todos os grãos de parentesco erão confundidos em monstruosos incestos. Em fim a mulher, considerada como besta de carga, despojada de todo o direito social, viu até contestarem a immortalidade de sua alma. Quão diferente he pois a mulher da civilização moderna!!

Na antiga familia, disse um grave escriptor moderno, a mulher fazia sómente o papel de escrava do marido e de ama das filhas; na familia christãa assumiu o titulo de esposa, tornou-se a companheira do homem, e o seguiu á nova casa que elle fundou ao lado da casa paterna. Esta mudança continha o germen da emancipação e da grandeza das sociedades modernas. O homem ficou á frente da familia, porém como protector, e não como senhor; a mulher tomou conta de seus filhos. Tornou-se assim a meieira em nome de uma alliança mais fecunda entre Deus e a humanidade.

As crenças, as leis e a educação, e logo depois os costumes, continúa o mesmo escriptor, concorrerão para tornar a mulher mais digna do bello nome de companheira do homem, e para trãçar-lhe os deveres facilitando-lhe o seu cumprimento. Para que, segundo a promessa do Senhor, a posteridade de Abraham se tornasse mais numerosa que as estrellas do firmamento, cumpria destruir a unidade absorvente da familia patriarchal, e affastar da sombra da arvore secular os tenros pimpolhos, que reclamavão, para medrar e multiplicar ao infinito, uma terra

menos exhausta, e uma parte máis larga dos raios do sol.

Depois dos trabalhos de selecção porque a philosophia fez passar os habitos intimos, concebe-se como a mulher se podessé emancipar das paixões brutaes, contra as quaes nem o titulo de mãe a defendia sempre ; conseguindo-se igualmente proscreever a voluptuosidade, mortificar os sentidos, e fazer succeder ás licenças da antiga lei a monogamia indissolvel. Antes de ser introduzida no sanctuario da igreja nascente, onde Jesus asseguravalle a igualdade espiritual, ella rompeu inteiramente com os costumes, que terião perpetuado o seu aviltamento ; a revolução foi radical, mas o seu triumpho no oriente foi lento, difficil e restricto.

No occidente pelo contrário, debaixo de um clima temperado, onde a religião mais tarde devia penetrar com toda a luz de seus raios divinos, a mulher, purificando-se no lar domestico, se rehabilitou mais depressa fiel ao pensamento da revelação christãa. A mulher do occidente, livre dos preconceitos com que os povos do oriente olhavão para sua triste condição, reliquias de uma civilisação mais humana e mais honesta, tornou-se na idade média objecto de um culto quasi religioso. Nesse tempo heroico a mulher não era verdadeiramente senão um mytho, um pensamento, hoje ella he uma realidade, he a fada bemfazeja que preside ao lar domestico, he a arca de alliança da familia, e o élo da grande cadeia social. [4]

O sentimento da elevação do homem he muito mais activo entre os modernos do que entre os antigos ; estes só aspiravão á liberdade na esphera do seu individualismo, aquelles pelo contrário aspirão á igualdade na esphera social. A religião christãa, chamando todos os homens, qualquer que fosse a sua condição, á participação do mesmo banquete celeste, desenvolveu o espirito de igualdade na terra, pois que, se erão todos iguaes diante de Deus, devião sê-lo tambem diante dos próprios homens. A igualdade por tanto he o mais nobre sentimento, que inspirou a civilisação moderna, porque tende a nivelar todas as condições.

A sociedade moderna tem ainda outro cunho especial, que a distingue das velhas sociedades, e vem a ser a

educação popular. Para que o homem podesse chegar á posse da consciencia, e entrar na vida civil e politica, era mister desterrar a ignorancia e a barbaria, em que vegetava o povo entre os antigos. Desde o *renascimento* até os nossos dias os maiores homens e os mais distinctos litteratos tem-se dedicado a diffundir e propagar a instrução até a mais baixa classe do povo, como um elemento de ordem e de bem-estar. He ainda o espirito de igualdade, que fomenta e promove esse desejo e esse interesse entre os povos modernos : elles se realizarão. [5]

Eis-ahi o que tem sido e o que he actualmente a civilisação moderna ; o que ella será só a Deus pertence. Mas, se he licito aventurar uma profecia, ou annunciar um presentimento, já hoje universal, podemos dizer que a humanidade avança nas vias do progresso com uma velocidade assombrosa, e que a sua marcha he tão segura quanto he firme o interesse que ella toma em voltar á verdadeira senda do justo e do honesto. Será esta civilisação a ultima porque tenha de passar o homem até sua completa rehabilitação ? Para aquelles que tenham fé implicita nas palavras da revelação, he isto de evidencia manifesta, ao menos devem acreditar que o sangue do homem Deus não se esparzira em pura pèrda sobre a terra que habitamos. [6]

[1] Lycurgo legislador de Esparta — Vide Plutarco, vida de Lycurgo.

[2] « Um homem de avançada idade entre os Espartanos, e que tivesse mulher ainda moça e fecunda, podia (sem ser reprehensivel) escolher um rapaz bem formado, e que indicasse uma natureza robusta, para trazel-o á sua mulher ; assim como era-lhe permittido reconhecer, como seu proprio, o fructo desta união. » (*Plutarco—Vida de Lycurgo*)

[3] Bèm quizeramos traçar aqui o quadro de todas as devassidões e torpezas, que caracterisárão as civilisações que nos precederão, desde o diluvio até a extincção do imperio romano ; mas tememos que o nosso livro possa cair em mãos de pessoas ingenuas, e para quem deve ser um segredo semelhante depravação. Para conhecer taes torpezas, e dellas fazer cabal juizo, basta ler a dissertação ácerca dos perigos da incontinencia pelo

Dr. Virey, e traduzida pelo Sr. Desembargador João Candido de Deus e Silva, á qual remettemos os nossos leitores ; e alli verão que o pudor, a primeira virtude da mulher, nunca foi concebido nem posto em acção como na nossa civilisação, e mais que tudo no nosso seculo.

Até mesmo as linguas modernas são muito mais castas do que as grega e latina, as quaes são mais livres e ricas em materia de lascivia e de impudicia. Desde os mais remotos tempos ó *despudor* tem sido o typo dos costumes de todos os povos antigos ; os proprios livros sagrados nos attestão suas infamias, e as historias da Grecia e de Roma estão cheias de exemplos monstruosos de devassidão e de lascivia, de que não pôde libertal-as o proprio Christianismo, nem ainda depois da conversão dos imperadores : tal era o estado de seus depravados costumes.

Em quanto ao Egypto bastaria a procissão do *Phallus* e o bode adorado em Mendes, de que falla Plutarco, para dar uma idéa de seus costumes, sem fallar de seus reis nem de suas rainhas até á impudica e depravada Cleopatra. O que forão Babilonia e Ninive sabem-no todos quantos lêem os livros sagrados. A'cerca pois do pudor e dos costumes ha notavel dessemelhança entre a nossa e as civilisações que nos precederão ; e esta differença é uma das mais notaveis, e a que revela incontestavelmente a lei do progresso moral na marcha do genero humano desde a culpa até a reabilitação.

(4) Mr. Salvandy em um discurso pronunciado na Academia franceza, de que elle he presidente, disse o seguinte : « As proprias mulheres do seculo XVII, estudadas relativamente aos grandes acontecimentos da vida, parecem inferiores aos modelos, que nos offerece o nosso tempo. Duvido que se encontre no mesmo gráu, entre as mais admiradas, este cunho de pureza superior, de dignidade simples e forte, de facilidade no sacrificio, de calma de existencia na actividade do espirito, de inspiração sempre alta e generosa, de virtudes domesticas com todos os dons do mundo, que he o encanto e a honra do seculo em que vivemos. » (*D. de Pern.* 11 de janeiro de 1855).

[5] Dumarsais. — Ens. sobre as preoc. cap. 3.º

[6] Com effeito a civilisação, que produziu a imprensa, a bussola, o vapor, o magnetismo, não parece destinada a acabar, como as que a precederão. A verdadeira civilisação do mundo, diz o Sr. Dupanloup Bispo de Orleans, devia nascer do martirio e das chagas sagradas de um Deus, dando á verdade, á belleza e á bondade eternas o testemunho do seu sangue derramado.



LII

AÍND A CIVILISAÇÃO MODERNA — CONCLUZÃO.

Aquelle que quizer julgar da fôrça e do poder da civilização actual pelo Brasil, ou pelas republicas da raça hespenhola, ou mesmo pelos Estados-Unidos da America septentrional, equivocar-se-ha uma e muitas vezes. Estamos um seculo atrazados da Europa occidental, onde a intelligencia tem elevado o seu throno sobre as ruinas do feudalismo politico e da superstição religiosa. Essa republica norte-americana, chamada talvez a realisar o nosso pensamento da fusão de todas as raças, servindo de centro á unidade christãa, tem actualmente um character repulsi-vo de independencia selvagem, que a torna *sui generis* entre todos os povos da terra.

Os Inglezes e os Norte-americanos são as duas nações mais *nomadas* da terra, para elles atravessar o espaço he apenas um entretenimento, um brinco; com uma differença, e vem a ser: que o inglez, em qualquer parte em que se ache, sente-se unido pelo coração á patria ausente; e o americano, sem ser cosmopolita, tem levado o *nomadismo* (permitta-se-nos a expressão) a tal ponto, que a sua vida póde considerar-se como a solução do problema

sobre o moto continuo ; os Americanos são os almocreves do mundo. Em nenhuma parte, porém, se observa entre elles este amor intimo e profundo da patria ; seu patriotismo he apenas de familia, de sangue, he a crença robusta na superioridade da sua raça. O solo natal para elles não he senão um meio de poder e de riqueza, senão uma constante *exploração*. Nesta especie de patriotismo os homens são tudo, o paiz he nada.

O povo dos Estados-Unidos, que desde a sua formação, diz um publicista moderno, tinha ficado exclusivamente americano, cujos interesses em nada se approximão aos da Europa, que era apenas um objecto de estudo, a representação sensível e viva do que póde o espirito humano trabalhando em um sentido e com certo fim, começa a sahir da sua solidão, e a tomar parte nas questões, que se debatem no resto do mundo. Agora elle se agita para entrar na politica universal, e pretende uma interferencia mais larga do que lhe he permittido pelo direito das gentes. Não he só o ardor republicano, que o impelle para adiante : he um ardor muito mais fatal, o ardor do sangue e do temperamento, proprio dos povos adolescentes, ao qual vem reunir-se a cobiça egoistica das nações velhas.

A este ardor assim complicado de selvageria e de civilização, ao presentimento obscuro e fatidico de uma grande missão providencial, vem juntar-se tudo quanto póde desenvolver a ambição nacional e os instinctos religiosos. He mister aos Americanos agora fama no exterior, a embriaguez dos successos, o respeito das nações, e na falta de respeito o seu temor. Para chegar a este fim todos os meios são bons, contando com o prestigio de suas instituições, e com o exemplo do bom exito democratico, que tem dado ao mundo. Se faltar esse prestigio moral, não faltará o recurso do poder material ; vinte a trinta milhões de homens devem fazer algum peso nos negocios do mundo. Elles contão com estar ao abrigo de todo e qualquer perigo pela sua posição, e buscão fóra adversarios, em quem possam cevar essa ambição nascente, que procura trasbordar.

He um erro acreditar, que a prosperidade dos norteamericanos provém desse ajuste legal, dessa combinação

politica chamada Constituição dos Estados-Unidos ; dahi os hymnos e dithyrambos em honra da philosophia do *contracto social* e da razão humana. A experiencia e os factos demonstrão hoje, que a causa primaria da grandeza dos Americanos consiste não só na sua origem *anglo-saxonia*, como tambem em sua origem protestante, auxiliares mais poderosos que a tal Constituição. O que he esta Constituição tão gabada ? foi um compromisso entre homens, que não podião ter a menor repugnancia em viver unidos pelos mesmos laços politicos, quando já o estavão pelos mesmos laços moraes. A republica não era uma concepção nova, ella se achava nos costumes e nas crenças do povo ; por tanto nada crearão nem inventarão, apenas proclamarão a existencia de factos consummados e admitidos.

A audacia dos norte-americanos começa a inquietar todas as nações ; esse fumo, que exhalão suas cabeças, he o symptoma de uma grande erupção. Quando essa população vivaz do valle do Mississipe sahir de margem, ninguem poderá calcular até onde chegará o seu trasbordamento, como essas erupções septentrionaes que innundarão todo o occidente e meiodia da Europa : o Mexico e Guatemala estão destinadas a correr a sorte da Italia e da Península iberica na idade média. Onde parará essa alluvião destinada, não a destruir uma civilização, mas a levar-a por uma conquista tanto mais facil, quanto não encontrará resistencia alguma ? Talvez no Isthmo de Panamá, porque allí estreitando o continente entre os dous mares, a natureza collocou um marco entre as duas Americas. [1]

Fallamos da civilização norte-americana, destinada a percorrer toda a America septentrional até o seu limite meridional ; que civilização he essa ? A civilização europea repugna tanto a um *Yankee* como a civilização norte-americana a um europeu. A unica sociedade toleravel nos Estados-Unidos he a das mulheres ; nenhum europeu (excepto o inglez), nenhum americano do Sul póde supportar a brutalidade imperiosa dos americanos do norte, nem sua grosseria habitual, nem sua independencia selvagem, nem sua liberdade aristocratica. Não existe sobre a terra um povo mais egoista nem mais interesseiro. [2] Entre-

tanto esse povo meio selvagem, meio civilisado, he o predestinado a formâr o centro da grande civilisação moderna, e da unidade christãa : *alta sunt judicia Dei.*

As republicas hespanholas tem perdido tanto de sua antiga civilisação como de suas riquezas, e até de sua população ; hoje apenas servem de escandalo a todo o mundo pelas suas guerras civis ou pelo despotismo militar ; aqui cabe bem o dito de Proudhon : ou Cesar ou a anarchia. Nenhum desses povos parece destinado a fundar na America uma grande nacionalidade ; apenas concorrerão para arrotear a terra, que tem de servir para novas fundações. O que he feito da grande e poderosa Republica de Colombia, que libertou por si só quasi toda a America meridional do poder dos Hespanhoes ? Onde está a obra do immortal Bolivar ? apenas de tanta gloria e de esforços sobre humanos ficarão dous nomes e duas lembranças gravadas sobre a louza de uma sepultura.

De toda a America meridional apenas o Brasil representa uma nação organizada, com uma nacionalidade indisputavel, marchando nos estreitos limites de sua civilisação apoucada, mas conscia de suas fôrças e de seus immensos recursos. A nossa natural apathia, a nossa pessima origem portugueza, nossos preconceitos habituaes enervarão por muito tempo as nossas fôrças, ou reterão os germens preciosos da nossa futura grandeza no casulo que os contém. Qual será o nosso futuro no meio da grande revolução politica e social, que tem de preparar este continente para tornal-o o centro do mundo civilisado ? Formaremos acaso o nucleo desse grande povo, que tem de realisar no sul a missão providencial dos Estados-Unidos no norte ?

Tres cousas nos distinguem essencialmente dos americanos do norte : instituições politicas, instituições religiosas, e origem das raças. Como marcharemos nós de accôrdo para um mesmo fim com caracteres tão oppostos entre si, com differenças tão notaveis na indole reciproca dos nossos povos ? Em quanto ás instituições politicas, ellas nenhuma influencia podem exercer senão entre povos barbaros, que começam uma civilisação forçada ; nos povos já civilisados a sua acção se reduz aos meios de go-

verno, sem nenhuma importancia sobre as relações internacionaes.

Em quanto á religião somos catholicos, he verdade, mas somos Christãos antes de tudo, e Christãos são tambem os norte-americanos. [3] A tolerancia religiosa, cunho principal da civilisação moderna, fará ainda essa fusão tão desejada, e até preconizada pelos primeiros estadistas da Europa, e de que fallaremos mais adiante. A differença das raças desapparecerá pelo decurso do tempo, porque tal he a missão providencial dessa alta civilisação, que tende a fazer do mundo uma só e immensa familia. O contraste entre a energia dos americanos do norte e a apathia dos do sul desapparecerá tambem pelas modificações, que a civilisação europea tem de fazer, já refreando uma, e já excitando a outra, até que se encontrem no seu ponto de equilibrio.

Nem sempre essa superexcitação do sangue e do temperamento, ou essa energia brutal póde ser considerada como uma virtude politica, ou convir á uma civilisação muito adiantada, cujos resultados são pelo contrario amenidade dos costumes, delicadeza, urbanidade e melindre no trato social. Pelo que acabamos de dizer não he impossivel, que o Brasil e os Estados-Unidos se encontrem ainda no mesmo continente em sua marcha progressiva debaixo de todas as relações politicas, moraes e religiosas, e que o ponto de contacto seja tambem o da fusão das duas raças celtica e latina. [4]

Temos tratado até aqui da civilisação moderna, não só desde a sua origem até os nossos dias, mas ainda do que ella deve vir a ser para o futuro, segundo a lei providencial que rege os destinos humanos. Poderemos enganar-nos, mas nenhum presentimento, nenhuma idéa he mais lisongeira do que esta para um americano de qualquer dos dous hemispherios. O pensamento, que leu no porvir, e creou na nossa patria o centro da civilisação moderna, he de um ardimento nobre, grandioso, e tão elevado como o pico de Soratá sobre a cordilheira dos Andes.

[1] Em um tratado de Geographia, ultimamente publicado nos Estados-Unidos, vem assim definidos os limites daquelle

paiz pelos quatro ventos cardeaes : — « Os Estados-Unidos são limitados a leste pelo sol no oriente, ao oeste pelo sol no occaso ; ao norte pelas expedições arcticas, ao sul pelo que *nos convier*. » Será isto sómente presentimento da lei providencial, ou excesso de orgulho nacional ? Está direito ! quem tiver juizo que aprenda.

[2] Em quanto a Inglaterra, por occasião do tratado de Nan-kin, empenhava a sua influencia para que todas as nações se podessem aproveitar dos favores commerciaes e maritimos, que a China lhe concedia, os Americanos do norte apenas se limitarão no Japão a obter para si os mesmos favores que os Hollandezes desfructavão, de cujo exclusivismo erão ciosos. A Europa, esperando com impaciencia o resultado da famosa expedição do Commodo Perry, ficou espantada quando se publicou o tratado de Kanagawa : foi uma completa decepção.

O que elles tem planejado nas ilhas de Sandwich, para se apoderarem deste archipelago e excluir os Francezes e Inglezes de suas relações, he a todos conhecido, assim como o que já tem feito a respeito da Havana, á cuja posse aspirão como a rainha das Antilhas. Todavia ainda he mais revoltante a maneira insidiosa e desleal, com que elles tem procurado indispor contra o imperio do Brasil todas as republicas da raça hespanhola, cujos territorios são atravessados por confluentes do Amazonas.

Os Norte-americanos tem sollicitado tratados especiaes com aquellas republicas para a navegação exclusiva desses affluentes como causa forçosa e necessaria da livre navegação do Amazonas. Livre ? bem entendido, para elles, porque só elles representam a *humanidade e a civilisação* !! Mas a humanidade representada pelos canhões da Corveta *Cyane*, e a civilisação pelas ruinas fumegantes de Greytown em plena paz !!!

O seu egoismo e a sua ambição acabarão por fim de revoltar contra si a todo o mundo : ambição que se revela em suas obras, e que não occultão em seus discursos. Na sessão do Congresso dos Estados-Unidos em 1836 um Senador (Mr. Preston) proferiu as seguintes palavras : « A bandeira estrellada brevemente fluctuará sobre as torres do Mexico, e dalli seguirá a sua marcha até o Cabo de Hornos, cujas ondas agitadas são o unico limite, que o Yankee reconhece á sua ambição !! »

Que chegarão ao Mexico he de evidencia manifesta, porque já lá forão, e até a Panamá onde já se achão collocados, talvez mesmo ao Orenoco ; mas para chegar ao Cabo de Hornos tem os Yankees de atravessar o Amazonas, onde se affogaráo como o exercito de Pharaó no mar vermelho. He que os Yankees desconhecem, que o Brasil está chamado a desempenhar no hemis-

pherio do sul a missão providencial para que elles forão escolhidos no hemispherio do norte ; o tempo o mostrará.

O Brasil dentro de 25 annos será o unico rival dos Estados-Unidos ; ambos se espreitarão em attitude ameaçadora, porque ambos tem o mesmo designio. Não he a Europa, que ha de servir de obstaculo á ambição yankee no continente americano, mas tão sómente o Brasil. Quando a corrente da emigração, que hoje percorre em todos os sentidos a União norte-americana, se desviar para o Brasil, (phenomeno que não está muito distante de acontecer) o que será destas vastas regiões, ricas e feraces como não ha outras no mundo ? A louca ambição yankee pôde encommodar-nos por momentos, mas nunca desviar-nos dos nossos futuros destinos.

[3] A differença he bem pequena : negar ou afirmar *que existe na terra uma autoridade doutrinal*. (Discurso de recepção do Bispo de Orleans na Academia franceza. *D. de Perr.* 46 de Fevereiro de 1855.)

[4] He uma cousa bem digna de notar-se, que, havendo nós começado a escrever este opusculo em 1852, de então para cá tudo quanto se tem publicado na Europa ácerca dos destinos humanos, coincide perfeitamente com as nossas idéas ; parece que ha um presentimento intimo cá e lá sobre o futuro da humanidade. Ha mais de anno haviamos escripto este artigo quando tivemos occasião de ler o que Mr. Ampere publicou na Revista dos dous mundos, tendo por titulo — *As antiguidades do Mexico, as minas, o futuro* — e foi tal a apprehensão, que elle nos causou pela coincidencia de um pensamento tão singular, que vamos copiar aqui toda a parte relativa ao futuro : eil-a.

« Quando alguem tem vivido nos Estados-Unidos, entre o povo que mais haja confiado nos seus destinos futuros, fica attacado do contagio desta confiança illimitada, abre a sua alma aos presentimentos, e talvez ás illusões do porvir. Nesta chã elevada do Mexico, em presença das gigantescas montanhas que a corôão, não posso eximir-me de um sonho colossal como ellas, e que talvez não tem a sua solidez ; mas se o propheta se illude, se ao menos está convencido, considero como muito verosimil que a força das cousas trará um deslocamento no centro da civilisação e a transportará, ao cabo de maior ou menor numero de seculos, para debaixo dos tropicos, entre as duas Americas e os dous oceanos, verdadeiro meio do mundo futuro. »

« Lancemos um volver d'olhos sobre o velho continente. Em primeiro lugar vemos no Oriente grandes imperios, isolados pela sua situação não menos que pelo genio dos povos que os habitão. O Egypto estava preso no vale do Nilo, entre dous deser-

tos assim como entre duas muralhas inacessíveis ; o mar teria podido ser uma porta, mas os Egypcios têm horror ao mar. A India está separada do Occidente, ao sul pelo deserto, ao norte pelas montanhas do Afghanistan ; apenas entrevista dos antigos foi, por assim dizer, descoberta pelo Gama, e nunca pôde ser para o antigo mundo um centro, porque era um pólo. Mais distante, mais perdida nas extremidades do Oriente, posto que erradamente se chame o imperio do meio, a China ainda menos podia representar este papel. »

« O unico imperio central, que se haja formado no Oriente, he o que foi successivamente assyrio, babilonio e persa, mas não sahio da Asia. Quando de lá pretendia sair, encontrou em Marathonia um punhado de Gregos que o repelliu, e depois de alguns seculos um mancebo, partindo da Macedonia, veio quebral-o. A Grecia foi o centro de um mundo muito restricto, cujos limites quasi não transpunhão as costas do Mediterraneo sementeas das suas colonias. Os Romanos tamhem se fizerão o centro deste pequeno mundo mediterraneo, que se estendia em torno delles ; depois forão tomando pouco e pouco por meio das suas armadas, e governarão com as suas leis, quasi tudo o que era conhecido da terra. O capitolio, posto que n'uma extremidade do mundo civilisado, tornou-se pela conquista o centro politico e soberano ; depois a invasão barbara desfez o que havia feito a invasão romana, e durante longo tempo não houve nada, que se assemelhasse a um centro politico no mundo. »

« Houve porém mais tarde um centro religioso, que herdando a universalidade romana, e transformando um dominio guerreiro em dominio moral, governou toda a Europa das margens do Tibre. Segunda vez se viu a autoridade estender-se sobre os povos desde o meio dia até o norte, desde as costas do Mediterraneo até os limites septentrionaes da Europa. A religião, menos que outro qualquer poder, tem necessidade, para ser um centro de acção, de ser um centro geographico. Todavia aqui mesmo a importancia de uma posição central se fez sentir : o mundo grego, o mundo slavo e o oriente resistirão á Roma christã, e, no seculo XVI, quasi todo o norte da Europa seguiu o mesmo exemplo. »

« O imperio, que Carlos Magno tentou rehabilitar, e que passou dentro em pouco da França para Allemanha, aspirou a ser o centro da Europa sem nunca conseguil-o. A Allemanha, apezar da sua posição geographica, não podia ser um centro, porque tamhem não tinha centro. Nos tempos modernos varios Estados da Europa manifestarão successivamente a pretensão de se fazerem centros pela conquista ; nenhum porém o conseguiu de uma maneira duradoura. As tres principaes tentativas deste genero forão a de Carlos V, de Luiz XIV, e a de Napoleão, a mais

audaciosa das tres, e a mais chimerica em razão do estado actual da Europa. »

« Hoje a Russia nutre tambem um sonho ainda mais vasto. Melhor collocada para ser o centro do mundo, porque toca no occidente e no oriente, no norte e no meiodia, no Baltico e no mar-negro, que he um prolongamento do Mediterraneo, na Turquia e na Allemanha, sem embargo a Russia não conseguirá ser o centro do mundo europeu e do mundo asiatico, porque he inferior ao resto da Europa em civilisação, e porque nada pôde prevalecer contra o ascendente de uma civilisação superior. »

« Não ha pois probabilidade alguma no futuro para um centro de poder creado pelas armas. A igualdade de cultura he demasiado grande entre os povos christãos, e por isso um delles não pôde dominar os outros, assim como os Romanos dominarão o mundo; e os povos não christãos estão eivados de uma inferioridade moral e social, que não permite temel-os. Mas, nos tempos modernos, uma nova fonte de poder se formou: he o commercio. Pôde-se pois perguntar onde será o centro commercial do mundo, e por conseguinte onde será o centro da civilisação moderna. »

« Operou-se outra grande mudança. A terra de que os antigos só conhecião uma parte, he agora conhecida quasi toda, e a Europa que, até o seculo XV, accidentalmente havia sahido de dentro dos seus limites no tempo das cruzadas, começou a transportar-se. Este trashordamento, esta inundação successiva tem ido bater ao pé das cordilheiras dos Andes e do Himalaya; as ilhas e os continentes do grande oceano receberão populações europeas, assim como as ilhas do mar Egeo, as costas da Asia e da Lybia recebem colonias de Helenos. O theatro da acção humana augmentou-se prodigiosamente: o mar mediterraneo era o mar dos antigos; o mar dos modernos he o duplo oceano, que abraça e une as quatro partes do globo. A posse deste oceano pelo commercio he d'ora em vante a grande fonte de riquezas e de importancia. A que ponto sobre a terra está reservado ser um dia o centro commercial do mundo? »

« Aqui a posição geographica influe muito mais do que quando se tratava de uma influencia adquirida pela religião ou pela guerra, ou quando se tratava sómente do commercio do Mediterraneo. Qualquer posição era boa para exercer o imperio commercial em limites tão estreitos e tão accessiveis, e este imperio pertencia, segundo as circumstancias, á Tyro ou á Carthago. Todavia já a vantagem da situação se mostra em Alexandria, nesta cidade que o genio do seu fundador tinha collocado entre a Africa, a Asia e a Europa, e que abriu ao commercio do Occidente a estrada da India seguida até o seculo XVI »

« Na idade média floreceu o commercio sobre varios pontos

das costas do Mediterraneo, em Veneza sobre o Adriatico, em Genova e Piza sobre o mar da Toscana. Entre estas potencias mediterraneas, e todas litoraes, nenhuma estava em posição central. O mesmo aconteceu com as que estão sobre o oceano, desde as cidades da Hanse (hanseaticas), que se apossarão do Baltico e do mar do norte, até Portugal e a Hespanha; as quaes ao principio dividirão entre si o oceano, novamente explorado, e as duas Indias abertas, uma pela navegação do Gama, a outra pela descoberta de Colombo. »

« A França, a Hollanda, a Inglaterra, acharão-se em uma posição analoga em relação ás colonias longiquas que fundarão; entre estas colonias e as metropoles não se estabeleceu centro commercial importante, porque o ciúme das nações e das companhias europeas não soffreu como intermediarios senão os seus escriptorios. Todavia entre estes escriptorios a utilidade de uma posição central foi assignalada pela grandeza ephemera de Ormuz, collocada na embocadura do mar vermelho; e sobre as vias do oceano indico. Pouco a pouco varias potencias commerciaes desaparecerão da scena ou se extinguirão, e o commercio do oceano só foi então disputado pela Hollanda e pela Inglaterra, até que esta veiu a possuil-o quasi todo. Mas então começarão a apparecer os Estados-Unidos. »

« Os Estados-Unidos, nos seus limites actuaes, ainda não occupão o centro dos dous oceanos. Todavia lá vão-se encaminhando para esta situação. Ainda ha pouco os seus portos contemplavão todos o Atlantico; hoje o Oregon e a California lhes abrirão o Pacifico. Um movimento immenso, cujos precursores são os Mormons, se dirige para o oeste da America septentrional. O caminho de ferro, que se está projectando neste momento, reunirá os dous mares. Desde então os Anglo-americanos terão já tomado uma posição verdadeiramente central entre estes dous mares e as tres partes do mundo que elles banhão; mas esta posição central dos Estados-Unidos não será verdadeiramente conquistada senão quando a porção mais estreita do continente, por onde deve passar o caminho mais curto de um a outro mar, lhes pertencer, quando estiverem no Mexico e no Isthmo de Panamá. »

« Então estarão verdadeiramente estabelecidos no centro commercial do mundo: entre a Europa a leste, a China e a India ao oeste. A cidade desconhecida, que se elevar um dia no ponto em que se reunirem as duas Americas, será a Alexandria do futuro; será da mesma sorte um emporio do occidente e do oriente, da Europa e da Asia; mas n'outra escala inteiramente mais vasta, e na proporção do commercio moderno, augmentado como a extensão dos mares, que lhe são concedidos. O Isthmo de Panamá será o isthmo de Suez desta Alexandria gigantesca,

mas um istmo de Suez cortado. Imagine quem quizer o que poderá ser semelhante situação commercial, quando a China fôr aberta, o que não pôde deixar de acontecer, quando a America meridional fôr occupada e regenerada ou pelos Estados-Unidos ou pela Europa, se poder effectual-o, o que acontecerá tambem um dia. »

« Então que paiz da terra poderá disputar taes vantagens á esta zona favorecida, estendendo-se pelos dous lados do Equador, desde o golfo do Mexico até o magnifico ancoradouro do Rio de Janeiro, paiz admiravel onde crescem nas planicies todas as plantas tropicaes, e onde sobre o alto um clima temperado permite cultivar os vegetaes da Europa ; que encerra as maiores riquezas mineraes da terra, o ouro da California, a prata do Mexico, e os diamantes do Brasil ? Como não acreditarmos que alguma parte nesta região predestinada, no ponto de junção das duas Americas, na estrada da Europa e da Asia, seja a capital futura do mundo ? Então a velha Europa se achará em uma das extremidades da Carta geographica do universo civilizado. »

« Será ella o passado, mas um passado veneravel, porque he della que ha de vir este novo desenvolvimento. Serão as suas lingoas, as suas artes, a sua religião, que hão de reinar tão longe della ; he á liberdade moderna, nascida na pequena ilha nublada da Inglaterra, que estas vastas e serenas regiões deverão a liberdade ainda mais completa que hão de gozar. Então virá alguém fazer piedosas romarias sobre o velho continente, como vamos contemplar os lugares celebres de que sahiu a nossa civilização : visitar-se ha Londres e Paris como visitamos Athenas ou Jerusalém. Mas o fôco da civilização, deslocado pela fôrça das cousas e pela consequencia da própria configuração do globo, terá sido transportado para o ponto marcado pelo dedo de Deus sobre o nosso planêta, para ser o verdadeiro centro da humanidade. »
(D. de Pern. de 22 de Junho de 1854.)



LIII

UMA RAÇA E UM SYMBOLO DE FÉ.

Dissemos que, (artigo VIII) quando uma *raça* (a caucasea) [1] predominasse, quando não houvesse mais do que um symbolo de fé (a Cruz) (artigo XLII), o genero humano formaria uma só e immensa familia. Será isto possível? Uma só raça entre tantas, uma só religião entre mil!!! E ainda quando prevaleça a *Cruz* como symbolo de fé, tem acaso a religião christãa essa unidade prometida pela revelação e sustentada pela Igreja? Como he possível conceber-se a unidade do Christianismo, reduzida a um rebanho e a um só pastor : *et fiet unum ovile et unus pastor* ? Entretanto nada mais facil de explicar, nada tão natural como concebê-lo : um só rebanho o genero humano ; um só pastor *Jesus-Christo* : *Ego sum pastor bonus*. [2]

Que uma só raça possa predominar, absorvendo todas as outras, he hoje de evidencia manifesta ; assim como he de simples intuição, que o genero humano formará uma só e immensa familia, uma vez que desapareção todos os odios tradicionaes das raças antigas. Mas que o genero humano, formando uma só familia, ou um

só rebanho, na linguagem biblica, esteja sujeito a um só homem como chefe, ainda que seja espirital, he não só um pensamento absurdo como impio e sacrilego : absurdo por opposto á simples razão, e impio porque só a Deus pertence o governo e a direcção da humanidade ; só Deus póde ser o supremo pastor desse immenso rebanho.

Antes porém de tratarmos da segunda questão, isto he, de um só symbolo de fé, tratemos do predominio de uma só raça, absorvendo todas as outras, ou fazendo desaparecer pela civilisação aquellas que não possam acompanhá-la em seu desenvolvimento progressivo por uma degeneração, que já não admite melhora, como os Esquimãos, Hotentotes, Papús, &c. Tudo quanto nos offerece a historia do genero humano, tudo quanto podiamos dizer a este respeito, dissemol-o nos artigos (XXIV, XXV, e XXVI), e supplicamos aos nossos leitores que recordem o que alli referimos com a extensão permittida em artigos tão limitados.

Sem embargo, parece-nos que o predominio da raça caucasea ficou plenamente demonstrado ; assim como que as raças embrutecidas tendem a desaparecer pela força expansiva da civilisação moderna ; não por meio da conquista nem da effusão de sangue, mas porque a natureza as expelle da superficie da terra, onde não ha mais lugar para ellas. Para encher o vasio, que ellas devem deixar, a mesma natureza faz esforços incompreensiveis reproduzindo a raça mais energica, e tornando-a por assim dizer cosmopolita. A raça anglo-saxonia, ao passo que se desenvolve de uma maneira espantosa na America, segue o mesmo progresso na Grã-Bretanha. E se observarmos que da Inglaterra he que sahe a maior parte da emigração para os Estados-Unidos, devemos confessar que alli he muito mais assombroso o augmento da população do que aqui.

Com effeito diz Johnston, autor das *Notes on the North America*, que ha 60 annos Nova-Yorck se elevára de 60:000 á 400:000 habitantes ; mas que nesse mesmo espaço de tempo Glasgow augmentou tambem de 77:000 a 367:000, e Birmingham de 73:000 a 300:000, e o prova com documentos autenticos ; entretanto que os Estados-Unidos augmentão com a prodigiosa emigração da Ingla-

terra. Para provarmos esta asserção tomemos a statistica da emigração para os Estados-Unidos nos dous annos de 1848 e 1849, em que ella parece ter chegado ao seu ponto culminante, e vejamos donde partiu essa alluvião de gente destinada pela Providencia a preencher o vacuo, que deixou uma raça quasi extincta.

A emigração para os Estados-Unidos no anno de 1848, segundo uma statistica que temos á vista, foi de 189:176 europeos, distribuidos pela seguinte maneira : da Inglaterra propriamente dita 23:062, da Escossia 6:415, da Irlanda 98:061, da Allemanha 51:973, da Hollanda, Suecia e Norwega 2:734, das raças latinas e slava 6:931 ; portanto só a Grã-Bretanha concorreu para esta cifra espantosa com 127:538 emigrados. No anno de 1849 a emigração chegou a 220:607 individuos, a saber : da Inglaterra 28:321, da Escossia 8:840, da Irlanda 112:591, sommando tudo 149:752 ; da Allemanha 55:705, Escandinavos 6:754, das raças latina e slava 8:396. [3]

Sobre esta cifra calculemos ainda a emigração, que sahe da Inglaterra para Australia, para o Cabo da Boa-Esperança, para o Indostão, para o Canadá e Antilhas, e vejamos se ella, triplicando a sua população no espaço de meio seculo, não andou muito mais rapida que os Estados-Unidos, quadruplicando no mesmo espaço de tempo. Notemos ainda uma coincidencia nessa emigração europea para a America, e he que quasi todã ella se compõe da raça germanica, alguns escandinavos, poucos latinos, e quasi nenhum slavo. Os emigrados pois não pertencem indifferentemente á todas as nações do mundo, como muita gente erradamente pensa : a maior parte he de Ingleses, os outros são allemães e escandinavos ; a fusão por ora das raças nos Estados-Unidos não passa de um sonho, porque o sangue, que alli parece renovar-se, he o de suas proprias veias.

Assim he, accrescenta Mr. Johnston, que os Americanos se recrutão entre todas as nações alliadas e irmãs ; os diversos ramos da grande raça barbara, que tem renovado o mundo (Germanos, Saxões, Escandinavos) depois de tão longo tempo desunidos ou inimigos sobre o sólo da nossa Europa, morigerados pela disciplina e pela tradição, ou isolados do continente como os Ingleses, se encon-

trão neste terreno commum para se unirem de novo, e quem sabe? para d'alli talvez partirem, e renovar o mundo ainda uma vez. Os instinctos particulares de cada uma destas raças se apagam por toda a parte para deixarem predominar seus instinctos communs.

Entretanto recordem os leitores o que dissemos no art. XLIX, fallando da civilisação hindua, isto he, que os Persas, os Hindus, os Allemães, os Russos, os Inglezes e os Irlandezes erão membros da mesma familia, e que a unidade da familia *Ariana*, desde o paiz de Galles no extremo occidente da Europa, até o paiz de Assam, extremo oriente da India ingleza, estava demonstrada pelas investigações linguisticas. Aqui temos pois a mesma raça fazendo o gyro do globo, e partindo do oriente para o occidente pelo hemispherio do norte, e agora voltando do occidente para o oriente pelo hemispherio do sul. Se esta marcha não he um designio da Providencia, ninguem a poderá explicar de certo pela simples lei do acaso.

Quanto á raça slava, hoje poderosa pelo numero e por uma civilisação muito adiantada, he decididamente um ramo do grande tronco scytico, que, 15 seculos antes da era vulgar, se havia estabelecido entre o Volga e o Pó [4]. A raça latina, formando hoje uma familia á parte, não teve outra origem; ella mesclou-se com os povos do norte, e esta fusão, póde dizer-se, em nada alterou sua origem primitiva, porque era do mesmo sangue. As mais nobres e antigas familias romanas se dizem descendentes dos antigos reis de Alba [5], e Alba tinha sido fundada pelos Troyanos depois do incendio de Troya: Ascanio, filho de Eneas, fôra o primeiro rei de Alba.

A identidade pois de todas estas familias está hoje so-bejamente provada, ainda quando se houvessem separado por essas emigrações espantosas desde época remotissima (art. VII). Ellas se cruzão hoje em todos os sentidos, buscando um centro commum, onde se possam reunir como membros do mesmo corpo social. Entretanto a moça principal de todo esse immenso movimento he a raça anglo-saxonia, que partindo do extremo occidente da Europa, vai lançar-se sobre o oriente, e deste lado

do atlantico desde as regiões hyperboreas para o sul até onde *the convier* [6].

[1] O celebre Barão Alexandre de Humboldt, o primeiro sabio da Europa, na sua importante obra — *Cosmos ou descripção physica do mundo* — já citada, diz que a denominação de *Iranianos* he mais adaptada e mais veridica para os povos, que habitão a Europa, do que *Caucaseanos*, fundado na classificação que do genero humano fez Prichard. Achamos muita razão no Sr. Humboldt, tanto mais quanto he aquella a denominação que dão á essa raça todos os Orientalistas modernos, os quaes vão buscar no Himalaya o berço, por assim dizer, dessa civilização primitiva, que se irradiou por toda a parte pelas frequentes transmigrações da raça iraniana, como já tivemos occasião de o dizer, quando tratamos da civilização hindua (art. XLIX). Nós porém que escrevemos, não um tratado nem uma obra completa, mas um esboço, ensaio ou bosquejo, preferimos antes a denominação mais vulgar, e geralmente usada entre muitos sabios, de *raça caucasea* para designar a primitiva ou a raça pura branca, e seguimos as pisadas de Virey, Blumenbach, Volney, Cuvier. Spurzheim, Hunter, Luckland, e muitos outros.

[2] « Eu sou o *bom pastor*, disse Jesus aos Phariseos, e conheço as minhas ovelhas, e as que são minhas me conhecem tambem » S. João, c. X, v. 14.

[3] Ultimamente vimos tambem outro computo da emigração europea para os Estados-Unidos, dando para o anno de 1848 um resultado de 248:089 emigrados, em 1849 de 299:498, e em 1850 de 280:849. Apesar de uma grande differença do que asseveramos no texto, he certo que fôra no anno de 1849 que a emigração chegára ao seu ponto culminante, para o que concorreu a revolução, em que a Europa se achou envolta naquelle anno e no antecedente.

No anno de 1853 a emigração da Europa para diversas partes do mundo foi, sómente pelo porto de Liverpool, de 244:000 individuos, pela maior parte subditos britannicos.

Destes 244:000 constão dos registros officiaes 225:000, e os 19:000 suppõe-se passageiros a bordo de navios, que não estão exclusivamente destinados a levar emigrados; e por isso não entrão nos registros officiaes destinados a estes navios.

Dos 225:000 emigrados, que constão dos registros, forão 187:000 para os Estados-Unidos, 24:000 para Australia, 10:000 para as possessões inglezas da America, e o resto para as Indias

orientaes. (*J. do Com. de Lisbôa. — D. de Pern., Setembro 23 de 1854.*)

Ainda a emigração deste anno (1853) vem confirmar o que dissemos acima, isto he, que a maior parte da emigração se dirige da Grãa-Bretanha para a America do norte, e se compõe da raça germanica, a qual está destinada a renovar o mundo.

He singular, mas he uma verdade, que sómente da Inglaterra no espaço de 38 annos, desde 1815 a 1853, sahirão 3:793:529 emigrados; cifra espantosa que seria incrível, a não serem os dados em que se ella firma. E sem embargo durante esse tempo a Inglaterra quasi duplicou a sua população!!

[4] São slavos os Russos, os Polacos, os Bohemios e os Servios; pelo menos a lingua slava se divide hoje nesses quatro dialectos. A familia slava pertence indubitavelmente á raça Indo-germanica.

[5] Julio Cezar em uma oração funebre, pelas exequias de sua tia Julia, disse que ella por sua mãe descendia dos Deoses immortaes, e por seu pai dos antigos reis de Alba.

[6] Vêde Nota [4] do artigo LII pag. 244.

— 333 —

LIV

O CHRISTIANISMO.

O que é o *christianismo*? he a civilização moderna, ou *vice-versa*, a civilização moderna he o *christianismo*; e como já definimos a civilização moderna, o que era, o que póde e o que vale (L a LII), temos dito tudo quanto era mister para explicar o poder immenso, que a moral christãa tem exercido sobre os dous quintos do genero humano. Quanto á historia do *christianismo* ahí estão os livros sagrados, que todos lêem e que todos entendem; e para os abusos e profanações de suas doutrinas divinas sobrão historias profanas, que as revelem aos homens como outras tantas lições de suas faltas, de seus erros, e de seus vicios. Não he pois a historia do *christianismo* o que nos occupa, mas a sua importancia, o seu poder civilizador, o seu prodigioso desenvolvimento por meio da tolerancia, do exemplo e da caridade.

Sem embargo, vejamos até onde alcança essa importancia, quaes são seus limites actuaes, e a extensão do dominio da cruz como symbolo de fé. Computando, segundo Maltebrun, a população do globo em 737 milhões de almas, elle dá para a religião christãa 260 milhões [1].

Outros geographos e sabios mais modernos dão ao mundo um milhar de habitantes, dos quaes mais de 500 milhões pertencem á Asia, e'então a cifra do christianismo deve elevar-se a perto de 400 milhões de almas [2]. De qualquer modo que seja, mais de um terço do genero humano professa a religião christãa, o que nunca aconteceu com nenhuma outra religião desde os tempos mais remotos até os nossos dias.

A Europa e a America são as duas porções do nosso globo mais civilizadas, e são tambem aquellas onde o christianismo he, por assim dizer, a religião universal. A Inglaterra, centro do grande movimento da raça humana que se opera presentemente em todos os sentidos, reflue para a America, a qual se torna por sua vez o foco de uma luz brilhanté, que ha de ser o pharol de toda a christandade. A cruz será o labaró desta igreja militante, que vem fundar-se no novo mundo, igreja cujas portas serão os dous mares, que terá por altar os Andes, e por tecto a abobada azulada do nosso firmamento. Então, e só então, as ovelhas desgarradas do redil acudirão á voz do Divino Mestre, e haverá um só rebanho e um só pastor [3].

Quem poderá calcular o poder civilizador do christianismo! envolvendo o homem desde o berço até a sepultura, nenhum acto de sua existencia lhe he estranho, desde que nasce até a outra vida. O christianismo, estabelecendo o matrimonio, emancipou a mulher pela monogamia indissolúvel, fazendo-a companheira do homem; em vez de serva que era pela antiga lei. Pela abolição das classes privilegiadas a igualdade, elevou o homem á condição primitiva do seu ser; feito á imagem de Deus, quanto não havia perdido de sua essencia e de sua dignidade! Foi o christianismo quem resgatou o homem do aviltamento, a que havia chegado, e o elevou sobre si mesmo tornando-se o que fôra no acto da creação.

O christianismo, diz Lerminier, que desenvolveu no homem a consciencia individual, fortificou necessariamente o sentimento de propriedade [4]. Fundando-se a sociedade moderna sobre a familia e sobre a propriedade, o christianismo preparou estes elementos e os consagrou ao progresso moral do genero humano. Meios materiaes

de sujeição, formas de governo habilmente combinadas, um longo habito de servilismo, podião sem duvida reunir os povos, e fazel-os sair de sua existencia isolada ; mas o sentimento de fraternidade e da unidade da raça humana, a consciencia dos direitos communs á todas as familias, que a compõem, tem uma origem mais nobre, porque são fundados sobre as relações intimas do coração e sobre as convicções religiosas.

He pois ao christianismo que cabe a honra de ter evidenciado a unidade do genero humano, e de haver por este meio feito penetrar o sentimento da dignidade humana nos costumes e nas instituições dos povos. O principio da liberdade individual e da liberdade politica tem suas raizes na firme convicção de uma igual legitimidade entre todos os seres, que compõem a raça humana. A humanidade he pois um vasto tronco fraternal, como um todo constituido a fim de chegar a um termo unico, que he o livre desenvolvimento da intelligencia ; e para isto tem concorrido em grande parte as lições do Evangelho [5].

Ennobrece o christianismo em sua fonte as propensões do homem, porque o põe de posse de sua verdadeira dignidade. Seja qual fór a obscuridade de sua condição, quaesquer que sejam sua dependencia e fraqueza, de suas relações com o Creador recebe grandeza que o eleva a seus proprios olhos, sem lhe inspirar funesto orgulho. Já não he ludibrio de cego acaso, nem imperceptivel atomo, que passe pela scena da vida com a rapidez do relampago; pelo contrario vai buscar seu lugar no systema universal de todos os entes, e na vasta harmonia da criação. Admittido a contemplar o modelo de infinita perfeição, nelle acha a um tempo sua origem e seu fim [6].

Rei da criação, só pelo christianismo foi o homem investido do verdadeiro titulo em virtude do qual exerce este imperio. A's relações que elle tinha com seus iguaes, com a longa escala dos seres inferiores a elle, veiu a revelação ajuntar nova ordem de relações, sublime porque o eleva á cima da terra e o colloca em relação com Deus. Franqueando-lhe a porta desse mundo mais elevado, explica-lhe o papel que representa neste, onde está momenta-

neamente posto, bem como lhe explica a mesma criação. Só o christianismo revela ao homem sua propria natureza e verdadeiro destino; por elle se reconhece filho de Deus, e entra na posse de um futuro.

Nenhuma religião tinha ainda dado ao homem tanta força, tanta dignidade, tanta elevação, tanta nobreza d'alma, nem infundido tanta confiança em seus futuros destinos, nem tanta esperança, nem tanta consolação. O homem, assim ennobrecido a seus proprios olhos, devia quebrar as cadeias, que o prendião á uma região situada abaixo d'elle, e elevar-se pelo espirito á mansão celeste, para cujo banquete fôra convidada sem distincção a raça humana [7]. O christianismo, igualando todos os homens perante Deus, quebrou e nullificou todas as distincções odiosas, que não nascião da virtude ou do proprio merecimento; matou a inveja, e creou a emulação, unica virtude capaz de tornar o homem superior a si mesmo.

O christianismo ensinou ao homem a ser reconhecido e a ter confiança, indicando-lhe no Supremo Bemfeitor o regulador dos seus destinos; ensinou-lhe a amar, mostrando-lhe na infinita perfeição o mais digno objecto do seu amor; ensinou-lhe a benevolencia, fazendo-o reconhecer em seus semelhantes outros tantos irmãos; ensinou-lhe a perdoar, com a sublime abnegação de Jesus Christo sobre a cruz perdoando a seus proprios algozes; ensinou-lhe o desinteresse e a generosidade, descobrindo-lhe os designios do Creador na repartição dos seus dons, e manifestando-lhe o grandioso privilegio, pelo qual he a creatura humana associada a seus planos, e pôde vir a ser instrumento da divina bondade [8].

Com uma religião semelhante, o que não seria o homem capaz de empreender pela elevação do seu espirito e pelo vasto desenvolvimento de sua intelligencia? Elle quebrou os estreitos limites do seu envoltorio terrestre, elevou-se á cima das nuvens, e foi devassar a esphera celeste, e os milhões de mundos que a povoão. Poz-se em relação com Deus, e aceitou a missão que lhe fôra confiada pela bondade divina; tendo decabido pela culpa, purifica-se pelas provações, e de expiação em expiação, ajudado e fortalecido pela lei da graça, marcha ao fim

que lhe fôra marcado pela mão omnipotente, que o creou á sua imagem e semelhança.

Eis-ahi o que he o christianismo, eis-ahi o que he a civilisação moderna, a mais extensa, a mais moral, e a mais perfeita de todas quantas civilisações tem existido desde a creação até os nossos dias. Estamos ainda longe de alcançar a perfeição promettida ao homem pela revelação ; mas he certo que o progresso moral nunca foi tão rapido como tem sido ultimamente ; nunca o espirito humano chegou a altura, á que se tem elevado nestes ultimos tempos, nunca a dignidade do homem foi mais respeitada, nem a moral teve um culto mais puro e mais sincero. A importancia e o poder civilizador do christianismo estão pois sobejamente provados pela sua propria obra, pela civilisação moderna.

[1] *Religiões do globo segundo Maltebrun (Abrégé de Géographie).*

Catholicismo.....	439	milhões.
Igreja Grega.....	62	»
Igrejas protestantes.....	59	»

	260	milhões.
Judaismo.....	4	»
Islamismo.....	96	»
Brahmismo.....	60	»
Budhismo com todos os seus ramos...	470	»
Todas as outras religiões, comprehendendo tambem o Feiticismo!.....	447	»

	737	milhões.

[2] Computando a população do mundo em um milhar, eis-ahi como ella se divide :

Europa.....	340	milhões.
Asia.....	525	»
Africa.....	85	»
America.....	60	»
Oceania.....	20	»

4:000 milhões.

Neste caso devem calcular-se em perto de 400 milhões os christãos espalhados por toda a terra, qualquer que seja a communhão á que pertença, na seguinte proporção :

Europa.....	290	milhões.
America.....	50	»
Asia.....	40	»
Africa.....	40	»
Oceania.....	5	»
	<hr/>	
	395	milhões.

[3] S. João—Cap. X v.16.

[4] *Lerminier*—Philosophia do Direito.

[5] *Humboldt*—Cosmos, ou descripção physica do mundo.

[6] *Degerando*—Curso normal, &c.

[7] Com effeito, ninguem foi exceptuado do banquete celestial; todas as creaturas sem distincção forão chamadas a gozar d'os beneficios da nova lei; por todo o mundo devia correr essa torrente de graça, que se fortaleceu com o martyrio de um Deus, dando á verdade, á belleza e á bondade eternas o testemunho do seu sangue derramado—*Euntes in mundum universum, predicare Evangelium omni creature*—S. Marcos, XVI.

[8] *Degerando*—Curso normal, &c.



LV

A CARIDADE CHRISTÃA E A CARIDADE SOCIAL.

A caridade he uma tendencia da civilisação moderna, porque concorre para o bem-estar. A caridade pois não he sómente uma virtude christãa, he tambem uma necessidade social. Quando fizemos observar (art. IX) o que se passa na Europa e na America, nesse afan de crear estabelecimentos de beneficencia, hospitaes, asylos de toda a natureza, casas de expostos, de maternidade, monte-pios, premios á virtude, &c., prescindimos do sentimento religioso para attender sómente ao principio social ; este porém he tão moral como aquelle, e chegam ambos a confundir-se na união intima, que existe entre o christianismo e a sociedade actual.

« O maior mal do nosso tempo, diz um orador sagrado, he o egoismo ; o remedio he a *caridade*. A caridade será pois o grande poder contemporaneo, porque o egoismo he o grande flagelo da época. Só ella poderá curar as tres mizerias do seculo : a mizeria do corpo, isto he, o pauperismo ; a dos corações, o odio social ; a das almas, a irreligião. Para que a caridade possa fazer a triplice cura da nossa triplice mizeria, cumpre que a procurem-onde ella se acha, isto he, no christianismo. »

E porém, como se deve entender esta caridade, além do amor do proximo ? como fazel-a obrigatoria ? como tornal-a util, e não fonte da preguiça e da ociosidade, da inveja e do odio contra todos aquelles que possuem, só porque possuem ? Não he possivel esperar de legislação alguma remedio para as classes desvalidas, porque leis iguaes para todos, ou uma liberdade civil, compativel com a segurança individual e da propriedade, não podem fazer desaparecer o contraste afflictivo das condições, que apresentam hoje todas as sociedades civilizadas. O que cumpre fazer ? que esperança nos resta ? uma só, mas efficaz e poderosa : um progresso interior, um progresso espirital será o unico remedio heroico contra os males sociaes [1].

« O que precisamos, diz um philosopho socialista moderno, he uma propagação nova de fraternidade christã, que excite os poderosos e felizes a soccorrer liberalmente e animar os infelizes ou os fracos ; o que precisamos he uma nôva diffusão de força moral e intellectual, para que *o povo satisfaça por si proprio as suas necessidades, se habitue a regular o seu comportamento, e adquira o espirito de independencia, que despreze pedir ou receber um soccorro inutil* » [2].

A caridade não consiste sómente em dar pão a todos quantos delle necessitão ; mas tambem em illustrar o povo, e dirigil-o pelas vias do christianismo pratico, ensinando-lhe a viver á custa do seu trabalho, animando a industria e o commercio, fomentando as artes uteis e as sciencias. E quando se houverem realisado todos estes progressos sociaes, haveremos igualmente levantado fortes barreiras para proteger as fortunas honestamente adquiridas, assim como outras tantas e tão fortes contra a violencia e a rapacidade revolucionarias.

Não será excitando os pobres contra os ricos, nem indispondo estes contra aquelles, que havemos de conseguir a união fraternal ; convem que nos não irriteemos uns contra os outros por meio de mutuas calumnias. Onde todos tem um interesse commum não nos devemos dividir em dous campos. He uma maneira quasi infallivel de impellir os homens para o crime o emprestar-lhes designios criminosos. Não defenderemos a nossa proprie-

dade contra os pobres, accusando-os de tentarem contra ella ; e não será o meio de bem dispôr o rico a favor da sociedade o denunciá-lo e stigmatizá-lo todos os dias como inimigo do povo [3].

A tolerancia e a liberdade, a justiça e a caridade farão o giro do mundo ; a civilisação, que penetra por todos os seus poros, levará o christianismo como o facho que deve illuminar a sua rota. A religião he o espirito de verdade, que opera sob todas as formas e em todas as communhões. Quando o Evangelho tiver penetrado por toda a parte, quando suas doutrinas houverem produzido os sazonados fructos de uma missão divina, quando os homens se convencerem de que a sua propria dignidade exige que se aproximem o mais que fôr possível do modelo de perfeição, que lhes legou o mais perfeito de todos os homens, porque era ao mesmo tempo homem e Deus, a caridade não será somente uma virtude christã, ou uma necessidade social, mas a presença de Deus em todos os actos da vida humana.

A educação do povo he uma das bases sobre que se estriba a civilisação moderna, e por isto grandes homens na Europa e na America se fizeram apóstolos desse ensino christão, que tanto tem desenvolvido o poder intellectual das multidões. Com effeito, a mór parte dos males, que vexão a sociedade, são consequencias da irreflexão e da ignorancia, e não de intenções criminosas. Todos os dias, com as melhores intenções, homens pouco illustrados fazem tanto mal como se fossem verdadeiros crimes. A educação que mais convem ao povo he a religiosa, porque alumiado por ella o homem, seja qual fôr a sua situação, acha-se em seu lugar na ordem universal, pois que seu quinhão lhe fôra dado pela divina vontade [4].

Não anda em trevas, porque sabe que cumpre o destino, que lhe marcárão a sabedoria e a bondade de Deus. Assim fica isento das inquietações do futuro e dos tormentos de uma ambição desregrada ; anda armado contra as tentações que venhão assaltá-lo ; conserva serenidade no meio dos vendavães, socego no meio dos perigos, porque confia na Providencia Divina ; não se deslumbra com o bom successo, e sem esforço se torna superior á fortuna. A religião semeia de flores os atalhos mais ar-

duos e difficultosos, e põe o homem de posse do seu verdadeiro patrimonio.

Os limites marcados entre as diversas classes da sociedade, pela differença das jerarchias, fortunas e profissões, deixão sob a influencia da religião de ser barreiras de separação para os corações; a discussão dos interesses cede o lugar á troca de disposições benevolas. Toda inimidade tende a desaparecer debaixo de taes auspícios, todas as desavenças pôdem acautelar-se; não só pôde haver paz solida entre o rico e o pobre, como verdadeira fraternidade e affecto cordial se estabelecem entre elles. Rico e pobre se prostrão no mesmo templo, adorão o mesmo Deus postos ao lado um do outro; e assim formão todos os homens a mesma familia. Esta he a verdadeira caridade social, porque he tambem a caridade christã [5].

[4] Mr. La Boulaye—Introducção á obra de Channing—(*D. de Pern.* 29 de Julho de 1854).

[2] *Channing*, o grande philosopho reformador americano.

[3] *Id.*

[4] *Degerando* — Direcções relativas á educação, &c.

[5] Em 1848 publiquei no *Diario Novo* e na *Barca de S. Pedro* uma memoria sobre colonisação interna com os filhos do paiz. O meu systema era todo fundado sobre a educação industrial e religiosa, e tinha por fim dar uma nova fórma á educação do nosso povo, creando esses viveiros de homens morigerados e industriosos, dos quaes poderião sahir, dentro de poucos annos, enxames de trabalhadores, que fossem levar a todos os pontos da provincia sua industria, e novos habitos de ordem, de dedicação, e de amor ao trabalho.

Não era um systema inteiramente novo, mas o que eu havia observado nessas (outr'ora felizes) missões do Carony pelos Barbadinhos Aragonizes, e na provincia do Soccorro (Cundinamarca) pelos frades Dominicos; templos magestosos, povoações de um gosto e aceio admiraveis, como não vi na Europa, e onde todos os homens e mulheres sabião ler e escrever. Infelizmente tudo isto passou desapppercebido, e ninguem se lembra hoje de tantos esforços malogrados, quando tentativas se fazem para crear as mesmas colonias internas sobre bases falsas, e sob principios irrealisaveis.

LVI

O PROTESTANTISMO E A FUSÃO.

Em que consiste o protestantismo ? Os catholicos admittem entre a palavra divina e a razão humana uma autoridade doutrinal; os protestantes dizem que, sendo ambas dadas do mesmo Deus, não he admissivel um intermediario, pois que neste caso faria desaparecer a *liberdade*, que he tambem um dogma christão ; e fundão a sua crença no Evangelho em virtude sómente de uma interpretação directa, abstracção feita de toda a autoridade humana (artigo XXX).

Todavia, o que ninguem póde contestar he que, sem o catholicismo, a unidade christã teria naufragado desde o começo da igreja, porque não ha unidade onde não ha governo nem poder. O catholicismo data a sua era do primeiro Concilio de Nicéa (325), pois que he quando Roma apparece como séde principal da christandade, e como *chefe visivel* da igreja universal o bispo daquella cidade. Sem governo, sem poder, sem unidade, o que seria do christianismo no começo de sua instituição, faltando-lhe a protecção dos imperadores, e o concurso de todos os povos novamente convertidos ?

E sem embargo, não foi sem grande dificuldade que esta unidade se estabeleceu. S. Cypriano, defendendo as liberdades episcopaes, dizia : « Cada padre dirige e governa uma porção do rebanho, e não tem de dar contas senão a Deus unicamente. » Santo Hilario e depois Santo Agostinho protestarão contra essa unidade com mais moderação que os Bispos gregos, que já clamavam contra o *orgulho italico*. Entretanto, estabelecida a unidade, Roma esmagou as facções, e fez reconhecer por toda a parte a legitimidade do seu despotismo tutelar. [1]

Este despotismo foi tão util e proveitoso á religião como aos principes e aos povos : á religião, porque favoreceu a propaganda ; aos principes, porque identificou seus interesses conciliando todas as ambições hostis ; aos povos, porque lhes modificou e suavizou os costumes reprimindo seus tyrannos. Seria immensa a relação dos serviços prestados pela autocracia pontifical á civilização moderna, se quizessemos fazer delles especial menção. Basta só comparar a Europa do seculo IV, aniquilada, desmembrada, sujeita a conquistadores barbaros e ferozes, que nada respeitavão, á Europa do seculo XI, unindo-se e levantando-se como um só homem para precipitar-se sobre a Asia, domínada pelo mesmo espirito, e combatendo sob o mesmo estandarte. [2]

Qual era a mão, que impellia ou continha tantos braços ? qual a voz, á que de um a outro extremo do continente europeu obedecião tantas nações diversas em origem e guiadas por outros tantos chefes ? Esta mão era a do Bispo de Roma, esta voz a de um pobre ermitão, que fallava em nome de uma fé commum. A' esta unidade religiosa correspondia até o seculo XV a unidade politica, porque o catholicismo tinha civilisado todos os imperios, o clero tinha creado todos os estados ; todas as doutrinas, todas as instituições erão obra sua ; a Europa era governada pela religião, que se elevava sobre todos os codigos, até mesmo dos conquistadores (artigo XXIX).

E porém aconteceu ás instituições religiosas o mesmo que ás instituições civis e politicas. A unidade tinha sido necessaria para fundar a religião e a moral, que fizeram o milagre da civilização moderna ; só a autocracia papal teria podido salvar essa unidade em seu principio,

evitando a discussão, porque as disputas religiosas, fundadas sobre o livre exame, matão a autoridade, e sem ella a unidade teria desaparecido ou nunca se haveria estabelecido. Mas vierão no seculo XV os emigrados de Byzancio romper o pacto da religião e da philosophia, e separar a politica da moral, substituindo a discussão á autoridade, e o progresso á immutabilidade; dupla emancipação de que a igreja foi a primeira a resentir-se, de tal sorte que a dictadura do Pontificado ainda existia, quando já tinha desaparecido a preponderancia da mesma igreja.

A refórma religiosa foi por tanto a consequencia necessaria dessas doutrinas importadas pelos Gregos byzantinos. Travada a luta em 1517, entre o progresso ou a liberdade de consciencia e o pontificado ou a autocracia papal, surgirão as doutrinas de emancipação civil e politica, que mais tarde devião produzir a revolução dos Paizes-baixos, de que já tratamos (artigo XXXI). Antes porém de que a refórma religiosa assumisse um caracter politico, que não tinha em seu começo, ella passou da Allemanha para a Inglaterra, onde tomou nova face, arrogando-se a intolerancia catholica, e substituindo a *inconfidencia* á inquisição; de tal sorte que bem poderião disputar-se a primazia Henrique VIII e Filippe II, Cranmer e Torquemada, Thomaz Cromwell e Cisneros. [3]

Henrique VIII era tão inimigo do Papa como de Luthero; a refórma em Inglaterra tinha pois um caracter distincto: na Allemanha exprimia a independencia absoluta do poder espirital, na Inglaterra porém a autocracia pontifical passou para o rei, como o chefe visivel da nova igreja protestante. O absurdo da reunião dos dous poderes na pessoa do rei saltou aos olhos de todos depois da morte de Henrique, porque subindo ao throno seu filho Eduardo, menino de nove annos de idade, foi forçoso declarar-o igualmente o cabeça visivel da igreja anglicana. Um reinado de sete annos, que tantos durou o de Eduardo, tão cheio de acontecimentos desastrosos, he difficil achar-se na historia. Durante este curto reinado aboliu-se o culto catholico, e a refórma protestante se completou.

Morto Eduardo, subiu ao throno Maria, primeira filha de Henrique (porque não fallarei da curta farça de Jane Gray, que lhe custou a cabeça). O reinado de Maria

não foi tão tempestuoso como os dous antecedentes ; os catholicos respirarão porque ella era catholica ; porém já era impossivel reedificar o que seu pai e irmão havião destruido ; sobre tantos odios passados vierão as represalias, dos quaes erão necessaria consequencia. Hume e Lingard recordão com horror as fogueiras de Smithfield, em que 277 protestantes soffrerão a pena de talião. [4] O Parlamento abjurou, e foi absolvido pelo legado do Papa ; mas o mal estava feito, e era impossivel reparal-o. O seu curto reinado de cinco annos expirou em 1558, quando fôra chamada ao throno sua irmã Izabel, reputada bastarda por ser filha de Anna Bolena, cujo casamento fôra declarado nullo.

E porém Izabel se tinha feito catholica durante o reinado de sua irmã Maria, e todos quantos sustentarão o governo desta, julgarão melhor chamar Izabel ao throno, porque em fim era filha de Henrique VIII, do que a corôa de Inglaterra passasse a um estrangeiro. Izabel fôra pois aclamada pacificamente debaixo dos melhores auspicios, porque ella se tinha declarado tolerante ; porém a imprudente bulla « *Regnans in excelsis* » de Pio V, absolvendo os subditos da nova rainha do juramento de fidelidade, consummou o scisma da Inglaterra. Izabel não tolerou a intervenção do Papa, e declarando-se protestante, teve que fazer calar o partido catholico. Novos horrores se praticarão sob este reinado, que debaixo de outras vistas fôra o mais feliz e venturoso ; tanto assim que, logo que ella se julgou segura sobre o throno, o catholico não foi mais encommodado, e as outras seitas acharão todas igual protecção no seu governo.

Foi durante o reinado de Izabel que rebentou a revolução dos Paizes-baixos, que ella protegeu e fomentou ; revolução que chamou a um duélo quasi toda a Europa durante trinta annos até a paz de Munster e de Osna-bruck, a qual feichou o abysmo de todas as revoluções anteriores. A *refôrma* entrou por tanto, depois do tratado de Westphalia, na ordem dos factos consummados, e desde então progrediu nessa marcha lenta mas segura, protegida pela liberdade e pela tolerancia dos governos e dos povos, aos quaes se havia distribuido um pouco de ordem e um pouco de liberdade por aquelle tratado. Foi

assim que a paz e o equilibrio da Europa acharão-se por mais de um seculo em harmonia, e que a Allemanha, a Inglaterra e os Paizes-baixos começarão uma éra de ordem, de regeneração e de progresso.

Desde essa época muitos homens eminentes pensarão em chamar a um accôrdo as seitas dissidentes, e deste numero forão os principaes Leibnitz e Bossuet ; mas nem a época era ainda propria para uma conciliação entre inimigos encarniçados, que apenas deixavão as armas tintas de tanto sangue precioso, nem era possivel que cedessem um palmo de terreno o progresso e a repressão, a liberdade e a autocracia papal, que se achavão frente a frente em constante hostilidade. Ultimamente Mr. Guizot, servindo-se do mesmo pensamento de Leibnitz e de Bossuet, tentou estabelecer uma especie de concordata entre o catholicismo e o protestantismo, ou antes reunir as duas igrejas ; em uma palavra Guizot propoz a fusão religiosa.

Mr. Augusto Nicolas no seu livro, publicado ha tres annos sobre o protestantismo, aceitando a proposição de Mr. Guizot como realisavel, não acha difficuldade em demonstrar, que a fusão religiosa tem pelo menos tanta probabilidade como a fusão politica, o que de certo não he uma grande demonstração. Para que por ora a fusão fosse possivel era mister, que uma das igrejas se submettesse sem condições. Ora, entre a autoridade e a liberdade em materia religiosa, que conciliação he possivel? Ninguem ignora que uma vez estabelecido o principio do livre exame em materia religiosa, he difficil fazel-o parar, e ainda muito mais difficil voltar simplesmente ao principio da autoridade. Qual dos dous principios cederia neste caso ?

Acreditamos piamente na unidade do christianismo, e por consequencia na fusão de todas as seitas christãs ; acreditamos que a Cruz será o unico symbolo de fé de toda a raça humana, e que se verificará a promessa de Jesus-Christo, de que não haverá mais que um rebanho e um pastor. A igreja será universal, quando fôr a reunião de todos aquelles que estudão e praticão o Evangelho, qualquer que seja a fôrma ou a communhão, á que pertenção. O Evangelho não contém nada, que se não dirija directamente ao raciocinio e ao coração. As suas parabo-

las não são outra cousa mais do que um appello á razão humana. O que elle nos recommenda antes de tudo e á cima de tudo he amar a Deus e aos nossos semelhantes. Logo liberdade de pensamento e caridade inexgotavel são as duas necessidades supremas do homem e do christão. [5]

[1] Garnier-Pagés — Dict. polit. &c.

[2] Ibid.

[3] A todos quantos quizerem instruir-se na chronica escandalosa da refôrma protestante da Inglaferra aconselhamos que leião de preferencia : *Lingard*, historia da Inglaterra : Dr. *Bayley*, vida do Bispo Fisher : *Mervyn Archdall*, Historia dos Mosteiros Irlandezes : *Cobbett*, Historia da refôrma protestante na Inglaterra e Irlanda : *Tanner*, Bispo protestante : *Whitaker*, &c.

[4] Entre estes devem contar-se por singular prodigio tres bispos e um arcebispo, todos grandes reformadores, a saber : Hooper, que tinha sido monge : Latimer clérigo secular e bispo de Worcester: e o famoso Ridley, instrumento de Cranmer arcebispo de Cantuaria, o perpetuo divorciador de Henrique VIII. Cranmer no seu tribunal havia declarado illegitima a rainha reinante, pelo que foi ao patibulo com os seus complices, como martyres (bem entendido) da nova igreja. •

[5] Channing — o grande philosopho reformador americano.



LVII

A IGREJA GREGA OU IGREJA DO ORIENTE.

Uma grande luta se empenhou, desde os primeiros seculos do christianismo, entre a idéa de *unidade*, que pouco e pouco se personificou no pontificado romano, e a idéa de *nacionalidade*, que penetrava nos patriarchados do Oriente para se encarnar logo no de Constantinopla. Parecia que o genio das duas civilizações, latina e grega, viera ás mãos no terreno religioso: Roma com seu poderoso instincto de centralisação, Constantinopla pelo contrario com esse espirito de federalismo, que está nas tradições dos Hellenos, e que tem feito sua fraqueza nos dias mesmo de seu maior poder [1].

Depois da queda de Roma, o genio latino continuou a ser o genio da dominação e da disciplina; como o genio grego ficou sendo o da descentralisação e das liberdades locaes. Nos paizes occidentaes, sobre tudo entre os povos que tinham recebido a doutrina latina, a supremacia religiosa de Roma se estabeleceu facilmente; por muito tempo ella pôde usurpar as prerogativas mais essenciaes das soberanias nacionaes. Tudo quanto o Papa pôde obter no Oriente, antes da scisão, se limitou ao titulo

de « primeiro entre seus iguaes » (*Primus inter pares*). Se a unidade das duas igrejas existiu algum tempo nos dogmas, ella não foi jámais aceita pelos Gregos na liturgia nem nos ritos.

Até o seculo XVI, em que todo o mundo germanico, preocupado por questões de disciplina, se deixou arrastar de polemica em polemica ao protestantismo, o Occidente não teve de deplorar em religião outra provação temivel senão a grande heresia de Pelagio, logo vencida. O Oriente pelo contrario tinha visto as heresias e as seitas multiplicarem-se infinitamente com Manés, Arius, Nestorius, Eutyches e outros muitos. O *arianismo*, a mais audaciosa dessas heresias, que negava a divindade de Christo, tinha invadido por um momento todo o imperio byzantino. A autoridade da palavra não foi bastante para vencel-a, e até por muito tempo as doutrinas de Arius resistirão com vantagem á força.

Ainda essas doutrinas não tinham sido suffocadas pela derrota do arianismo propriamente dito, quando se renovárão debaixo de innumeraveis fórmãs. O resultado porém o mais evidente desse espirito de independencia, que se revelava por tantos symptomas, foi a grande separação, que se operou em ultimo lugar entre as igrejas de Constantinopla e de Roma, cuja iniciativa tomou o Oriente.

Todos sabem que as questões de dogma, apresentadas pelos Gregos nos debates, que tiverão de sustentar contra a Santa Sé, podem em ultima analyse reduzir-se á duas: a da procedencia do Espirito Santo e a do Purgatorio. Os Armenios se distinguem todavia da igreja grega, em que suas doutrinas, sobre a unidade da natureza de Jesus Christo, deixão muito que desejar. Existe a este respeito entre os proprios Armenios uma obscuridade, que he difficil penetrar. Tudo quanto se pôde dizer em sua justificação he que elles, para repellirem toda a solidariedade com a doutrina de Eutyches, empregão a mesma energia que os Gregos em declinar toda alliança com o arianismo.

Em summa, se no meio de uma discussão com os theologos da communhão oriental se insta sobre a doutrina latina, fica-se sorprehendido de ver quão pouco se

embaração elles com a opinião de que a terceira pessoa da Trindade procede igualmente das outras duas. Os primeiros Concilios, que não tiverão além disto de pronunciar categoricamente sobre esta difficuldade ainda não levantada, limitarão-se a repetir em substancia as palavras de Christo em S. João: « Quando vier o consolador, o espirito da verdade, *que procede do pai*, e que eu vos enviarei dá parte de meu pai, elle dará testemunho de mim. »

A igreja do Oriente, partindo deste principio de que « as palavras de Christo são completamente sufficientes para a expressão de uma verdade qualquer » procura sobre tudo declarar, que a formula sahida da boca divina não póde ser modificada. Dir-se-hia que, como principio, não se trata aos seus olhos de saber, se o espirito não procede senão do pai. Ella parece somente preoccupada em verificar um facto não contestado na igreja latina, isto he, que o Espirito Santo procede do pai. Se notarmos que o Papado permittiu outr'ora aos Gregos unidos da Polonia recitarem o symbolo de Nicéa sem a addição do *filioque*, e que do seu lado a igreja do Oriente não exige retractação official neste ponto, da parte dos catholicos que entrão em seu seio, ver-se-ha que a distancia, que separa as duas igrejas, he pequena mesmo na questão, que serviu principalmente para sua scisão.

Quanto ao purgatorio a dissidencia he talvez menos notavel. A idéa do purgatorio he uma das crenças as mais poeticas e das mais tocantes da igreja romana. Esta igreja confessa, que a palavra *purgatorio* não se acha nem no Evangelho nem entre os doutores do christianismo primitivo; mas sustenta que a idéa não he menos antiga que o christianismo, e que a cada passo ella se encontra nos primeiros padres da igreja. He bastante pará a igreja do Oriente o não achar a expressão nas origens do dogma: ella repelle a existencia desse lugar de provações, onde a alma arrependida, mas não justificada, acaba de se purificar antes de entrar na plenitude da felicidade promettida.

Com tudo aqui a pratica ratifica até certo ponto o dogma. Sem crer com effeito no purgatorio, a igreja do Oriente admitte um estado transitorio, que as almas

dos bons, como a dos máos, atravessão necessariamente na expectativa do juizo final. Emfim ella tambem crê na condição especial d'aquelles que morrerão na fé sem uma expiação sufficiente das faltas commettidas nesta vida, e conclue que as preces dos vivos lhes podem ser de um grande auxilio. Para que são essas preces? para obter uma resurreição bemaventurada em favor dos mortos. Não he este exactamente mais o pensamento das preces dos mortos na igreja latina; o fim está todavia modificado.

Resulta sufficientemente destas considerações, que os pretextos theologicos não podem por si só fazer comprehender o rompimento de religião, que se produziu entre o mundo latino e o mundo grego-slavo; e quasi que se não poderia comprehendel-o, se por acaso não se observasse a dedicação das populações orientaes por sua autonomia administrativa, e a necessidade que sentem de viver segundo leis politicas religiosas, conformes ao seu proprio genio.

As nações grego-slavas não recusarão todas, he verdade, ficar unidas á Roma. Os Slavos pelo menos se dividirão. Se a familia russa e as tribus bulgaro-servias se entregárão sem reserva á communhão oriental, os Polacos e os Tchecas da Bohemia, assim como as tribus illyrias e uma parte dos Bosnianos passárão para o latinismo. Entretanto logo que se põe o pé no solo slavo, fica-se admirado da situação difficil, em que se achão collocadas essas populações latinisadas para com os outros povos da mesma raça, que pertencem ao rito grego.

He esta uma das causas do isolamento da Polonia no meio da raça slava. Que esforços não tem feito, depois de alguns annos, seus escriptores mais celebres para destruir o prejuizo secular, que a persegue, e que depois de haver apartado della as populações da Russia meridional, a tem privado em parte da popularidade, que teria podido unir-se ao seu triste destino! Quantas vezes a Bohemia, tão sábia e tão activa na erudição slava, não se sentiu paralysada em sua propaganda litteraria, graças ás suspeitas que seus antecedentes latinos despertavão entre os Russos, ou entre os Bulgaros e Servios [2]! Emfim os Illyrios da Austria meridional, os Bosnianos da

Turquia, não têm elles muitas vezes encontrado pela mesma razão difficuldades inesperadas em suas relações com esses Bulgaros e Servios, os quaes entretanto fallão a mesma lingua, tem os mesmos interesses e nutrem as mesmas esperanças?

D'est'arte por um prejuizo arraigado, o latinismo he considerado entre os Slavos como uma arvore estranha no solo nacional. Os que ousão alimentar-se de seus fructos, em sentar-se debaixo de sua sombra, são tidos por infieis ás tradições e ao genio da patria slava. Quanto aos outros dous povos tão importantes da Turquia como os Slavos, isto he, os Hellenos e os Armenios, elles romperão quasi unanimemente com Roma. Tambem para elles, como para os Slavos, o latinismo he uma importação do estrangeiro, que desperta todas as susceptibilidades do patriotismo.

Sem embargo, nem todas as tentativas de conciliação forão despresadas; uma combinação ao mesmo tempo engenhosa e natural foi tentada, não sem algum successo, para aproximar as duas igrejas. Algumas das tribus grego-slavas e armenias, que tinham sido logo arrastadas no movimento da igreja grega, ou que tinham conseguido subtrahir-se a elle, ficando fielmente unidas á liturgia oriental, formárão com Roma uma alliança condicional. Aceitando o dogma definido pelo *filioque*, e a crença no purgatorio, consentirão reconhecer a supremacia do pontificado, com tanto que a Santa Sé as autorisasse a conservar seus ritos, sua disciplina, o uso da lingua nacional na liturgia, a communhão debaixo das duas especies, e, em alguns casos, o casamento dos padres.

Tal he a origem das igrejas designadas com o nome de *Uniatas*. Observando-se de perto, vê-se que a verdadeira fé nacional dos Slavos do meiodia e do Occidente he a fé dessas igrejas. He a mesma que foi pregada entre seus antepassados nas margens do Danubio, e semeada desde os Balkans até os Carpathos. Os Uniatas da Turquia européa não se submettêrão á soberania religiosa de Roma, senão protegendo tódas as suas praticas nacionaes. A influencia do espirito nacional sobre os dogmas admittidos pelos christãos do Oriente he tal, que os proprios latinos d'aquelles paizes não são animados exactamente

do mesmo espirito de Roma; e aceitando seus ritos bem como suas crenças, elles os não encarão absolutamente do mesmo modo; por que o faz a igreja do Occidente.

Eis-ahi o que he a igreja grega, ou antes o que he o christianismo do Oriente, dividido e subdividido por diversos povos, com seu espirito local, com suas susceptibilidades nacionaes, e com todas as desconfianças, que inspirão o isolamento politico, e a idéa de uma dominação estranha. Tudo porém desaparecerá pelo contacto com os povos civilizados do Occidente. Agora que a fé de Christo se acha em frente do alcorão; agora que todas as raças do Oriente devem participar dos fructos da civilização moderna pelas artes e pelas sciencias; agora que o islamismo recebeu em seu seio a cruz como para annunciar-lhe o ultimo termo de uma existencia precaria; os christãos do Oriente serão chamados á unidade da familia européa, não só pelos grandes interesses da industria e do commercio, como pela identidade de crenças e até de raças. Tal he o designio providencial, revelado por esse movimento continuo do genero humano de todas as partes e em todos os sentidos.

[1] Importante artigo da *Revista dos dous mundos*. *Diario de Pernambuco* de 13 e 14 de Fevereiro de 1854.

[2] Tambem se diz Serbas ou Sorabas em lugar de Servios. A Servia actual he a *Mésia superior* dos antigos.



LVIII

A IGREJA RUSSA

Foi no seculo X que os Russos e os Slavos (Eslavões) se fizeram christãos abandonando o paganismo. O patriarcha de Constantinopla, naquelle tempo catholico, [1] mandou-lhes um clero, á frente do qual collocou um prelado, que tornou-se governador da igreja russa sob a immediata dependencia do patriarcha de Constantinopla, impropriamente chamado patriarcha do Oriente. Depois do scisma, que definitivamente separou no seculo XI as duas igrejas latina e grega, os Slavos tambem se dividirão, ficando catholicos os Polacos e a Russia meridional scismatica, como fica dito no artigo antecedente. Este estado de cousas durou até o fim do seculo XVI.

Em 1589 um patriarcha de Constantinopla, scismatico e fugitivo da sua séde, refugiou-se na Russia, e com o fim de agradecer indubitavelmente a popularidade e agazalho com que alli fôra recebido, creou uma nova séde metropolitana, e libertou-a da dependencia do patriarcha de Constantinopla. Para este passo audaz erão necessarios motivos mui poderosos, ou pelo menos plausiveis, porque desta innovação resultava uma separação

radical entre as duas igrejas. Os motivos pois forão : que havendo formalmente na igreja cinco patriarchados (Jerusalem, Antiochia, Alexandria, Constantinopla e Roma), e como Roma, em razão de suas herezias, tinha sido privada dessa dignidade, julgava util transferil-a para a Russia, que dest'arte devia formar um novo patriarchado independente, como tinha sido Roma, do de Constantinopla.

Se estas razões ou motivos não convencem a muita gente, nem por isso deixão de ser valiosas para um facto, que se consummou pelas tendencias do genio slavo, e pela politica da nova dynastia, que logo depois occupou o throno da Russia. Dahi resulta evidentemente um scisma na igreja grega do Oriente, que desta sorte foi dividida em duas igrejas e duas communhões, inteiramente distinctas uma da outra. Uma organização mui differente e quasi secular do patriarchado de Constantinopla foi a consequencia dessa separação. Depois da morte do patriarcha fugitivo, já mencionado, a igreja russa teve somente um governo provisorio organizado e dirigido pelo Czar. Quasi ao mesmo tempo subiu ao throno (1613) a habil casa de Romanoïf, e logo percebeu a immensa vantagem, que resultaria da concentração do poder politico e espirital nas mãos do Soberano.

A eleição, base essencial do patriarchado oriental, foi supprimida quanto ao facto, e uma assembléa especial, sob a autoridade immediata do Czar, foi encarregada dos interesses da igreja russa. Esta assembléa foi denominada o « Santissimo Synodo » e condecorada com o titulo de *Directorio*, que o partilha com o Senado. A sua funcção principal consiste na promulgação dos Ukases imperiaes em materia de religião. O *Directorio* pois compõe-se dos principaes prelados do imperio ; mas o procurador principal ou presidente he um funcionario secular, que é o unico legal promotor de todas as deliberações do Synodo, as quaes só podem ser votadas a seu pedido, mal disfarçado sob o nome de proposição.

O principal procurador ou promotor, como dissemos, he sempre uma das mais elevadas dignidades do estado, e se acha á frente de um numeroso corpo de funcionarios, todos seculares como o seu chefe ; e sem

embargo he elle quem provê os beneficios, quem solicita as distincções honorarias, e quem exerce a administração synodal ; porque as resoluções do Synodo não são outra cousa mais do que a execução das ordens do imperador. Pelo que acabamos de dizer vê-se claramente o quanto, não só por sua origem como por sua organização, a igreja russa é profundamente distincta da igreja oriental ; em cujo caso o direito de protecção, que o Czar exige sobre esta igreja, não hê mais legitimo do que seria semelhante exigencia feita pela rainha de Inglaterra em nome da igreja anglicana á cerca das communhões protestantes da França [2].

Concluiremos este artigo extractando alguns pensamentos de um livro ultimamente publicado em Paris á cerca da igreja russa [3].

« A Russia conta em seu seio muitas religiões ; em principio gozão essas religiões de uma completa tolerancia ; mas a maior parte das vezes a ciosa politica dos Czares, junta á sua desmedida ambição de dominio universal, torna nulla essa lei, e provoca contra as igrejas ou seitas dissidentes perseguições atrozes, que fazem recordar os mais horriveis tempos dos tyrannos pagãos. He sobretudo sobre o protestantismo, e mais ainda sobre o catholicismo, que recáem as suas violencias. Não ha ninguem que não conheça o que teve lugar nas provincias balticas, o que passou e o que ainda se passa actualmente na Lithuania e na Polonia ! Aos olhos de seus povos os soberanos moscovitas fazem-se um titulo de gloria desses horriveis escandalos, como protegendo a igreja nacional ; porque todo o bom russo, como todo o bom mahometano, deve gloriar-se de ver trazer, não importa porque meios, as tribus infieis ao gremio de sua fé. »

« A igreja nacional ! tal he o grande elemento em que se movem os Czares, e aonde achão não só um prestigio ao seu poder, mas uma alavanca para a sua politica. A igreja russa transformou-se por tal modo, como andar dos tempos, nas suas condições hierarchicas, e no mecanismo essencial da sua disciplina, que experimentaria a maior difficuldade em justificar essa assimilação, que ella pretende ter com a igreja de Constantinopla, e de

que se fez um titulo para reivindicar o protectorado. Em primeiro lugar a semelhança de linguagem, que em toda sociedade religiosa he de summa importancia, falta-lhe inteiramente : a igreja de Constantinopla falla grego, e a igreja russa o esclavão. Depois, (he isso sobretudo que cava um abismo entre as duas instituições) a igreja russa perdeu o seu patriarchado, em quanto a de Constantinopla conservou o seu. »

« Seria pueril sustentar que o *santo synodo*, estabelecido por Pedro o Grande, representa identicamente essa autoridade destituida ; o mesmo Pedro o Grande refutou essa doutrina. Eis-aqui o que elle diz no preambulo do seu decreto da instituição do *santo synodo*. — « Uma
 « autoridade espiritual, representada por um collegio,
 « não excitará nunca no paiz tanta agitação e effervescencia como um chefe pessoal da ordem ecclesiastica.
 » O povo não comprehende a differença, que existe entre
 « a autoridade espiritual e a do soberano secular ; ao
 « ver as honras extraordinarias, que se arroga o pastor
 « supremo, julga que o chefe da igreja he um outro soberano, cuja dignidade he igual, ou mesmo superior
 « á do monarcha ; julga mesmo que a ordem ecclesiastica fórma uma especie de monarchia preferivel á outra ! Ora sendo incontestavel que o povo raciocina
 « deste modo, o que aconteceria se a polemica injusta
 « de um clero ambicioso se ajuntasse á essa ignorancia
 « popular para soprar o incendio ? »

« Devemos porém notar que, no momento em que Pedro o Grande escrevia isto, a Russia estava já viuva, havia vinte annos, do seu ultimo patriarcha ; e por certo, se a corôa de um soberano pretendesse alguma vez rivalisar com a tiara de um pontifice, não era a de Pedro o Grande que para isso deveria escolher-se ! O que o Czar queria, abolindo o patriarchado, não era pois supprimir um serio antagonismo de que receiasse ; mas sim amparar-se, em proveito da sua corôa de soberano secular, desse prestigio de supremacia espiritual, que até então tinha sido inherente ao patriarcha moscovita. Pedro o Grande, que dizia com mais verdade ainda que Luiz XIV « o Estado sou eu ! » queria poder dizer tambem « a

Igreja sou eu ! » Tal foi o fim do santo synodo, cujo presidente actual he um general de cavallaria. »

« Bem se vê pois a grande differença, que existe entre a igreja russa e a igreja de Constantinopla. No emtanto que esta, posto que vivendo sob o sceptro mussulmano, conserva a sua autonomia e todas as suas faculdades de independencia espiritual, a outra, sob um sceptro chamado orthodoxo, vê-se despojada de toda a espontaneidade e de toda a iniciativa. O requerimento feito ao Sultão pelo patriarcha de Constantinopla, quando a Turquia declarou a guerra á Russia, juntamente com os bispos e chefes das corporações gregas, prova mais do que tudo a dissidencia entre as duas igrejas, e a futilidade dos pretextos de que o Czar se serviu para esta guerra. »

« Um titulo que a Russia se compraz em ajuntar ao de orthodoxa, e que a seus olhos he disso o corollario natural, he o de *Santa* ! Em quasi todos os Ukases se vêem repetidas muitas vezes essas palavras de *Santa Russia*. Não sabemos donde lhe provém a origem ; mas he necessario ter uma bem singular idéa da santidade para a applicar á uma nação, e á uma igreja que, sobre 45 milhões de subditos, deixa jazer mais de 40 milhões n'uma condição pouco differente da dos brutos, julgando sem duvida haver feito bastante para com elles, conservando-lhes a irrisoria qualidade de *christãos* ! Que terá de commum o christianismo com semelhantes costumes ? Não emancipou por ventura o christianismo os escravos romanos ? Antes de se proclamar uma nação *santa*, a Russia devia procurar tornar-se antes uma nação de homens ! »

[1] O scisma do Oriente, bem que começasse no seculo IX pelas heresias de Phocio, só veiu a consummar-se no seculo XI (1053) em tempo do patriarcha Miguel Cerulario, que mandou feichar as igrejas latinas e aboliu o culto catholico. Notaveis coincidencias : em 1053 rompe-se o unico laço, que restava entre o oriente e o occidente, pelo scisma grego ; em 1453, quatro seculos depois, Mahomet II occupa Constantinopla, e affoga em rios de sangue a civilisação do oriente, que vem refugiar-se na Italia com os fugitivos byzantinos ; em 1853 (ainda outros quatro seculos depois) começa o grande movimento, que

faz volver ao oriente essa civilisação mais adiantada e robusta, que affronta o islamismo, e vai quebrar as barreiras oppostas á unidade christã !! Poderá alguém duvidar ainda de uma lei providencial, que rege os destinos humanos ?

[2] *Pays* — D. de Pern. Dezembro de 1853.

[3] *A Russia, a Turquia, e a historia da actual guerra do Oriente* — por F. L. Alvares de Andrada.



LIX

O PROTECTORADO CHRISTÃO DO ORIENTE.

Qual he' a verdadeira questão do oriente? Os ultimos debates, de que esta questão foi objecto, nos mostrarão alternadamente as igrejas gregas da Turquia em contacto com o catholicismo no negocio dos Santos Lugares, ou com a Russia no protectorado reclamado pelo Czar em nome da orthodoxia; isto he, o caracter permanente e profundo da crise actual he o de uma dupla luta: debaixo do ponto de vista religioso, entre a igreja grega oriental e o catholicismo occidental: debaixo do ponto de vista politico, entre a Europa e a Russia. He esta toda a questão debaixo de um duplice aspecto. como os ultimos acontecimentos a estabelecerão, e a deixão tal qual ella resulta dos factos, das tradições da historia, e de todos os dados da politica moderna.

Em uma obra publicada ha dous annos [1] achamos perfeitamente demonstrado, com documentos insuspeitos e incontroversos, o encadeamento dessas duas ordens de factos: factos religiosos e politicos. De um lado a luta das igrejas nesse campo de batalha illustre e secular dos Santos Lugares; do outro lado o trabalho incessante e

obstinado da Russia. Vejamos agora quaes são os traços principaes dessa historia.

O vigor primitivo do islamismo vai-se esgotando, e a decadencia do imperio ottomano, uma vez principiada, se precipita ; a luta religiosa das igrejas, inaugurada no berço mesmo do christianismo, prosegue de seculo em seculo, e termina em derrotas successivas para a igreja latina, em progressos crescentes para a igreja grega ; a influencia politica occidental se retira, ou pelo esquecimento das tradições ou por causa das commoções do continente. Ao passo que estes factos se desenvolvem, sobrevem a Russia, abrindo caminho para o Mar-negro e para o Bosphoro por meio da guerra e dos tratados ; da diplomacia ou da força, pretendendo resumir em si a preponderancia religiosa e a preponderancia politica, ambas igualmente ameaçadoras para a Europa.

Quando em 1846 o imperador Nicolau veiu á Roma, os escriptores russos annunciarão esse facto como uma lei providencial, que marcava a volta do *imperador orthodoxo* ao berço dos apóstolos depois de muitos seculos de ausencia, e por consequencia a futura absorpção da igreja latina pela igreja grega. Este facto não he tão indifferente como se suppõe, porque he a ultima expressão dessa marcha ascendente de que fallamos, e he por isto que a questão dos Santos Lugares, por obscura que seja, torna-se hoje de primeira magnitude para a Europa occidental.

Se se tratasse sómente de alguns sanctuarios e de alguns pobres religiosos, disputando os lugares em que se cumprirão os mysterios do christianismo nascente, ha muitos espiritos fortes em politica, que lhe não darião senão uma importancia mediocre ; mas a questão não he tão mesquinha como parece, e debaixo de uma fórma religiosa, se apresenta como nunca ninguem a imaginára, nem era possivel conceber-se sem os grandes acontecimentos, que revelarão ao mundo civilisado um perigo imminente, e do qual devia prevenir-se em tempo.

A historia por tanto dos Santos Lugares, pelo modo porque a escreve Mr. Famin, he um drama completo e curioso, no qual se encontrão todos os elementos do que veiu a ser a questão do oriente. Com effeito, os latinos e os gregos disputão entre si durante seculos a posse e a

guarda dos chamados Lugares Santos de Jerusalém : os primeiros sustentão a luta o mais que podem, tendo por si a incontestavel prioridade de posse, e o direito confirmado por actos numerosos ; os segundos a sustentão com obstinação, com astucia, e muitas vezes com a violencia ; cada sanctuario torna-se deste modo um campo de batalha. Entre os contendores está o poder turco, o qual estabelece o mais estranho systema de equilibrio, concedendo ou retirando successivamente privilegios, sempre pagos á custa de dinheiro.

Da necessidade de garantir o direito dos latinos he que nasceu o protectorado religioso da França, formalmente reconhecido pelos Sultões, e definitivamente consagrado na ultima capitulação de 1740. Em quanto a influencia da França se fez sentir, os latinos poderão lutar com alguma vantagem ; a intervenção dos agentes diplomaticos francezes chegava sempre a tempo para os restabelecer em seus direitos. A' medida porém que a influencia da França se tornou inefficaz, perderão elles terreno sem podel-o ganhar outra vez ; de modo que, de derrota em derrota, acharão-se successivamente desaposados da maior parte dos Sanctuarios, sobre os quaes tinham incontestavel direito.

Quando esta questão se suscitou ultimamente, o que pretendia a França ? Ella nem ao menos exigia a completa execução das estipulações do ultimo seculo, as quaes fixavão o numero dos Sanctuarios entregues aos catholicos ; suas reclamações, recebidas além disto em parte, erão infinitamente mais moderadas que qualquer outra pretensão deste genero. Mas então a igreja grega, herdeira das perdas da igreja latina, tinha tido tempo de firmar a sua ascendencia, e por detraz della apparecia a Russia, cujo protectorado, a pretexto de proteger a religião grega, a nada menos tendia do que a substituir-se na soberania do Sultão. Assim he que, debaixo de uma fórma religiosa, esta questão dos Santos Lugarés não he senão uma imagem da questão, que acaba de agitar a Europa.

A principio a Inglaterra tratára de leve as reclamações da França a respeito dos Sanctuarios de Jerusalém ; porém achou-se depois diante da questão do oriente em

toda sua tremenda gravidade. [2] Ella não tinha ainda apercebido que o protectorado francez nada tinha de exclusivamente peculiar á França, e que pelo contrário apenas fazia representar no oriente a influencia occidental em sua expressão tradicional a mais elevada. Eis-aqui como os Inglezes se acharão repentinamente envolvidos nesta luta, á que não tinham dado nenhuma importancia politica em seu começo [3].

O que ha de mais singular he que, de todas as nações que os acontecimentos tem levado a estender sua acção protectora sobre os christãos do oriente, a ultima que chegou he justamente aquella que procura levar a intervenção deste direito de protecção ao mais extenso limite ; e com que fim? Devemos entretanto confessar que, em summa, não ha mais aqui consideração alguma religiosa, mas tão sómente uma consideração politica : he o desenvolvimento mesmo da Russia, que segue seu curso e marcha para o mesmo fim por caminhos diversos desde um seculo ; e he este o outro ponto de vista da questão oriental, como dissemos no principio deste artigo.

Do que já não he permittido duvidar he, que a religião he para a Russia uma grande alavança politica, um poderoso instrumento de grandeza nacional. Constantinopla he a metropole da fé grega, Santa Sophia espera a volta do imperador orthodoxo, assim seja ; mas Constantinopla tem as chaves do Mediterrâneo e do Mar-negro. Os christãos gregos orientaes precisão de uma protecção efficaz ; mas estes christãos são em numero de mais de dez milhões derramados pelas mais fertéis provincias de um imperio, que a Russia está occupada em desmembrar e abalar periodicamente, senão para o substituir de modo definitivo, ao menos para sujeital-o á sua influencia.

Vejamos como a França exercia antigamente a sua influencia sobre o oriente. Veneza tinha cedido aos reis da França seu direito de protecção sobre os christãos daquella parte da Turquia ; este direito foi exercido em quanto a França esteve cercada de prestigio soberano naquelles lugares. Ao abrigo do seu pavilhão he que os navios da maior parte das nações europeas se arriscavão nos mares do Levante, e a influencia da França era tanto maior quanto ella era desinteressada. Os peregrinos como

os mercadores acharão nella um apoio, uma especie de protectorado universal'he era concedido. Ainda hoje, por um resto dessas tradições antigas, a religião christãa não tem deixado de ser aos olhos dos mussulmanos a religião dos *Francos*, como para provar a parte que teve a França, cujo nome ficou sendo alli o symbolo da civilisação.

O ascendente da França, como diziamos, nada tinha de exclusivo: era a excepção mais elevada da influencia occidental, cobrindo com seu manto a religião e o commercio de todas as nações. Como cessou esta influencia? Eis-ahi o que explica perfeitamente o livro de Mr. Famin. Foi a obra de reinados corrompidos durante o seculo XVIII, e das revoluções que sobrevierão. No reinado de Luiz XVI he que a politica franceza no Oriente começa a declinar; e durante a revolução, com quanto se tivesse ainda a phantasia de proteger os christãos da Terra Santa, que autoridade podião ter para defender um interesse religioso aquelles mesmos que abolirão o proprio Deus?

Depois, com melhores governos, vierão as rivalidades nacionaes disfarçadas debaixo das dissensões religiosas, as lutas de preponderancia politica, e muitas vezes as emulações pueris. As dissensões internas tambem absorvêrão ou desviárão a attenção, e no fim dessa carreira de commoções e de antagonismos estereis, quando a força das cousas veiu estabelecer essa tremenda questão do Oriente, viu-se que a Europa estava dividida e enfraquecida, ao passo que a Russia se engrandecia e marchava directamente ao seu fim [4].

[4] *Mr. Cesar Famin* — Historia da rivalidade do protectorado das igrejas christãas do Oriente.

[2] Para provarmos a gravidade da questão do Oriente basta transcrever na sua integra a proclamação com que a Rainha de Inglaterra, aos 28 de Março de 1854, annunciou a declaração de guerra á Russia; ei-la:

« He com profundo pezar que S. M. annuncia a improficuidade dos seus diligentes e aturados esforços para conservar ao seu povo e á Europa os beneficios da paz. »

« O Imperador da Russia persistiu na sua não provocada aggressão contra a Sublime Porta com tal desprezo das consequencias, que, depois da rejeição que fez das condições que o Imperador d'Austria, o Imperador dos Francezes e o Rei da Prussia, bem como S. M., consideravão como justas e equitativas, S. M. he constrangida pelo sentimento do que deve á honra da sua corôa, aos interesses do seu povo, e á *independencia dos estados da Europa*, a vir defender um alliado, cujo territorio está invadido, e cuja dignidade e independencia estão atacadas. »

« Afim de justificar a linha de condueta, que está a ponto de seguir, S. M. se refere ás transacções em que se tem achado envolto. »

« O Imperador da Russia tinha certos motivos de queixa contra o Sultão, por occasião da solução dada com sancção de Sua Alteza ás pretensões contradictorias entre as igrejas grega e latina sobre uma parte dos Lugares Santos de Jerusalem e das suas vizinhanças. O Imperador da Russia, tendo reclamado nesse ponto, justiça lhe foi feita; e o embaixador de S. M. em Constantinopla teve a satisfação de contribuir para um arranjo, que não suscitou objecção alguma da parte do governo russo. »

« Mas em quanto o gabinete imperial dava ao governo de S. M. a segurança reiterada de que a missão do principe Menschikoff em Constantinopla tinha por fim exclusivo a solução da questão dos Lugares Santos de Jerusalem, o proprio principe Menschikoff urgia com a Porta para que accedesse a outros pedidos de caracter muito mais serio e importante, e cuja natureza a principio procurou encobrir com todo o possivel empenho ao embaixador de S. M. »

« Os pedidos, assim cuidadosamente disfarçados, affectavão, não só os privilegios da igreja grega em Jerusalem, mas ainda a posição de muitos milhões de subditos ottomanos em suas relações com o Sultão, seu soberano. Esses pedidos foram por deliberação espontanea da Sublime Porta rejeitados. »

« S. M. tinha recebido a dupla segurança, de uma parte, que a missão do principe Menschikoff só dizia respeito aos Santos Lugares; de outra, que essa missão tinha um caracter pacifico. Em ambos os pontos fora illudida a justa confiança de S. M. »

« Os pedidos apresentados tinham por fim, na opinião do Sultão, substituir a autoridade do Imperador da Russia á sua sobre uma grande parte de seus subditos, e foram elles apoiados pela ameaça. Sabendo que depois de ter annuciado a conclusão da sua missão, o principe Menschikoff havia declarado que a rejeição dos seus pedidos imporia ao governo imperial a necessidade de buscar uma garantia no seu proprio poder, S. M. julgou conveniente determinar que sua esquadra deixasse Malta e

fosse, junta com a de S. M. o Imperador dos Francezes, estacionar nas proximidades dos Dardanellos. »

« Em quanto a negociação conservou um character amigo, absteve-se S. M. de toda demonstração armada. Mas quando grandes forças militares se forão reunindo na fronteira da Turquia, e o embaixador da Russia dava a entender que serios resultados seguir-se-hião da recusa da Porta em acceder á injustificaveis pedidos, S. M. julgou dever, de accordo com o Imperador dos Francezes, dar prova incontestavel da sua resolução de sustentar os direitos soberanos do Sultão. »

« O governo russo affirmou, que a resolução do Imperador de occupar os principados fóra tomada em consequencia do movimento das esquadras da Inglaterra e da França; mas a ameaça de invadir o territorio turco estava inscripta na nota do Conde de Nesselrode a Reschid-Pachá, datada de 19 (31) de maio, e repetida na nota do barão Brunnow de 20 de maio (1 de Junho), em que annunciava que o Imperador estava resolvido a mandar que suas tropas entrassem nos principados, se a Porta dentro de oito dias não attendesse aos pedidos da Russia. »

« O officio mandado ao embaixador de S. M. em Constantinopla para autorisal-o, em certos casos indicados, a chamar a esquadra britanica, tem data de 31 de maio; e a ordem mandada directamente da Inglaterra ao almirante de S. M. para que fosse logo para as vizinhanças dos Dardanellos he de 2 de junho. A determinação de occupar os principados foi pois tomada antes de serem dadas as ordens para fazer avançar as esquadras combinadas. »

« O ministro do Sultão foi informado que, a menos que dentro de oito dias assignasse, e sem alterar uma palavra, a nota proposta á Porta pelo príncipe Menschikoff na vespera de sua retirada de Constantinopla, serião por tropas russas occupados os principados da Moldavia e da Valachia. O Sultão não podia acceder a tão insultuoso pedido. Todavia, tendo-se verificado a occupação, não usou elle, como podel-o-hia ter feito; do seu incontestavel direito de declarar a guerra, e sómente dirigiu um protesto aos seus alliados. »

« De accordo com os soberanos da Austria, da França e da Prussia, S. M. fez diversas tentativas para determinar o Imperador da Russia a ceder a qualquer justo pedido sem comprometter a dignidade e a independencia do Sultão. Se a Russia teve só por fim obter em favor dos subditos christãos da Porta a garantia dos privilegios e das immunidades de que gozão, têl-a-hia achado nos offerecimentos feitos pelo Sultão; mas essa garantia foi rejeitada porque não era proposta na fórma de uma estipulação especial, e concluida separadamente com a Russia. »

« Por duas vezes foi apresentado pelo Sultão, e recomendado pelas quatro potencias esse offerecimento; a primeira vez em uma nota originalmente redigida em Vienna, e ulteriormente modificada pela Porta; a segunda vez em um projecto formulando certas bases de arranjo, assentadas em Constantinopla aos 31 de Dezembro passado, e approvadas em Vienna em 13 de Janeiro, como offerecendo ás duas partes os meios de chegarem a um accordo, de modo igualmente honroso e digno de ambas. »

« He pois manifesto que o governo russo procurava, não a felicidade das communhões christãs na Turquia, porém o direito de intervir nas relações ordinarias dos subditos ottomanos com o seu soberano. O Sultão não quiz submeter-se a semelhante pedido, e em sua propria defesa declarou guerra á Russia. Todavia, de accordo com seus alliados, S. M. não cessou os seus esforços para restabelecer a paz entre as partes adversas. »

« Chegou entretanto o momento em que o parecer e as admoestações das quatro potencias, tendo sido completamente baldadas, e dando a Russia cada dia mais extensão aos seus preparativos militares, tornou-se por demais evidente, que o Imperador da Russia tem adoptado uma politica que, a não encontrar obstaculos, tem por fim a destruição do imperio ottomano. »

« Em taes circumstancias S. M. sente-se chamada pelas attenções devidas a um imperio, cuja integridade e independencia são essenciaes á paz da Europa, pelas sympathias do seu povo em favor do direito e contra a injustiça, e pelo desejo de desviar de suas possessões as mais nocivas consequencias, *assim como de salvar a Europa da preponderancia de uma potencia, que tem violado a fé dos tratados, e que desaffia a opinião do mundo civilisado*, a tomar as armas de accordo com o Imperador dos Francezes para defender o Sultão. S. M. está convencida de que, assim procedendo, terá o apoio cordial do seu povo, e que um falso zelo pela religião será debalde invocado para cobrir uma aggressão emprehendida com violação dos santos preceitos e do espirito bemfazejo e puro do christianismo. »

« S. M. espera humildemente que os seus esforços serão coroados pelo prospero successo, e que, por benção da Providencia, a paz poderá ser restabelecida sobre fundamentos juntamente seguros e solidos. »

« Westminster, em 28 de Março de 1854.

(*Jornal do Commercio*, 4 de Junho de 1854.)

[3] Para provarmos igualmente que, no principio da questão do Oriente, a Inglaterra não entrevira nem concebêra a parte politica, que depois se revelou, bastão as seguintes palavras de Lord John Russell, dirigidas a Lord Cowley embaixador de Inglaterra em Paris, no seu officio de 28 de Janeiro de 1853 :

« Sentiríamos profundamente uma disputa donde poderia originar-se um conflicto entre duas grandes potencias européas ; mas quando pensamos, que essa contestação tem por motivo privilegios exclusivos dos lugares, em que o Homem-Deus veio annunciar a paz aos homens de boa vontade ; quando vemos igrejas rivaes combater pelo dominio no lugar mesmo em que o Christo morreu pela humanidade, não pôde deixar de magoarnos um semelhante espectáculo. » (A. de Andrada — a Russia, a Turquia, &c.)

[4] *Chronica da Quinzena.* — D. de Pern. 8 de Outubro de 1853.



LX

AINDA O PROTECTORADO CRISTÃO DO ORIENTE.

A Russia, desde o começo da sua contenda com a Turquia, se tem sempre esforçado, e ainda se esforça em dar um caracter exclusivamente religioso á questão. O Czar se apresenta como defensor e como o *chefe* da igreja grega no Oriente. Pretende proteger as prerogativas e as immunidades da fé orthodoxa no presente, e mantel-as para o futuro. Já dissemos o que se devia pensar de semelhante doutrina, a qual autorisaria, sob pretexto de religião, a intervenção de um governo estrangeiro na administração interna de outro estado, e á que monstruosas consequencias politicas ella podia dar origem. Felizmente he esta uma questão, que ha muito tempo se acha resolvida pela razão, pela legislação internacional, e pela voz unanime de toda a Europa.

Mas, collocando-a mesmò no terreno em que a Russia persiste obstinadamente em collocal-a, não he certo dizer-se, como affirma o manifesto do imperador Nicolau, que os Czares são, por assim dizer, a cabeça e o braço da igreja grega, e que a elles sós pertence proteger e defendel-a. Ja a decidida resistencia, que o clero

grego tem opposto ás pretensões da Russia, os seus protestos não equívocos de adhesão e obediencia dedicada ao Sultão, a sympathia que abertamente tributa ao imperio ottomano injustamente atacado, e as manifestações sollemnes que têm tido lugar entre as populações gregas da Turquia [1], provão que aquelle clero e aquelle povo nunca considerarão o imperio da Russia como superior na hierarchia religiosa, nem como o protector da sua fé. O que he certo he que a fé orthodoxa russa, de que os Czares são os chefes espirituaes e temporaes, he nada menos que um scisma no seio da igreja grega.

Confessamos com pezar que os christãos do oriente nutrem certamente uma desconfiança viva e secular dos christãos do occidente. Se a igreja grega não tem feito nenhuma conquista pela predica e pelo proselitismo, depois que se separou da igreja latina, he certa ao menos a sua força na defensiva; ella não tem perdido uma pollegada de terreno nos combates, que as missões catholicas lhe tem dado algumas vezes com talento e sempre com coragem. Ella tem opposto aos seus ataques uma firmeza inhabalavel, um systema de inercia e de immobildade contra o qual a sciencia e a autoridade da igreja latina tem vindo até hoje quebrar-se inutilmente.

Desta luta tem resultado algumas vezes que os gregos se apoiem sobre a igreja russa, como inimiga ainda mais acerrima da igreja latina, para resistir melhor contra os projectos de conquista, que se attribuem gratuitamente ao catholicismo. Mas desse simples factio pode alguem deduzir, que as igrejas da Turquia entretenhão para com a igreja russa essas disposições de confiança e de dedicação que se lhe tem attribuido? Não por certo: a forma synodal da autoridade ecclesiastica da Russia, a submissão absoluta dessa autoridade ao poder secular, nada tem que seja capaz de seduzir os patriarchas do oriente; e muito menos porque suas doutrinas sobre pontos importantes, como o baptismo, não estão em perfeita conformidade com as do synodo de S. Pettersburgo.

Ha em summa causas de desharmonia mais poderosas do que essas dissidencias: são os sentimentos de independencia communs á todas as igrejas gregas do im-

perio ottomano, e que, longe de as levar a procurar em uma fusão com a igreja russa a unidade, que lhes falta, as levão pelo contrario a subdividirem-se cada vez mais, e a tomarem cada dia essa fórma de igrejas nacionaes, que he o seu caracter essencial; movimento que, além d'isto, corresponde ao que cada uma das raças christãs daquelles paizes faz sobre si mesmo. Em religião como em politica os gregos da Turquia se achão tão separados dos russos como dos latinos. Aqui o interesse he commum como o perigo; hoje para as populações christãs da Turquia o facto essencial é a conservação do individualismo nacional, que ellas tem conservado sob a dominação ottomana, e que perderião sem duvida debaixo de uma invasão russa.

E porém se devemos sentir, que esse movimento religioso, dirigido pelo espirito de nacionalidade, continue a ser desfavoravel á igreja romana, pelo menos he de erer, que elle não aproveitará á Russia, cuja acção ameaça a Europa oriental com uma unidade muito mais terrivel, do que seria a unidade latina, ainda mesmo na hypothese de um triumpho em que ella está longe de pensar. O papado não tem pretendido jámais naquelles paizes senão uma supremacia religiosa. Deve-se ainda attender que, apreciando com equidade a dedicação dos orientaes pelas fórmas externas do seu culto, e pela disciplina ecclesiastica de suas igrejas, a Santa Sé professa á essas antigas tradições um tal respeito, que limita a unidade, que ella reclama, sómente aos dogmas fundamentais.

A unidade, que a Russia pretende, tem um caracter diverso, e quando o governo russo, por occasião da encyclica de Pio IX (no acto da sua elevação ao solio pontificio), ou da questão dos Santos Lugares, veiu fallar aos orientaes de seu zelo pela sua causa, elles tinhão o direito de responder-lhe, que o perigo para as suas igrejas está muito mais em S. Pettersburgo do que em Roma. O trabalho de idéas, emprehendido depois de alguns annos por cada um destes povos para conservarem e firmarem sua individualidade politica, religiosa e litteraria, parece ter sido inspirado pelo aspecto mesmo desse perigo. Propondo-se nacionalisar cada vez mais suas igre-

jas, as populações da Europa oriental parecem querer collocar-se melhor em estado de defender sua autonomia politica, e ellas não ignorão qual he o verdadeiro inimigo dos destinos, que ellas meditão. A politica actual da Russia no oriente não he feita além disto para animal-as.

Quando se estuda a igreja do oriente em sua historia, ou em sua condição actual, vê-se apparecer sempre a necessidade de *nacionalidade*. No momento da grande scisão, que separou Constantinopla de Roma, era o genio descentralizador que lutava contra o genio da unidade, transmittida pela Roma pagã á Roma catholica. Hoje esse pensamento de descentralisação se tem generalisado ; não ha na Europa nem na America nenhum povo, por pequeno que seja, que não reclame o seu beneficio. Cada um pretende depender sómente de suas tradições, dando para limites, em politica como em religião, as do seu idioma, o qual he para todos o verdadeiro depositario da vida nacional, a arca santa onde estão encerradas as taboas da lei.

Ha hoje, particularmente no reino da Grecia, um grandissimo numero de espiritos, que, não fazendo uma idéa exacta das disposições dos Slavos e dos Moldo-valachios, estão persuadidos de que, no caso de uma dissolução da Turquia, os Hellenos serião chamados para reconstituir o imperio de Byzancio, e succeder na supremacia dos Turcos sobre as outras populações christãs daquelles paizes. Estes espiritos não estão longe de crer que he um direito, que elles tem, de uma sorte de superioridade de civilisação e de sangue. Deste modo tambem se exprimião os Hungaros antes da terrivel revolução, que veiu dar uma tão severa lição ao seu orgulho. Este pensamento de supremacia seria para os Gregos a mais perigosa das illusões ; ellas se quebrarião, como a dos Hungaros, contra a idéa de igualdade das raças entre si, tão caras ás imaginações entre os Slavos e Moldo-valachios [2]. Tal he a situação e o verdadeiro estado de todos os povos christãos do oriente.

O que hoje se pôde desejar, não he sem duvida que a Europa se lance em alguma luta arriscada para tentar refazer ou reconstruir no oriente um todo de cousas e de

influencias, que não existem mais ; ella tem um fim mais simples e mais immediato a propôr-se, trabalhando para proteger a páz, como ella está fazendo ; têm além disto de prever para o futuro as questões inevitaveis, de esforçar-se em prevenir as catastrophes, de procurar em seu passado, em sua mesma historia, em todas as causas que trouxerão a situação actual, os meios de conservar sem fraqueza esse interesse superior, que não pertence a nenhum paiz em particular, mas sim o que se póde chamar interesse europeu, tanto da Inglaterra como da França, da Russia como da Austria e do resto do occidente. He isto tudo quanto se póde razoavelmente deduzir da historia do oriente e de suas crises contemporaneas.

A existencia pois do imperio ottomano he uma necessidade suprema para a Europa e para o mundo civilisado, em quanto não chega o momento de um progresso moral reconhecido, e do desenvolvimento intellectual das raças christãs na Turquia ; progresso e desenvolvimento sancionados pelo apoio de todos os povos do occidente debaixo da protecção do mesmo governo da Porta. Este estado irá preparando gradualmente o paiz para o tempo em que a fé de Christo e a civilisação da Europa reconquistem outra vez a sua ascendencia na capital do antigo imperio do oriente. A possibilidade de uma revolução pacifica desta natureza revela uma das mudanças mais extraordinarias, que este seculo tenha de presenciar, assim como a lei providencial, que rege os destinos humanos [3].

[4] *Mensagem dos patriarchas metropolitanos, bispos e chefes das corporações gregas.*

« Os patriarchas gregos de Constantinopla e de Jerusalém, os metropolitanos e os bispos de primeira ordem, os notaveis da nação, e os chefes das corporações, subditos da Sublime Porta, levão a presente supplica aos pés do throno sublime cheio de justiça, que Deus conserve até o fim do mundo. »

« A nossa humilde nação, que se glorifica da sua fidelidade e submissão ao governo imperial de S. M. o Sultão, nosso bemfazejo senhor, tendo convocado um conselho geral no nosso patriarchado, por occasião da leitura (na presença de vossos

servos os metropolitanos, os notáveis da nação, e os chefes das diversas corporações, que se achão em Constantinopla) do Grman imperial, revestido do hattî-scherif de S. M. nosso augusto soberano, e emanado ultimamente em nome do nosso patriarcha, vosso servo, com o fim de confirmar as condições particulares, privilegios espirituaes, e concessões outorgadas pelos grandes Sultões e imperadores de gloriosa memoria, e que S. M. I. nosso augusto amo e bemfeitor se serviu manter desde que começou a fazer brilhar a sua justiça do alto do magestoso throno do sultanado, de evitar os abusos que poderião ter tido lugar em consequencia de pouca attenção ; de conservar para sempre intactos, e dê executar inteira e exactamente as immunidades e os direitos particulares das igrejas, mosteiros, terras, propriedades, e outros lugares e sanctuarios que delles dependem ; e emfim os privilegios e immunidades contidas nos *berats* relativos ás antigas concessões, e dadas ao patriarcha actual, aos metropolitanos, e arcebispos ; os abaixo assignados, subditos fieis, experimentarão por isso o maior jubilo ; e um eterno reconhecimento. Não cabe no possivel exprimir por actos ou por palavras os agradecimentos devidos por uma só das bondades, privilegios e concessões outorgadas á nossa humilde nação de uma maneira propria a excitar o ciume das outras nações, e a fazer a gloria da nossa, segundo a misericordia ordinaria de S. M. I. o muito augusto e muito poderoso Sultão, misericordioso para com todos, louvado por suas acções, bemfeitor do mundo, nosso bemfeitor particular, ornamento da corôa dos Sultões, e fazendo a admiração dos soberanos do tempo e da terra pelas suas bondades, e pelas suas perfeições. »

« Todos conhecem, que a segurança e a tranquillidade de todos os subditos são perfectas ; graças á protecção cheia de justiça do governo imperial, a quem he confiado, como um penhor divino, o bem-estar e o contentamento de todos os habitantes dos estados imperiaes. Assim, a nossa nação considera como o primeiro dos seus deveres de religião e de ley de ficar, de todo o seu coração e de toda a sua alma, para sempre constante na sua sujeição e submissão ao governo imperial, e de derramar até a ultima gota do seu sangue pela augusta pessoa de S. M. I. ; rogando fervorosamente a Deus Todo Poderoso, noite e dia, com seus filhos e suas familias, com a cabeça descoberta, e derramando lagrimas, para que conserve a augusta pessoa de S. M., nosso magnanimo soberano, sobre o throno do sultanado de eterna duração, em boa saude e por longos annos, e que conserve os ministros do governo imperial, que são os intermedios de tantas bondades imperiaes, na honra e gloria, debaixo da graciosa benevolencia de S. M. I. »

« Pedimos a V. A. de dignar-se tomar conhecimento da

presente supplica, e de levar ao pé do throno do muito augusto Sultão, sombra divina, o nosso perfeito reconhecimento, a nossa alegria, e os nossos sinceros agradecimentos. » (*Alvares de Andrada* — A Russia, a Turquia, e a Historia &c.)

[2] Artigo já citado da Revista dos dous mundos.

[3] A Europa deve estar arrependida do seu ensaio, constituindo o reino da Grecia em 1830, e separando-o da Turquia. Em 25 annos de independencia esse povo não tem dado um só passo nas vias do progresso, nem moral nem material; o roubo em terra e a pirataria no mar formão um dos traços mais característicos de sua phisionomia; he mister que a Europa mantenha uma esquadra no archipelago para evitar o ataque frequente contra o seu commercio. A guerra civil ou a anarquia tem assinalado a vida politica como a vida moral dessa horda de bandidos, que se arrogão o falso titulo de Hellenos, e pretendem reconstruir o imperio byzantino! que escarneo! Se isto acontece com menos de um milhão de habitantes, que tem hoje o reino da Grecia, o que não succederia com tres ou quatro milhões espalhados por toda a Turquia europea, em luta com os Slavs, cuja supremacia pretendem supplantar? O anniquilamento hoje do imperio ottomano, sem preparar essas populações christãs para uma nova ordem de cousas, importaria o mesmo que atiral-as de corpo e alma na voragem da guerra civil ou da anarquia, retardando por espaço indefinito sua civilização e seu progresso — Esperemos.



LXI

A TURQUIA.

Quando pensamos no que fôra a Turquia, ha dous seculos, e no que he hoje, no seu rapido progresso e na sua ainda mais rapida decadencia, lembra-nos o que disse um escriptor moderno : « Se considerardes sobre o imperio ottomano, seus começos, progressos e triumphos não interrompidos, nada achareis no mundo mais admiravel e extraordinario ; se sobre a sua grandeza e lustre, nada mais esplendido e glorioso ; se sobre o seu poder e força, nada mais formidavel e perigoso ; elle nada admira senão sua propria belleza, e embriagado no delicioso nectar da perpetua felicidade, olha com desprezo para o resto do mundo ». Com effeito, os Turcos passavão ainda a meiado do seculo XVII por uma raça dotada de força e providencia sobrenaturaes, e que reunia a malignidade do demonio á profunda astucia e ao poder irresistivel.

Se compararmos a temível Porta ottomana de ha duzentos annos com a Turquia do presente seculo, vemos-as em tão grande contraste como o que houve entre o imperio de Trajano e o dos Paleologos. As conquistas

externas, e as rebeliões intestinas tem corroido profundamente o coração dessa monarchia, cujo nome fez outr'ora tremer a Europa. A Criméa, a Ukrania, a Hungria e a Grecia escaparão-lhe das mãos; a Moldavia, a Valachia e a Servia são virtualmente proconsulados da Russia; e até naquellas proprias provincias, que nominalmente governão, não podem os Turcos edificar nem possuir terras. Ha tempos que o Pachá do Egypto arrancou das fracas mãos do Sultão a Arabia e a Syria; e a não ser a intervenção das potencias christãs do Occidente, teria indubitavelmente destruido o throno de seu soberano.

Mas a mesma perda do territorio he ainda assim materia de importancia secundaria, porque com razão se tem dito, que a obediencia reluctante de provincias afastadas mais augmenta os inimigos do que os subditos dos estados, e que os imperios, que se ramificão por demasiada extensão, mais florecem quando recebem uma poda temporaria. A fraqueza da moderna Turquia he interior e organica. Ao passo que mostra ainda uns exteriores de dominio e magestade, seu corpo immenso acha-se de todo quasi privado de vida, em uma triste prostração de forças. De quando pois começa a época de sua gradual decadencia? A marinha ottomana, que fôra por tanto tempo o terror da Europa meridional, soffreu nas agoas de Lepanto um golpe, de que nunca mais se levantou [1]; e a gloria militar da Porta morreu desde esse dia, de triumpho para a christandade, em que Sobieski com 70 mil Polacos e Allemães destroçou completamente 150 mil infieis sob os muros de Vienna [2].

Ao passo que os ambiciosos vassallos do Sultão aspirão frequentemente á independencia, tribus ferozes de Bosnianos, Albanезes e Kurdos apoderão-se de seus tributos e conscriptos, repellem das montanhas, onde se encastellão, as forças do governo, e armados invadem as planicies cultivadas. Uma especie de guerra civil chronica attea-se de quando em quando nas cordilheiras do Libano e do Pindo; ao mesmo tempo que a chama de insurreiões declaradas envolve ordinariamente todas as provincias, (como aconteceu na Bulgaria em 1841 e 1850) e só se apaga em rios de sangue. Em uma pala-

vra, choques violentos partidos do exterior tem coincido com os rapidos progressos de sua incuravel decadencia interna. Porque novas trasformações poderá recobrar vida esse colosso moribundo?

Não he mais difficil determinar as causas da decadencia do imperio ottomano, do que as de sua rapida grandeza e progressos. Foi um grande infortunio para os Turcos o ficarem quasi de todo estacionarios desde o meiado do seculo XVII, periodo em que a paz de Westphalia trouxe repouzo, prosperidade e civilisação para o Occidente da Europa. He uma lei invariavel, tanto para as nações como para os individuos, que aquelles que não avanção necessariamente declinem assim physica como moralmente. Na presente época de geral progresso e civilisação, os Turcos continuão a ser ainda, no seu modo de tratar as mulheres, na sua vida domestica, e em todos os seus gostos e habitos, os mesmos homens do decimo-quinto seculo, ou de uma idade ainda mais triste e atrazada [3].

Tal era a decadencia da Turquia que, ainda não ha muito tempo, via-se ella privada dos fóros e privilegios de potencia européa. A nação ottomana era considerada apenas uma agglomeração de tribus selvagens e conquistadoras, acampadas em um canto da Europa, como um anachronismo vivo em frente das tendencias de progresso e civilisação do Occidente. Quem então projectasse rechaçar os Turcos para o interior da Asia, e restaurar no alto das torres de Constantinopla o symbolo da christandade, que já nella havia rutilado com tanto esplendor; o monarcha ou chefe dos guerreiros, que então conseguisse levar ao cabo essa generosa empresa, ganharia inauferiveis titulos ao bom acolhimento da opinião publica.

Antes de Mahmoud, e mesmo nos primeiros annos do reinado deste Sultão, a Turquia podia ser objecto de uma aggressão, que a fizesse desaparecer da carta da Europa, sem que o aggressor incorresse no desagrado dos povos do Occidente; porque, como já dissemos, a nacionalidade ottomana era um aggregado de hordas brutaes e fatalistas, estranhas á todas as idéas de progresso, e incapazes de prestarem ouvidos á voz da razão e da

humanidade, tendo demais a mais debaixo do seu domínio mais de 10 milhões de christãos, aos quaes opprimião com a sua intolerancia acostumada.

A alliança porém das potencias européas, que deu em resultado a batalha de Navarino, e ao depois elevou a Grecia á categoria de reino independente, foi o facto que começou a desvanecer, e como que exauriu a geral re-provação, com que até então se estigmatizava o governo turco e os seus bachás. Mas este facto seria mais justificavel, se se houvesse realisado dez annos antes; porque desde 1828 o Sultão Mahmoud havia começado na Turquia essa carreira de reformas, que com tão notavel fervor e perseverança tem continuado a ser trilhada pelo seu successor. He para admirar o vigoroso impulso dado por Mahmoud [4] á adopção do progresso humanitario, e ás immensas reformas, que elle pôde realisar na Turquia nos ultimos annos do seu reinado.

Em 1839 o Sultão Mahmoud achou-se de certo modo na situação de Carlos Magno, e como este monarcha teve de receiar, á hora da morte, que com elle percesse a sua obra gigantesca: com a differença, porém, que Carlos Magno tinha fundado um imperio, e Mahmoud não tinha podido regenerar completamente o que havia herdado de seus avós. O monarcha reformador da Turquia, isolado sobre os destroços das forças rivaes do seu poder, depois de haver sido o Luiz XIII e o Richelieu do seu imperio, debalde tentára ser o Napoleão do Oriente. Faltou-lhe o tempo preciso para assentar em solidas bases o seu vasto plano de reformas. Quem depois de sua morte poderia fixar e coordenar os elementos de civilização, que elle deixava fluctuantes na superficie? O proprio correr do tempo parecia ter de resolver contra a Turquia os generosos esforços, por elle invidados, para reerguel-a e salva-la de imminente ruina.

Assim como os ultimos instantes da vida do Propheta forão amargurados pela discordia dos seus discipulos, que já lhe disputavão a herança, tambem Mahmoud teve de ouvir do seu leito de morte o tropear da cavallaria de Ibrahim [5], que avançava pressurosa contra a sua capital, e o écho das discussões dos oradores e estadistas da França e da Inglaterra, que da tribuna apregoavão

pro indiviso o espolio da Turquia, e convidavão os gabinetes a concorrerem á partilha. O inimigo quasi ás portas da capital, a indiferença da Europa, os perigos de uma imminente menoridade, pois que o herdeiro da corôa ottomana só tinha então 17 annos, eis as criticas circumstancias, em que a morte veio cortar em agrazo as esperanças e os arduos esforços de uma vontade efficaz e perseverante.

Entretanto a morte de Mahmoud mudou o aspecto das cousas. A Europa acolheu sob a sua egide a orphanidade da Turquia, sustou a marcha triumphante de Ibrahim; e pelos dous tratados consecutivos de 15 de Julho de 1840 e 13 de Julho de 1841 consagrou a integridade e inviolabilidade do imperio ottomano, admittiu-o no gremio das potencias christãas, e collocou-o sob a protecção do direito internacional do mundo civilisado.

O actual Sultão perseverou na senda do progresso encetada por seu pai, e rodeou-se dos que com elle haviam começado a implantar na Turquia os primeiros germes da civilisação moderna. A promulgação da nova organisação política, designada pelo nome de Hattishe-rif de Gulhané, reformou em suas bases todas as instituições sociaes deste paiz, approximando-as do systema consitucional e representativo dos povos do Occidente; e desde então o imperio ottomano faz parte da grande familia dos povos civilisados.

Assim pois a absorpção da nacionalidade ottomana, em proveito de qualquer outra potencia, affectaria hoje o equilibrio territorial da Europa, e seria infallivel origem de funestas complicações. Mas em nenhuma hypotese seria maior o perigo de uma tal eventualidade do que na de ser essa absorpção effectuada em proveito da Russia [6].

[4] Batalha naval ganhada no golpho de Lepanto por D. João de Austria, commandante das forças reunidas da Hespanha, de Veneza e do Papa, em que a esquadra ottomana foi completamente aniquilada aos 7 de Outubro de 1571. Dizem que

Selim II perdêra nessa batalha 200 galeras e 30 mil homens; nunca mais os Turcos tiveram uma armada semelhante; desde então começa a decadencia do seu poder marítimo.

[2] Em 1683 foi a famosa batalha diante dos muros de Vienna, onde João Sobieski derrotou completamente os Turcos commandados por Kara-Mustapha. Esta batalha fez esbarrar o poder dos Turcos por terra, assim, como a de Lepanto tinha feito o mesmo com o seu poder marítimo.

[3] Art. do *Morning Chronicle*— *D. de Fern.* Dezembro de 1852.

[4] O Sultão Mahmoud era filho do Sultão Abdul-Hamed e da Sultana Validé, franceza nascida na Martinica, e ainda parenta da Imperatriz Josephina, e por consequencia tambem do actual Imperador dos Francezes e da Imperatriz do Brasil viuva. A Sultana Validé chamava-se M.lle Aimée Dubuc de Rivery, e pertencia á uma familia nobre e rica daquella colonia franceza. Voltando para casa de seus pais, depois de ter feito a sua educação em Paris, foi prisioneira por um corsario argelino, que a vendeu ao Dey, e este a enviou de presente ao Sultão. Mahmoud pois foi educado por essa mulher corajosa, intelligente e instruida, que lhe deu os melhores mestres, fazendo-o estimar desde a mais tenra infancia não só os costumes como a politica das nações civilisadas. (*A. de Andrada.*— A Russia, a Turquia, &c.)

[5] Ibrahim, filho de Mehemet-Ali vice-rei do Egypto, interrompido em sua marcha conquistadora pelo concurso das grandes potencias da Europa depois da victoria de Nezib aos 25 de Junho de 1839.

[6] *Correspondencia de Paris* — *J. do Commercio*, 9 de Maio de 1854.



LXII

A GUERRA ACTUAL CHAMADA DO ORIENTE.

Está em fim registrada nos fastos historicos de 1854 essa palavra, que ressumbrava da logica irresistivel dos factos, e cujas consequencias, antes mesmo de ter ella sido proferida, já pertencião ao dominio da realidade. O grande conflicto que, havia mais de um anno, trazia a Europa suspensa e offegante, e que, a despeito de esforços conciliatorios das grandes potencias, tinha-se successivamente aggravado com tamanho detrimento dos interesses da civilisação, chegou afinal á uma phase extrema e decisiva: a *França e a Inglaterra declararão collectivamente GUERRA á Russia.*

A guerra actualmente travada entre essas tres potencias, por motivo da integridade do imperio ottomano, desperta no espirito do observador attento uma serie de questões complexas de tão curiosa quão variada apreciação. Quaes os poderosos incentivos, que grangearão a protecção anglo-franceza em favor da Turquia? Quaes as razões latentes ou manifestas dessa protecção a todo transe, que nem mesmo recúa ante o deploravel extremo de uma geral conflagração? Qual será o desfecho dessa luta obs-

tinada, quacs as consequencias que della podem resultar em relação ao futuro politico da Europa ?

Já extremâmos a questão politica da questão religiosa, servindo esta apenas de pretexto para uma guerra, que devia sorprehender á toda a Europa menos á Russia, de ha muito preparada para ella. A guerra pois não he religiosa, como convém á Russia chamal-a, más uma guerra politica e social, eminentemente humanitaria, que tende não só a implantar os elementos do progresso moderno e a moralisar as instituições da nacionalidade ottomana, como a desassombrar a Europa do receio, que lhe incute a attitude ameaçadora do imperio russo, sempre crescente pela conquista e pela absorpção.

Com effeito, se a Russia chegasse a pôr um pé nos Dardanellos e o outro no Sunda, o que seria da civilisação e da liberdade da Europa ? Porque combatem os alliados ? he acaso sómente pela Turquia ou tambem pela Europa ? Não he certamente pelo fanatismo e pelo despotismo mahometano, mas sim pela liberdade, pela tolerancia e pela civilisação da Europa ; não he pela Turquia, mas contra a Russia.

A Russia, que já possui metade da Asia e mais da metade da Europa, em breve absorveria o resto pela expansão de suas forças collossaes além de tudo quanto se póde imaginar. Inimiga acerrima dos direitos do homem, da liberdade civil e do progresso esclarecido, ella viria, como os primeiros barbaros do norte, pôr um cravo na roda do progresso, e matar a civilisação moderna, obra de quatro seculos de esforços inauditos, e de grandes e penosos sacrificios.

Quando Canning e Napoleão predisserão esse grande conflicto, que haveria mais tarde na Europa entre a liberdade e o despotismo, he porque previão que a lei do progresso tendia a oppôr seria resistencia ás invasões do barbarismo do norte. Se a Russia conservasse a sua posição dominante por mais tempo, esta supremacia seria fatal á todas as instituições e principios pelos quacs a Europa occidental tem derramado tanto sangue, e á que ella deve toda a sua gloria, a sua civilisação e a sua riqueza.

A Russia he o symbolo do absolutismo oriental, o occidente da Europa symbolisa a actividade intellectual e a

liberdade humana ; isto he, a liberdade commercial, liberdade de movimento, liberdade de pensar, liberdade de consciencia, e tudo isto está proscripto do decalogo moscovita como peccados mortâes. A Russia proclama o direito divino dos monarchas, a Europa occidental ensina a soberania do povo. O que para ella he um mal ou objecto de execração, para o occidente he objecto de culto e de veneração. Entre idéas e cousas tão oppostas não ha união nem accôrdo possivel. [1]

Se a Russia chegasse a annexar a Turquia ao seu territorio ; se o Czar, por natural consequencia da conquista de Constantinopla, conseguisse pacificar o Caucaso, e submeter todas as costas do Mar-negro ; se transformasse as tribus da Asia occidental em exercitos regulares e disciplinados, as nações occidentaes da Europa terião, mais tarde ou mais cedo, a sorte da Polonia.

Se as esquadras russas viessem a ser tão poderosas no Mediterraneo quanto já o são no Baltico, se o autocrata reinasse soberanamente em Jerusalém como na antiga Byzancio, pesando com toda a sua influencia sobre a Italia e o sul da Europa, não haveria então senão uma grande potencia no mundo. A França desceria do lugar prominente que hoje occupa na balança politica, e a Inglaterra veria o seu commercio comprometido em todos os mares : e he por isto que as duas grandes potencias expedem exercitos e esquadras para defenderem Constantinopla contra o colosso do norte, e combaterem no oriente, não tanto em pròl dos Turcos, como em favor de si proprias, e dos seus mais vitaes interesses. [2]

Se alguém ainda duvidasse, que o alvo incessante da politica moscovita he a realisação daquelle predominio universal, as communicações secretas feitas pelo imperador Nicolau ao ministro da rainha Victoria em S. Pettersburgo porião termo á toda a incredulidade. O *Monitor* declarou em seguida que a Russia, vendo-se repellida pela Inglaterra em seus tenebrosos projectos, havia aventurado analogas proposições ao governo francez, que igualmente as repellira. Assim pois a Russia, para assentar o seu dominio em Constantinopla, cedia á Austria a Bosnia e as margens do Adriatico ; promettia á Inglaterra o Egypto e a ilha de Candia ; allioiava a França com a perspectiva de

uma annexação de varias provincias prussianas pelo lado do Rheno; e fomentava a revolta da Grecia, acenando-lhe com a cessão do Epiro e da Macedonia!! A guerra, por tanto, foi uma consequencia inevitavel de todo este concurso de circumstancias.

Estava reservado ao anno de 1854 presenciar o magnifico espectáculo das duas mais importantes nações do mundo, unidas por intima e cordial alliança, empunharem as armas em defeza do fraco opprimido, e lançarem-se em todos os azares de uma luta colossal para desaggravo da justiça e do direito internacional da Europa. Nos fastos da historia moderna não haverá pagina mais brilhante do que aquella em que se tem de registrar esta união dos dous mais poderosos povos da terra, por tanto tempo rivaes, por tanto tempo inimigos, e hoje intimamente ligados em pról da defeza da soberania de um estado ameaçado pelas invasões de um visinho poderoso. E essa intima e cordial alliança revela-se constante em todos os actos das duas potencias.

Em quanto o conflicto russo-ottomano pertencia ao dominio da diplomacia, a França e a Inglaterra marchavam unanimes no emprego dos mais aturados esforços a fim de que a questão do oriente se resolvesse em sentido pacifico, e hoje que a força das circumstancias e a obstinação do Czar as obrigão a lançar mão das armas, sua acção he uniforme e homogenea, e tende toda a minorar os males desse calamitoso extremo. E não he sómente no preparo dos meios de ataque e de defeza, que a França e a Inglaterra desenvolvem a sua benefica actividade: proximas a entrarem em luta, quizerão determinar com exactidão os limites e condições da sua intervenção armada, e promoverão em Constantinopla a celebração de um tratado de alliança offensiva e defensiva entre as potencias occidentaes e a Turquia.

Nos termos deste tratado a França e a Inglaterra obrigão-se a sustentar a Turquia á força de armas até a conclusão de uma paz, que assegure a independencia do imperio ottomano e a integridade dos direitos do Sultão; e a Porta, da sua parte, compromette-se a não concluir a paz sem prévio consentimento e participação das duas potencias alliadas. A França e a Inglaterra obrigão-se ou-

tro sim, logo que se conclua a paz, a evacuar todos os pontos do imperio occupados por suas tropas.

A este tratado são annexos, como parte integrante delle, varios protocolos destinados a melhorarem para o futuro a condição dos christãos, e a garantirem a todos os subditos da Porta, sem distincção de religião, a igualdade perante a lei, a admissibilidade aos cargos publicos, o direito de possuir immoveis sem enfeudal-os como propriedade de confrarias religiosas, e a suppressão do imposto de capitação, que até agora pesava sobre os subditos do Sultão, que não professavão a religião mahometana. [3]

[1] Art. do *Economist* — Liberal de 28 de Fevereiro de 1855.

[2] Citada correspondencia do J. do Commercio — 9 de Maio de 1854.

[3] Ibid. Eis-ahi como desta guerra, entre a civilisação do occidente e a barbaria do norte, resulta grande vantagem para a emancipação dos christãos gregos do oriente. Se a Russia triumphasse, os christãos gregos não farião mais do que mudar de Senhor, e não serião mais felizes que os catholicos da Polonia, apesar das garantias da ultima concordata com a Santa Sé; de maneira nenhuma elles obterião mais nem tanta liberdade civil e politica como debaixo da protecção das nações do occidente, ainda mesmo com o imperio tureo, que não he tão turco como muita gente pensa (*Alv. de Andrada* — a Russia, a Turquia, &c.



LXIII

AINDA A GUERRA DO ORIENTE.

Uma guerra em 1854, nesta época de progresso e de idéas generosas, em que hoje vivemos, devia necessariamente apresentar principios humanitarios, modificando de certo modo o direito internacional europeu. Longe vai o tempo em que o estado de guerra suspendia, por assim dizer, o direito social; longe já vai o tempo em que as nações belligerantes se arrojavão de roldão umas sobre as outras, e em que cada cidadão de um estado tornava-se inimigo de todos os subditos do estado rival; em que os bens privados e a propria liberdade dos homens mais inoffensivos, e estranhos ás causas e operações da luta, ficavão á mercê do mais forte. O direito das gentes moderno prescreve principios mais humanos ao estado de guerra; e esses principios são a prova mais robusta da salutar influencia, que a civilização actual tem exercido em prol dos interesses sociaes da humanidade.

A França e a Inglaterra não podião renegar essas theorias de progresso na guerra, em que ora se achão empenhadas. Que brilhantes maximas, que ardor de

idéas generosas não resultão dos documentos officiaes, em que as duas grandes potencias tração a linha de conducta, que pretendem adoptar relativamente á nação inimiga e ás nações neutras! Nos termos das declarações officiaes, promulgadas nos dous paizes, os governos inglez e francez renuncião ao direito de confiscarem as mercadorias inimigas carregadas em navios neutros, com simples excepção das que são qualificadas contrabando de guerra; e compromettem-se, outro sim, a não capturar a propriedade dos neutros, achada a bordo dos navios inimigos [1]. Nada poderia contribuir tanto a augmentar as sympathias para com as potencias occidentaes, no seu combate com o autocrata do norte, como a liberalidade destas declarações, que conservava ao commercio e á propriedade particular o seu pleno direito, e muito mais por serem aquellas nações as duas primeiras potencias maritimas do mundo.

A propria Russia, tomando em consideração essas declarações magnanimas da França e da Inglaterra, fez-as suas por acto official, e as consagrou em um tratado ultimamente celebrado com os Estados-Unidos, dando assim uma prova de publica homenagem á politica esclarecida de seus proprios inimigos. [2]. Por sua parte o governo dos Estados-Unidos respondeu, no dia 28 de Abril (1854), á communicação que lhe fôra feita pelo ministro da França sobre as citadas declarações, exprimindo o voto de que as maximas adoptadas de accordo entre a França e a Inglaterra venhão a ser de futuro a norma para todas as nações civilizadas: assim como declara, que está firmemente decidido a guardar os deveres da neutralidade, advertindo que as leis do seu paiz vedão severamente a qualquer cidadão americano, bem como a qualquer pessoa residente no territorio da União, o equipamento de corsarios e o alistamento de homens para tomarem parte em guerras estrangeiras [3].

Por outra declaração, transcripta no *Monitor* e na *Gazetta de Londres*, os respectivos governos assegurarão aos subditos russos, que continuassem a residir nos seus territorios, a certeza de nelles gozarem, como anteriormente, da protecção que as leis facultão a todo o estrangeiro, com a simples condição de que elles as res-

peitem. A não concessão de cartas de marca he o mais solemne testemunho de respeito pela propriedade particular. E sem embargo nenhuma dessas declarações he tão importante como a que fez o Imperador dos Francezes, quando disse na sua mensagem ao corpo legislativo: *o tempo das conquistas passou para não voltar!!* [4]. Qual foi, com effeito, o primeiro pensamento das potencias do Occidente no momento de entrarem nesse grande conflicto? Começarão renunciando em mutuas convenções todo o pensamento de conquista pessoal e de engrandecimento territorial; só virão seu proprio interesse nos interesses geraes da Europa.

Mas as duas grandes potencias do Occidente lidão ainda na incerteza de uma eventualidade tanto mais melindrosa quanto póde ella influir consideravelmente no exito da guerra: he a attitudo que a Austria e a Prussia tem de tomar na luta que já começou. Não era possivel que, travada a guerra entre a França, a Inglaterra, e a Russia, aquellas duas grandes potencias da Allemanha permanecessem inactivas no meio de um conflicto, que tem de decidir do futuro de toda a Europa. O elemento slavo, que na Russia tende systematicamente para o dominio da Turquia, está em diametral opposição com o elemento germanico. Trata-se pois de saber qual delles suplantará o seu rival; e esta guerra deve decidir se a Russia póde, mediante uma usurpação baseada em veleidades de protectorado, adquirir um predominio perigoso, pelo qual as grandes potencias da Allemanha sejam virtualmente absorvidas.

E pois a causa, que a França e a Inglaterra hoje pleiteião, he a mesma de todas as potencias européas collocadas áquem do Niemen e do Dniester, e a guerra começada deve necessariamente attingir proporções, ante as quaes nenhuma grande potencia poderá permanecer em neutralidade passiva. Pelo que respeita á Austria, he isto incontestavel, pois que suas fronteiras confluo com o theatro da guerra, e todos os seus interesses tem de envolver-se directamente no conflicto. Quanto á Prussia, posto que afastada do campo da luta por sua posição geographica, podem entretanto os seus interes-

ses actuaes e futuros ser tambem affectados pelas phases ultteriores dessa guerra [5].

Todas estas considerações parecião induzir aquellas duas potencias a fazerem causa commum com a França e a Inglaterra ; o que não aconteceu como se esperava. Sem embargo a Austria, depois de mil tergiversações, começou por declarar que se julgava obrigada, pela lettra dos tratados e por amor dos seus mais vitaes interesses, a manter a integridade do imperio ottomano, e a não permittir a occupação permanente do territorio turco por parte da Russia ; e finalmente pelo tratado de 2 de Dezembro (1854) adheriu á politica occidental, formando uma liga com a França e a Inglaterra. Esta situação mais decisiva, que engrandeceu a guerra, apresentando a Austria, a Inglaterra e a França, promptas para unirem suas forças, collocou a Russia em uma alternativa suprema, e obrigou-a a aceitar as garantias de 8 de Agosto, taes quaes forão ultimamente interpretadas e esclarecidas em Vienna (28 de Dezembro).

Infelizmente a Prussia tem-se collocado em uma posição, que se torna cada dia mais difficil' e insustentavel. He á Prussia, signataria dos primeiros protocolos, que forão a sentença da Europa contra a politica moscovita, á quem a Russia, que ella mesma condemnára, deve a immobildade da Allemanha. Pois bem, que papel representa a Prussia nesse drama heroico, onde as scenas varião com a rapidez do raio? Sua palavra não tem mais peso ; ella não tem lugar algum nas negociações, onde a propria Turquia tem uma posição ; bate em vão na porta das conferencias, onde teria podido entrar com a autoridade de uma grande potencia. Com que titulo se apresentaria hoje nas negociações a Prussia, que até desconhece seus proprios tratados? Não acaba ella de recusar a Austria a parte do seu exercito, que lhe havia promettido? Contrariando o gabinete de Vienna em tudo quanto diz respeito a mobilização dos contingentes federaes, tem-se negado a adherir a todo e qualquer acto diplomatico recente, e poz-se por si mesma fóra do grande conselho europeu [6].

Pelo que diz respeito ás garantias de 8 de Agosto, os alliados de 2 de Dezembro tiverão sem duvida de

modificar, porém muito pouco, os termos em que o governo do Czar estabeleceu a questão. Deste modo os tratados anteriores da Russia com a Sublime Porta não existem mais para a França, Inglaterra e Austria, e esta abrogação põe fim, de facto e de direito, a todo o protectorado moscovita. Para o gabinete de Vienna, como para os de Paris e de Londres, a liberdade das fozes do Danubio deve ser garantida pela criação de um syndicato europeu, e talvez pela destruição de alguns fortes levantados pela Russia. A prepotencia russa no Mar-Negro deve acabar para as tres côrtes alliadas. He este o facto importante, que se discute nas conferencias de Vienna. Seja qual for o resultado, a adhesão pura e simples da Russia ás garantias de 8. de Agosto será tida como uma homenagem voluntaria ou involuntária prestada ao ascendente da Europa; que he o do direito e o da civilisação occidental.

Póde-se entretanto concluir que tudo está acabado, que a paz está a ponto de ser assignada? Talvez seja esta outra questão: a paz he possivel sem duvida, póde sair das negociações pendentes, e ninguem ha na Europa, que não faça votos por ella; mas ha outra consideração, que pesa ainda mais na balança da paz, e póde exercer uma influencia preponderante nas circumstancias actuaes: he que o segredo dessa paz não está sómente em Vienna, está sobre tudo na Criméa; e realmente não póde estar senão lá. Para dizer tudo, he diante de Sebastopol que se debate a questão no verdadeiro sentido, que se deve dar ao artigo que estipula a cessação da preponderancia russa no Mar-Negro. A diplomacia póde muito, os exercitos alliados podem ainda mais, e só elles podem cortar este nó terrivel, porque a guerra não póde deixar de continuar depois dos diversos incidentes, que tem assignalado esta luta, e da alliança do Piemonte com as potencias occidentaes.

Se procurarmos o sentido final de todos estes factos. he evidente que as potencias belligerantes não estão dispostas de modo algum a deixar á diplomacia o cuidado exclusivo de trabalhar em um desenlace feliz, e he por esta razão que apparece debaixo de um duplo ponto de vista a situação, que veiu crear o ultimo incidente. Por

um lado he a adhesão da Russia ás condições estipuladas em Vienna ; e esta adhesão he sem contradicção, á primeira vista, uma garantia de paz, que se tornará tanto mais importante, quanto a Russia houver sido sincera. Pelo outro he a guerra que continúa, e ninguem deixará de convir, que ella póde mallograr singularmente todas as combinações pacificas.

Em todo o caso, o que he certo daqui em diante, o que resulta de todos estes factos diplomaticos e militares, da commoção do Continente, da attitude geral da Russia e dos meios que tem sido necessarios para terminar esta crise formidavel, he que se debatem a civilisação e a liberdade do Occidente contra a barbaria e autocracia do norte, e que a Europa não póde mais retirar-se desta luta sem inscrever no tratado de paz, que se concluir, a consagração soberana do seu direito, e a prova palpavel da efficacia da sua intervenção [7].

[1] Não foi sem alguma repugnancia de parte da Inglaterra que a França póde vir a um accordo com ella, e proclamarem juntas os dous principios: 1.º o pavilhão neutro cobre a carga inimiga; 2.º a carga neutra não fica sujeita a confisco a bordo dos navios inimigos, excepto em ambos os casos o contrabando de guerra. Tambem declaró que por ora não permittirão cartas de marca ou corsarios. (*D. de Pern.* 3 de Maio de 1854.)

Sabe-se que uma das causas, que motivou a ultima guerra entre a Inglaterra e os Estados-Unidos (1812 a 1815), foi o principio adoptado pelos Estados-Unidos « a bandeira cobre a carga » e que a Inglaterra nunca admittiu, porque isto faria diminuir a sua importancia no mar, coarctando o chamado *direito de visita*, direito que ella exerceu por muitos annos contra as nações fracas com notavel escandalo. Depois de uma luta de quasi tres annos fizeram a paz de cansados (17 de Janeiro de 1815), e cada um dos dous povos irmãos ficou com as opiniões que d'antes tinha; a França acaba de pol-os de acordo.

[2] *D. de Pern.* de 6 de Junho de 1854.

[3] *D. de Pern.* de 30 de Junho de 1854.

[4] Segundo esta declaração do Imperador dos Francezes, de que d'hoje em diante toda a conquista se tornaria impossivel,

a França e a Inglaterra não consentirão na conquista da ilha de Cuba pelos Estados Unidos, como se vê do *D. de Pern.* de 30 de Junho de 1854. Dest'arte a guerra actual he verdadeiramente um progresso espantoso na ordem social.

[5] Citada Correspondencia do *J. do Commercio* de 9 de de Maio de 1854.

Cumpre advertir que o nosso papel não he o de historiador, e só nos servimos da historia para provarmos pelos factos, que ella contém, a existencia dessa lei providencial, que rege os destinos humanos. A guerra actual he sem a menor duvida um facto providencial; importa-nos muito pouco saber quem a provocou ou quem tem mais ou menos razão. Era mister nos designios da Providencia, que a civilização moderna, ou que esta civilização christãa voltasse do Occidente para o Oriente fazendo o gyro do mundo, e para isto convinha quebrar e destruir todas as barreiras, que podessem oppor-se á sua marcha: a guerra appareceu, e isto nos basta. Entretanto, para-dar maior interesse á nossa obra, revestimos esse grande facto de todas as suas circumstancias, servindo-nos do que, a respeito da guerra do Oriente, tem escripto as melhores pennas da Europa, entre ellas uma que não he suspeita, a do autor do « Novo Principe ».

[6] *Revista dos dous mundos* — *D. de Pern.* 30 de Março de 1855.

[7] *Ibid.*



LXIV

A RUSSIA, A SUA GRANDEZA, E A SUA POLITICA.

A Russia, uma das mais vastas monarchias que tem existido no mundo, comprehende quasi metade da Asia e da Europa, com uma população pouco mais ou menos de 70 milhões de habitantes ; o seu governo despotico he cimentado sobre uma organização militar, que he a regra geral da sua administração interna ; a Russia toda é por este modo sujeita á uma disciplina e á uma obediencia passiva, que nos outros paizes só nos acampamentos se encontra. He só por este meio energico, que se torna possível conter na ordem populações, que este vasto imperio encerra, de costumes, linguagem, seitas e origens tão diversas. O Filandez do Baltico, o Polaco do Vistula, o Cossaco do Don, o Kalmuco do Aral, só pela força podião manter-se debaixo de uma dominação commum ; qualquer outro systema abriria campo livre ás tendencias nacionaes dos primeiros, que pertencem á civilização europea, e aos instinctos barbaros dos segundos.

De certo a politica russa não tem tido grande difficuldade para impedir, nas populações que ella dirige, um impulso intellectual muito temivel para a sua autoridade.

As raças, de que se compõe o imperio, são naturalmente mais rebeldes do que dispostas á influencia da civilisação, pois são sabidas as difficuldades e perigos que Pedro o Grande encontrou na obra da regeneração, que empreendeu. Um estado, que se apoia essencialmente na força, he arrastado á guerra; as conquistas, a agitação militar, são de algum modo uma condição da sua existencia. E he por isto que a Russia, desde que entrou no numero das nações europeas, não tem cessado de occupar-se do engrandecimento do seu terrorio por via das armas.

E porém, para o norte encontrava diante de si os desertos da Siberia e os gelos do oceano arctico; ao oeste a civilisação dos povos occidentaes, cujas instituições devião repellir suas cohortes; não lhe restava por tanto senão o sul e o oriente, onde um imperio enfraquecido por longos annos de decadencia por um lado, e por outro populações heroicas, mas ainda selvagens e indisciplinadas, lhe offerecião probabilidades de rapida victoria. Os Czares não hesitarão; toda a sua politica se voltou então para Constantinopla e para as regiões do Caucaso.

Não mencionaremos as phases diversas desta politica, que, ha mais de um seculo, não tem variado um só instante. Possuir Constantinopla, ter as chaves do Hellesponto, apparecer sobre o mar Mediterraneo, onde se jogarão talvez um dia os destinos do genero humano; fazer do Mar-negro um lago russo, tem sido o alvo constante das conquistas e da diplomacia da cõrte de S. Pettersburgo. Eis a razão porque o Czar tem obtido ou imposto um protectorado mais ou menos effcaz ás populações limitrophes do seu imperio; he por isso que elle tem arrancado á fraqueza ottomana tratados, que lhe concedem importantes privilegios, especialmente o tratado de *Unkiar-Skelessi* (1833), cujas perigosas consequencias devião cedo ou tarde manifestar-se. [1]

Neste rapido bosquejo do imperio russo não podemos apreciar detalhadamente os acontecimentos; bastar-nos ha caracterisar as feições salientes das situações. Ora, a guerra, e a guerra no oriente, repetimol-o ainda, tem sido uma condição necessaria da politica e do futuro da Russia. Além disto, a gloria militar he um alimento offerecido ao

amor proprio nacional ; a servidão parece menos pesada quando os ferros são cobertos de iouros.

He sobre tudo a extensão do territorio, que se deve attribuir a existencia de partidos politicos na Russia. Parece impossivel a existencia de partidos sob um regimen essencialmente autocratico, onde a vida publica se não revela ! e com tudo existe uma profunda divisão, envenenada por odios mal disfarçados, entre duas facções rivaes. Uma intitula-se o partido nacional : he a antiga posteridade da primitiva aristocracia. A outra, conhecida pelo nome generico de partido allemão, comprehende as grandes familias, encorporadas pelas conquistas ao imperio, e que são consideradas como estrangeiras, sómente naturalizadas pela victoria.

Ao inevitavel orgulho das raças vierão addicionar-se acontecimentos, que ha mais de um seculo tem tornado difficeis as relações entre estes dous partidos. A trasladação da capital do imperio para um territorio conquistado á Suecia, os laços de familia que união a casa reinante ás diversas dynastias allemãs, e que conduzirão ao throno dos Romanoffs a dynastia de Holstein Gottorp, derão ao partido allemão uma preponderancia consideravel nos negocios russos. O partido nacional porém, sustentado pelos antigos Boyardos, recebeu muita força depois das victorias alcançadas na Polonia e na Hungria.

Diz-se pois que este partido he systematicamente opposto ás conquistas (o que não parece muita verdade), porque augmentando o territorio, introduzem no imperio novas familias estrangeiras, cuja influencia poderá destruir ou enfraquecer uma autoridade, que ha meio seculo este partido recobrou, e para a conservação da qual não tem recuado diante de nenhum meio. Tambem se diz que, de ha muito, se oppõe á qualquer empreza contra Constantinopla, porque sabe que sobre as ruinas do imperio turco se elevaria um novo imperio do oriente, que suplantaria a nacionalidade russa em proveito do elemento grego.

Porém conseguirá elle estorvar o impulso irresistivel, que arrasta a Russia á conquista do oriente ? Não de certo, porque muitas causas, estranhas ás que temos indicado, excitão tambem sobre este ponto a ambição

dos Czares e os instinctos do povo. Sabe-se que a tendencia dos povos do norte, impellidos por um clima desabrido, e um solo pouco fertil, he a de marcharem para o meiodia, onde elles sonhão uma vida feliz, e um futuro cheio de delicias. O russo sonha com Constantinopla, não porque he a séde do patriarchado grego, com que não se importa, mas porque he o Eden dos povos do norte, o jardim das Hesperides com seus pomos de ouro, ou a terra de promissão, onde chove o maná como a neve nos seus *steppes*.

Além de que todos os povos do norte se recordão ainda de que forão elles os que avassalarão o occidente na idade média, subjugarão os povos antigos, e mudarão a face da Europa; e essas recordações são para elles um presentimento que os anima, que os aguilhoa, que os atrai para o caminho dos seus antepassados. Se o occidente e a Europa central se não unirem em estreita alliança, se uma barreira não fór levantada contra a superstição moscovita, contra seus instinctos de conquista, a Russia trasbordará, e novas alluviões de barbaros virião plantar seus estandartes ensanguentados sobre as torres de Vienna como de Paris, sobre toda a peninsula italica como ibérica. Não he só o oriente, como também o occidente, que tudo terião a perder, e com a liberdade a riqueza, a industria e a civilisação.

Sem embargo, não participamos de semelhante receio quanto ao occidente; não vivemos, como em tempo do imperio romano, no meio de uma civilisação abastardada e corrupta, no meio de uma degradação espantosa pelos vicios e pela escravidão; no meio de um despotismo tanto mais atroz quanto era revestido das fórmulas de uma permanente conquista, no meio de senhores e de escravos; no centro de uma agglomeração de colonias indefensas, de senhorios e de feudos, em que os povos mudavão de amos como nós hoje mudamos a roupa. O caminho, que os russos aprenderão em 1814, foi tapado por quarenta annos de um progresso espantoso, e de uma civilisação sempre crescente, e não interrompida; elles se perderião hoje, se tentassem trilhal-o de novo. Mas quanto ao oriente as cousas mudão muito de figura, e para alli he que devemos volver a nossa attenção.

A Rússia está, por assim dizer, no seu período de formação territorial e moral, e procura como toda a nação plantar os marcos naturaes, que determinem os seus limites e a ponhão ao abrigo das invasões. E demais ella tem, no seu engrandecimento para o este e para o sul, um grave interesse commercial; não porque tenha a proteger seu commercio apenas nascente, e sua industria ainda não estabelecida, mas porque lhe importa fechar, quanto fôr possível, os mercados interiores da Asia aos europeos; e para este fim a dominação completa das margens do Mar-negro, das regiões do Caucaso, e mesmo do Golfo Persico, se lhe torna absolutamente indispensavel.

Esta necessidade da Rússia se manifesta em todas as occasiões, que se apresentam, ainda as menos azadas, como ultimamente na recente questão dos Santos Lugares. Em qualquer emergencia da Europa, por pequena que seja, tratã logo de occupar os principados danubianos com uma inquieta perseverança, ainda sob os mais frivolos pretextos. Além de que, como os povos semi-barbaros, ella tem de apoiar sobre a fôrça o seu dominio, e fazer da guerra no exterior, e do absolutismo e compressão no interior, o elemento da sua potencia. Será este estado permanente? Conservar-se-ha a Rússia por muitos annos ainda debaixo dessa fôrma elementar do seu governo autocratico? Finalmente entrará a Rússia como a Turquia no gremio dos povos civilisados?

A humanidade, qualquer que seja a fôrma porque a governem, marcha incessantemente para o progresso, e o mesmo desenvolvimento das fôrças militares he um agente de civilisação. As precisões de um exercito continuamente em campo excitão a producção indigena e o trabalho industrial. Ora, a industria he a mã das descobertas da intelligencia; as marchas estrategicas, as vias ferreas, que hoje se empregão para transportar as tropas á grandes distancias rapidamente, tornão-se logo os motores dessas mil relações, que approximão os homens, confundem as nacionalidades, e elevão a um nivel commum a intelligencia dos povos. O progresso material engendra por toda a parte o progresso moral, e a civilisação marcha irresistivel levada pelos proprios obstaculos, que se lhe oppõem.

A Russia pois não escapará á lei geral da humanidade, porque a civilisação he uma força penetrante e expansiva, á qual nada resiste [2].

[1] *Pays* — *D. de Pern.* Outubro de 1852.

[2] *Ibid.*



LXV

A INGLATERRA E A FRANÇA.

Vamos esboçar o quadro politico, civil e moral das duas nações mais civilizadas da terra. Na quadra actual he impossivel separal-as, achando-se ellas, como se achão, intimamente ligadas. Alem de que ellas exercem cumulativamente uma grande influencia sobre a civilização moderna: a França he a grande productora das idéas, a Inglaterra as leva por toda a parte pela industria e pelo commercio. Ora, as idéas formão, por assim dizer, a athmosphera moral, o ambiente, o ar que respiramos; a industria e o commercio formão a torrente, que conduz essas idéas a travez do globo; assim he que as duas grandes nações estão destinadas a resolver o problema da unidade da familia humana, uma pela assimilação das idéas, a outra estreitando o laço, que une os povos pela communiidade dos grandes interesses.

A Inglaterra, porém, acaba de perder a categoria, que a opinião do mundo lhe concedia pela sua longa prosperidade, e por uma preponderancia incontestavel. Uma crise, uma grave crise, como talvez nunca soffreu, pesa sobre seus futuros destinos. Corroída por achaques in-

veterados, por defeitos occultos de instituições geralmente respeitadas, por vícios organicos, acaba de patentear-se, aos olhos da Europa admirada, com toda a hediondez de sua corrupção interna. He o proprio povo inglez, que accorda no meio de um pesadelo, que se espanta de sua mesma ruina, de sua impotencia como nação de primeira ordem, dos vícios radicaes de suas instituições carcomidas pelo tempo e pela civilisação [1].

Por toda a parte reina a agitação, assim no parlamento como nos conselhos da corôa, e transpondo a esphera ordinaria da politica, desce até as classes inferiores, excitando as paixões populares, ameaçando todas as instituições, e por consequencia a ordem social com ataques mais profundos do que as dissensões dos partidos. Sob o pretexto da reforma militar, explora-se um campo mais vasto em que, se uma união cordata, á vista do perigo commum, não der livre passo á uma alteração inevitavel, talvez appareção scenas horrorosas, provocadas por todas as ambições exaltadas, e por todos quantos nessas occasiões especulam com a fraqueza e o descredito do governo, e com a ignorancia do povo.

A situação he das mais perigosas; os espiritos irritados pelo enfraquecimento da força real do paiz lanção a culpa sobre os chefes da administração, sobre os ministros e seus agentes, até sobre toda a aristocracia, que envolvem com uma commum reprovação, pedindo-lhe conta do sangue e do thesouro de todos, e intimando-lhe de alguma sorte que deixe as redeas do governo, que as suas mãos inhabeis e negligentes deixão fluctuar com risco da gloria e da fortuna nacional.

Estas inquietações e estas animosidades comportão certa somma de exaggeração; mas ninguem póde dissimular que são graves symptomas e sérias revelações. Não apparecem semelhantes movimentos n'um grande povo sem que alguma causa profunda os suscite; e ha muito tempo na sociedade ingleza o desenvolvimento exclusivo dos interesses materiaes, o ardor incommensuravel da producção industrial, os soffrimentos crueis das clases operarias, a chaga do pauperismo, a preponderancia exclusiva da aristocracia, parecião indicar a vinda proxima e inevitavel de uma crise [2].

Mas será acaso esta crise tão grande como se diz ? será o effeito sómente do anachronismo das instituições, ou de vícios radicaes na organização social da Inglaterra ? consistirá ella no progresso mesmo da civilização, ou nos costumes que formão a lei commum daquelle povo ? Porque, quando a Inglaterra se sente fraca e entorpecida, a França se mostra forte e vigorosa a ponto de cobrir a fraqueza da sua antiga rival com a egide do seu poder colossal e de uma organização formidavel ? Em que consiste esta differença assombrosa ? Vejamos pela analyse dos factos e doutrinas como he possível explicar esta antithese profunda, que hoje reina entre a França e a Inglaterra ; antithese que se revela pelas emergencias da guerra, e pela crise social, em que se acha envolto o povo inglez.

A Inglaterra e a França passarão por duas grandes revoluções, cujas analogias notamos (art. XXXIV) ; mas, apesar dessas coincidencias, observa-se uma differença consideravel, que modifica o character de ambos estes acontecimentos, e vem a ser : que a revolução da Inglaterra fôra mais politica e religiosa do que social ; ella não mudou sensivelmente as instituições civis ; deixou pelo contrario intactas sua grande carta, suas maximas, seus velhos costumes, e suas tradições, pelo menos no que diz respeito ao direito civil [3]. A revolução franceza agitou mais profundamente a sociedade, creando a igualdade civil como a igualdade politica [4]. A unidade, que presidiu á todas essas grandes reformas, produziu necessariamente uma legislação uniforme.

O edificio das leis inglezas não foi reconstruido : começado pelos Dinamarquezes e pelos Saxões ; eleva-se cada dia por fragmentos sem unidade nem plano ; reparão-se as partes envelhecidas e gastas, conservando as bases fundamentaes e primitivas. Assim he que, para formar a theoria da legislação da Inglaterra, para comprehender distinctamente o espirito de todas as partes, que a compõe, he de toda a necessidade remontar á uma época muito remota, ou á antiga heptarchia, ou ao estabelecimento dos diversos povos, que successivamente invadirão e dominarão aquelle paiz, Dinamarquezes, Saxões

e Normandos, os quaes todos imprimirão nos costumes inglezes o cunho especial dos seus respectivos poderes.

A França, porém, depois dos transtornos da revolução de 1789, fundou essa bella ordem civil, para a qual se adiantava desde muito tempo o genero humano, e cuja venturosa aquisição foi para o povo um verdadeiro triumpho. Então homens verdadeiramente esclarecidos derão á França uma das mais claras, precisas e justas legislação, que nenhum paiz havia ainda conhecido; elles a derão, como diz Portalis, com essa sabedoria que preside aos estabelecimentos duraveis, e conforme os principios dessa equidade natural, de que os legisladores humanos não devem ser senão os respeituosos interpretes.

Ainda assim estas differenças, posto que tão notaveis, nas leis civis e mesmo politicas dos dous grandes povos, não explicão perfeitamente o contraste de suas respectivas situações actuaes. Como he que a Inglaterra se acha tão agitada, como surgirão esses immensos conflictos entre os poderes, como o povo se acha humilhado diante de sua propria condição, que elle suppõe aviltada aos olhos da Europa e do mundo; em quanto « a França assiste ás emprezas ousadas do seu governo, sem temor e sem preocupação, com o sorriso nos labios e o contentamento no coração? [5]. Ella faz ainda mais: a este governo absoluto, que procede do seu livre sufragio, ella dá todos os soldados e todos os thesouros, que lhe pede » [6].

O segredo deste contraste está muito mais na administração interna dos dous paizes, e sobre tudo na organização e systema da força armada. Nenhum exercito da Europa tem a organização democratica do exercito francez; o conscripto está habilitado, desde que assenta praça, a elevar-se por seus feitos e por sua intelligencia aos mais altos grãos da milicia; leva, como vulgarmente se diz, na sua mochila o bastão de Marechal. O soldado francez he eminentemente intelligente, sobrio e disciplinado, porque só pela disciplina e por seu bom comportamento póde abrir caminho ás suas aspirações generosas, á sua nobre ambição de gloria; e por isto os castigos aviltantes estão banidos da ordenança franceza.

O soldado inglez, pelo contrario, sem aspirações, porque lh'as vedão as leis do seu paiz, sem enthusiasmo

nem futurò, cede sómente á impressão da disciplina por temor dos rigorosos castigos, a que está sujeito, e ódeia a seus superiores porque os teme. Com semelhante sistema o exercito inglez he apenas uma machina de guerra, que se desfáz diante das contrariidades, que não sabe vencer, porque não tem vontade, nem intelligencia, nem estimulo para isto: Se tem o valor brutal, que lhe imprime o habito da obediencia passiva, não tem o valor moral, que só nasce do sentimento da honra, do brio, da emulação e da esperanza no futuro. A organização aristocratica do exercito inglez he pois o grande defeito, que acaba de patentear-se, e de revelar ao mesmo tempo outros muitos vicios da administração interna do paiz.

A Inglaterra, por tanto, tem de passar por uma transformação social, que cremos será pacifica, porque a aristocracia ingleza he cheia de bom senso, de criterio e de penetração. He chegado o momento, em que o povo inglez entre na vida civil como entrou na vida politica, e que torne a assumir a categoria, que lhe compete pela sua alta intelligencia e illustração na ordem dos grandes povos civilizados. A emancipação dos catholicos, a reforma eleitoral, e ultimamente a liberdade do commercio, da industria, e do trabalho são factos bem modernos, que ainda não estão esquecidos, e que devem servir de exemplo para outras reformas, tanto ou mais necessarias na presente quadra. A Inglaterra não póde perecer, porque ella he o centro do grande movimento humanitario, que se opera em todos os sentidos, e debaixo de todas as fórmas; a missão providencial, que ella está destinada a desempenhar, a salvará de todo e qualquer transtorno no presente e no futuro.

[4] Quando (art. XXXVII) fallamos da prosperidade da Inglaterra, e do respeito que ella prestava ás suas instituições, dissemos uma verdade de simples intuição. E o que prova a crise actual? prova que a civilisação, sómente pelo bom senso do povo inglez, elevou-se muito á cima dessas mesmas instituições, que só erão conservadas pelo respeito tradicional que ellas-ínfundião. Foi mister uma crise tão grave, como acaba de dar-se

na Inglaterra, para que visse quão longa ia ella das leis fundamentaes e dos côstumes, que por tantos seculos permanecêrão intactas, e que fizerão toda a prosperidade, grandeza e orgulho do povo inglêz. Pois bem, he tal a nossa confiança no seu bom senso, que acreditamos com uma fé robusta na regeneração civil e moral da Inglaterra sem que lhe custe uma só gota de sangue, ou pelo menos sem as commoções terríveis por que passou no seculo XVII — o tempo nol-o mostrará.

[2] Paris — *D. de Pern.* 3 de Abril de 1855. Apesar da exaggeração, que envolvem estas palavras, não quizemos de proposito alteral-as para não desfigurar o pensamento de quem as dictou. A razão da crise he outra, e coñsiste mesmo no grande respeito, que o povo inglêz presta á essas velhas instituições, verdadeiro anachronismo do progresso e da civilização actual, como logo provaremos.

[3] *Blackstone* — Commentarios sobre as leis inglezas.

[4] Ainda a fins do seculo passado toda a Europa era feudal; foi Luiz XVI o primeiro que aboliu as servidões pessoas, e os censos que as substituíão, nos dominios da corôa pelo seu famoso edicto de 1779. Mas as justiças senhoriaes, que erão porções destacadas da autoridade publica, os dominios territoriaes, os bens de mão morta, as emphyteosis, e sobre tudo os direitos feudaes, que pesavão sobre a liberdade e pessoa dos vassallos, impondo-lhes grandes encargos sobre todos os seus actos civis, só acabárão na noite de 4 de Agosto de 1789, quando a França proclamou o evangelho social da igualdade de todos os homens, e declarou que não havia mais senhores nem servos, suzeranos nem vassallos, proprietarios dominantes nem possuidores censitarios, em fim que todos os homens erão iguaes sobre o solo, e que todas as terras se tornavão livres e alienaveis.

[5] E porque está contente a França? he porque Luiz Napoleão fez desaparecer o fantasma de 1814 e de 1815; isto he, a humilhação, o desdouro, a vergonha da occupação estrangeira, a memoria dos Prussianos e dos Cossacos. Uma nação como a França, um povo como o francez, que se nutre de sua gloria e de suas reminiscências, devia soffrer uma compressão horrorosa no meio dessa paz forçada, á que o sujeitou a restauração; sua alma altiva, seu coração francez achavão-se comprimidos; faltava-lhes o ar para seus pulmões, e no dia em que o recebêra, no dia em que a gloria transacta appareceu em perspectiva, o povo lançou-se á ella como faminto e sequioso. A gloria he o alimento dos Francezes, a guerra era uma neces-

sidade da situação; Luiz Napoleão comprehendeu uma e outra : a França deve pois estar contente.

[6] *Courrier de l'Europe—D. de Pern.* 13 de abril de 1855. Em 10 mezes 280 mil conscriptos foram tirados da agricultura, do commercio e da industria. Em poucos dias o povo assignou espontaneamente mais de dous milhares de milhões para ajudar o imperador a conseguir os seus fins. Ora estes fins não erão obras pacificas nem de utilidade publica, mas tão sómente a guerra ; pois bem, a França baratea o seu sangue e os seus thesouros para sustentar a guerra, sem preoccupar-se com tudo de conquistas nem de engrandecimentos territoriaes.

—•••••—

LXVI

EPILOGO.

Não he só a Inglaterra, mas todo o mundo parece que se acha em um periodo de formação social : he que a civilisação christã em seu progresso ascendente vai destruindo todos os obstáculos, que se offerecem em sua marcha, e dando ás idéas uma direcção mais conveniente. Entretanto, como desapareceu a revolução de 1848, como se extinguirão até os vestigios desse immenso trans-torno, como a guerra civil se transformou em guerra nacional, como a ordem publica substituiu a anárchia ? Qual foi a mão poderosa que bridou o potro feroso da revolução, que açamou a fera das commoções intestinas ? Até 1853 era o imperador Nicolau a personificação viva do principio de autoridade, o conservador da paz e o sustentaculo da ordem publica na Europa ; hoje esses papeis estão trocados, não pela morte de pouco acaecida, mas pela nova ordem de factos, que se hão succedido de 1852 para cá.

Com effeito, entre a Inglaterra e a Russia, isto he, entre o poder real da Inglaterra, de sua immensa riqueza, de sua vastissima intelligencia, de sua marinha formida-

vel, do prestigio de sua fôrça e de sua grandeza, de sua ascendencia pela importancia de uma civilisação assombrosa, de um commercio e industria como nunca se virão ; assim como o poder da Russia, tão vasta como o ephemero imperio de Alexandre, mais vasta que todas as monarchias modernas, assombrando a Europa e a Asia pelas medonhas fôrmas de sua descommunal estructura ; ergue-se um homem, um só homem, isolado, descrido, fraco na apparencia, deixado, maniaco, quasi sempre dominado por uma idéa fixa, sem apoio nem protecção, com um futuro quebrado por crueis vicissitudes ; objecto de escarneo por suas loucuras e aspirações infundadas, vagueando como o aventureiro, sem credito nem riqueza ; esse homem, que tem hoje em suas mãos os destinos da Europa, e não só da Europa como de todo o mundo civilisado, he LUIZ NAPOLEÃO ! !

Quem he Luiz Napoleão ? he por acaso o mentecapto de Strasburgo, o furioso de Bolonha, he o maniaco e aventureiro de Londres ? he o fugitivo de Ham, vestido de *blusa* e escalando a prisão á que estava perpetuamente condemnado ? he o miseravel, que se havia lançado nas aventuras do crime para realçar a gloria de um nome, que elle havia desmerecido por tantas loucuras, por tanto escarneo chamado sobre si mesmo, por tanto vilipendio, por tanta ineptidão ? [1] Oh ! não ; esse homem desapareceu, e delle fez a Providencia um molde para fundir com as mesmas fôrmas o instrumento dos seus designios. [2] Luiz Napoleão de Strasburgo, de Bolonha, e de Ham não he o Napoleão III, que hoje está chamado á mais immarcescivel de todas as glorias, ao complemento da grande revolução social começada em 1789.

Esse homem, que, ainda ha oito annos, apenas infundia comiserção em uns pelo seu nome e pelas recordações, que o acompanhavão, escarneo em outros por suas loucuras, desprezo ou indiferença na maior parte, hoje he objecto de um culto na Inglaterra e na França, nas duas nações mais civilisadas da Europa, e enche o mundo de espanto pela sua alta intelligencia, pelo seu genio vastissimo, pelas suas luzes, pela sua energia, pela sua leal dedicação, pela sua moralidade, por esse cunho de bom senso, que fôrma o typo de todos os seus actos, por

esse conhecimento profundo dos homens e das cousas, por essa previsão sobre-humana com que tudo antevê, tudo coordina, tudo prepara, tudo distribue, tudo arranja em torno e fóra de si, dentro do paiz e á mais larga distancia, como se fóra illuminado por uma luz celeste, por uma visão beatifica, por um sopro da sabedória increada!! Póde acaso negar-se uma lei providencial, que rege os destinos humanos desde o principio até o fim?

Sentado sobre o throno, que elle sonhára desde sua infancia, Luiz Napoleão comprehende toda a extensão do seu immenso destino, e dá principio á missão para que o chamára a Providencia divina, reformando a magistratura, o clero, o exercito, a marinha, a instrucção publica desde as escólas primarias até as universidades. Organizando os tribunaes, constituiu os magistrados permanentes, e deu nova fórma ao poder judiciario, separando-o dos outros poderes, e revestindo-o do character de um verdadeiro sacerdocio. Ao clero fez ainda mais: deixou-lhe a missão do culto, elevado á toda a sublimidade dos dogmas do christianismo; porém libertou-o da ingerencia nos negocios politicos, dando ao seu character sagrado mais esplendor do que antes tinha pela mescla impura de fuções mundanas, que o desvirtuavão e rebaixavão,

Ao mesmo tempo deu ao exercito uma organização tão forte e essencialmente moral, que tornou da disciplina um artigo de fé: esse exercito faz hoje a admiracão do mundo. A marinha foi elevada a ponto de hombraear com a da Inglaterra, e de mostrar-se muito á cima do que della pensava toda a Europa. Nada escapa á vigilancia do governo; tudo recebe animação e impulso, assim a industria e o commercio, como a agricultura e o trabalho. Em quanto se creavão bancos hypothecarios ou de credito territorial para proteger a lavoura, libertavão-se a grande e a pequena navegacão de cabotagem, revião-se as tarifas protectoras, e diminuião-se muitos direitos de entrada. Na crise tremenda de 1853, porque passou a Europa occidental com a falta de cereaes, a França atravessou-a impassivel pela previsão do governo, sem ferir a liberdade do commercio nem os legitimos interesses dos que traficão com os generos de primeira necessidade.

Ao passo que a guerra absorve grande parte da at-

tenção do governo, o paiz recebe provas de um cuidado todo paternal sobre os elementos de sua prosperidade interna : bem-estar dos operarios, novas industrias creadas, estabelecimentos de beneficencia, asylos, collegios, novos processos para a agricultura, escolas theoricas e praticas, monte pio em Argel, &c ; nada escapa á solicitude do imperador, desde o simples camponez, que trabalha a jornal, até o homem de letras, que se dedica aos negocios publicos ; sciencias, artes e officios, o culto e a moral, o commercio e a navegação, a administração civil e a ordem social, a politica e a religião, tudo recebe animação e vida no meio do estrondo das armas. Em todos os pontos, e com o concurso de todos os capitaes, continuão as linhas de caminhos de ferro, as quaes vão sulcar toda a França, approximar suas extremidades, e multiplicar os elementos da actividade publica, secundando as industrias e animando o trabalho. [3]

Em tempo algum a França foi, como agora, o theatro de uma actividade tão vasta, de refórmãs, de melhoramentos e de progresso. Parece que a anima uma vida nova, e que remoça no meio de suas vicissitudes para assombrar o mundo com as suas doutrinas pacificas, com as suas instituições e com o seu exemplo. [4] Nunca gozou ella dê mais liberdade, nem o principio do governo popular teve mais importancia do que agora ; pela primeira vez, depois de Luiz XIV, foi descêntralisada a administração, creando-se novos poderes municipaes e cantonaes, e fazendo com que o povo intervenha na administração até de suas parochias. Para que o povo tivesse parte nos negocios publicos de uma maneira mais efficaz, além da eleição do chefe do estado, foi chamado a intervir nos emprestimos nacionaes. [5]

Com effeito, o povo que trabalha, e que soffre quando não o faz, he o que melhor pôde julgar do valor desse trabalho, e do quanto pôde elle pesar na balança da riqueza nacional. Chamado a occupar o lugar dos grandes capitalistas, dos emprezarios do credito publico, elle concorreu com o seu obolo, e provou que a unica riqueza verdadeira e solida era a sua economia [6]. Quando essa arvore frondosa das novas instituições civis tomar todo o seu crescimento e vigor, quando o seu tronco occupar to-

da a França, seus ramos se estenderão além do Rheno, dos Alpes, dos Pyrenéos e da Mancha, e uma transformação social se effectuará em toda a Europa, revolução pacifica e moral sem os inconvenientes das crises populares, ou das commoções intestinas.

Eis-ahi o que he a França, e o que tem feito por ella Luiz Napoleão : gloria e preponderancia indisputavel no exterior; ordem, paz, bem-estar e contentamento no interior. Em quanto elle se eleva como um gigante á vista do mundo admirado, desaparece outro da face da terra, formidavel Encelado, que desafiou os proprios Deuses. O homem, que teve em suas mãos por trinta annos os destinos da Europa, que foi o arbitro da paz e da guerra, que enfeudou a Allemanha por serviços incontestaveis, que travou luta com as nações mais poderosas do globo, devia ser um genio na nossa época, e nos tempos heroicos um Semideos ; este homem foi Nicolau imperador da Russia.

Nicolau he morto : d'hoje em diante pertence á historia. Como homem, como pai de familia, como chefe de um grande povo, foi um exemplo vivo de moralidade domestica, de amor conjugal e paternal, de grande solicitude pelo engrandecimento e pela gloria do seu paiz. Trinta annos de reinado fizeram d'elle o mais distincto Czar depois de Pedro o Grande, e o mais caro á Russia depois de Catharina II. Nenhum monarcha fez mais nem tanto pelo seu povo, cuja indole conhecia, e cujas tendencias afagava cingindo-se com desvelo ao character nacional, do qual nunca se separou. Patriota até os ossos, a Russia era para elle o mundo, e queria que o mundo coubesse todo na Russia. Inimigo do progresso, era-o somente porque o progresso desvirtuava o character nacional do povo russo.

Nicolau morreu justamente quando o papel, que elle representava na grande scena da Europa estava acabado, quando o dogma da soberania do povo está chamado a substituir a autocracia, quando a Russia deve entrar na grande familia das nações civilisadas, quando a igualdade civil começa a ser a luz magnetica, que illumina os povos, e os attrahe para o centro commum dos grandes interesses humanitarios, quando a unidade da familia humana, sob o estandarte da Cruz, se está realisando pelas

suas proprias tendencias. Para esta regeneração era elle um obstaculo, e a Providencia o separou para deixar o caminho franco á marcha da civilisação do occidente.

Nicolau foi por tanto um grande homem, um grande monarcha e um grande estadista ; morreu quando devia morrer, porque a sua gloria ficou intacta : quem ousaria manchal-a ? Ella está tanto á cima dos espiritos vulgares, que nenhuma setta a póde alcançar. A Providencia, que havia elevado á tanta altura esse homem superior, não quiz que elle se precipitasse senão no tumulto, onde se encerrão afinal todas as grandezas humanas, poupando-lhe uma quéda inevitavel em sua vida. Foi mais feliz que o Grande Napoleão, a quem Deus aprouve, em seus inesperaveis designios, dar-lhe depois de tanta gloria seis annos de dolorosas provações. Altos são os juizos de Deus !

[4] Tal era a linguagem commum de quasi todos os periodicos inglezes em 1852 até meião de 1853 ; hoje são elles mesmos que se desmentem, endeosando o Imperador dos Francezes. Bem disse Azaïs, que ha sempre uma compensação em todos os destinos humanos !

[2] O proprio Imperador tem disso consciencia, como se deprehe de sua resposta ao senado, quando o fôra cumprimentar por occasião do attentado de 28 de Abril — « Agradeço « ao senado pelos sentimentos, que acaba de manifestar-me. Eu « nada receio das tentativas dos assassinos. Ha existencias, que « são os instrumentos dos decretos da Providencia. Em quanto « não cumprir minha missão, não corro perigo algum. » (Paris — D. de Pern. 30 de Maio de 1855.)

[3] Em Dezembro de 1854 apenas existião em França 2:433 kilometros de linhas telegraphicas. Em Janeiro de 1852 o governo por um decreto ordenou uma rede de novos fios electricos, e em Janeiro de 1855 existião já 9:244 kilometros desses fios, devendo no fim do anno existir para mais de 10:000 kilometros de linhas telegraphicas em toda a França, as quaes vão prender-se á outras que vierem de todos os Estados da Europa. As linhas francezas já tem chegado ás fronteiras, e esperão pelas que de-

vem partir dos paizes visinhos. (*Le Constitutionnel* de 4 de Maio de 1855.)

Tinhamos pois razão para dizer (art. L) que a civilização moderna com um anel de ferro cingiu o globo, apertou-o encurtando-lhe as distancias, e mais veloz do que a aguia percorre espaços infinitos como o pensamento. Dentro de pouco o mundo será todo devassado por essas communições repentinas, e os povos se acharão ligados pelos grandes interesses humanitarios, formando uma só e immensa familia.

[4] Luiz Napoleão não cuida só das instituições civis, politicas e religiosas da França, leva mais adiante as suas vistas, cuida tambem das relações internacionaes, das instituições que devem chamar a um centro de unidade a grande familia europea, e mais tarde o genero humano. Como a emigração he uma necessidade do nosso seculo, e uma tendencia da civilização moderna, o governo francez tratou de proteger na sua passagem os homens, que não encontrando já meios de viver n'um sólo demasiado estreito, em vez de se queixarem da negligencia do seu paiz, submettem-se aos destinos da Providencia. Um decreto imperial de 15 de Janeiro de 1855 regula as tres phases distinctas do transito dos emigrantes: a chegada, a residencia, e a partida; estabelece repartições de registros n'um grande numero de cidades, a justificação imposta aos emigrantes de certa somma ou do contracto que lhes assegure o transporte á travez da França, e a passagem para os paizes d'alm mar; a obrigação por qualquer companhia ou agencia, que emprehender o recrutamento ou transporte dos emigrantes, de prestar caução á *franqueza dos direitos da alfandega* para todas as bagagens, provisões e demais necessario para subsistencia e commodo dos passageiros durante a viagem, &c. (*Correspondencia de Paris — D. de Pern.* 8 de Março de 1855.)

[5] O ultimo emprestimo popular de Luiz Napoleão chegou a dous milhares cento e noventa e oito milhões de francos (2:498:000:000), cuja decima parte, isto he, 249:800:000 tinha sido logo paga em moéda corrente.

Por effeito deste assombroso resultado o governo declarou, que só accitaria as pequenas subscrições de 500 francos para baixo, as quaes serão assim mesmo reduzidas proporcionalmente, porque a cifra destas subscrições montava a um capital de 850 milhões, e o governo só exigia 500 milhões; por tanto só se receberia dos assignantes cerca de 60 por cento de suas assignaturas. (*Correspondencia de Paris — D. de Pern.* 5 de Março de 1855.)

[6] Aqui temos um problema de Economia politica, de que ninguem ainda se havia lembrado. Em que consiste a riqueza de uma nação? *na economia do povo*, responde a França. Eis-ahi um facto, que desmente todas as theorias dos economistas até hoje sobre a riqueza publica.



LXVII

CONCLUSÃO.

Chegamos finalmente ao termo do nosso trabalho, á ultima expressão do nosso pensamento. Ha pois uma lei providencial, que rege os destinos humanos desde o principio até o fim? Para todos aquelles que houverem meditado sobre os factos mais importantes da vida dos povos, em qualquer parte do mundo em que se achem, qualquer que seja a raça ou dialecto á que pertença, a resposta será obvia, peremptoria, e positiva; porque do contrario seria substituir a ordem eterna e invariavel do Universo pela lei brutal de uma fatalidade inexhoravel.

A essa marcha constante do genero humano á travez de mil difficuldades, embaraços e tropeços, em que elle se rehabilita pelas provações, melhorando a sua condição, he ao que chamamos *socialismo*, que não he, como dissemos, uma sciencia, nem uma doutrina, nem uma religião, nem uma seita, nem um systema, nem um principio, nem uma idéa, porque he mais que tudo isto, um designio da Providencia. Deus poderia ter, com o seu immenso poder, povoado o mundo no acto da creação desde um a outro extremo; mas como nada faz que seja inutil,

antes quiz que o genero humano partisse de um só tronco (de um homem e de uma mulher), afirm de que formasse uma só familia, quando a terra se achasse toda habitada.

Na tendencia pois do genero humano, para tornar-se ou formar uma só e immensa familia, consiste o socialismo, porque esta tendencia se manifesta a cada passo pelos *phenomenos sociaes*. Pela crença universal de que o genero humano partira de um só tronco, e pelas promessas da revelação, o genero humano só formará uma unica familia, quando se houverem realizado estes dous factos: uma só raça, a *caucasea*; um só symbolo de fé, a *cruz*. Mas elles se realizarão, porque tal he o designio da Providencia, taes são as tendencias e a marcha do genero humano desde as mais remotas éras até os nossos dias.

E de certo, o homem nasceu social, porque o homem não he sómente um individuo, mas um ser colectivo, he um genero; e porque só a sociedade podia desenvolver suas faculdades intellectuaes, e dar-lhe a consciencia do dever e do direito, sem a qual o homem não poderia comprehender os attributos de Deus, nem as relações, que existem entre Deus e suas creaturas, entre o homem e seus semelhantés. Elevado por estas idéas á toda a dignidade do seu ser, o homem teve confiança no seu destino, e desde então trabalha para regenerar-se e alcançar a perfectibilidade, de que fôra dotado no acto da criação. Mas para ser perfeito he mister que elle se aproxime, o mais que lhe fôr possivel, do modelo de perfeição, que lhe legou o mais peifeito de todos os homens, porque era ao mesmo tempo homem e Deus (LV).

Rei da criação, só pelo christianismo foi o homem investido do verdadeiro titulo, em virtude do qual exerce este poder (art. LIV). A civilisação christã he pois a mais perfeita e a mais moral de todas as civilisações, por que tem passado o homem desde o principio do mundo. Nas differentes phazes da vida humana a mão de Deus se tem mostrado visivel para regenerar o homem desde a culpa até a rehabilitação; e quando parece desviar-se ou esconder-se entre as nuvens, que algumas vezes empanão o brilho do Céu, he para reaparecer mais forte e

protectora, amparando o homem da fé e da esperança, porque quem diz fé e esperança, diz tudo na vida humana.

Com effeito, quem diria que a tomada de Constantinopla pelos Sarracenos seria a origem da nova civilização, muito superior á que acabava pela conquista e pelo islamismo? Quando parecia triumphar a barbaria, começa a era da mais brilhante de todas as civilizações pelos refugiados gregos acolhidos na Italia [1]. E quando as luzes, que ainda restavão das civilizações grega e latina, ião de todo apagar-se, quando a mão de Mahomet ia fechar o sepulchro das sciencias e das artes, quando a cimitarra e o alcorão devião decidir para sempre da sorte do christianismo, e fazer desaparecer os ultimos vestigios do Evangelho, a mão de Deus, mais poderosa que todos os exercitos e que todas as tempestades, tudo prepara, encadeia e coordina para fazer surgir a vida christãa do cahos sarraceno, e remoçar o mundo com todas as galas da civilização moderna [2].

Em 1853, notai bem, quatro seculos justos depois da tomada de Constantinopla por Mahomet II, he a civilização do Occidente, filha dessa civilização byzantina que acabára, que vai levar por sua vez á terra, donde sahira, os fructos sazonados da liberdade civil e da tolerancia religiosa; que vai reunir em um só feixe as raças mais oppostas e inimigas por antigos odios e funestos preconceitos; que vai proclamar a unidade christãa no mesmo lugar onde se consumára o grande scysma do Oriente! He que a Providencia tem em sua mão um fio conductor, e dirige a seus fins este mundo, que se agita cegamente sem comprehender os mysterios da sua vocação e destino. Quão incompreensíveis são os altos juizos de Deus!

O homem, como dissemos, rehabilita-se pelas pro-vações, e por ellas tem chegado a conquistar a liberdade e a crear o codigo dos seus direitos e garantias na prolongada luta dos ultimos quatro seculos, durante os quaes a vida agitada dos povos tem sido uma constante expiação. O duello secular entre o progresso e a represão devia afinal trazer o equilibrio entre as forças dos povos e dos governos, e chamal-os a um campo de reconciliação. Infelizmente não tem assim acontecido, e a

luta continúua, senão com tanto furor e despeito ao menos com a mesma energia e tenacidade: he que a civilização ainda não attingiu o ponto culminante a que o genero humano he chamado por essa marcha lenta e pausada, que lhe tem marcado a Providencia em seus inexcrutaveis designios. Tenhamos confiança, que esse termo chegará.

Já temos dito bastante dos seculos que nos precederão, agora cumpre fallar deste em que vivemos. Desde o principio do seculo actual o progresso tem ido destruindo todos os obstaculos, que lhe oppõe a repressão. O primeiro imperio francez representa ainda o progresso; a restauração foi sem duvida a repressão, em que se achou empenhada toda a Europa, e mais que tudo a Inglaterra [3]. Este periodo foi preparado pelo ministro mais inepto, mais stulto e mais ignobil de quantos tem tido o Reino unido desde Walpole até hoje; e sem embargo fôra elle o movel de todo esse movimento retrogrado, que produziu a Santa-Alliança. Qual foi o resultado? Lord Castlereagh suicidou-se em 1822, e foi substituido por Canning, um dos genios mais vastos e mais nobres que tem tido a Inglaterra; homem de idéas generosas e de vistas profundas, e que fez reconhecer a independencia de toda a America meridional, apesar das idéas retrogradadas do Congresso de Verona (1823).

O que pretendia o Congresso de Verona? absorver todos os interesses dos povos da Europa e da America, resuscitar o direito publico europeu, sancionado pelo tratado de Westphalia, e que a revolução de 1789 tinha feito desaparecer [4], e constituir as grandes potencias continentaes arbitras do presente e do futuro do mundo. Era um regresso de cerca de duzentos annos, o que, sem a grande opposição da Inglaterra, ajudada então pela Prussia, teria renovado a época calamitosa, que precedeu á daquelle tratado; anachronismo insupportavel, que a mão da Providencia arredou para preparar melhor caminho ao grande movimento social reclamado pela civilização christãa.

Em quanto se promovia a cruzada contra Napoleão, todos os povos forão seduzidos com a esperanza de reformas politicas e sociaes, até mesmo depois pelo Congresso

de Vienna (1815). Acabada a luta pela queda do grande capitão moderno, todos os governos se conspirarão contra os povos, e faltarão á suas promessas. As revoluções de 1820 na península iberica e na Italia (o que foi uma verdadeira reacção) excitarão de novo a repressão, que a final venceu em 1823 pela intervenção da França, e a entrada de um exercito poderoso na Hespanha. Voltou por tanto a repressão, que seria terrivel sem a opposição que Canning começou a fazer, dando ás idéas do progresso uma latitude, que não tinha tido até então. Canning morreu em 1827, mas deixou plantados no continente os germes de destruição da Santa-Alliança; a qual acabou pela revolução, que fez excluir do throno da França em 1830 o ramo mais velho dos Bourbons.

Os effeitos desta revolução pagou-os cruelmente a Polonia, sobre a qual exerceu o Czar uma ferocidade deşcommunal (1831): foi o principio de repressão mais circumscripto, porque já não podia estender-se á toda a Europa. O reinado de Luiz Felipe foi um periodo de incubação ou de gestação, e a revolução de 1848, levando muito além o principio do progresso, morreu pelos seus proprios excessos: he que o progresso não marcha aos saltos como os gafanhotos; e a fim de conseguir melhores resultados, necessita de calma e de repouso para não precipitar-se. A volta ao imperio seria pois uma reacção? não de certo; foi a mesma revolução, que voltou á verdadeira senda, de que fôra desviada pelas veleidades populares.

Ninguém tinha comprehendido melhor a revolução de 1789 e os seus resultados do que Napoleão I: elle tinha apalpado, por assim dizer, todas as chagas do corpo social da França e da Europa, e havia concebido todas as reformas necessarias para a época em que elle viveu; mas a guerra não lhe permittiu nunca cuidar na sociedade civil, nem nos meios de melhora-la; e por tanto a sua obra ficou imperfeita. Elle podia ter acabado em Waterloo, se uma daquellas ballas, que na brilhante expressão de Lord Byron lhe vinhão lambe os pés, menos humilde se tivesse elevado um pouco e attingido seu corpo; e o que fez a Providencia? preservou-o para em Santa Helena revelar com descanço os arcanos da sua

vasta intelligencia e os fructos da sua consummada experiencia Com effeito o Memorial de Santa Helena, publicado pelo Conde Las Cases (1822-1823), foi um pharol, que illuminou a Europa e desenganou todos os povos. Canning seguiu suas inspirações, e d'ahi por diante ninguem se illudiu mais sobre o estado social da Europa e das reformas, que mais lhe convinhão.

O que era a Europa nesse periodo de quarenta annos, chamado de paz, e que atravessou anhelante por um futuro, que ella não conhecia, mas que se lhe antolhava melhor? era o campo neutro entre os governos e os povos, era o estado incompleto das sociedades modernas sem essas instituições civis, que são as unicas garantias de uma liberdade bem entendida, e de uma igualdade legal; era o embryão de uma nova ordem de cousas, que devia desenvolver-se segundo os designios da Providencia. Hoje he a França que resolve o problema das instituições civis, e lança aos povos do mundo os fructos sazonados da civilisação moderna.

Quereis um exemplo mais frisante? ahi tendes a crise actual da Inglaterra, em que o povo rei, o povo soberano por excellencia, acaba de manifestar-se impotente, inani-do e fraco pela sua propria grandeza: he que a fôrça de um paiz não consiste sómente na sua grande população, na sua immensa riqueza, e na sua alta intelligencia isoladas; mas na adhesão profunda, na união intima de todas essas partes componentes por meio das mais sabias e das mais justas instituições sociaes; e para isto he mister que estas instituições acompanhem todo o desenvolvimento moral de que o povo seja capaz, porque todas as fôrmas sociaes, filhas do progresso, são destinadas a acabar, umas depois de outras, pela marcha successiva da civilisação (art. IV).

As fôrmas da sociedade, diz V. Cousin, quando apropriadas, são inhabalaveis; o temerario, que ousa tocal-as, despedaça-se de encontro á ellas; mas quando uma fôrma de sociedade tem completado o seu tempo; quando concebemos, quando queremos mais direitos, além daquelles que com ella possuímos; quando o que era um apoio se tem convertido em um obstaculo; quando em fim o espirito de liberdade, e o amor dos povos que anda

a seu lado, se retirarão ao mesmo tempo da fôrma outr'ora mais poderosa e mais adorada, o primeiro que põe a mão neste idolo vazio de Deus, que o animava, facilmente o abate e o reduz a pó. [5]

A civilisação pois fará a volta do mundo sob o estandarte da cruz, depois de ter percorrido os continentes da Europa e da America. O progresso, livre das pês da repressão, actuará sobre o espirito dos povos e dos governos; e quando as luzes da razão penetrarem por toda a parte, uns e outros se acharão no mesmo campo de conciliação. Instituições! bradarão os povos para a sua liberdade: instituições! bradarão os governos para a sua segurança [6]. O melhor governo não he o monarchico, nem o republicano, nem o autocratico, nem o democratico, mas aquelle que fizer a felicidade, a grandeza, a riqueza e o bem-estar do povo, á cuja frente se achar collocado.

Tenho pois concluido o meu trabalho, que consagro ao futuro do meu paiz. A divina Providencia queira illuminar-nos com a sua luz celeste para que vejamos o abysmo das nossas instituições, e possamos encher-o, não com sangue nem com revoltas pueris e estereis, mas com os fructos da experiencia dos outros povos, e com o bom senso e moralidade de que formos capazes.

Talvez me tacharão de exaggerado, um pouco epicurista, algum tanto sensualista, ao mesmo tempo de fanatico, de demagogo ou de absolutista, e quem sabe até onde chegarão o espiritualismo de uns, a liberalidade de outros, o espirito acanhado e ferrenho de alguns, e o enthusiasmo orthodoxo de muitos; entretanto todos se enganarão completamente. Aquelle que tiver um pouco de intelligencia, de instrucção, e de boa fé, verá que fui até o fundo da questão para descobrir suas raizes, e expô-las á analyse; que perscrutei e sondei a sociedade moderna, comparando-a com as antigas; que estudei o homem moral assim como o homem physico; finalmente que fallei como phylosopho e não como theologo, desta e não da outra vida.

A felicidade he o anhelô do homem social ; ser feliz he obter o fim da sociedade ; por tanto, quando Bentham disse que o unico fim do homem era o *bem-estar*, disse uma verdade incontestavel ; não como o concebêra Hobbes e Helvecio, isto he, como o bem-estar material ou como a regra jucunda do prazer sobre o espiritualismo ; mas como uma idéa moral, que tende para esse arroubo do espirito, para essa elevação d'alma, que he o supremo bem do homem ; ou melhor dito, um certo commodo da vida, acompanhado de socego e paz do espirito, e de uma consciencia pura e sem mancha : eis-ahi o *bem-estar* moral e material.

[4] Não forão só as sciencias como tambem as artes restauradas : *Cimabue*, tambem fugitivo de Constantinopla, foi, como tinha sido um de seus avós no seculo XIII em Florença, o restaurador da pintura e mestre de Ghirlandajo e de Perugino, os quaes produzirão depois Raphael e Miguel Angelo Buonarotti, e toda essa brilhante cohorte de pintores, que fizeram reviver o seculo de Apelles. E não só a pintura como a architectura, elevada por Buonarotti a esse ponto de audacia inconcebivel, ainda mais que Gioto e Donatello. De maneira que, em lugar de Santa Sophia que se perde para o christianismo, apparece S. Pedro, que consagra a obra do homem pela sanção dos seculos porvir.

[2] *Mery* — Tomada de Constantinopla, &c.

[3] O que ha de mais galante em tudo isto he que, para levantar a cruzada contra Napoleão, accusavão-no de tendeneias retrogradas e de despotismo, ao passo que Alexandre, autocrata da Russia, representava o progresso, e era o campeão da liberdade dos povos. Napoleão cahiu, porque assim aprouve á Providencia Divina, e os povos ficárão como d'antes, sem as instituições que lhes havião promettido, e em nome das quaes os chamarão ás armas. Em lugar de Napoleão surgiu a Santa-Alliança, que ninguem dirá que valia mais do que elle para a pretendida liberdade. Hoje a mesma farça se reproduz : he tambem o autocrata do norte, que se ergue para defender o christianismo e a liberdade do Oriente, atacados pelas nações do Occidente, dizendo-se que ellas protegem o islamismo contra a cruz e o despotismo ottomano contra a liberdade dos Gregos.

Se triumphasse a Russia, os christãos gregos não seriam mais livres nem mais felizes que os catholicos da Polonia. Esta farça he hoje um anachronismo de quarenta annos, que salta á vista de todos, e ninguem mais se deixaria enganar.

[4] *Chateaubriand* — Congresso de Verona, &c.

[5] Vêde art. XXXIV, nota [3], pag. 442.

[6] Quando fallamos das instituições; não queremos significar as instituições politicas, mas as civis, que são as unicas que garantem a liberdade e a igualdade dos cidadãos, e constituem a verdadeira fôrça dos governos; e para exemplo basta-nos a Inglaterra, que era o typo dos governos representativos, e hoje acha-se em frente do abysmo de suas instituições civis. Ha pouco tempo o *Times* pedia para a França um pouco mais de liberdade para a *tribuna* e para a *imprensa*; hoje a Inglaterra pela imprensa e pela tribuna confessa-se humilhada diante da organização poderosa da França, e de suas instituições civis; e até alguns jornaes inglezes, confrontando um e outro povo, concluem que, em quanto a Inglaterra está agitada e moribunda, a França está contente, robusta e vigorosa. Recommendamos aos nossos leitores que recorram a um art. do « *Morning Chronicle* » que vem no *D. de Pern.* de 15 de Maio de 1855 ainda mais explicito, o qual desejaríamos transcrever por extenso, se tivessemos lugar para tanto; assim como outro do mesmo jornal transcripto no *D. de Pern.* de 24 de Junho.



INDICE.

	Pag.
I O que he o socialismo ?	7
II As Escolas philosophicas	9
III O Plebeismo e o Patriciado	13
IV O Peccado original e a Reabilitação	16
V O livre arbitrio e a fatalidade	19
VI Da perfectibilidade indefinida	23
VII A Colonisação povoou o mundo	27
VIII O Genero humano formará uma só familia	29
IX O Bem-estar moral e material	35
X O que quer dizer socialista ?	40
XI Da beatificação da especie humana	44
XII A Republica de Platão	47
XIII Diversas utopias com o mesmo fim	50
XIV A familia e a propriedade	53
XV Os reformadores modernos	59
XVI Saint-Simon	62
XVII Fourier	66
XVIII Owen	72
XIX Communismo	76
XX Epilogo	80
XXI Cosmogonia	83
XXII Creação das plantas, dos animaes e do homem ...	88
XXIII A idade do mundo	92
XXIV A raça humana e suas especies	96
XXV Continuação da mesma materia	99
XXVI Conclusão da materia antecedente	103
XXVII Diferenças notaveis entre as civilisações antigas e a moderna	108
XXVIII O Progresso politico e o progresso moral	113
XXIX Era da emancipação moderna	118
XXX A reforma religiosa, seu character moral e politico	122
XXXI A revolução dos Paizes Baixos (1565 á 1648) ..	127
XXXII Continúa a luta entre os dous systemas (Progres- so e Repressão)	130
XXXIII Ainda o mesmo objecto até a revolução da Ame- rica do norte	134

ERRATA.

Pag.	Linh.	Erros.	Emmendas.
54	7	magnata	magnate
58	4	zelo	sello
100	2	como lhe chama Virey	como a denomina Virey
104	4	das Tupinambas	dos Tupinambas
132	24	e approvada pelo longo	approvada pelo longo
139	24	de Inglaterra	da Inglaterra
146	39	mas ou menos grosseira	mais ou menos grosseira
151	7	não os commove nem os excita	não os commovem nem os excitação.
188	44	As noções, por tantodo, justo e do honesto	As noções, por tanto, do justo e do honesto
277	9	em sentar-se	ou sentar-se
288	22	alavança	alavanca
308	41	Eu opa sym olisa	Europa symbolisa

E alguns outros pequenos erros orthographicos, que não valem a pena de corregir.



ADVERTENCIA.

Este livro resente-se das tres épocas, em que o elaboramos: a meiado do anno de 1852 escrevemos até o artigo XL; a meiado de 1854 adiantamos o nosso trabalho até o artigo LV, e este anno (Abril de 1855) fizemos o resto, addicionando a todo elle algumas notas, que nos parecerão necessarias para melhor intelligencia do texto; visto que de principio não quizemos dar-lhe tão grande extensão. Nestes ultimos tres annos o mundo politico e o mundo moral tem feito um progresso espantoso, progresso que ninguem previa, nem era possivel imaginar-se entre a paz profunda de 1852 e a guerra, em que actualmente se acha envolta a Europa. Sem embargo crêmos que a unidade do nosso pensamento foi conservada escrupulosamente, e que provamos a nossa these, isto he, que existe uma lei providencial que rege os destinos humanos desde o principio até o fim.

